SETH FALA

JANE ROBERTS

Tradução: Amadeu Duarte

NÃO POSSUO UM CORPO FÍSICO, CONTUDO ESCREVO ESTE LIVRO

Capítulo 1

SESSÃO 511, 21 DE JANEIRO DE 1970, 21h10, QUARTA-FEIRA

(Ao dar início a estas anotações, desejo referir que surgem certas mudanças definidas na Jane quando ela entra em transe e fala por Seth. Geralmente, Jane entra e sai do transe com uma rapidez incrível. Não fica de olhos fechados durante as sessões, a não ser por períodos relativamente breves — mas pode ficar, digamos, de olhos semiabertos, ou totalmente abertos, quando se tornam muito mais escuros do que o normal. Ela senta-se numa cadeira de balanço durante as sessões, mas às vezes levanta-se e caminha um pouco pela sala. Ela fuma durante o transe e bebe um pouco de vinho, cerveja ou café. Às vezes, quando o transe é muito profundo, leva alguns minutos "a sair realmente dele," como ela própria diz. Quase sempre ela acompanha-me num pequeno lanche depois da sessão, mesmo que seja muito tarde.

(A voz de Jane durante o transe pode quase tornar-se loquaz no tom, volume e no ritmo, mas mostra-se sujeita a uma vasta gama dessas qualidades. Em geral, é mais profunda e mais forte do que a sua "própria" voz. Vez por outra, "a voz de Seth" adquire volume, torna-se muito mais possante, adota conotações definitivamente masculinas e com uma energia óbvia e tremenda por trás. A maioria das nossas sessões, entretanto, são razoavelmente calmas.

(Seth fala com um sotaque que é difícil de definir. Já foi classificado de Russo, Irlandês, Alemão, Holandês, Italiano e até de Francês. Certa vez Seth comentou, com humor, que a sua maneira de falar, na verdade, "era consequência da sua própria experiência cosmopolita," adquirida através de muitas vidas. Jane e eu achamos que é simplesmente individual, e que evoca reações diferentes nas pessoas, de acordo com seus próprios antecedentes étnicos e emocionais.

(Há mais dois efeitos que Jane sempre manifesta enquanto se encontra em transe: uma qualidade mais angular nos seus maneirismos e um reajuste dos músculos faciais; uma tensão que resulta, creio bem, de uma infusão de energia ou de consciência. Às vezes, o efeito pronuncia-se sobremodo, e eu posso facilmente perceber a proximidade de Seth.

(Creio que essas mudanças que Jane apresenta durante as sessões são causadas pela receção criativa que faz de uma porção dessa entidade, essa essência, a que chamamos de Seth, e pelas próprias ideias que ela tem de como esse segmento que ela tende a atribuir ao género masculino seja. A transformação que sofre enquanto Seth é original e interessante de observar e de participar. Independentemente do grau, Seth acha-se presente de uma forma bastante singular e bondosa. Eu também ouço e estabeleço diálogo com uma outra personalidade.

(Antes da sessão, a Jane disse sentir-se um tanto nervosa; achava que Seth ria iniciar o seu próprio livro esta noite. Essa sensação de nervosismo é incomum nestas sessões. Eu tentei tranquilizá-la, dizendo-lhe que esquecesse tudo e deixasse que o livro surgisse com

naturalidade.)

A nossa amiga, Jane, está nervosa e, de certa forma, isso é compreensível; portanto, serei compreensivo. Entretanto, vamos iniciar com o Capítulo Um. A Jane pode escrever uma introdução, se ele desejar.

Bom, vocês ouviram falar em caçadores de fantasmas. Eu, posso ser literalmente tratado por um escritor fantasma, embora "fantasma" seja termo que não aprove. É verdade que geralmente eu não sou visto em termos físicos. Mas tampouco gosto do termo "espírito;" contudo, se a definição que dão ao termo implicar a ideia de uma personalidade destituída de corpo físico, eu terei de concordar que a descrição se me ajusta.

Dirijo-me a uma audiência invisível, mas sei que os meus leitores existem; assim, peço a cada um aqui que me conceda o mesmo privilégio. Escrevo este livro sob os auspícios de uma mulher por quem me afeiçoei bastante. Para alguns, parecerá estranho que eu a trate por "Ruburt," e a ela me dirija no masculino, mas o facto é que eu a conheci noutros tempos e lugares, por outros nomes. Ela foi tanto homem quanto mulher, e a totalidade da identidade que viveu essas vidas separadas pode ser designada pelo nome da Jane. Os nomes, contudo, não são importantes. O meu é Seth. Nomes são simplesmente designações, símbolos, mas como vocês precisam usá-los, eu também o farei. Escrevo este livro com a cooperação da Jane, que fala por mim. Nesta vida, é chamada Jane, e o marido dela, Robert Butts, anota as palavras que por intermédio dela são transmitidas. Eu trato-o por Joseph.

Os meus leitores podem supor que são criaturas físicas, estar aprisionadas em corpos físicos de carne osso e pele. Se vocês acreditarem que a vossa existência depende dessa imagem corpórea, vão sentir que correm perigo de extinção, pois nenhuma forma física perdura, e nenhum corpo, por mais belo que tenha sido na juventude, conserva o mesmo vigor e encanto na velhice. Se vocês se identificarem com a vossa própria juventude, ou beleza, ou intelecto, ou realizações, terão uma inquietação constante derivada do conhecimento de que esses atributos podem — e irão — desaparecer.

Estou a escrever este livro para lhes assegurar que tal não é o caso. Basicamente, vocês não são mais seres físicos do que eu, e eu usei e descartei mais corpos do que gostaria de poder referir. Personalidades inexistentes não escrevem livros. Existem bem independente da imagem física, e vocês também. A consciência cria a forma — não o contrário. As personalidades não são todas físicas. Apenas por se encontrarem tão atarefados com as questões do quotidiano, que não percebem que existe uma parte de vós que sabe que os seus próprios poderes são muito superiores aos demonstrados pelo eu comum.

Cada um de vocês viveu outras existências e esse conhecimento encontra-se dentro de vós, embora não tenham consciência dele. Espero que este livro sirva para libertar a profunda parte intuitiva existente em cada um dos meus leitores, e traga ao plano da consciência as perceções ou *insights* particulares que lhes forem mais úteis. Estou a iniciar este livro no fim do mês de Janeiro, do vosso ano de 1970. A Jane é uma mulher magra, morena, vivaz, que se senta em uma cadeira de balanço e profere estas palavras por mim.

A minha consciência acha-se razoavelmente focada no corpo da Jane. Esta é uma noite gelada, e encetamos a nossa primeira experiência de escrever um livro completo no estado de transe, pelo que a Jane se sentia um pouco nervoso antes do início da sessão. Não se trata simplesmente da questão de ter esta mulher a falar por mim. Muitas adaptações são necessárias, além de ajustes psicológicos. Estabelecemos o que chamo de ponte psicológica entre nós, ou seja entre a Jane e eu. Eu não falo através da Jane como alguém através de um telefone. Existe em vez disso uma extensão psicológica, uma projeção de características de parte a parte, e é isso que uso para comunicar.

Posteriormente explicarei como esta estrutura psicológica é criada e mantida, por se assemelhar a uma estrada que deve ser mantida sem cascalho solto. Vocês ficariam melhor se, ao ler este livro, se questionassem sobre quem são, em vez de se interrogarem sobre quem eu seja, porquanto não poderão compreender aquilo que sou a menos que compreendam a natureza da personalidade e as características da consciência.

Caso acreditem convictamente que a vossa consciência se encontra trancada em algum lugar da vossa cabeça e que se veja impossibilitada de escapar; caso sintam que a vossa consciência termina nos limites do vosso corpo, então estarão a subestimar-se e pensarão que eu não passe de uma ilusão.

Contudo não sou mais uma ilusão do que vocês, o que poderá soar a retórica. Posso afirmar sinceramente a cada um de meus leitores *(com um sorriso)* que sou ou mais velho que vocês, pelo menos em termos de idade segundo a compreensão que têm dela.

Se a idade habilita o escritor e lhe confere algum tipo de autoridade, então eu devia receber uma medalha. Eu sou a essência da energia de uma personalidade que já não se encontra focada na matéria. Assim sendo, estou ciente de algumas verdades que muitos de vocês parecem ter esquecido. Espero fazer com que se lembrem delas. Não me dirijo tanto à parte de vós que consideram ser vós próprios, mas dirijo-me à parte que não conhecem, e que, em certa medida, negaram e esqueceram. É essa parte de vós que lê este livro, *mesmo* quando "vocês" o estão a ler. Dirijo-me àqueles que acreditam num Deus e àqueles que não acreditam, aos que acreditam que a ciência descobrirá todas as respostas quanto à natureza da realidade, e aos que não acreditam em tal coisa. Espero dar-lhes pistas que os habilitem a estudar a natureza de vossa realidade como nunca a estudaram até agora.

Há várias coisas que lhes pedirei que entendam. Vocês não estão presos no tempo como uma mosca numa garrafa fechada, cujas asas são, consequentemente, inúteis. Não podem confiar em que os vossos sentidos físicos lhes tracem um quadro verdadeiro da realidade, porquanto eles são adoráveis mentirosos, e têm uma história tão fantástica que vocês acreditam nela sem questionar. Por vezes, vocês são mais espertos, mais criativos e muito mais bem informados quando sonham do que quando estão acordados.

Estas afirmações podem parecer muito duvidosas, de momento, mas quando tivermos terminado, espero que vejam que são simples constatações. Aquilo que lhes vou dizer foi dito antes, ao longo dos séculos, e transmitido de novo sempre que foi esquecido. Espero

esclarecer vários pontos que foram distorcidos ao longo dos anos, e estendo a interpretação original que faço de outros, porquanto nenhum conhecimento existe num vácuo, e toda informação precisa ser interpretada e tingida pela personalidade que a detém e a transmite. Portanto, descrevo a realidade conforme me é dada a conhecer, e a experiência por que passo nos diversos planos e dimensões.

O que não quer dizer que não existam outras realidades. Eu era consciente anteriormente à formação da vossa Terra. Para escrever este livro — e na maior parte das comunicações que estabeleço com a jane — adoto do meu próprio banco de personalidades passadas, aquelas características que me pareceram adequadas. Existem muitos de nós: personalidades como eu, não focadas na matéria nem no tempo. A nossa existência parecer-lhes-á estranha apenas porque vocês não percebem os verdadeiros potenciais da personalidade e se encontram hipnotizados pelos seus próprios conceitos limitados.

Eu sou primordialmente um professor, mas não fui um homem de letras por si só. Sou principalmente uma personalidade portadora de uma mensagem: Vocês criam o mundo que conhecem. Mas receberam, porventura o dom mais impressionante de todos: a capacidade de projetar os vossos pensamentos no exterior, na forma física. Mas esse dom acarreta uma responsabilidade, e muitos de vocês sentem-se tentados a congratular-se pelos sucessos conseguidos nas vossas vidas, e a culpar a Deus, o destino e a sociedade pelos vossos fracassos. Da mesma forma, a humanidade tem a tendência de projetar a sua própria culpa e os seus próprios erros na imagem de um Deus-Pai que, segundo parecerá deve estar exausto com tantas queixas.

O facto é que cada um de vocês cria a sua própria realidade física; e coletivamente, criam tanto as glórias quanto os terrores que existem patentes na vossa experiência terrena. Até que compreendam que vocês são os criadores, recusar-se-ão a aceitar essa responsabilidade. Tão pouco poderão culpar o demónio pelos infortúnios do mundo. Vocês tornaram-se suficientemente sofisticados para compreender que o Demónio é uma projeção da vossa própria psique, mas não se tornaram suficientemente sábios para aprenderem a usar a vossa criatividade de maneira construtiva. Muitos dos meus leitores acham-se familiarizados com o termo "vinculado." Enquanto raça, em vez disso vocês desenvolveram um vínculo com o ego ao criarem uma rigidez espiritual, e negaram as porções intuitivas do ser ou distorceram-nas para além do admissível.

Está a ficar tarde. Os meus dois amigos precisam levantar-se cedo amanhã. A Jane está a trabalhar em dois livros dele e precisa de repousar. Antes de terminar esta sessão, porém, devo pedir-lhes que imaginem o nosso ambiente, por a Jane me ter dito que um escritor precisa ter o cuidado de estabelecer o seu cenário. *(Com sentido de humor.)* Eu falo por intermédio da Jane duas vezes por semana, às Segundas e Quartas, nesta mesma sala grande *(de visitas)*. As luzes estão sempre acesas. Esta noite torna-se-me agradável ver através dos olhos da Jane para aquele recanto invernoso além.

A realidade física sempre se me afigurou revigorante, e por intermédio da cooperação da Jane enquanto escrevo este livro, vejo que eu estava certo ao apreciar os seus inigualáveis

encantos. Há um outro personagem que deve ser mencionado aqui: Willy, o gato, um monstro querido que agora se encontra a dormir. A natureza da consciência animal é, em si mesma, uma questão muito interessante, e um que consideraremos mais tarde. O gato está ciente da minha presença, e por diversas vezes reagiu a ela de modo visível. Neste livro, espero mostrar as interações constantes que ocorrem entre todas as unidades de consciência, a comunicação que salta além da barreira das espécies; e em algumas das nossas conversas iremos usar o Willy para demonstrar certos aspetos.

Calorosas saudações a ambos.

SESSÃO 512

Boa-noite. *("Boa-noite, Seth.")* Bom; voltemos ao nosso novo manuscrito. Como mencionamos os animais, digamos aqui que eles possuem um tipo de consciência que não lhes permite tantas liberdades quanto vocês. Contudo, ao mesmo tempo, não são impedidos de usá-las por certas características que em geral prejudicam o potencial prático da consciência humana.

A consciência é uma forma de perceber as várias dimensões da realidade. A consciência (como vocês a conhecem) é altamente especializada. Os sentidos físicos permitem-lhes perceber o mundo tridimensional, porém, pela sua própria natureza, podem inibir a perceção de outras dimensões igualmente válidas. A maioria de vocês identifica-se com o vosso eu do dia-a-dia, orientado no sentido do físico. Vocês não pensariam em identificar-se com uma porção do vosso corpo, para menosprezo de todas as *outras*; contudo, fazem precisamente isso *(sorriso)* quando imaginam que o ego carrega o fardo da vossa identidade.

Estou a dizer-lhes que vocês não são um saco cósmico de carne e osso, lançado nalguma mistura de elementos e substâncias químicas. Estou a dizer-lhes que a vossa consciência não é produto inflamável nenhum formado pela combinação acidental mútua de componentes químicos. Vocês não são rebentos desamparados de matéria física, nem a vossa consciência está destinada a desaparecer como uma baforada de fumo. Pelo contrário: vocês formam o corpo físico que conhecem num nível profundamente inconsciente, com grande discernimento, milagrosa clareza e um conhecimento íntimo inconsciente de cada minúscula célula que o compõe. E não o refiro simbolicamente.

Ora bem; por a vossa mente consciente (conforme a encaram) não se encontrar a par dessas atividades, vocês não se identificam com essa porção interior de vós próprios. Preferem identificar-se com a parte que assiste à televisão ou cozinha ou trabalha – a parte que vocês pensam <u>saber</u> o que está a fazer. Mas esta vossa parte aparentemente inconsciente é muito mais consciente, e do seu funcionamento uniforme depende toda a vossa existência física. Essa porção é consciente, atenta, alerta. São vocês, tão focados na realidade física, que não dão ouvidos à sua voz, e que não compreendem que é da grande força psicológica que o vosso eu orientado para o físico brota.

Eu chamo a esse inconsciente aparente de "ego interior," por ele dirigir as atividades interiores e fazer corresponder a informação que é percebida não por intermédio dos sentidos físicos, mas por outros canais interiores. É o agente interno que apreende a realidade que existe além das três dimensões. Ele carrega em si a memória de cada uma das vossas existências passadas. Ele observa as dimensões subjetivas que são literalmente infinitas, dimensões subjetivas essas de que fluem todas as realidades objetivas.

Toda a informação necessária lhes é dada por intermédio desses canais internos, e atividades internas incríveis ocorrem antes que vocês possam erguer sequer um dedo, piscar os olhos, ou ler esta frase. Esta parte da vossa identidade é naturalmente clarividente e telepática, de modo que vocês são prevenidos de desastres antes que eles ocorram, quer aceitem ou não a mensagem conscientemente, e toda a comunicação ocorre muito antes de qualquer palavra ser pronunciada.

O "ego exterior" e o ego interior operam juntos, um no sentido de lhes permitir forjar o mundo que vocês conhecem, o outro de lhes trazer aquelas delicadas perceções interiores, sem as quais a existência física não poderia ser mantida. Existe, todavia, uma parte de vós, a identidade mais profunda que forma tanto o ego interno quanto o ego externo, que decidiu que vocês viriam a ser um ser físico neste lugar e neste tempo. *Esse* é o âmago da vossa identidade, a semente psíquica de que brotaram, a personalidade multidimensional de que fazem parte. Para aqueles que desejarem saber onde eu situo o subconsciente (conforme os psicólogos o concebem), podem imaginá-lo como o ponto de encontro, por assim dizer, entre os egos interno e externo. É preciso que entendam, porém, que o eu não encerra divisões reais, e que falamos de várias porções apenas para tornar a ideia básica mais clara.

Como estamos a dirigir-nos a indivíduos que se identificam com o "aspeto normalmente consciente," suscito estes assuntos já no primeiro capítulo, por vir a usar esses termos em outras partes deste livro e desejar expor o facto da personalidade multidimensional tão antes quanto possível. Vocês não conseguem compreender-se nem podem aceitar a minha existência independente, até que se livrem da noção de que a personalidade seja um atributo da consciência do "aqui e agora." Agora, algumas das coisas que eu possa dizer neste livro a respeito da realidade física poderão surpreendê-los, mas lembrem-se de que eu as vejo de um ponto de vista completamente diferente.

Vocês estão, de momento, completamente focados nela, imaginando talvez o que mais poderá existir do lado de fora. Eu estou do lado de fora, voltando por instantes para uma dimensão que conheço e que amei. Contudo, não sou o que vocês chamariam de residente. Embora eu possua um "passaporte" psíquico, ainda assim existem alguns problemas de tradução e inconvenientes de acesso, que preciso enfrentar.

Muita gente, conforme tomo conhecimento, vive há muitos anos em Nova Iorque e nunca visitou o edifício Empire State, ao passo que muitos estrangeiros o conhecem bem. E assim, embora vocês gozem de destreza física, eu sou capaz de apontar algumas estruturas

psíquicas e psicológicas muito estranhas e milagrosas no vosso próprio sistema de realidade, que vocês ignoraram.

Espero, francamente, fazer muito mais que isso. Espero levá-los numa excursão pelos níveis de realidade que se encontram à vossa disposição, e guiá-los numa jornada através das dimensões da vossa própria estrutura psicológica — a fim de abrirem áreas inteiras da vossa própria consciência, de que têm sido relativamente desconhecedores. Espero, pois, não só explicar os aspetos multidimensionais da personalidade, como dar a cada leitor um vislumbre dessa identidade maior que vocês possuem.

O eu que vocês conhecem não passa de um fragmento da vossa identidade total. Contudo, esses fragmentos do vosso *eu* não se encontram encadeados, como as contas de um colar. Eles são mais como cascas de uma cebola, ou os gomos de uma laranja, estão ligados pela mesma vitalidade e crescem por diversas realidades enquanto brotam da mesma fonte. Não estou a comparar a personalidade a uma laranja nem a uma cebola, mas desejo salientar que, como elas brotam de dentro para fora, o mesmo acontece com cada fragmento do eu total. Vocês observam o aspeto exterior dos objetos. Os sentidos físicos permitem-lhes perceber as formas externas às quais passam a reagir, os vossos sentidos físicos até certo ponto forçam-nos a perceber a realidade dessa maneira; mas a vitalidade interior da matéria e da forma, contudo, não se torna tão evidente.

Posso dizer-lhes, por exemplo, que existe consciência mesmo num prego, mas poucos dos meus leitores me levarão suficientemente a sério e deter-se-ão a meio da frase e endereçarão um bom-dia ou uma boa-noite ao primeiro prego que encontrarem enfiado num pedaço de madeira. Não obstante, os átomos e as moléculas do prego possuem o seu próprio tipo de consciência. Os átomos e as moléculas que compõem as páginas deste livro são igualmente, no seu próprio nível, conscientes. Nada existe — nem pedras, nem minerais, nem plantas, nem animais nem o ar — que não esteja repleto de uma consciência do seu próprio tipo.

Assim, vocês encontram-se no meio de uma comoção vital constante, uma gestalt de energia consciente, e vós próprios são compostos de células conscientes que carregam dentro de si a perceção da sua própria identidade, e que cooperam de bom grado para formar a estrutura corpórea que é o vosso corpo físico. Estou, evidentemente, a referir que não existe coisa tal como matéria morta. Não existe objeto algum que não tenha sido formado pela consciência, e toda a consciência, independentemente de grau que apresente, rejubila na sensação e na criatividade. Vocês não podem compreender o que são, a menos que compreendam essas questões. Por uma questão de conveniência, vocês encerram as inúmeras comunicações internas que pulam por entre as partes mais ínfimas da vossa carne, porém, mesmo enquanto criaturas físicas, vocês são, em certa medida, uma porção de outras consciências.

Não existem limites para o ser. Não existem limites para os vossos potenciais. Contudo, vocês podem adotar limites artificiais por meio da vossa própria ignorância. Podem identificar-se, por exemplo, apenas com o vosso ego exterior, e desligar-se das

capacidades que fazem parte de vós. Podem negar, porém, não podem alterar os factos. A personalidade é multidimensional, embora muita gente enterre a cabeça, figurativamente falando, na areia da existência tridimensional e finja que não exista mais nada. *(Bem-humorado)* Neste livro, espero conseguir puxar algumas cabeças dessa mesma areia.

Não desejo dar a entender que devam subestimar o ego externo. Vocês simplesmente exageram na consideração que fazem dele. Tão pouco a sua verdadeira natureza é reconhecida. Vamos ter mais a dizer acerca desse aspeto, mas por ora é suficiente compreender que a noção de identidade e de continuidade que têm não depende do ego.

Bom, por vezes utilizarei o termo "camuflagem" para me referir ao mundo físico com o qual o ego externo se relaciona, por a forma física ser uma das camuflagens que a realidade adotada. A camuflagem é real, contudo, existe uma realidade muito maior dentro dela - a vitalidade que lhe deu forma. Os vossos sentidos físicos, permitem-lhes, pois, perceber essa camuflagem, por estarem sintonizados com ela de um modo muito específico. Mas compreender a realidade dentro da forma, requer um tipo de atenção diferente, além de manipulações mais delicadas do que as fornecidas pelos sentidos físicos.

O ego é um deus ciumento, que deseja ver os seus interesses satisfeitos. Ele não tem vontade de admitir a realidade de qualquer dimensão além daquelas dentro das quais se sente confortável e é capaz de compreender. A sua finalidade era a de constituir uma ajuda, mas foi-lhe permitido tornar-se um tirano. Mesmo assim, é muito mais resistente e ansioso por aprender do que geralmente se supõe. Ele não é, naturalmente, tão rígido quanto se supõe. A curiosidade que possui pode ser de muito valor.

Se vocês tiverem uma conceção limitada da natureza da realidade, então o vosso ego fará o que puder para mantê-los na pequena área fechada da realidade que concebem. Se, por outro lado, as vossas intuições e os vossos instintos criativos gozarem de liberdade, então comunicarão algum conhecimento das dimensões mais vastas, a esta parte da vossa personalidade orientada para o físico.

SESSÃO 513

Bom, vamos prosseguir. Este livro é prova de que o ego não dispõe da porção total da personalidade a seu uso, porquanto não restam dúvidas de que o livro está a ser produzido por uma personalidade diferente da personalidade da escritora Jane Roberts. Uma vez que a Jane Roberts não possui capacidades que não sejam inerentes à raça como um todo, então no mínimo deve admitir-se que a personalidade humana possui muitos mais atributos do que os que geralmente lhe são imputados. Espero explicar que capacidades são essas e indicar os meios que cada indivíduo pode usar para liberar esses potenciais.

A personalidade é uma *gestalt* dotada de uma perceção variável. É a parte da identidade que percebe. Não forço as minhas perceções na mulher por intermédio de quem falo, nem a sua consciência é apagada durante as nossas comunicações. Em vez disso dá-se uma

expansão da consciência dela e uma projeção de energia que é direcionada para longe da realidade tridimensional.

Esta concentração que se <u>afasta</u> do sistema físico pode fazer parecer que a consciência dela se encontre apagada. Em vez disso, mais lhe é acrescentado. Bom; do meu próprio campo de realidade, foco a minha atenção na mulher, mas as palavras que ela pronuncia — as palavras que aparecem nestas páginas — de início não são em absoluto verbais. Em primeiro lugar, a linguagem, conforme vocês a conhecem, é uma coisa lenta: Letra após letra, tem que ser alinhavada até formar uma palavra, e palavras alinhavadas até formar uma frase, resultado de um padrão de pensamento linear. A linguagem, como vocês a conhecem, é parcial e gramaticalmente o produto acabado das sequências do vosso tempo físico. Vocês podem apenas focalizar num determinado número de coisas de cada vez, e a estrutura da vossa linguagem não se presta à comunicação de experiências complexas e simultâneas.

Tenho consciência de um tipo diferente de experiência, não linear, e posso focar-me e reagir a uma variedade infinita de eventos em simultâneo. A jane não poderia expressá-los, e assim eles precisam ser nivelados na expressão linear se precisarem ser comunicados. Esta habilidade de perceber e reagir a eventos de natureza simultânea e ilimitada é característica básica de toda entidade ou eu completo. Por conseguinte, não o reivindico como uma proeza exclusivamente minha.

Todo leitor, que se ache atualmente abrigado dentro de uma forma física, presumo eu *(bom-humor),* conhece apenas uma pequena porção de si próprio — conforme mencionei anteriormente. A entidade é a identidade global, de que a sua personalidade é uma manifestação — uma porção independente e eternamente válida. Nestas comunicações, pois, a consciência da Jane expande-se e foca-se numa dimensão diferente, numa dimensão que se situa entre a sua realidade e a minha, um campo relativamente livre de distrações. Aqui imprimo-lhe certos conceitos (na Jane) com permissão e consentimento da sua parte. Tais conceitos não são neutros, no sentido de que todo conhecimento ou informação traz o cunho da personalidade que a encerra ou transmite.

A Jane disponibiliza o seu conhecimento verbal ao nosso uso, e de forma automática, nós os dois juntos geramos as várias palavras a ser proferidas. Distrações é coisa que pode ocorrer, porquanto qualquer informação é passível de ser distorcida. Contudo, já estamos habituados a trabalhar juntos, e as distorções são muito poucas. Parte de minha energia também é projetada através da Jane, e a sua energia e a minha juntas ativam a forma física dele durante as nossas sessões, assim como agora, à medida que transmito estas frases. Existem muitas outras ramificações que discutirei mais tarde. Não sou, pois, um produto do subconsciente da Jane, assim como ele também não é um produto da <u>minha</u> mente subconsciente. Tampouco sou uma personalidade secundária, que esteja engenhosamente a tentar minar um ego precário. Na verdade, faço com que todas as porções da personalidade da Jane sejam beneficiadas, e a sua integridade mantida e respeitada.

Existe na sua personalidade uma docilidade um tanto peculiar, que torna as nossas comunicações possíveis. Tentarei explicar isto da maneira tão simples quanto possível: existe, na sua psique, o que equivalerá a uma deformação dimensional transparente que serve quase como uma janela aberta através da qual se percebe outras realidades — uma abertura multidimensional que em certa medida escapou ao obscurecimento provocado pela sombra do enfoque físico.

Os sentidos físicos geralmente deixam-nos cegos em relação a esses canais abertos, pois eles percebem a realidade apenas à sua própria imagem. Até certo ponto, pois, eu penetro na vossa realidade através de uma deformação psicológica gerada no vosso espaço e tempo. De certa forma, esse canal aberto serve como corredor entre a personalidade da Jane e a minha, de modo a tornar a comunicação viável. Tais deformações psicológicas e psíquicas entre as dimensões da existência não são tão pouco frequentes quanto isso. Elas apenas são reconhecidas como tal pouco frequentemente, e ainda menos utilizadas.

O AMBIENTE EM QUE ME ENCONTRO
O TRABALHO E AS ATIVIDADES ATUAIS EM QUE ME EMPENHO

Capítulo 2

Conquanto o meu ambiente possa divergir em aspetos significativos do dos meus leitores, posso assegurar-lhes, com irónica compreensão, que é tão vívido, diversificado e vital quanto a existência física. É mais prazenteiro — embora a ideia que tenho de prazer tenha mudado um tanto desde a época em que eu fui um ser físico — sendo mais gratificante e proporcionando oportunidades de uma realização criativa muito maior.

A minha existência atual é a mais estimulante que já conheci, e conheci muitas, tanto físicas como não-físicas. Não existe apenas uma dimensão em que a consciência não-física resida, assim como não existe apenas um país no vosso planeta nem apenas um planeta no vosso sistema solar.

O ambiente em que me encontro atualmente não é um com que venham a deparar-se imediatamente após a morte. Não consigo evitar deixar de o referir com humor, mas vocês precisarão morrer muitas vezes antes de poderem entrar neste plano particular de existência. (O nascimento constitui um choque muito maior do que a morte. Por vezes quando morrem vocês não percebem, mas o nascimento quase sempre implica num reconhecimento rápido e brusco. Portanto, não há necessidade de recear a morte. E eu, que morri mais vezes do que gostaria de poder dizer, escrevo este livro para lhes dar a

conhecer justamente isso.)

O trabalho que exerço neste ambiente, comporta de longe muito mais desafios do que imaginam, e necessita igualmente da manipulação de materiais criativos que estão praticamente além da compreensão atual que vocês possuem. Haverei de falar mais sobre isso. Antes de mais, é preciso que vocês entendam que não existe qualquer realidade objetiva senão aquela que é criada pela consciência. A consciência sempre cria a forma, e não o contrário. Assim, o ambiente em que me encontro é a realidade de uma existência criada por mim próprio e por outros como eu, e representa a manifestação do nosso desenvolvimento.

Não usamos estruturas permanentes. Não temos uma cidade, por exemplo, onde eu habite. Não quero dizer que estejamos no espaço vazio. Por um lado, não pensamos em espaço do mesmo modo que vós, mas formamos toda e qualquer imagem particular que desejarmos que nos rodeie. Elas são criadas pelos nossos padrões mentais, da mesma forma que a vossa realidade física é criada como uma réplica perfeita dos vossos desejos e pensamentos interiores. Vocês acham que os objetos existem independentemente de vós, e não percebem que eles são, ao invés, manifestações dos vossos aspetos psicológicos e psíquicos. Nós compreendemos que formamos a nossa própria realidade e em razão disso fazemo-lo com considerável alegria e abandono criativo. No ambiente em que me encontro vocês haveriam de se sentir muito desorientados, porquanto haveria de lhes apresentar um aspeto de falta de coerência.

Temos, porém, consciência das leis interiores que governam todas as “materializações.” Tanto posso ter noite como dia, nos vossos termos, conforme eu preferir — ou qualquer período, digamos, da vossa história. Essa variação de formas de modo algum incomodará os meus companheiros, pois eles as considerariam como indícios imediatos da minha disposição, sentimentos e ideias. Basicamente, a permanência e a estabilidade nada têm que ver com a forma, mas sim com a integração de prazer, propósito, realização e identidade. Eu “viajo” para muitos outros níveis de existência a fim de realizar os meus deveres, que são primordialmente os de um professor e educador, e uso todas as ajudas e técnicas desses sistemas que melhor me puderem valer nesses sistemas. Por outras palavras, posso ensinar a mesma lição por muitas maneiras diferentes, dependendo das capacidades e suposições inerentes aos sistemas em que preciso operar. Uso uma parte de mim próprio, das muitas personalidades que da minha identidade se acham ao meu dispor, nestas comunicações e neste livro. Noutros sistemas de realidade, esta personalidade particular do Seth que eu, a identidade maior de Seth, adoto aqui, não seria entendida.

Nem todos os sistemas de realidade se orientam para o físico, e alguns desconhecem inteiramente a forma física. Tampouco o sexo (conforme vocês o compreendem) lhes é natural. Por isso, não comunicaria como uma personalidade masculina que viveu muitas existências físicas, embora essa seja uma porção legítima e válida da minha identidade.

Bom, no ambiente atual em que vivo, assumo a forma que desejar, que pode variar, e com efeito varia, consoante a natureza dos pensamentos que tiver. Vocês, porém, formam a vossa própria imagem física num nível inconsciente, mais ou menos da mesma maneira, porém, com algumas diferenças significativas. Em geral não percebem que o vosso corpo físico é criado por vós a cada instante, em resultado direto da conceção interior que têm daquilo que são; ou de que ele muda, em termos químicos e eletromagnéticos, ante o movimento constante do vosso próprio pensamento. Tendo há muito tempo reconhecido como a forma depende da consciência, conseguimos simplesmente mudar inteiramente as nossas formas, de modo que elas seguem mais fielmente cada subtileza da experiência interior a que damos lugar. Bom, essa capacidade de mudar de forma é uma característica inerente a toda a consciência, só o grau de competência e atualização variam. Vocês podem ver isso no vosso próprio sistema, numa versão mais lenta, quando observam as diversas formas adotadas pela matéria viva ao longo da sua história "evolutiva."

Atualmente, podemos igualmente adotar diversas formas num dado momento, por assim dizer, mas vocês também podem fazê-lo, embora em geral não o percebam. A vossa forma física pode estar a dormir e inerte na cama, enquanto a vossa consciência viaja na forma de sonho para lugares muito distantes. Simultaneamente, podem criar uma "forma-pensamento" de vós próprios, idêntica em todos os aspetos, e ela pode aparecer no quarto de um amigo, sem o vosso conhecimento consciente. Por conseguinte, a consciência não se acha limitada quanto às formas que pode criar em qualquer instante.

Falando em termos práticos, estamos, neste aspeto, mais avançados do que vós, e quando criamos essas formas, fazemo-lo com inteira consciência. Eu partilho o meu campo de existência com outros que têm, mais ou menos, os mesmos desafios a enfrentar, os mesmos padrões generalizados de desenvolvimento, alguns dos quais eu conhecia, outros não. Comunicamo-nos telepaticamente, mas aqui uma vez mais, a telepatia forma a base dos vossos idiomas, sem a qual o seu simbolismo não faria sentido.

O facto de nos comunicarmos desta forma não significa, necessariamente, que usemos palavras mentais, por não usarmos. Comunicamo-nos através do que posso chamar apenas de imagens térmicas e eletromagnéticas, que são capazes de encerrar muito mais significado numa "sequência." A intensidade da comunicação depende da intensidade emocional que tiver por trás, embora a frase "intensidade emocional" possa transmitir uma ideia errada.

Nós sentimos o equivalente ao que vocês chamam de emoções, embora não sejam do amor, ódio ou raiva que vocês conhecem. Os vossos sentimentos podem ser melhor descritos como materializações tridimensionais de experiências e eventos psicológicos muito mais vastos, relacionados com os "sentidos interiores." Explicarei a natureza desses sentidos interiores mais tarde, ao final deste capítulo. Por ora suficiente será dizer que temos experiências emocionais muito fortes, embora sejam, em larga medida, diferentes das vossas. São muito menos limitadas e mais expansíveis, já que também temos consciência do "ambiente" emocional e lhe reagimos num todo. Somos muito mais livres para sentir e experimentar,

por não termos tanto medo de sermos arrasados pelo sentimento.

As nossas identidades não se sentem ameaçadas, por exemplo, pelas fortes emoções de uma outra. Somos capazes de viajar através das emoções de uma forma que agora não lhes é natural, e de as traduzir por outras facetas de criatividade, diferentes daquelas com que estão familiarizados. Não sentimos necessidade de ocultar as emoções, pois sabemos que isso é basicamente impossível e indesejável. No vosso sistema, elas podem parecer problemáticas por vocês ainda não terem aprendido a usá-las. Só agora estamos a aprender o pleno potencial e o poder de criatividade que encerram.

Sessão 514

Bom, dado que compreendemos que a nossa identidade não depende da forma, naturalmente não receamos alterá-la, pois sabemos que nos é possível adotar qualquer forma que desejarmos. Nós não conhecemos a morte (nos vossos termos). A nossa existência leva-nos a muitos outros ambientes, e nós fundimo-nos com eles. Seguimos as regras da forma existentes nesses ambientes. Todos nós aqui somos instrutores pelo que também adaptamos os nossos métodos de modo que eles façam sentido a personalidades que têm ideias da realidade diferentes das nossas.

A consciência não depende da forma, conforme eu disse, e, no entanto, sempre busca criar forma. Nós não existimos no âmbito de tempo nenhum, conforme vocês o concebem. Os minutos, as horas ou os anos perderam tanto o significado quanto o fascínio que detinham. Porém temos consciência da condição temporal de outros sistemas, e precisamos levá-lo em consideração nas nossas comunicações. De outra forma, o que disséssemos não seria entendido.

Não existem barreiras reais a separar os sistemas de que falo. A única separação é provocada pelas diferentes capacidades de perceção e de manipulação das personalidades. Vocês existem em meio a muitos outros sistemas de realidade, por exemplo, porém não os percebem. E mesmo quando algum evento de outro sistema se intromete na vossa existência tridimensional, vocês não são capazes de o interpretar, pois ele é distorcido pelo próprio processo de intromissão.

Eu disse que nós não experimentamos a vossa sequência de tempo. Nós movimentamo-nos por meio de diversas intensidades. O nosso trabalho, desenvolvimento e experiência ocorrem todos no que chamo de "Momento de Centro de Ação" (ou Moment Point). Aqui, no Momento Centro de Ação, o mais pequeno pensamento é levado à realização, a mais pequena possibilidade é explorada, as probabilidades são inteiramente examinadas, o mais pequeno sentimento ou o mais contundente são considerados. É difícil explicar isto com clareza; no entanto, o momento atual é a estrutura dentro da qual temos a nossa experiência psicológica. Dentro dele, ações simultâneas sucedem-se livremente por meio de padrões associativos. Por exemplo: digamos que eu pense em ti, Joseph. Ao fazer isso,

imediatamente experimento — e a fundo — o teu passado, presente e futuro (nos teus termos) e todas as emoções e motivações intensas ou determinantes que te controlaram. Posso viajar através dessas experiências contigo, se o desejar. Podemos seguir uma consciência através de todas as suas formas, e (nos vossos termos) num piscar de olhos.

Agora, é preciso estudo, desenvolvimento e experiência para que uma identidade possa aprender a manter a própria estabilidade diante de tais estímulos constantes; e muitos de nós perdemo-nos, e chegamos mesmo a esquecer quem éramos, até despertarmos uma vez mais para nós próprios. Grande parte disso é, agora, automático para nós. Em meio às infinitas variedades de consciência, ainda temos consciência de uma pequena percentagem de todos os bancos de personalidades que existem. A título de "tirar umas férias," visitamos formas de vida muito simples, e mesclamo-nos com elas.

Nessa medida, nós satisfazemos o relaxamento e o sono, por podermos passar um século como uma árvore ou como uma forma de vida muito simples, numa outra realidade. Satisfazemos a nossa consciência com a alegria da existência simples. Podemos criar, vejam bem, a floresta em que crescemos. Geralmente, porém, encontramo-nos altamente ativos, e focalizamos todas as nossas energias no trabalho e em novos desafios.

Sempre que o desejarmos, poderemos formar outras personalidades a partir de nós próprios, da nossa própria integridade psicológica. Entretanto, elas precisarão desenvolver-se de acordo com o seu próprio mérito, e usar as habilidades criativas que lhes forem inerentes. Essas personalidades são livres para seguir o seu próprio rumo. Entretanto, não fazemos isso ânimo leve.

Bom, cada leitor é uma porção da sua própria entidade e está a desenvolver-se rumo ao mesmo tipo de existência que me é dada conhecer. Na infância e durante os sonhos, essa personalidade está a par, até certo ponto, da verdadeira liberdade que diz respeito à sua consciência interior. Essas habilidades de que falo, entretanto, são características intrínsecas à consciência, como um todo, e a todas as personalidades.

O meu ambiente, conforme lhes disse, muda constantemente, mas depois o mesmo sucede com o vosso. Vocês racionalizam perceções intuitivas muito legítimas nessas alturas. Por exemplo: se uma sala de repente lhes parece pequena e apertada, vocês acham que essa mudança de dimensão é fruto da imaginação, e que a sala não mudou, apesar daquilo que sentem. O facto é que a sala em tais condições terá mudado de uma forma muito definida e em aspetos muito significativos, embora as dimensões físicas ainda apresentem as mesmas medidas. Todo o impacto psicológico da sala terá sido alterado. Todo o seu efeito será sentido por outros além de vós. O seu efeito será sentido pelos outros para além de vós. Ela atrairá certos tipos de eventos mais do que outros, e alterar-lhes-á a vossa própria estrutura psicológica e rendimento hormonal. Vocês reagirão ao estado alterado da sala até mesmo por formas muito concretas, embora a sua largura ou comprimento, em centímetros ou polegadas, possa parecer não variar.

Eu disse ao meu bom amigo Joseph que sublinhasse a palavra "parecer," pois os vossos instrumentos não mostrariam qualquer alteração física — uma vez que os instrumentos, dentro da sala, já se teriam alterado na mesma medida.

Vocês estão constantemente a mudar a forma, o aspeto, os contornos e o significado do vosso corpo físico e ambiente mais íntimo, embora façam o melhor que podem por ignorar essas alterações constantes. Nós, por outro lado, concedemos-lhes rédea solta, sabendo que somos motivados por uma estabilidade interna que pode muito bem promover espontaneidade e criação, e por percebermos que a identidade espiritual e a psicológica dependem de mudanças criativas.

O nosso ambiente é, pois, composto de desequilíbrios requintados, onde a mudança tem inteira liberdade. A vossa própria estrutura de tempo indu-los em erro, e condu-los às ideias que têm da permanência relativa da matéria física, e vocês fecham os olhos para as alterações constantes que ocorrem dentro dela. Os vossos sentidos físicos limitam-nos, da melhor forma possível, à perceção de uma realidade altamente formalizada. Somente pelo uso das intuições e nos sonhos vocês podem, de um modo geral, perceber a jubilosa natureza em mudança da vossa própria consciência e de qualquer outra. Uma das minhas obrigações passa por esclarecê-los com respeito a tais questões. Precisamos usar conceitos que, pelo menos, lhes soem relativamente familiares. Para tanto usamos, pois, porções das nossas próprias personalidades, com as quais vocês podem, até certo ponto, relacionar-se.

Não há limite para o nosso ambiente. Nos vossos termos, não haveria falta de espaço nem de tempo para atuar. Bom, isso representaria uma tremenda pressão sobre qualquer consciência que não possuísse um conhecimento e desenvolvimento adequados. Nós não temos um universo simples e acolhedor onde nos escondamos. Ainda estamos bastante alerta para com outros sistemas de realidade estranhos que cintilem na periferia da consciência como nós a concebemos. Existe de longe um número muito maior de espécies de consciência do que existem formas físicas, cada qual dotada dos seus próprios padrões de perceção, residentes dentro do seu próprio sistema de camuflagem. Contudo, todas elas possuem conhecimento interno da realidade que existe dentro de toda camuflagem e que compõe toda realidade, seja qual for o nome que seja dado.

Agora, muitas dessas liberdades são bastante naturais para vós no estado dos sonhos, e vocês muita vez formam ambientes de sonhos para exercitar esses potenciais. Mais tarde terei pelo menos alguns comentários a fazer sobre como aprender a reconhecer as vossas próprias proezas e a compará-las com a competência que mostram na vida física diária. Vocês podem, pois, aprender a mudar o vosso ambiente físico, aprendendo a mudar e a manipular o vosso ambiente onírico. Podem igualmente sugerir sonhos específicos que evidenciem uma mudança desejada, e em certas condições, a mudança aparecerá na vossa realidade física. Bem, muitas vezes vocês fazem isso sem perceber.

A consciência toda adota diversas formas. Ela não precisa estar sempre dentro de uma forma. E nem todas as formas são físicas. Algumas personalidades, por conseguinte, nunca chegaram a ser físicas. Evoluíram ao longo de linhas diferentes pelo que as suas estruturas psicológicas haveriam de parecer estranhas às vossas.

Até certo ponto, eu também me movimento por esses ambientes. Porém, a consciência precisa evidenciar-se. Ela não pode deixar de existir. Ela não é física, pois, pelo que precisa mostrar a sua ativação de outras maneiras. Em certos sistemas, por exemplo, ela forma padrões matemáticos e musicais, altamente integrados, que servem, eles próprios, de estímulo para outros sistemas universais. Contudo, não estou muito familiarizado com eles, e não posso falar deles por não ter muito conhecimento.

Se o meu ambiente não é estruturado permanentemente, então, conforme lhes disse, tampouco o vosso o é. Se tenho consciência de me comunicar agora por meio da Jane, cada um de vocês comunica telepaticamente e de modos diferentes com e através de outras personalidades, embora tenham pouco conhecimento do ato.

Sessão 515

Os sentidos que vocês usam, de uma forma bastante real, criam o ambiente que vocês percebem. Os vossos sentidos físicos necessitam da perceção de uma realidade tridimensional. Porém, a consciência acha-se equipada com recetores internos. Esses são intrínsecos a toda consciência, seja qual for o seu desenvolvimento. Esses recetores atuam independentemente daqueles que podem ser considerados quando uma determinada consciência adota uma forma especializada, tal como um corpo físico, a fim de operar num determinado sistema.

Os leitores possuem, pois, sentidos internos e, até certo ponto usam-nos constantemente, embora ao nível do ego não tenham consciência de o fazer. Bem, nós usamos os sentidos interiores com ampla liberdade e de forma consciente. Se vocês o fizessem, perceberiam o mesmo tipo de ambiente em que existo. Veriam uma situação destituída de camuflagem, na qual os eventos e formas são livres e não se acham incrustados como que num molde gelatinoso de tempo. Vocês poderiam ver, por exemplo, a vossa sala de visitas não só como o conglomerado de mobília de aspeto aparente permanente, mas haveriam de mudar o enfoque e haveriam e ver a dança constante e imensa das moléculas e de outras partículas que compõem os diversos objetos.

Vocês poderiam ver um brilho fosforescente, a aura da "estrutura" eletromagnética que compõe as próprias moléculas. Poderiam, caso o desejassem, condensar a vossa consciência até que ficasse suficientemente reduzida para viajar por uma simples molécula, e a partir do próprio mundo da molécula, olhar para fora e examinar o universo da sala e a gigantesca galáxia de formas estelares inter-relacionadas e em constante movimento. Agora, todas essas possibilidades representam uma realidade legítima. A vossa não é mais legítima do

que qualquer outra, mas é a única que vocês percebem. Usando os sentidos internos, tornamo-nos criadores e cocriadores conscientes. Contudo vocês são cocriadores inconscientes, quer tenham conhecimento disso ou não. Se o nosso ambiente lhes parecer desestruturado, isso deve-se unicamente a que não compreendem a verdadeira natureza da ordem, que nada tem que ver com a forma permanente, mas que apenas de vossa perspetiva parece possuir forma.

No meu ambiente não existe nada como '*quatro horas da tarde*' nem '*oito da noite*.' Com isso quero dizer que não estamos restringidos a sequência nenhuma de tempo. Mas não há nada que me impeça de experienciar essas sequências se o desejar. Nós experienciamos o tempo, ou o que vocês chamariam de equivalente da sua natureza, em termos de intensidades de experiência: um tempo psicológico dotado dos seus próprios altos e baixos. Isso assemelha-se um tanto aos vossos próprios sentimentos emocionais quando o tempo parece acelerar ou abrandar, mas é muito diferente em aspetos bastante significativos. O nosso tempo psicológico poderia ser comparado, em termos de ambiente, às paredes de uma sala, só que no nosso caso, as paredes haveriam de mudar constantemente de cor, tamanho, altura, profundidade e largura.

As nossas estruturas psicológicas são diferentes, para o referir de um modo prático, por utilizarmos conscientemente uma realidade psicológica multidimensional que vocês possuem de forma intrínseca, mas com que não estão familiarizados ao nível do ego. É, pois, natural que o nosso ambiente possua qualidades multidimensionais que os sentidos físicos jamais perceberiam.

Bom, ao ditar este livro, eu projeto uma porção de minha realidade para um nível indiferenciado entre sistemas, que é relativamente livre de camuflagens. É uma área inativa, para o referir em termos relativos. Se vocês pensassem em termos de realidade física, essa área poderia ser comparada a uma imediatamente acima da atmosfera da vossa terra. Entretanto, estou a falar de atmosferas psicológicas e psíquicas, e essa área acha-se suficientemente distante do eu orientado para o físico da Jane, de modo que as comunicações podem ser relativamente entendidas. Também se encontra distanciada, de certa forma, do meu próprio ambiente, pois no meu próprio ambiente eu teria algumas dificuldades em relacionar informações em termos fisicamente orientados. Vocês precisam entender que, por distância, não me refiro a espaço.

A criação e a perceção estão muito mais intimamente ligadas do que qualquer dos vossos cientistas percebe.

É bem verdade que os vossos sentidos físicos criam a realidade que eles percebem. Uma árvore é algo de muito diferente de um micróbio, um pássaro, um insecto e do que um homem que esteja por baixo dela. Não estou a dizer que a árvore apenas pareça ser diferente. Ela é diferente. Vocês percebem a sua realidade através de um conjunto de sentidos altamente especializados. Isso não significa que a realidade dela exista nessa

forma de modo nenhum mais básico do que existe na forma percebida pelo micróbio, inseto ou pássaro. Vocês não podem perceber a realidade bastante válida daquela árvore em nenhum outro contexto que não o vosso. Isso aplica-se a tudo quanto existe no sistema físico que vocês conhecem.

Não é que a realidade física seja falsa. É que o retrato físico é simplesmente um de entre um número infinito de maneiras de perceber os diversos aspetos pelos quais a consciência se expressa. Os sentidos físicos forçam-nos a traduzir a experiência em perceções físicas. Os sentidos internos expandem-lhes a gama da perceção, permitindo-lhes interpretar as experiências de uma forma muito mais livre e criar novas formas e novos canais pelos quais vocês ou qualquer consciência possa conhecer-se a si própria.

A consciência é, entre outras coisas, um exercício espontâneo em criatividade. Vocês estão a aprender agora, num contexto tridimensional, como a vossa existência emocional e psíquica pode criar diversidade na forma física. Vocês manipulam no âmbito psíquico, e essas manipulações são automaticamente impressas no molde físico. Ora bem, o nosso ambiente é, em si mesmo, criativo num modo diferente do vosso. O vosso ambiente é criativo por as árvores darem fruto, pelo facto de existir um princípio auto-sustentado, por a terra alimentar os seus, por exemplo. Os aspetos naturalmente criativos são a materialização das mais profundas tendências psíquicas, espirituais e físicas da raça, estabelecidas nos vossos termos há eras, e que fazem parte do banco racial de conhecimento psíquico.

Nós dotamos os elementos do nosso ambiente de uma criatividade maior ainda, que é difícil de explicar. Não temos, por exemplo, flores que cresçam. Mas a intensidade, a força psíquica condensada das nossas naturezas psicológicas, formam novas dimensões de atividade. Se pintarem um quadro no âmbito da existência tridimensional, a pintura deverá ser feita numa superfície plana, que sugerirá meramente a experiência tridimensional completa que não lhe conseguem inserir. Porém, no nosso ambiente, podíamos realmente criar os efeitos dimensionais que desejássemos. Todas essas capacidades não são exclusivamente nossas. Elas são herança vossa. Conforme verão mais à frente neste livro, vocês exercitam os vossos próprios sentidos internos e faculdades multidimensionais com uma maior frequência do que poderia parecer, em outros estados de consciência além do estado normal de vigília. Mas como o meu próprio ambiente não possui elementos físicos facilmente definidos, vocês serão capazes de lhe entender a natureza por inferência, quando eu explicar alguns tópicos que estão relacionados, mais adiante.

O vosso próprio ambiente físico parece-lhes da forma que lhes parece, por causa da vossa própria estrutura psicológica. Se vocês tivessem conseguido o vosso senso de continuidade pessoal primordialmente por meio de processos associativos e não em resultado da familiaridade do vosso movimento através do tempo, vocês experimentariam a realidade física de uma forma inteiramente diferente. Objetos do passado e do presente poderiam ser percebidos de imediato, e a sua presença justificada por meio de nexos de associação.

Digamos que o vosso pai, durante toda a sua vida, tenha oito cadeiras prediletas. Se os vossos mecanismos de perceção fossem primordialmente estabelecidos em resultado de uma associação intuitiva em vez de uma sequência temporal, então vocês perceberiam todas essas cadeiras ao mesmo tempo; ou, vendo uma, teriam consciência de todas as demais. Assim, o ambiente não é uma coisa em si mesma separada, mas o resultado de modelos percetivos, e esses são determinados pela estrutura psicológica.

Assim, se desejarem saber o aspeto que o meu ambiente tem, terão que compreender o que eu sou. E para o explicar, eu terei que falar sobre a natureza da consciência em geral. Ao fazer isso, acabarei dando-lhes muito a conhecer acerca de vós próprios. As porções internas da vossa identidade já têm consciência de muito do que lhes vou dizer. Parte do meu propósito passa por familiarizar o vosso eu egoísta com um conhecimento que já é familiar em relação a uma porção maior da vossa própria consciência, que vocês há muito ignoraram.

Vocês olham para o universo físico e interpretam a realidade de acordo com as informações recebidas pelos vossos "sentidos exteriores." Eu colocar-me-ei, figurativamente falando, na realidade física e olharei para dentro por vós, e descreverei aquelas realidades da consciência e da experiência que vocês na verdade estão demasiado encantados para poder ver. Por estarem encantados com a realidade física, e se encontrarem num transe tão profundo quanto a mulher por intermédio de quem eu escrevo este livro.

Toda a vossa atenção se acha concentrada numa forma altamente especializada, num aspeto brilhante, reluzente a que vocês chamam realidade. Existem outras realidades ao vosso redor, mas vocês ignoram-lhes a existência e bloqueiam todos os estímulos provenientes delas. Há uma razão para um transe desses, como haverão de descobrir, mas pouco a pouco vocês precisam despertar. O meu propósito é de lhes abrir os olhos internos. O meu ambiente inclui, evidentemente, aquelas outras personalidades com quem tenho contato. Dificilmente se poderá separar a comunicação, a perceção e o ambiente. Por isso, o tipo de comunicação que é exercido por mim e pelos meus companheiros, é extremamente importante em qualquer discussão que verse sobre o nosso ambiente. No próximo capítulo, espero dar-lhes uma ideia da nossa existência, do trabalho em que estamos envolvidos, da dimensão em que existimos, dos propósitos que acalentamos; e, acima de tudo, das questões que compõem a nossa experiência.

O MEU TRABALHO E AS DIMENSÕES DE REALIDADE

A QUE ELE ME CONDUZ

CAPÍTULO 3

Bom, eu tenho amigos do mesmo modo que vós, embora os amigos que eu tenho tenham uma duração mais longa. Vocês precisam entender que nós experimentamos a nossa própria realidade de um modo muito diferente do vosso. Estamos cientes do que vocês chamariam aos nossos eus passados, às personalidades que adotamos em diversas outras existências. Como usamos telepatia, conseguimos esconder pouca coisa uns dos outros, ainda que o desejássemos. Tenho certeza de que isso lhes parecerá uma invasão de privacidade, mas asseguro-lhes que, mesmo agora, nenhum dos vossos pensamentos é ocultado, mas são bem do conhecimento da vossa família e amigos — e, também poderei acrescentar, infelizmente, igualmente daqueles que consideram vossos inimigos. Vocês simplesmente não têm noção desse facto.

Isso não significa que eu e os meus companheiros sejamos como um livro aberto uns para os outros. Antes pelo contrário. Existe o que podemos chamar de ética mental, boa conduta mental. Estamos muito mais cientes dos nossos próprios pensamentos do que vós. Percebemos a liberdade que temos de escolher o que pensar, e escolhemo-lo com certo discernimento e requinte.

O poder do nosso pensamento tornou-se-nos objetivo por causa de tentativas e erros de outras existências. Descobrimos que ninguém consegue escapar à vasta criatividade das imagens mentais nem das emoções. O que não significa que não tenhamos espontaneidade, ou que precisemos decidir, com ansiedade e preocupação entre um pensamento e outro, pensando que talvez um possa ser negativo ou destrutivo. Nos vossos termos, já deixamos isso para trás.

Contudo, a nossa estrutura psicológica implica em que podemos comunicar por muito mais formas do que aquelas com que vocês estão familiarizados. Façamos de conta, por exemplo, que vocês encontrem um amigo de infância a quem haviam esquecido. Bem, vocês podem ter pouco em comum. Contudo, podem passar uma bela tarde a conversar sobre antigos professores e colegas, e estabelecer uma certa relação.

Assim, quando eu "encontro" outro, posso relacionar-me muito melhor com base na experiência de uma vida passada, muito embora na minha atualidade tenhamos pouco em comum. Podemos ter-nos conhecido, por exemplo, como pessoas completamente diferentes

no século catorze, e podemos comunicar de forma muito agradável e falar dessas experiências, assim como vocês e o vosso hipotético amigo de infância estabelecem uma ligação baseada em lembranças do passado. Contudo, estaremos bastante cientes de sermos nós próprios — personalidades multidimensionais que partilharam um ambiente mais ou menos comum num nível da nossa existência. Como vocês vão ver, esta analogia é um tanto simples e servirá apenas por agora, porque o passado, o presente e o futuro realmente não existem nesses termos. Todavia, as nossas experiências não englobam as divisões de tempo com que estão familiarizados. Nós temos muito mais amigos e associados do que vós, simplesmente porque termos consciência de relações diversificadas no que por ora chamaremos de encarnações "passadas."

Dispomos, pois, de mais conhecimento, por assim dizer. Não há período de tempo que vocês possam mencionar (nos vossos termos) no qual alguns de nós não tenham estado, e não carregue na nossa memória a indelével experiência adquirida nesse contexto particular.

Não sentimos necessidade de ocultar dos outros as nossas emoções ou pensamentos, por todos nós, agora, reconhecermos perfeitamente bem a natureza cooperativa de toda consciência e realidade, assim como a parte que desempenhamos nela. Somos altamente motivados; poderiam os espíritos ser alguma outra coisa?

("Acho que não.")

O facto de termos à nossa disposição o pleno uso da nossa energia, não quer dizer que a desviemos para a criação de conflitos. Nós não a desperdiçamos, mas utilizámo-la para aqueles propósitos únicos e individuais que são uma parte básica da nossa experiência psicológica.

Bem, cada personalidade completa, ou multidimensional, tem os seus propósitos, as suas missões e empreendimentos criativos, que são parte inicial e básica de si próprio e que determinam as qualidades que a tornam válida eternamente e que a levam a empenhar-se numa busca eterna. Estamos finalmente livres para utilizar a nossa energia nesses sentidos. Enfrentamos muitos desafios de natureza bastante significativa, e compreendemos que os nossos propósitos não são apenas importantes em si mesmos, mas que também o são pelas surpreendentes ramificações que desenvolvemos nos nossos esforços por os desenvolvermos. Ao trabalharmos pelos nossos propósitos, compreendemos que desbravamos caminhos que poderão igualmente ser utilizados por outros. Também suspeitamos — e certamente que eu suspeito — de que os próprios propósitos terão resultados surpreendentes, consequências incríveis que jamais imaginamos, e que eles simplesmente irão levar a novos caminhos. A compreensão disso ajuda-nos a manter o nosso sentido de humor.

Quando alguém nasce e morre diversas vezes, a contar com a extinção a cada episódio de morte, e quando essa experiência é seguida pela compreensão de que a existência continua, adquire uma perceção da comédia divina. Estamos a começar a apreender a alegria criativa

inerente à diversão. Eu creio, por exemplo, que toda criatividade e toda consciência nasce da diversão ao contrário do trabalho, da espontaneidade intuitiva acelerada que eu vejo como uma constante em todas as existências que tive e na experiência daqueles que conheço. Comunico, por exemplo, com a vossa dimensão não desejando estar no vosso nível de realidade, mas imaginando-me nele. Todas as mortes por que passei teriam sido aventuras se eu tivesse percebido aquilo de que agora tenho consciência. Por um lado, vocês levam a vida demasiadamente a sério, e por outro, não levam a existência descontraída suficientemente a sério.

Desfrutamos de um sentido de diversão que é muito espontâneo, mas que, creio eu, vocês chamariam de diversão responsável. Certamente que se trata de uma diversão criativa. Nós brincamos, por exemplo, com a mobilidade da nossa consciência, vendo com até que ponto a podemos enviar. Surpreendemo-nos constantemente com os produtos da nossa própria consciência, nas dimensões de realidade através das quais podemos brincar ao 'jogo da macaca'. Pode parecer que usemos a nossa consciência de forma negligente nessas brincadeiras, contudo uma vez mais os caminhos que abrimos continuam a existir e podem ser usados por outros. Deixamos mensagens para qualquer um que apareça: indicadores de caminhos mentais.

(A Jane saiu do transe com facilidade. Ela transmitira o material com regularidade, sem longas pausas, num tom de voz normal. Ficou muito surpreendida, entretanto, ao saber que se passara uma hora. Jane não recebeu imagens nem visões de que se lembrasse, enquanto ditava o material.)

Podemos, pois, sentir-nos muito motivados e ainda assim empregar e compreender o uso criativo da diversão, tanto como método de alcance dos nossos objetivos e propósitos, como um esforço surpreendente e criativo em si mesmo.

Bem, no meu trabalho como professor, percorro muitas dimensões de existência, tal como um palestrante itinerante poderia dar palestras em vários estados ou países. A semelhança, porém, fica-se em larga medida por aqui, uma vez que antes de iniciar o trabalho, eu preciso estabelecer estruturas psicológicas preliminares e procurar conhecer os meus alunos antes de poder começar a ensinar. Preciso ter um conhecimento perfeito do sistema de realidade particular no qual o meu aluno atua, do seu sistema de pensamento, dos símbolos que lhe são significativos. Preciso aferir corretamente a estabilidade da personalidade do aluno mim. As necessidades dessa personalidade não podem ser ignoradas, mas precisam ser levadas em consideração. O aluno precisa ser incentivado, mas não excessivamente expandido durante o processo. O meu material deve ser apresentado de tal forma que faça sentido no contexto no qual o aluno compreende a realidade, particularmente nos estágios iniciais. Preciso ter um imenso cuidado, antes mesmo que um aprendizado sério tenha início, para que todos os níveis da personalidade se desenvolvam num ritmo mais ou menos constante.

Muitas vezes, o material que eu apresento será inicialmente dado sem qualquer sinal da

minha presença, aparentemente como uma revelação surpreendente. Pois independentemente do cuidado que eu tenha em apresentá-lo, está fadado a mudar ideias antigas profundamente arraigadas na personalidade do aluno. O que eu digo é uma coisa, mas o aluno, naturalmente, é impelido para um comportamento e uma experiência psicológica e psíquica que lhe pode parecer muito estranha ao nível consciente.

Os problemas variam de acordo com o sistema no qual o meu aluno tem a sua existência. No vosso sistema, por exemplo, e em relação à mulher por intermédio de quem eu agora escrevo este livro, o contato inicial foi estabelecido muito antes do começo das nossas sessões. *(NT: Por uma experiência de expansão de consciência que ela publicou em The Physical Universe as Idea Construction, provocada pelo espírito Seth.)*

A personalidade jamais teve consciência do encontro inicial. Ela simplesmente experienciou novas ideias, de modo súbito, e como é poetisa, essas ideias pareceram-lhe inspirações poéticas. Certa vez, alguns anos atrás, num congresso de escritores, ela envolveu-se em circunstâncias que poderiam tê-la levado a um desenvolvimento psíquico prematuro. O ambiente psicológico dos envolvidos, naquela época, despoletou as condições e, sem perceber o que estava a acontecer, a nossa amiga (Jane) caiu num transe.

(Longa pausa às 23h01. Em 1957, depois de vender as suas primeiras histórias, Jane foi convidada para um congresso de escritores de ficção científica em Milford, na Pensilvânia. Eu não pude comparecer por causa do meu próprio trabalho, mas Jane foi com Cyril Kornbluth [agora falecido], um amigo e escritor muito conhecido que morava perto de nós, em Sayre, Pensilvânia.

(Jane entrou em transe uma noite durante um debate. A partir desse episódio — que não compreendemos ter sido um transe senão anos mais tarde — formou-se um grupo de escritores, Jane entre eles, que se denominaram "Os Cinco." Longas cartas foram trocadas entre os membros de Os Cinco, num sistema "Round Robin" (NT: Com assinaturas em forma de círculo.) Os outros quatro membros do grupo eram muito mais conhecidos do que a Jane.)

Eu tinha conhecimento dos seus dons paranormais desde a sua infância, mas os insights ou ideias necessárias foram canalizados através da poesia, até que a sua personalidade atingisse a experiência necessária neste caso em particular. No episódio narrado, fui informado e providenciei para que o episódio terminasse por aí e não fosse prosseguido. Contudo, dificilmente se tratou de uma atuação acidental. Quase sem o saber, a personalidade decidiu testar as suas asas, falando em sentido figurado. Como parte do meu trabalho, contudo, venho treinando a jovem, de um modo ou de outro, desde a sua infância – e tudo isso como preâmbulo do trabalho sério que teve início com as nossas sessões.

Essa é parte normal da minha atividade em muitos níveis de existência. É um trabalho muito diversificado, pois as estruturas de personalidade variam. Conquanto nos sistemas em que trabalho existam certas semelhanças básicas, em algumas dimensões eu não estou

equipado para ser instrutor, simplesmente porque os conceitos básicos de experiência serem estranhos à minha natureza, e os próprios processos de aprendizado não se enquadram na minha experiência.

Ora bem: As ideias que vocês fazem do espaço são muito incorretas. Assim, nos contatos que eu estabeleço com a vossa esfera de atividade, não penetro no vosso domínio físico voando rapidamente por céus dourados luminosos, como algum super-homem espiritual. Tratarei disso num outro capítulo, mas de modo muito real.

O espaço, conforme vocês o percebem, simplesmente não existe. A ilusão de espaço não é provocada apenas pelos vossos próprios mecanismos físicos da perceção, mas também por padrões mentais que vocês acataram — padrões que são adotados pela consciência quando ela atinge um certo estágio de "evolução" no âmbito do vosso sistema.

Quando vocês chegam, ou emergem na vida física, a vossa mente não é como uma lousa em branco, à espera do que a experiência venha a escrever nela, mas vocês já vêm equipados com um banco de memória que sobrepuja o de qualquer computador. Enfrentam o vosso primeiro dia no planeta com habilidades já integradas, embora elas possam ou não ser usadas; e elas não são simplesmente resultado de hereditariedade, como vocês a encaram. Podem conceber a vossa alma ou entidade — embora apenas brevemente e para fins desta analogia — como um computador consciente e vivo, divinamente inspirado, que programa as suas próprias existências e vidas. Esse computador, porém, é de tal modo dotado de criatividade, que cada uma das diversas personalidades que ele programa aflora como consciência e canto, e, por sua vez, cria realidades com as quais o próprio computador talvez jamais tinha sonhado.

Entretanto, cada uma dessas personalidades, traz embutida a ideia da realidade em que irá atuar, e o seu equipamento mental é altamente talhado para enfrentar ambientes muito específicos. Goza de total liberdade, mas precisa atuar dentro do contexto de existência para o qual foi programada. Contudo, no íntimo da personalidade, nos recessos mais secretos, acha-se o conhecimento condensado que existe no computador como um todo. Devo salientar que não estou a dizer que a alma ou entidade seja um computador, mas estou apenas a pedir-lhes que examinem a questão a essa luz, para podermos esclarecer vários aspetos. Cada personalidade possui dentro de si a capacidade não só de viver um novo tipo de existência no ambiente ou meio — no vosso caso, na realidade física — como também de acrescentar criatividade à qualidade da sua própria consciência, e ao fazer isso, abrir o seu caminho através do sistema específico, rompendo com as barreiras da realidade como ela a conhece.

Ora, existe um propósito em tudo isto que também será discutido mais tarde. Eu menciono este assunto aqui, entretanto, porque desejo que vocês vejam que o vosso ambiente ou contexto não é real nos termos que imaginam. Assim, quando vocês nascem, já estão "condicionados" para perceber a realidade de uma certa forma e interpretar a

experiência num âmbito muito limitado, mas intenso. Preciso explicar isto para poder dar-lhes uma ideia clara de ambiente ou contexto em que me encontro, ou dos outros sistemas de realidade nos quais atuo. Não existe espaço entre o meu ambiente e o vosso, por exemplo, nem nenhuma fronteira física que nos separe. Falando de um modo muito real, o conceito que fazem da realidade, conforme visto através dos vossos sentidos físicos, de instrumentos científicos, ou aferido pela dedução, possui pouca semelhança com os factos — e os factos são difíceis de explicar.

Os vossos sistemas planetários existem ao mesmo tempo, simultaneamente, tanto no tempo como no espaço. O universo que vocês parecem perceber, seja visualmente ou por meio de instrumentos, parece ser composto de galáxias, estrelas e planetas, a várias distâncias de vós. Basicamente, todavia, isso é uma ilusão. Os vossos sentidos e a vossa própria existência de criaturas físicas programam-nos para perceber o universo dessa forma. O universo, conforme vocês o conhecem, é a interpretação que vocês fazem de acontecimentos que penetram na vossa realidade tridimensional. Esses eventos são mentais. Isso não significa que vocês não possam viajar até outros planetas, por exemplo, dentro desse universo físico, tanto quanto não significa que não possam usar a mesa para colocar livros, copos e laranjas, embora a mesa não possua qualidades sólidas próprias.

Quando eu entro no vosso sistema, movo-me através de uma série de eventos mentais e psíquicos. Vocês interpretariam esses eventos como espaço e tempo, e assim, com frequência eu preciso usar esses termos, pois devo usar a vossa linguagem em vez da minha.

Suposições básicas são as ideias incutidas da realidade que eu mencionei — aqueles acordos sobre os quais vocês baseiam as vossas ideias de existência. Espaço e tempo, por exemplo, são suposições básicas. Cada sistema de realidade tem o seu próprio conjunto de acordos desses. Quando comunico dentro do vosso sistema, preciso usar e compreender as suposições básicas desse sistema. Enquanto instrutor, faz parte de meu trabalho compreendê-las e usá-las, e eu tive existências em muitos desses sistemas, como parte do que vocês podem chamar de treino básico, embora, nos vossos termos, os meus companheiros e eu tenhamos outros nomes para elas.

(A Jane saiu do transe quase que de imediato. "Sinto-me como alguém daquele programa de TV," disse ela, referindo-se a um programa muito popular de ficção científica a que assistíramos mais cedo. Ela tentou descrever uma imagem que recebera pouco antes de Seth começar a falar, embora afirmasse que realmente não podia traduzi-la por palavras: "Eu vi. . . um campo de algo como estrelas. Uma ideia era projetada lá por nós, de encontro a esse campo, de modo que ele parecia explodir. Entretanto, na verdade, a ideia está justamente nela," disse, indicando com a cabeça as mãos em concha, que ela tinha mesmo abaixo do queixo.

(Durante o intervalo, Jane recebeu uma mensagem breve, mas clara, de Seth: Devemos virar a cabeceira de nossa cama, de modo a apontar para o norte em vez de para o oeste, como agora.)

A entidade, ou alma, possui uma natureza muito mais criativa e complicada do que jamais o imaginaram até mesmo as vossas religiões. Ela utiliza inúmeros métodos de perceção, e tem às suas ordens muitos outros tipos de consciência. A ideia que concebem da alma é, na verdade, limitada por conceitos tridimensionais. A alma pode mudar o enfoque da sua consciência, e usar a consciência como vocês utilizam os olhos na vossa cabeça. Bem, no meu nível de existência, eu simplesmente estou a par do facto, por mais estranho que possa parecer, de que não sou a minha consciência. A minha consciência é um atributo a ser usado por mim. Isto aplica-se a cada um dos leitores deste livro, embora esse conhecimento possa estar oculto. A alma ou entidade, pois, é mais do que consciência.

Assim, quando entro no vosso meio, volto minha consciência na vossa direção. De certa forma, traduzo o que sou por um acontecimento que vocês, até certo ponto, possam compreender. De um modo muito mais limitado, qualquer artista faz a mesma coisa quando projeta aquilo que é, ou uma porção de si, num quadro. Isto é, pelo menos, uma analogia sugestiva. Quando entro no vosso sistema, penetro na realidade tridimensional, e vocês precisam interpretar o que acontece à luz das vossas próprias suposições básicas. Bem, percebam-no ou não, cada um de vocês penetra em outros sistemas de realidade durante os vossos sonhos, sem a plena participação do vosso eu normalmente consciente. Numa experiência subjetiva, deixam para trás a existência física e agem, por vezes, com fortes propósitos e criatividade no âmbito de sonhos de que vocês se esquecem assim que despertam.

Quando pensam no propósito da vossa existência, pensam em termos da vida do dia-a-dia, quando estão despertos; mas vocês também trabalham o vosso propósito nessas outras dimensões oníricas, e entram, pois, em comunicação com outras porções da vossa própria entidade, e empenham-se em trabalhos tão válidos quanto os que fazem quando estão acordados.

Quando eu contato a vossa realidade, pois, é como se eu estivesse a entrar num dos vossos sonhos. Posso ter consciência de mim próprio enquanto dito este livro através de Jane Roberts, e ainda ter consciência de mim próprio no meu próprio âmbito; pois envio apenas uma porção da minha consciência para aqui, tal como vocês talvez enviam uma porção da vossa consciência ao escrever uma carta a um amigo, e continuam cientes, entretanto, do aposento em que se encontram. Eu envio muito mais do que vocês enviam numa carta, pois uma porção de minha consciência encontra-se dentro da mulher que está em transe enquanto eu dito; mas a analogia aproxima-se bastante.

O ambiente em que me encontro, conforme mencionei antes, não é o de uma personalidade recentemente falecida (nos vossos termos), mas mais adiante descreverei o que vocês podem esperar nessas condições. Uma grande diferença entre o vosso ambiente e o meu é que vocês precisam materializar fisicamente atos mentais como matéria física. Nós compreendemos a realidade dos atos mentais e reconhecemos a sua brilhante validade.

Aceitamo-los pelo que eles são, e, portanto, estamos além da necessidade de os materializar e interpretar de uma forma tão rígida.

A vossa terra foi muito querida para mim. Agora posso voltar para ela o enfoque da minha consciência e, se desejar, experimentá-la como vocês; mas também posso percebê-la em muitos aspetos que vocês não podem no vosso tempo.

Bem, alguns dos meus leitores compreenderão imediata e intuitivamente o que estou a dizer, pois já suspeitaram de estar a enxergar as experiências através de lentes figurativas bastante distorcidas, embora coloridas. Lembrem-se igualmente de que a realidade física é, no sentido mais vasto, uma ilusão, uma ilusão causada por uma realidade maior. A ilusão em si possui um propósito e um significado.

(A Jane saiu de novo velozmente do transe, contudo não conseguia recordar-se de nenhum do material. Sem esperar qualquer resposta esta noite, fiz uma pergunta que pensei que a Jane poderia querer considerar se e quando escrevesse uma introdução para este livro Poderia ela ditar todo o livro, digamos, no espaço de um mês de sessões diárias, ou necessitaria de um certo volume de vida e experiência diária, que se estendesse por meses, porventura, a fim de permitir que o livro fosse ditado?)

Talvez seja melhor dizer que a realidade física é uma forma que a realidade adota. Contudo, nos vossos termos, vocês estão focados com muito mais intensidade num aspeto relativamente pequeno da experiência.

Nós podemos viajar livremente por uma quantidade variada dessas realidades. A nossa experiência, nesta fase, inclui trabalho em cada uma delas. Não quero minimizar a importância das vossas personalidades atuais, nem da existência física. Antes pelo contrário. A experiência tridimensional é um lugar de treino inestimável. A vossa personalidade, como vocês a concebem, realmente irá perdurar — e com as suas lembranças — mas ela é apenas uma parte da vossa identidade total, assim como a vossa infância, nesta vida, é uma parte extremamente importante da vossa personalidade atual, embora agora vocês sejam muito mais do que uma criança.

Vocês continuarão a crescer e a desenvolver-se, e a tornar-se conscientes de outras ambiências, tal como deixaram a vossa casa de infância. Mas esses ambientes ou meios não são coisas objetivas, conglomerados de objetos que existam independentemente de vós. Em vez disso vocês formam-nos, e eles são, muito literalmente, extensões de vós, atos mentais materializados, que se estendem a partir da vossa consciência. Vou dizer-lhes exatamente como formam o vosso ambiente. Eu formo o meu seguindo as mesmas regras, embora vocês acabem com objetos físicos, e eu não.

Ora bem, quanto à pergunta que lançaste: O livro podia ser redigido numa série de noites consecutivas, assim como pelo método presente. É sempre deixada uma certa margem de

manobra à espontaneidade e à surpresa, pelo que qualquer coisa na vossa experiência pode ser usado como exemplo ou questão em torno da qual posso gerar um debate, o que já tinha intensão de fazer em qualquer dos casos. Sugiro somente que a Jane tente dispor a cama desse modo durante uma semana e logo ver o que sucede.

(Certo. O nosso quarto é muito pequeno e torna-se-nos difícil dispor a cama norte-sul; além disso, a Jane não poderá ver pela janela única existente. Acabamos por não mudar a posição da cama conforme o Seth sugerira.)

(A Jane disse, ao sair do transe, que tinha uma sensação engraçada. "Senti que não tinha passado muito tempo desde que o Seth tinha iniciado o livro. Mas subjetivamente creio encerrar um vasto volume de informação até agora - que de algum modo estou a expressar um volume acumulado, ou uma riqueza, de experiência. Talvez eu esteja à procura de alguma expressão absurda como riqueza condensada. . ." Então fez uso da analogia de uma biblioteca a fim de sugerir que obtinha a informação de 'uma biblioteca situada algures.')

Os vossos cientistas estão finalmente a discernir o que os filósofos conheceram durante séculos: que a mente pode influenciar a matéria. Eles ainda precisam descobrir o facto de que a mente cria e forma a matéria.

Bem, o vosso ambiente mais próximo, fisicamente falando, é o vosso corpo. Não é como um manequim no qual vocês se encontram aprisionados, que exista separado de vós, como um molde. O vosso corpo não é belo nem feio, saudável nem deformado, veloz nem lento simplesmente porque esse ser o tipo de corpo que lhes coube, de modo indiscriminado, por ocasião do vosso nascimento. Não, a vossa forma física, o vosso ambiente pessoal corpóreo, é a materialização física dos vossos próprios pensamentos, emoções e interpretações. De forma bastante literal, o "eu interior" forma o corpo, transformando, de maneira mágica, pensamentos e emoções em correspondentes físicas. Vocês criam o corpo. A vossa condição espelha perfeitamente o vosso estado subjetivo num determinado momento. Usando átomos e moléculas, vocês constroem o vosso corpo, moldando elementos básicos numa forma que chamam de vossa.

Vocês têm consciência intuitiva de que formam a vossa imagem e de que são independentes dela. Não percebem que criam o vosso ambiente mais vasto e o mundo físico conforme o conhecem, induzindo os vossos pensamentos e emoções a formar a matéria: uma erupção na vida tridimensional. Individual e coletivamente, o eu interior emite, pois, a sua energia psíquica, e forma tentáculos que se aglutinam na forma.

As emoções e os pensamentos possuem a sua própria realidade eletromagnética, inteiramente única. Acha-se altamente equipada para se combinar com outros, de acordo com os diversos graus de intensidade que vocês possam abranger. Podemos dizer que os objetos tridimensionais são formados, até certo ponto, da mesma forma que as imagens que vocês veem na tela da televisão, só que com uma grande diferença. <u>E se vocês não</u>

estiverem sintonizados com essa frequência particular, não perceberão os objetos físicos em absoluto.

(A falar pelo Seth, Jane curvou-se para a frente para dar ênfase ao que dizia. A transmissão estava um pouco diferente esta noite. Achei que era uma reação ao nosso próprio ambiente. Ouvíamos ruídos acima e abaixo de nós. Jane transmitia uma frase e depois fazia uma pausa mais longa do que o usual, de modo que o seu ritmo habitual não estava a ser seguido.)

Cada um de vocês age como um transformador, ao transformarem, inconscientemente e de modo automático as unidades eletromagnéticas, altamente sofisticadas, em objetos físicos. Vocês estão no meio de um "sistema concentrado de matéria," cercados, por assim dizer, de áreas mais fracas nas quais persiste o que vocês chamariam de "pseudomatéria." Cada pensamento e cada emoção existe espontaneamente como uma unidade eletromagnética simples ou complexa — que curiosamente ainda não foi percebida pelos vossos cientistas. A intensidade determina tanto a força quanto a permanência da imagem física na qual o pensamento ou a emoção irá materializar-se. No meu próprio material explico isso em profundidade. Aqui, simplesmente desejo que vocês compreendam que o mundo que conhecem é o reflexo de uma realidade interior.

Vocês, basicamente, são feitos dos mesmos ingredientes que uma cadeira, uma pedra, um pé de alface, um pássaro. Num esforço cooperativo gigantesco, toda a consciência se une para compor as formas que vocês percebem. Agora, por termos conhecimento disso, podemos mudar os nossos ambientes e as nossas próprias formas físicas conforme desejarmos, e sem confusão, por percebermos a realidade subjacente.

Também compreendemos que a permanência da forma é uma ilusão, pois toda consciência precisa permanecer num estado de mudança. Nós podemos estar (nos vossos termos) em vários lugares ao mesmo tempo, por compreendermos a verdadeira mobilidade da consciência. Ora, sempre que vocês pensam emocionalmente noutra pessoa, emanam uma parte correspondente de vós próprios, por debaixo da intensidade da matéria, mas ainda assim, uma forma definida. Ao se projetar a partir da vossa própria consciência, essa forma escapa completamente à vossa atenção do ego. Quando eu penso emocionalmente noutra pessoa, faço a mesma coisa, só que uma porção de minha consciência se situa dentro da imagem e pode comunicar.

Os ambientes são, fundamentalmente, criações mentais da consciência, emanadas em muitas formas. Eu, por exemplo, tenho um estúdio do século catorze, o meu predileto, que me agrada muito. Nos vossos termos físicos, ele não existe, e eu sei muito bem que é uma produção mental minha. Contudo, gosto dele, e muitas vezes adoto uma forma física a fim de me sentar à minha escrivaninha e contemplar a paisagem campestre pela janela. Bem, vocês fazem a mesma coisa na vossa sala de visitas, só que não percebem o que estão a fazer; e atualmente estão um pouco restringidos. Quando os meus companheiros e eu nos

reunimos, geralmente traduzimos as ideias uns dos outros em várias figuras e formas, só pelo puro prazer de praticar. Temos o que vocês poderiam chamar um jogo, que exige alguma perícia, onde, para nossa própria diversão, vemos qual de nós consegue traduzir uma determinada ideia no maior número de formas. Existem tantas qualidades subtis que afetam a natureza de todo pensamento, tais graduações emocionais, que nenhum pensamento jamais se mostra idêntico a outro — e, por falar nisso, nenhum objeto físico no vosso sistema constitui uma réplica exata de nenhum outro. Os átomos e as moléculas que o compõem — qualquer objeto — têm as suas próprias identidades, que tingem e capacitam qualquer objeto formado por eles.

Vocês aceitam, percebem e focam-se em continuidades e similitudes do mesmo modo que percebem objetos físicos de qualquer tipo, e de uma forma bastante significativa, ignoram as diferenças de um determinado campo de atividade. São, pois, bastante criteriosos, ao aceitarem certas qualidades e ignorar outras. Os vossos corpos não mudam completamente apenas a cada sete anos, por exemplo. Eles mudam constantemente a cada fôlego. Na carne, átomos e moléculas fenecem constantemente e são substituídos. As hormonas estão em contínuo movimento e alteração. As propriedades eletromagnéticas da pele e das células pulam e sofrem mudanças súbitas, e invertem-se até mesmo. A matéria física que compunha o vosso corpo um momento atrás é diferente em aspetos significativos, da matéria que forma o vosso corpo neste instante.

Se percebessem a mudança constante que se verifica no vosso corpo, com a mesma persistência com que observam a sua natureza aparentemente permanente, ficariam admirados de jamais terem considerado o corpo como uma entidade mais ou menos constante, mais ou menos coesiva. Mesmo de uma forma subjetiva, vocês concentram-se e com efeito constroem a ideia de um eu consciente, relativamente estável, relativamente permanente. Realçam as ideias, pensamentos e atitudes que recordam de experiências "passadas" como sendo vossas, e ignoram completamente as que certa vez foram "característicos" e agora se desvaneceram — e ignoram igualmente o facto de que vocês não podem conservar os pensamentos. A ideia de um momento atrás (segundo os vossos termos) dissipou-se.

Vocês tentam manter um eu físico e subjetivo constante e relativamente permanente, a fim de manter um ambiente relativamente constante e relativamente permanente. Assim, estão sempre a ignorar essas mudanças. Aquelas que vocês se recusam a reconhecer, são precisamente as que lhes dariam uma compreensão muito melhor da verdadeira natureza da realidade, da subjetividade individual e do ambiente físico que parece cercá-los.

O que acontece a um pensamento quando ele deixa a vossa mente consciente? Ele não desaparece simplesmente. Vocês podem aprender a acompanhá-lo, mas em geral têm medo de desviar a atenção de concentração intensa que estabelecem na existência tridimensional. Por isso, parece que o pensamento desaparece. Parece igualmente que a vossa subjetividade possui uma qualidade desconhecida e misteriosa, e que até a vossa vida

mental tem um aspeto de queda insidioso, um despenhadeiro subjetivo pelo qual os pensamentos e as lembranças despencam, e desaparecem no nada. Portanto, para se protegerem, para evitar que a vossa subjetividade seja levada pela correnteza, vocês erguem diversas barreiras psicológicas onde supõem estarem os aspetos perigosos. Em vez disso, poderiam seguir esses pensamentos e emoções, simplesmente pela perceção de que a vossa própria realidade continua noutra direção, diferente daquela com que vocês se identificam desde logo. Pois aqueles pensamentos e emoções que deixaram a vossa mente consciente, conduzi-los-ão para outros ambientes.

Essas aberturas subjetivas através das quais os pensamentos parecem desaparecer, são, na verdade, como que teias psíquicas, que relacionam o eu que vocês conhecem com outros universos de experiência — realidades onde símbolos ganham vida, e aos pensamentos não é negado o seu potencial.

Existe comunicação entre essas outras realidades e a vossa própria durante os sonhos, e uma interação constante entre ambos os sistemas. Se existir um ponto onde pareça que a vossa própria consciência os iluda ou lhes escape, ou se existir qualquer ponto onde a vossa consciência pareça terminar, então esses serão os pontos onde vós próprios terão erguido barreiras psicológicas e psíquicas, sendo essas as áreas precisamente as que vocês deveriam explorar. De outra forma, vocês sentem-se como se a vossa consciência estivesse fechada dentro da vossa cabeça, imóvel e comprimida, e todo pensamento perdido ou lembrança esquecida se assemelhe, pelo menos simbolicamente, a uma pequena morte. E tal não é o caso.

DRAMAS ASSOCIADOS À REENCARNAÇÃO

Capítulo 4

SESSÃO 521

Bom, boa noite. *("Boa noite, Seth.")*

O vosso próprio ambiente inclui muito mais do que vocês possam ter suposto. Anteriormente referi-me ao vosso ambiente nos termos da existência e dos ambientes circunvizinhos com que estão atualmente ligados. Na verdade, vocês têm muito pouca consciência do vosso contexto ou ambiente mais amplo. Considerem o vosso eu atual como um ator numa peça; o que dificilmente representará uma analogia nova, mas uma que se adequa. A cena situa-se no Século Vinte. Vocês criam os acessórios, os cenários, os temas; na verdade, escrevem, produzem e representam o espetáculo inteiro — vocês e todos os outros participantes. Contudo, acham-se de tal modo concentrados nos vossos papéis, de tal modo encantados com os problemas, os desafios, as esperanças e as tristezas dos vossos papéis, que esqueceram de que eles são uma criação vossa.

Essa peça dramática e intensamente comovente, com todas as suas alegrias e tragédias, pode ser comparada à vossa vida presente, ao vosso ambiente atual, tanto individualmente como em massa. Contudo, existem outras peças, que decorrem em simultâneo, nas quais vocês também desempenham um papel. Elas têm o seu próprio cenário e os seus próprios adereços. Desenrolam-se em diferentes períodos do tempo. Uma poderá ser chamada de "Vida no Século Doze d.C." Outra, "Vida no Século Dezoito," ou "em 500 a.C.," ou "em 3000 d.C." Vocês também criam essas peças dramáticas e atuam nelas. Esses cenários também representam o vosso ambiente, o ambiente que cerca toda a vossa personalidade.

Contudo, refiro-me à porção do vosso ser que toma parte nessa peça particular; e essa porção específica da vossa personalidade inteira encontra-se tão concentrada neste drama, que vocês não têm consciência dos outros dramas em que também desempenham um papel. Vocês não entendem a vossa própria realidade multidimensional; por conseguinte quando digo que vocês vivem muitas existências ao mesmo tempo, isso soa-lhes estranho ou mesmo inacreditável. Já se lhes torna difícil imaginar situar-se em dois lugares ao mesmo tempo, quanto mais em duas ou mais épocas ou séculos.

Bom, para simplificar, o tempo não é formado por uma série de momentos. As palavras que vocês pronunciam, os atos que realizam, parecem ter lugar *no* tempo, da mesma forma que uma cadeira ou uma mesa parecem ocupar espaço. Essas aparências, contudo, são uma parte dos complicados adereços que vocês definiram "antecipadamente," que no âmbito da peça precisam aceitar como reais.

Quatro horas da tarde é uma referência muito conveniente. Vocês podem dizer a um amigo: "Vamos encontrar-nos às quatro horas na esquina," ou em um restaurante, para tomarem uma bebida, para conversarem ou tomarem uma refeição, e o vosso amigo saberá exatamente onde e quando encontrá-los. Isso sucederá a despeito do facto de *"quatro horas da tarde"* não ter qualquer significado básico, mas ser uma designação definida por acordo — um acordo de cavalheiros, se preferirem. Se vocês forem ao teatro às nove horas da noite, mas o enredo da peça se passar de manhã e os atores aparecerem a tomar o café da manhã, vocês aceitarão o horário estabelecido pela peça teatral, fingindo que é de manhã.

Cada um de vocês acha-se agora envolvido numa produção muito maior, em que todos concordam com certas suposições básicas que servem como âmbito de tal peça. As suposições são a de que o tempo seja uma sequência de momentos, um atrás do outro; a de que um mundo subjetivo exista de forma totalmente independente da própria criação e perceção que têm dele; de que vocês se encontram presos nos corpos físicos que envergaram; e de que se veem limitados pelo tempo e pelo espaço.

Outras suposições, aceitas pela mesma razão, incluem a ideia de que toda a perceção lhes chega através de vossos sentidos físicos; por outras palavras: que toda a informação lhes chega de fora, e que nenhuma informação pode vir de dentro. Por conseguinte, vocês veem-se forçados a concentrar-se intensamente nas ações da peça. Agora, essas diversas peças,

esses fragmentos criativos de períodos, representam o que vocês chamariam de reencarnações.

Todas elas existem, basicamente, ao mesmo tempo. Os que ainda se encontram envolvidos nesses seminários tipo "Dramas da Paixão" altamente complicados, chamados *reencarnações*, acham difícil enxergar além deles. Alguns, que estão como que a descansar entre diferentes produções, por assim dizer, tentam comunicar com aqueles que ainda estão a tomar parte; mas eles próprios encontram-se simplesmente nos bastidores, digamos assim, e conseguem enxergar somente até determinada distância.

As peças parecem decorrer uma atrás da outra, pelo que essas comunicações parecem intensificar a falsa ideia de que o tempo seja uma sequência de momentos, que passe pela linha única que vai de algum ponto inicial inconcebível até um final igualmente inconcebível.

Isto leva-os a pensar em termos de um progresso muito limitado, tanto em termos individuais como nos termos da vossa espécie no seu todo. Aqueles de vós que chegam a considerar a reencarnação pensam: "Bem, com certeza que a raça deve ter progredido desde o tempo da Idade Média," embora receiem bem que isso possa não ter acontecido; ou voltam-se para o progresso tecnológico e dizem: "Pelo menos percorremos um bom percurso nessa direção."

Podem sorrir e pensar, que seja muito difícil imaginar um senador Romano a dirigir-se às multidões por meio de um microfone, por exemplo, ou os seus filhos a assistir ao seu desempenho pela televisão. Tudo isso, porém, é muito ilusório. O progresso não tem existência nos termos que vocês consideram, assim como o tempo. Em cada peça, tanto individual como coletivamente, apresentam-se problemas diferentes. O progresso pode ser aferido pelas formas particulares em que esses problemas tenham ou não sido resolvidos. Grandes avanços se deram em certos períodos. Por exemplo: surgiram grandes derivações que, do vosso ponto de vista, talvez não considerem absolutamente como progresso.

Os "bem," com que inicio uma frase, são muitas vezes deixas que lhes dirijo, e não necessitam acompanhar o texto. Bem, *(com humor e mais alto)*: Em certas peças, falando de um modo geral, os atores trabalham cada um numa porção aparentemente minúscula de um problema maior, que a própria peça deverá decidir.

Embora eu empregue aqui a analogia de um drama, essas "peças" são assuntos altamente espontâneos, no sentido de os atores disporem de liberdade total no âmbito de estrutura da peça. Mas admitindo tais suposições, não existem ensaios. Existem observadores, conforme verão mais adiante no nosso livro. Como em qualquer boa produção teatral, cada peça gira em torno de um tema geral. Os grandes artistas, por exemplo, não surgiram de um período particular simplesmente por terem nascido nele, ou por as condições serem favoráveis. *(De acordo com Seth, cada indivíduo escolhe o período e o lugar de cada "vida" no ciclo de reencarnações.)*

A peça em si envolvia o objetivo da atualização da verdade intuitiva no que vocês considerariam como forma artística, dotada de uma criatividade de resultados tão vastos e abrangentes que serviriam para despertar capacidades latentes em cada ator, e serviria de modelo de comportamento.

Períodos de renascimento — espiritual, artístico ou psíquico — dão-se por causa do intenso foco interior daqueles que se acham envolvidos no drama, que é dirigido para tais fins. O desafio pode ser diferente em cada peça, mas os grandes temas servem de faróis para toda a consciência. Eles servem de modelo.

O progresso o nada tem a ver com o tempo, mas sim com o foco psíquico e espiritual. Cada peça é totalmente diferente das outras. Não é correto, portanto, supor que os atos que cometam nesta vida sejam causados por uma existência prévia, ou que estejam a ser castigados nesta vida por crimes causados numa existência passada. As vidas são simultâneas.

A vossa própria personalidade multidimensional é de tal modo dotada que pode assumir essas experiências e ainda assim conservar a sua identidade. Ela é, naturalmente, afetada pelas várias peças em que participa. Dá-se uma comunicação instantânea e, se preferirem, um sistema instantâneo de *resposta*. Essas peças dificilmente são destituídas de propósito. Nelas, a personalidade multidimensional aprende por intermédio das próprias ações. Experimenta uma variedade infinita de posturas, padrões comportamentais e atitudes, em resultado do que muda outras.

A palavra "resultado" infere automaticamente na noção de causa e efeito — na ocorrência da causa antes do efeito, e isto é simplesmente um pequeno exemplo do vigor de tais distorções e das dificuldades que o pensamento verbal envolve, que sempre sugere um traçado de uma linha só.

Vocês são o eu multidimensional que tem essas existências, que cria e tem lugar nesses dramas passionais cósmicos, por assim dizer. Apenas por se concentrarem neste papel particular atual, é que identificam todo o vosso ser com ele. Vocês definiram tais regras para vós mesmos por uma razão. E a consciência encontra-se num estado de transformação, de modo que esse eu multidimensional de que falo não é uma estrutura psicológica já completa e acabada. Ele também se encontra num estado de vir-a-ser.

Ele está a cultivar a arte da realização e contém, dentro de si, fontes infinitas de criatividade, possibilidades ilimitadas de desenvolvimento. Mas ainda precisa cultivar os meios para se realizar, e precisa encontrar dentro de si meios para trazer à existência as inúmeras criações que tem dentro de si.

Por conseguinte, ele cria uma variedade de condições em que operar, e define desafios, alguns destinados ao fracasso, nos vossos termos, pelo menos inicialmente, por precisar criar primeiro condições onde produzir essas novas criações. E tudo isso é feito com muita espontaneidade e uma infinita alegria.

Consequentemente, vocês criam um número muito maior de ambientes do que percebem. Agora, cada ator, ao desempenhar o seu papel, ao se concentrar na sua peça, tem um roteiro interior. Ele não é, pois, abandonado na sua própria criação, numa peça de que se tenha esquecido. Possui conhecimento e informações que lhe chegam através do que designo por sentidos internos.

Ele possui outras fontes de informação, pois, para além daquelas que são dadas estritamente nos limites da produção teatral. Cada ator tem consciência instintiva disso, mas existem períodos estabelecidos e permitidos dentro da própria peça, para os quais cada ator se retira a fim de se revigorar. Nesses períodos ele é informado, por meio dos sentidos internos, dos outros papéis que tem, e compreende que é muito mais do que o eu que aparece em qualquer das peças. Nesses períodos, ele compreende que teve participação na elaboração da peça, e é libertado das suposições que o prendem enquanto se acha ativamente preocupado com as atividades do drama. Esses períodos, coincidem evidentemente com os seus estados de sono e do sonhar; mas existem igualmente outras alturas em que cada ator percebe claramente que se encontra cercado de adereços, e em que a sua visão subitamente penetra na realidade aparente da produção.

O que não significa que a peça não seja real ou que não deva ser levada a sério. Significa, o desempenho de um papel — um papel importante. Contudo, todo ator precisa compreender por si próprio, a natureza da produção e conhecer a parte que tem nela. Ele precisa atualizar-se fora dos limites tridimensionais do cenário da peça.

Existe uma enorme cooperação por trás dessas produções importantes, e ao desempenhar o seu papel, cada ator atualiza-se no âmbito da realidade tridimensional. O eu multidimensional não pode agir no âmbito da realidade tridimensional até materializar uma porção de si mesmo dentro dela.

No âmbito dessa realidade ele produz todo o tipo de criatividade e de desenvolvimento que não poderiam surgir de outra forma. Entretanto, precisa forçar-se a sair desse sistema, por meio de um outro ato, de uma outra atualização, da parte de si que é tridimensional. Durante a existência tridimensional que tem, ele terá ajudado outros em aspetos que de outro modo poderiam não ser ajudados, e ele próprio ter-se-á beneficiado e desenvolvido em aspetos que de outro modo não poderiam desenvolver-se.

Bom: O significado da peça acha-se, pois, dentro de vós. É somente a porção consciente do vosso ser que representa tão bem e que está tão firmemente concentrada nos adereços da produção. O propósito de qualquer vida específica acha-se ao vosso alcance — o conhecimento que se encontra por abaixo da superfície do eu consciente que vocês conhecem. Também têm à vossa disposição todo o tipo de indícios e de pistas.

Vocês têm o conhecimento inteiro da vossa personalidade multidimensional ao dispor e quando percebem isso, este conhecimento permite-lhes resolver os problemas ou enfrentar os desafios que estabeleceram mais rápido, nos vossos termos; e também abre áreas adicionais de criatividade com as quais toda a peça ou produção podem ser enriquecidas.

A proporção em que permitirem que as intuições e o conhecimento do eu multidimensional fluam através do vosso eu consciente, será a proporção em que não só desempenharão mais eficazmente o papel que têm na peça, como também lhe acrescentarão uma nova energia, novas perceções e uma nova criatividade a toda a sua dimensão.

Agora, parecer-lhes-á, naturalmente, que vocês sejam a única parte consciente de si mesmos, por se estarem a identificar com o ator nesta produção específica. Contudo, as outras porções da vossa personalidade multidimensional, nessas suas peças reencarnatórias, também são conscientes. Mas por serem uma consciência multidimensional, "vocês" também são conscientes nas outras realidades que se acham para além desta. A vossa personalidade multidimensional, a vossa verdadeira identidade, o eu real, é consciente de si mesmo como ele próprio, em qualquer desses papéis.

SESSÃO 522

Essas "peças de época," no geral, são dotadas de um propósito definido. Pela sua própria natureza a consciência busca materializar-se em tantas dimensões quantas possíveis – para criar novos níveis de perceção a partir de si mesma, novas ramificações. Ao fazer isso, cria toda a realidade. A realidade, por conseguinte, encontra-se num permanente estado de transformação. Os pensamentos que vocês têm, por exemplo, nos vossos papéis de ator, ainda são únicos e conduzem a uma nova criatividade. Certos aspetos de vossa própria consciência não poderiam realizar-se por nenhuma outra forma.

Quando vocês pensam na reencarnação, supõem uma série de progressões. Entretanto, as várias vidas brotam daquilo que for o vosso eu interior. Elas não lhes são impostas por intermédio de nenhum agente externo. Elas constituem o desenvolvimento material que se verifica à medida que a vossa consciência se abre e se expressa por tantas formas quantas possíveis. Não se acha restrito a uma vida tridimensional, nem restrito apenas à existência tridimensional.

A vossa consciência passa a adotar diversas formas, formas essas que não precisam ser semelhantes, tal como, digamos, uma lagarta não se assemelha a uma borboleta. A alma ou entidade tem total liberdade de expressão. Ela muda a forma que tem para se ajustar à expressão que adota, e produz ambientes semelhantes a cenários e mundos que se lhes preste aos propósitos. Cada cenário produz novos desenvolvimentos.

A alma ou entidade é composta por uma energia espiritual altamente individualizada. Ela forma o corpo que vocês atualmente adotam, e é o poder motivador que se acha por trás da vossa sobrevivência física, pois dela vocês obtêm a vossa vitalidade. A consciência jamais pode permanecer estática, mas busca sempre mais criatividade. A alma ou entidade, pois, dota a si mesma de uma realidade tridimensional, e do eu tridimensional, nas suas próprias propriedades. As capacidades da entidade encontram-se dentro do eu tridimensional. O eu tridimensional, o ator, tem acesso a essa informação e a esses potenciais. Ao aprender a usar tais potenciais, ao aprender a redescobrir a relação que tem com a entidade, o eu

tridimensional eleva ainda mais o nível da realização, da compreensão e da criatividade. O eu tridimensional torna-se mais do que aquilo que conhece.

Não só a entidade sai fortalecida, como porções dela, ao se terem atualizado na existência tridimensional, passam agora a contribuir para a própria qualidade e natureza dessa existência. Sem essa criatividade, a vida planetária, nos vossos termos sempre seria estéril. A alma ou entidade dá alento ao corpo e ao eu tridimensional dentro dele, e o eu tridimensional cuida do seu propósito que tem de abrir novas áreas de criatividade.

As entidades ou, por outras palavras, as almas, emitem porções de si mesmas a encetar vias de realidade que de outra forma talvez não existissem. Para existir nessas realidades essas entidades tridimensionais precisam concentrar nelas toda a sua atenção. Uma perceção interior fornece-lhes uma fonte de energia e de força. Contudo, precisam chegar a compreender o papel que têm de atores, "por fim" a partir desses papéis e por meio de um outro ato de compreensão, regressar à entidade.

Há quem surja plenamente consciente dentro dessas peças. Tais personalidades assumem de bom grado esses papéis, com consciência de serem papéis, a fim de levarem os outros à compreensão e ao desenvolvimento necessários. Levam os atores a enxergar além das versões de si e dos cenários que eles criaram.

Essas personalidades de outros níveis de existência, supervisionam a peça, por assim dizer, e surgem por entre os atores. O seu propósito é o de abrir, nas personalidades tridimensionais, aqueles acessos psicológicos que lhes venham a propiciar um maior desenvolvimento num outro sistema de realidade.

Bom: Vocês estão a aprender a ser cocriadores. Estão a aprender a ser deuses, conforme atualmente entendem esse termo. Estão a aprender responsabilidade — a responsabilidade de qualquer consciência individualizada. Estão a aprender a manusear a energia que são vocês próprios, com propósitos criativos.

Vocês irão ver-se ligados àqueles que amam e àqueles que odeiam, embora venham a aprender a libertar, abandonar e a dissipar o ódio. Irão aprender a usar até mesmo o ódio de uma forma criativa e a direcioná-lo para fins mais elevados, transformando-o finalmente em amor. Esclarecerei isto mais à frente.

Os cenários do vosso ambiente físico, a parafernália por vezes encantadora, os aspetos físicos da vida conforme vocês os conhecem, são todos camuflagens, e por isso eu chamo à vossa realidade física camuflagem. Contudo, essas camuflagens são compostas pela vitalidade do universo. As rochas, as pedras, as montanhas e a terra são uma camuflagem viva, teias psíquicas interligadas, formadas por minúsculas consciências que vocês não conseguem perceber como tais. Os átomos e moléculas que se acham nelas possuem a sua própria consciência, como os átomos e moléculas do vosso corpo.

Dado que todos vocês participaram na formação deste cenário físico, e dado que se acham acomodados numa forma física, então, pelo uso dos sentidos físicos só irão perceber este fantástico cenário. A realidade que existe tanto dentro como fora dele irá iludi-los. Porém, até mesmo o ator, não é completamente tridimensional. Ele faz parte de um eu multidimensional.

Dentro dele existem métodos de perceção que lhe permitem ver através dos cenários da camuflagem, ver além do palco. Ele usa constantemente esses sentidos internos, embora a parte de ator dele esteja tão concentrado na peça que isso lhe escape. De uma forma ampla, os sentidos físicos com efeito moldam a realidade física que parecem apenas perceber. Eles próprios fazem parte da camuflagem, mas são como lentes lançadas sobre as vossas perceções internas naturais que os forçam a "ver" um campo acessível de atividades como matéria física; e assim, só podem confiar neles apenas quanto ao que lhes reportar acerca do que esteja a acontecer de um modo superficial. Vocês podem, por exemplo, constatar a posição dos outros atores, ou apurar as horas pelo relógio, mas esses sentidos físicos não lhes dirão que o próprio tempo é uma camuflagem nem que a consciência forma os outros atores, ou que acima e além da matéria física tão evidente existem realidades que não conseguem ver.

Contudo, vocês podem usar os vossos sentidos interiores, perceber a realidade como ela existe, aparte da peça e do papel que têm nela. A fim de conseguirem isso, vocês precisam, momentaneamente pelo menos, evidentemente, desviar a vossa atenção da constante atividade que está a ocorrer — como que desligar os sentidos físicos — e voltar a atenção para os eventos que lhes escaparam anteriormente.

Para resumir: o efeito seria algo como trocar um par de óculos por outro, pois, porquanto basicamente, para o eu interior os sentidos físicos são tão artificiais quanto um par de óculos ou um aparelho de surdez para o eu físico. Os sentidos internos, pois, só raramente são usados de modo plenamente consciente.

Vocês ficariam, por exemplo, mais do que desorientados, mas aterrorizados se, de entre o momento atual e o seguinte, o vosso ambiente familiar, conforme o conhecem, desaparecesse e fosse substituído por outros conjuntos de informação que não estivessem preparados para compreender; por muita ser a informação dos sentidos internos que precisa ser traduzida em termos que vocês possam entender. Tal informação precisa, de algum modo, fazer sentido para vocês, enquanto seres tridimensionais que são.

O vosso conjunto particular de camuflagem não é único, entendem? Outras realidades possuem sistemas completamente diferentes, mas todas as personalidades possuem sentidos interiores que constituem atributos da consciência; e por meio desses sentidos interiores são normalmente mantidas comunicações de que o eu consciente pouco conhecimento tem. Parte de meu propósito é tornar algumas dessas comunicações conhecidas.

A alma ou entidade, pois, não é o eu que lê este livro. O vosso ambiente não é simplesmente composto pelo mundo que os cerca e que vocês conhecem, mas também consiste em ambientes de vidas passadas nos quais vocês não se estão a concentrar agora. O vosso ambiente real é composto pelos vossos pensamentos e pelas vossas emoções, pois com eles formam não apenas esta realidade, mas todo realidade na qual participem. O vosso verdadeiro ambiente não concebe espaço nem tempo como vocês os conhecem. No vosso ambiente real vocês não têm necessidade de palavras, porquanto a comunicação é instantânea. No vosso ambiente real, vocês formam o mundo físico que conhecem.

Os sentidos interiores permitir-lhes-ão perceber a realidade independente da forma física. Peço que, por ora, esqueçam por um instante os papéis que desempenham e que experimentem este exercício simples. Ora bem, imaginem que estão num palco iluminado, palco esse que será a sala em que se encontram neste momento sentados. Fechem os olhos e finjam que as luzes se apagaram, que o cenário desapareceu e que vocês se encontram sozinhos.

Tudo está escuro. Fiquem em silêncio. Imaginem, tão vividamente quanto possível, a existência dos sentidos interiores. Por ora finjam que eles correspondem aos vossos sentidos físicos. Afastem da mente todos os pensamentos e preocupações. Permaneçam recetivos. Ouçam com muita suavidade — não os sons físicos, mas os sons que lhes chegam através dos sentidos internos. Talvez comecem a surgir imagens. Aceitem-nas como visões tão válidas quanto as que veem fisicamente. Imaginem que existe um mundo interior, e que ele lhes será revelado quando aprenderem a percebê-lo por esses sentidos internos.

Finjam que estiveram cegos para esse mundo durante toda a vossa vida, e que agora estão lentamente a adquirir visão nele. Não julguem todo o mundo interior pelas imagens desconexas que talvez venham inicialmente a perceber, nem pelos sons que inicialmente possam ouvir, pois assim ainda estarão a usar os vossos sentidos internos de maneira imperfeita.

Pratiquem este exercício durante alguns momentos antes de dormir ou quando estiverem a repousar. Ele pode ser feito até mesmo em meio a uma tarefa comum que não lhes tome toda a atenção. Vocês estarão simplesmente a aprender a focalizar-se numa nova dimensão da perceção, estarão a tirar uns instantâneos num ambiente estranho. Lembrem-se de que somente irão perceber fragmentos. Aceitem-nos simplesmente, mas não tentem fazer qualquer julgamento generalizado nem interpretações nessa fase.

Dez minutos por dia, de início, será suficiente. Agora, a informação que consta deste livro está, até certo ponto, a ser dirigida por meio dos sentidos internos da mulher que se encontra em transe enquanto eu a dito. Esse esforço é resultado de uma precisão interna e de um treino altamente organizados. A Jane não poderia receber de mim esta informação — nem tão pouco ela poderia ser traduzida ou interpretada — enquanto ele estivesse intensamente focado no ambiente físico. Assim, os sentidos internos são canais que propiciam comunicação entre as várias dimensões de existência. Contudo, até mesmo aqui, a

informação precisa ser em certa medida distorcida, ao ser traduzida nos termos físicos. De outra forma, não seria percebida de todo.

SESSÃO 523

Bom: Despendi algum tempo a salientar o facto de que cada um de nós forma o seu próprio ambiente, por querer que entendam que a responsabilidade pela vossa vida e pelo vosso ambiente lhes cabe.

Se acreditarem no contrário, estarão a restringir-se; o vosso ambiente, pois, representa a soma total do conhecimento e experiência. Enquanto acreditarem que o vosso ambiente seja subjetivo e independente de vós próprios, em grande parte irão ver-se impotentes para o mudar, para ver além dele, ou para imaginar outras alternativas que possam ser menos evidentes. Mais tarde exporei sobre diversos métodos que lhes permitirão mudar o vosso ambiente ou contexto de uma forma benéfica e drástica. Também debati a reencarnação em termos do ambiente, por muitas escolas de pensamento enfatizarem demasiado os efeitos das existências reencarnatórias, de modo que muitas vezes explicam as circunstâncias da vida atual como resultado de padrões rígidos e inflexíveis, determinados numa "vida passada."

Vocês hão de sentir-se relativamente incompetentes para lidar com a realidade física atual, para alterar o vosso ambiente ou meio, ou mesmo para influenciar ou mudar o vosso mundo, caso sintam estar à mercê de condições sobre as quais não têm qualquer controlo. As razões apresentadas para justificar tal sujeição pouca importância têm a longo prazo, por as razões mudarem com o tempo e com a vossa cultura.

Vocês não estão subjugados a uma sentença com base no pecado original, por nenhuma ocorrência de infância ou experiências de vidas passadas. A vossa vida, por exemplo, pode ser muito menos satisfatória do que vocês gostariam de admitir. Vocês podem ser menos, quando poderiam ser mais, mas não estão sob uma mortalha colocada sobre a vossa psique, devida quer ao pecado original, às síndromes da infância, de Freud, ou mesmo à influência de vidas passadas.

Conforme expliquei anteriormente, as vidas ou "peças" estão a decorrer ao mesmo tempo. A criatividade e a consciência jamais constituem realizações lineares. Em cada vida, vocês escolhem e criam os vossos próprios cenários ou ambientes, e nesta, vocês escolheram os vossos pais e os incidentes da infância que fizeram parte de vossa experiência. Vocês escreveram o argumento. Contudo, como qualquer professor distraído, o eu consciente esquece tudo isso, de modo que quando no argumento surge uma tragédia, uma dificuldade ou um desafio, ele procura alguém ou algo a quem culpar. Antes de terminar este livro, espero mostrar-lhes precisamente como criam cada instante da vossa experiência, a fim de começarem a exercer a vossa verdadeira responsabilidade criativa num nível consciente – ou perto disso.

COMO OS PENSAMENTOS FORMAM A MATÉRIA
PONTOS EXATOS OU COORDENADAS (Leylines?)

Capítulo 5

Ao lerem as palavras desta página, vocês percebem que a informação que estão a receber não é um atributo das letras das próprias palavras. A linha impressa não contém informação. Ela transmite informação. Onde está, pois, a informação que está a ser-lhes transmitida se não estiver na página? A mesma questão se aplica, evidentemente, quando vocês leem um jornal, e quando vocês falam com outra pessoa. As vossas palavras reais transmitem informação, sentimentos ou ideias.

Obviamente, os pensamentos ou os sentimentos e as palavras não são a mesma coisa. As letras na página são símbolos e vocês concordaram com vários significados relacionados com elas. Vocês dão por certo, mesmo sem pensar nisso, que os símbolos — as letras — não são a realidade — a informação ou ideias — que elas procuram transmitir. Bem, da mesma forma, estou a dizer-lhes que os objetos também são símbolos que representam uma realidade cujo significado os objetos, como as letras, transmitem. A verdadeira informação não está nos objetos do mesmo modo que o pensamento não está nas letras nem nas palavras. As palavras são métodos de expressão. O mesmo ocorre com os objetos físicos num tipo diferente de meio. Estão acostumados à ideia de que vocês se expressam diretamente por meio de palavras. Vocês até conseguem ouvir a vós próprios repeti-las. Vocês conseguem sentir os músculos da garganta a mover-se, e se derem atenção, poderão perceber inúmeras reações a ocorrer dentro do vosso próprio corpo — ações essas que acompanham o vosso discurso.

Os objetos físicos são o resultado de outro tipo de expressão. Vocês criam-nos tão seguramente quanto vocês criam palavras. Não quero dizer que vocês os criem apenas com as mãos, nem os fabriquem. Quero dizer que os objetos são subprodutos naturais da evolução da vossa espécie, tal como o são as palavras. Contudo, examinem por um instante o próprio conhecimento que têm do discurso. Embora vocês ouçam as palavras e lhe reconheçam adequação, e embora possam mais ou menos aproximar-se de uma expressão dos vossos sentimentos, elas não são o vosso sentimento, e deve-se apresentar a existência de uma lacuna entre o vosso pensamento e a vossa expressão.

A familiaridade da fala começa a desaparecer quando vocês percebem que, quando começam uma frase, vocês próprios não sabem exatamente como irão terminá-la, ou mesmo como vocês formam as palavras. Vocês não sabem conscientemente como manipular uma pirâmide impressionante de símbolos, escolhendo entre eles precisamente aqueles de que precisam para expressar uma determinada ideia. A esse respeito, vocês não sabem como vocês pensam. Vocês não sabem como traduzir os símbolos que constam desta página em ideias, e em seguida, armazena-las ou torná-las vossas. Uma vez que os mecanismos da fala normal sejam tão pouco do vosso conhecimento ao nível consciente, então não será de surpreender que vocês não tenham igualmente consciência das tarefas mais complicadas

que vocês também executam — como a constante criação do vosso ambiente físico como método de comunicação e expressão. É somente desse ponto de vista que a verdadeira natureza da matéria física pode ser compreendida. É apenas compreendendo a natureza dessa tradução constante de ideias e desejos — não em palavras, agora, mas em objetos físicos - que vocês podem perceber a verdadeira independência que têm com relação às circunstâncias, ao tempo e ao ambiente.

Bem, é fácil ver que vocês traduzem sentimentos por palavras ou expressões corporais e gestos, mas não é tão fácil de perceber que vocês formam o vosso corpo físico sem esforço e inconscientemente enquanto traduzem sentimentos em símbolos que se tornam palavras. Já ouviram a expressão antes, tenho certeza, de que o ambiente expressa a personalidade de uma determinada pessoa. Eu estou a dizer-lhes que essa é uma verdade literal e não simbólica. As letras na página encerram uma realidade formada apenas por tinta e papel. A informação que elas transmitem é invisível. Enquanto objeto, este livro em si é apenas papel e tinta. É um transmissor de informação.

Vocês poderão porventura argumentar que o livro tenha sido impresso e encadernado fisicamente, e que não tenha de repente entrado em erupção através do crânio da Jane. Vocês, por sua vez, tiveram que pedir emprestado ou comprar o livro, pelo que poderão pensar: "Certamente, eu não criei o livro, como criei as minhas palavras." Mas antes de terminarmos, veremos que basicamente falando, cada de vocês cria o livro que vocês têm em mãos, e que todo o vosso ambiente físico surge tão naturalmente da vossa mente quanto as palavras saem da vossa boca, e que o homem forma objetos físicos de forma tão inconsciente e automática enquanto forma a sua própria respiração.

Os aspetos peculiares e particulares do vosso mundo físico dependem da vossa existência e concentração nele. O universo físico não encerra objetos físicos com solidez, largura e profundidade, por exemplo, para aqueles cuja existência não se situa dentro dele. Outros tipos de consciência coexistem dentro do mesmo "espaço" que o vosso mundo habita. Eles não percebem os vossos objetos físicos, pois a sua realidade é composta por uma estrutura de camuflagem diferente. Vocês não os percebem e, de um modo geral, eles não os percebem a vós. Contudo, esta é uma indicação geral, porquanto vários pontos das vossas realidades podem coincidir e coincidem, por assim dizer.

Esses pontos não são reconhecidos como tais, mas são pontos do que vocês poderiam chamar dupla realidade, que contêm um grande potencial energético; coordenadas, com efeito, em que as realidades se fundem. Existem coordenadas principais, matematicamente puras, fontes de uma energia fantástica, e coordenadas subordinadas, em grande quantidade. Existem quatro pontos exatos absolutos que cruzam todas as realidades. Essas coordenadas também agem como canais através dos quais a energia flui, e como distorções ou caminhos invisíveis de uma realidade para outra. Eles também atuam como transformadores e fornecem muita da geração de energia que torna a criação contínua nos vossos termos.

O vosso espaço está repleto de pontos subordinados desses e, como vocês verão mais tarde, eles são importantes por lhes permitir que transformar ideias e emoções em matéria física. Quando um pensamento ou emoção atinge uma certa intensidade, ele atrai automaticamente o poder de um desses pontos subordinados e é, por isso, altamente carregado e, de certo modo, ampliado, embora não em tamanho.

Esses pontos afetam ou influenciam o que vocês chamam de tempo, bem como o espaço. Existem certos pontos no tempo e no espaço, pois, (uma vez mais nos vossos termos), que são mais propícios do que outros, onde tanto as ideias quanto a matéria são mais altamente carregadas. Em termos práticos, isso significa que os edifícios durarão mais; no vosso contexto, quer dizer que as ideias conjugadas na formar serão relativamente eternas. As pirâmides, por exemplo, são um exemplo disso.

Essas coordenadas — absolutas, principais ou subordinadas — representam acúmulos ou vestígios de energia pura, minúsculos ao extremo se pensarmos em termos de tamanho — mais pequenas do que qualquer partícula que os vossos cientistas tenham conhecimento, por exemplo, mas compostos de energia pura. E, no entanto, essa energia precisa ser ativada. Estão adormecidos até então — e não podem ser ativados fisicamente.

Algumas pistas aqui que podem ajudá-los ou aos matemáticos. Nas proximidades de todos essas coordenadas, até mesmo subordinadas, verifica-se uma alteração diminuta das forças de gravidade, e verificar-se-á que todas as chamadas leis físicas, de uma forma ou de outra, têm um efeito oscilante nessas proximidades. As coordenadas subordinadas também servem de certo modo como suportes, como intensificação estrutural no contexto do tecido invisível de energia que forma todas as realidades e manifestações. Enquanto eles são vestígios ou acúmulos de energia pura, existe uma grande diferença entre a quantidade de energia disponível nos diversos pontos subordinados, e entre os pontos principais e os absolutos.

Eles são, pois, pontos de energia concentrada. Os pontos subordinados são de longe muito mais comuns, e praticamente falando, afetam as vossas preocupações diárias. Existem locais melhores do que outros para construir casas ou estruturas — pontos em que a saúde e a vitalidade são fortalecidos, onde, conquanto as demais coisas sejam iguais, as plantas crescem e florescem e onde todas as condições benéficas parecem ter lugar. Algumas pessoas podem sentir essas proximidades de uma forma instintiva. Eles ocorrem dentro de certos ângulos estabelecidos por esses pontos exatos ou coordenadas. Os pontos obviamente não são físicos — isto é, eles não são visíveis, embora possam ser deduzidos matematicamente. Contudo, eles são sentidos como energia intensificada. Numa determinada sala, as plantas crescerão de forma mais eficaz numa determinada área do que nas outras áreas, desde que ambas as áreas contenham os requisitos necessários, como luz. Tudo no vosso espaço é permeado por essas coordenadas, de modo que certos ângulos invisíveis são formados.

Isto está a ser altamente simplificado, mas certos ângulos serão mais "periféricos" do que outros, e serão menos favoráveis a todas as condições de crescimento e atividade. Ao falarmos desses ângulos, tratámo-los como tridimensionais, embora sejam, é claro, multidimensionais. Uma vez que a natureza desses ângulos não é o tópico principal do meu livro, não é possível explicá-los por completo aqui. Eles parecerão mais fortes em certos casos do que noutros, embora essas diferenças não tenham nada que ver com qualquer natureza dos pontos-coordenada nem com a natureza do tempo. Outros elementos influenciam-nos, mas não precisamos preocupar-nos com eles agora.

Os pontos de energia concentrada são ativados por intensidades emocionais que se situam bem dentro da vossa faixa normal. As vossas próprias emoções ou sentimentos ativarão essas coordenadas quer vocês tenham conhecimento ou não da sua existência. Maior energia será, pois, adicionada ao pensamento ou sentimento original, e à vossa projeção na matéria física acelerada. Agora, isso aplica-se independentemente da natureza do sentimento; apenas a sua intensidade está envolvida aqui. Esses pontos são como usinas invisíveis de energia, ou seja, são ativados quando qualquer sentimento emocional ou pensamento de intensidade suficiente entra em contato. Os pontos por si só intensificam tudo o que os ativa de uma maneira bastante neutra.

Isto é altamente simplificado, mas a experiência subjetiva de qualquer consciência é automaticamente expressa como unidades de energia eletromagnética. Essas unidades existem "abaixo" da gama da matéria física. Elas são, se preferirem, partículas incipientes que ainda não emergiram como matéria.

Essas unidades são emanações naturais de todos os tipos de consciência. Elas são as formações invisíveis resultantes da reação a qualquer tipo de estímulo. Elas muito raramente existem isoladamente, mas reúnem-se sob determinadas leis. Elas mudam tanto a sua forma quanto a sua pulsação. A "duração" relativa que têm depende da intensidade original que tiverem por trás — isto é, por trás do pensamento, emoção, estímulo ou reação original que as tiver suscitado.

Uma vez mais, altamente simplificado aqui, sob certas condições, elas coagulam sob a forma de matéria. Essas unidades eletromagnéticas de intensidade elevada o suficiente, ativam automaticamente os pontos-coordenados subordinados de que falei. Eles são, pois, acelerados e impulsionados em direção à matéria muito mais rapidamente, nos vossos termos, do que unidades de menor intensidade. As moléculas haveriam de lhes parecer tão grandes quanto planetas a essas unidades. Átomos e moléculas e planetas e essas unidades de energia eletromagnética são simplesmente diferentes manifestações dos mesmos princípios que dão origem às próprias unidades. Apenas a posição relativa em que vocês se encontram, o enfoque que exercem dentro de um espaço e tempo aparentes, que faz com que isso pareça tão improvável.

Cada pensamento ou emoção, existe, pois, enquanto unidade de energia eletromagnética ou como uma combinação de tais unidades sob certas condições, e muitas vezes com a ajuda de coordenadas, eles emergem como os 'tijolos' da matéria física. Este emergir na matéria ocorre como um "resultado" neutro, independentemente da natureza de qualquer pensamento ou emoção. Imagens mentais acompanhadas por intensa emoção, constituem, pois, modelos sobre os quais um objeto físico correspondente, ou condição ou acontecimento, surgirá na existência, nos vossos termos.

A intensidade de um sentimento ou pensamento ou imagem mental é, pois, o elemento importante na determinação da sua subsequente materialização física.
A intensidade é o núcleo ao redor do qual se formam as unidades de energia eletromagnética. Nos vossos termos, quanto mais intenso for o núcleo, mais cedo a materialização física se dará. Isso aplicar-se-á quer a imagem mental seja de medo ou de alegria. Agora, isto envolve um problema muito importante: se possuírem um carácter de espírito altamente intenso e pensarem por meio de imagens emocionais mentais vívidas, estas serão rapidamente transformadas em eventos físicos. Se vocês forem igualmente de natureza altamente pessimista, dados a pensamentos e sentimentos de desastre potencial, então, esses pensamentos reproduzir-se-ão com bastante fidelidade na experiência.

Quanto mais intensa for, pois, a vossa imaginação e experiência interior, mais importante é que vocês percebam os métodos pelos quais essa experiência interior se torna fisicamente real. Os pensamentos e emoções iniciam a sua jornada na atualização física no momento da conceção. Se vocês residirem numa área onde o meio de coordenadas for forte, numa das áreas de que falei como sendo propícias de uma forma invulgar, então irá parecer que vocês estejam inundados por doenças ou desastres, se essa for a natureza dos pensamentos que alimentarem, por todo pensamento se mostrar tão fértil num meio desses. Se, por outro lado, os vossos sentimentos e experiências subjetivas forem bastante equilibrados, bastante otimistas e construtivos de um moo criativo, então parecerá que vocês tenham sido abençoados por uma sorte incomum, pois as vossas suposições agradáveis sucederão rapidamente.

Resumidamente, no vosso próprio país, a Costa Oeste, partes da Costa Leste, do Uta, dos Grandes Lagos, da área de Chicago, da área de Mineápolis e algumas outras áreas do sudoeste, situam-se naquelas proximidades de excelente atividade de coordenadas, pelas razões apresentadas. A materialização surgirá rapidamente e, portanto, o potencial tanto para ambos elementos construtivos e destrutivos será elevado. Essas coordenadas ativam o comportamento de átomos e moléculas do mesmo modo que, por exemplo, o sol auxilia ao crescimento das plantas. As coordenadas ativam a produção de comportamento de átomos e moléculas, e encoraja muito as suas capacidades de cooperação; a tendência que têm de fervilhar, por assim dizer, em agrupamentos de organização e estrutura. As coordenadas ampliam ou intensificam o comportamento, a espontaneidade intrínseca inerente às propriedades da matéria física. Elas agem como geradores psíquicos, ao impulsionarem o que ainda não é físico no sentido da forma física.

Bem, este não é um livro técnico, então este não é o momento nem o lugar para discutir completamente a ação, comportamento ou efeitos desses pontos coordenados; nem das unidades de energia eletromagnética — aquelas emanações naturais de consciência das quais lhes falei. Entretanto quero que saibam que os pensamentos e as emoções são formados em matéria física por métodos bastante definidos e por meio de leis bastante válidas, embora possam ser presentemente desconhecidas.

Em outras partes do material Seth, esses processos serão deixados bem claros para aqueles de vós que desejarem levar a questão adiante, ou aqueles que puderem estar interessados do ponto de vista científico. Aqui, estamos a discutir tais questões apenas por elas tocarem no aspeto multidimensional da personalidade. Eles permitem que vocês materializem certas experiências subjetivas na realidade tridimensional. Entretanto, antes de deixar o assunto, deixem que lhes recorde que essas emanações em medidas diversificadas surgem de todas as consciências, e não simplesmente da vossa. Isso inclui igualmente a consciência celular, pelo que uma rede invisível de unidades eletromagnéticas permeia toda a vossa atmosfera; e nessa rede e a partir dela, as partículas de matéria física são então formadas.

Um livro inteiro poderia ser facilmente escrito sobre esse assunto. Informação respeitante às "localizações" de pontos exatos ou coordenadas principais e absolutas pode, por exemplo, ser altamente vantajosa. Vocês orgulham-se da vossa tecnologia e da produção de materiais e bens duráveis, edifícios e estradas, mas muitos deles são insignificantes quando comparados com outras estruturas do "passado."

Uma verdadeira compreensão da maneira como uma ideia se torna matéria física resultaria numa renovação completa da vossa chamada tecnologia moderna, e dos edifícios, estradas e outras estruturas que durariam muito mais do que as que vocês possuem agora. Enquanto o a realidade psíquica por trás da matéria física é ignorada, então vocês não poderão usar aqueles métodos que existem de modo efetivo, nem podem tirar proveito deles. Não poderão entender a realidade psíquica que é o verdadeiro ímpeto para a vossa existência física, a menos que primeiro percebam a vossa própria realidade psíquica e independência das leis físicas.

O meu primeiro objetivo, pois, reside em torná-los cientes da identidade interna de que vocês fazem parte, e limpar alguns dos detritos intelectuais e supersticiosos que os impede de reconhecer as vossas próprias potencialidades e liberdade. Aí, talvez vocês possam começar a aprender as múltiplas maneiras pelas quais essa liberdade pode ser usada.

A ALMA E A NATUREZA DA SUA PERCEÇÃO

Capítulo 6

Com os poucos antecedentes fornecidos até agora, podemos pelo menos começar a discutir o assunto deste livro: A validade eterna da alma. Mesmo quando estamos a explorar outras questões, estaremos a tentar ilustrar o aspeto multidimensional desse eu interior. Existem muitos conceitos errôneos relacionados com ela e, antes de tudo, procuraremos descartá-los.

Em primeiro lugar, uma alma não é algo que vocês têm. É o que vocês são. Eu costumo usar o termo "entidade" em preferência ao termo "alma," simplesmente por esses equívocos particulares não estarem tão ligados à palavra "entidade" e as suas conotações serem menos religiosas num sentido organizacional. O problema é que vocês frequentemente consideram a alma ou entidade como um produto acabado, uma "coisa" estática que lhes pertence, mas não são vocês. A alma ou entidade — por outras palavras, a vossa mais poderosa identidade íntima interior está em mudança e há de estar para sempre em mudança. Não é, pois, algo como uma valiosa herança de família. É viva, responsiva, curiosa. Forma a carne e o mundo que vocês conhecem, e está num estado de mudança.

Agora, na realidade tridimensional em que o vosso ego tem o enfoque principal, a mudança pressupõe uma chegada, ou um destino — um final para aquilo que esteve num estado de mudança. Mas a alma ou entidade tem a sua existência basicamente em outras dimensões, e nelas, a realização não depende de chegada a nenhum ponto, espiritual ou não. A alma ou entidade está sempre num estado de incerteza, ou aprendizagem, e de desenvolvimentos que têm que ver com a experiência subjetiva e não com o tempo ou o espaço. Isso é muito menos misterioso do que possa parecer. Cada um dos meus leitores joga um jogo em que o *eu* consciente do ego finge não saber o que o eu todo definitivamente conhece.

Uma vez que o ego é definitivamente uma parte de todo o *eu*, então deve estar basicamente ciente de tal conhecimento. No seu intenso enfoque na realidade física, no entanto, ele finge não saber, até que se sinta capaz de utilizar as informações em termos físicos. Vocês têm, pois, acesso ao vosso *eu* interior. Vocês dificilmente estão isolados da vossa própria alma ou entidade. O ego prefere considerar-se o capitão do leme, por assim dizer, uma vez que é o ego quem mais diretamente lida com os mares por vezes tumultuados da realidade física, e não se quer distrair dessa tarefa.

'Canais', psicológicos e psíquicos, sempre existem, que enviam comunicações para trás e para diante através dos diversos níveis do *eu*, e o ego aceita a informação necessária e dados das porções internas da personalidade sem questionar. A sua posição na verdade depende em grande parte dessa aceitação inquestionável de dados. O ego, por outras palavras, o *eu* "exterior" que vocês pensam ser o vosso *eu* — essa parte de vós mantém a sua segurança e o seu comando aparente precisamente devido a que camadas da vossa própria personalidade a sustentam constantemente, mantêm o corpo físico a funcionar, e

mantêm a comunicação com os inúmeros estímulos que vêm tanto de condições externas como internas. A alma ou entidade não sai diminuída, mas expande-se através de reencarnações, através da existência e experiência em realidades prováveis — algo que explicarei mais tarde.

É apenas por vocês terem uma conceção altamente limitada da vossa própria entidade que vocês insistem em ser praticamente estéreis na vossa singularidade. Existem milhões de células no vosso corpo, mas vocês chamam ao vosso corpo uma unidade e consideram-no vosso. Vocês formam-no, de dentro para fora, e ainda assim vocês formam-no a partir de uma substância viva, e cada uma das partículas diminutas tem a sua própria consciência viva. Existem aglomerados de matéria e, a esse respeito, existem aglomerados de consciência, cada qual individual, dotadas do seu próprio destino e habilidades e potenciais. Não há limitações para a vossa própria entidade: portanto, como poderá a vossa entidade ou alma ter limites, uma vez que os limites a haveriam de enclausurar e negar-lhe a liberdade?!

Muitas vezes parece que a alma seja considerada como uma pedra preciosa, para ser finalmente apresentada como uma dádiva a Deus, ou considerada como algumas mulheres costumavam considerar a sua virgindade — algo altamente valorizado que deve ser perdido; cuja perda significa uma bela dádiva para aquele que a recebe.

Em muitas filosofias, esse tipo de ideia é mantida — como a ideia da devolução da alma a um doador primordial, ou dissolução num estado nebuloso em algum lugar entre a existência e a não-existência. Contudo, a alma é antes de mais criativa. Pode ser abordada por muitos pontos de vista. As suas características podem dispor-se em alguma medida, e de facto a maioria dos meus leitores poderia descobrir essas características por si próprios se fossem altamente motivados, e se esta fosse a sua principal preocupação. A alma ou entidade é ela própria a mais elevada unidade de consciência motivada, altamente energizada e mais potente conhecida em qualquer universo.

É energia concentrada num grau bastante inacreditável para vós. Contém potenciais ilimitados, mas precisa desenvolver a sua própria identidade e formar os seus próprios mundos. Carrega dentro de si o fardo de toda a existência. Dentro de si encerra potenciais da personalidade que estão além da vossa compreensão. Lembrem-se, estou a falar da vossa própria alma ou entidade, bem como alma ou entidade em geral. Vocês são uma manifestação da vossa própria alma. Quantos de vós gostariam de limitar a sua realidade, toda a sua realidade, à experiência que vocês conhecem agora? Vocês fazem isso quando imaginam que o vosso *eu* atual é toda a vossa personalidade, ou insistem que a vossa identidade seja mantida inalterada por uma eternidade sem fim.

Essa eternidade haveria de estar, de facto, morta. Em muitos aspetos, a alma é um deus incipiente, mas vamos discutir o "conceito de deus" mais para a frente, neste livro. Por agora, no entanto, vamos simplesmente preocupar-nos com a entidade ou alma, o *eu* maior

que sussurra até mesmo agora por entre os recessos ocultos da experiência de todo leitor. Espero, com este livro, não só assegurar-lhes da validade eterna da vossa alma ou entidade, mas ajudá-los a sentir a sua realidade vital dentro de vós. Todavia, antes de mais vocês precisam ter alguma ideia da vossa própria estrutura psicológica e psíquica. Quando vocês entenderem até certo ponto quem e o que vocês são, então poderei explicar com uma maior clareza quem e o que eu sou. Espero familiarizá-los com aqueles aspetos profundamente criativos do vosso próprio ser, para que vocês possam usá-los para alargar e expandir toda a vossa experiência.

Muita gente imagina que a alma seja um ego imortalizado, e esquecem-se de que o ego como vocês sabem, é apenas uma pequena parte do *eu;* assim, essa seção da personalidade é simplesmente projetada para a frente, *ad infinitum*, por assim dizer. Mas, devido a que as dimensões da vossa realidade sejam tão pouco compreendidas, os vossos conceitos estão fadados a ser limitados. Ao considerar a "imortalidade," a humanidade parece esperar por um maior desenvolvimento egocêntrico, e ainda assim opõe-se à ideia de que tal desenvolvimento possa envolver mudança. Ela diz através das religiões que possui uma alma de facto, sem nem mesmo perguntar o que é uma alma, e muitas vezes ele parece considerá-la, mais uma vez, como um objeto que detenha na sua posse.

Bem, a personalidade, mesmo que vocês a conhecem, está em constante mudança, e nem sempre de modos que sejam antecipados — na maioria das vezes, na verdade, de modos imprevisíveis. Vocês insistem em focar a vossa atenção nas semelhanças que são tecidas através do vosso próprio comportamento; e com base nisso vocês constroem uma teoria de que o *eu* segue um padrão que vocês, em vez disso, transpuseram para ele. Mas o padrão transposto impede que vocês vejam o *eu* como ele realmente é. Portanto, vocês também projetam esse ponto de vista distorcido sobre a vossa conceção da realidade da alma. Vocês pensam na alma, pois, à luz de conceitos erróneos que vocês mantêm a respeito até mesmo da natureza do vosso *eu* mortal.

Mesmo o *eu* mortal, entendem, é muito mais milagroso e maravilhoso do que vocês percebem e possui muito mais potenciais do que vocês lhe atribuem. Vocês não entendem ainda a verdadeira natureza da perceção, mesmo no que diz respeito ao *eu* mortal, e, portanto, vocês dificilmente poderão compreender as perceções da alma. Porque a alma, acima de tudo, percebe e cria. Lembrem-se uma vez mais de que vocês <u>são</u> uma alma já. A alma dentro de vós, pois, está a perceber agora. Os seus métodos de perceção são os mesmos agora que antes do vosso nascimento físico, e que serão após a sua morte física. Assim, basicamente a vossa parte interna, a substância da alma, não mudará repentinamente os seus métodos de perceção nem as suas características após a morte física.

Vocês podem, pois, descobrir o que a alma é agora. Não é algo que esteja à vossa espera depois da vossa morte, nem é algo que vocês devam salvar ou redimir, e também é algo que vocês não poderão perder. O termo, "perder ou salvar a vossa alma," tem sido

grosseiramente mal interpretado e distorcido, pois é a parte de vós que é realmente indestrutível. Nós vamos abordar esse assunto específico numa parte do livro que trata da religião e do conceito de Deus.

A vossa própria personalidade como vocês a conhecem, aquela porção vossa que vocês consideram preciosa, única, também jamais será destruída ou perdida. É parte da alma. Não será devorada pela alma, nem apagada por ela, nem subjugada por ela; nem, por outro lado, ela pode ser separada. No entanto, é apenas um aspeto da vossa alma. A vossa individualidade em quaisquer termos que vocês a queiram conceber, continua a existir, nos vossos termos. Ela continua a crescer e desenvolver-se, mas o seu crescimento e desenvolvimento são altamente dependente da sua compreensão de que, embora seja distinta e individual, também é apenas uma manifestação da alma. Na medida em que percebe isso, aprende a desdobrar-se em criatividade e a usar as capacidades que lhe são intrínsecas.

Agora, infelizmente, seria muito mais fácil simplesmente dizer que a vossa individualidade continua a existir, e deixar a coisa por aí. Embora isso componha uma parábola bastante razoável, foi contada dessa maneira particular antes, mas a própria simplicidade do conto encerra perigos. A verdade é que a personalidade que vocês são agora e a personalidade que vocês foram e virão a ser — nos termos em que vocês entendem o tempo — todos os essas personalidades são manifestações da alma, da vossa alma.

A vossa alma, pois — a alma que vocês são — a alma da qual vocês fazem parte — essa alma é um fenómeno muito mais criativo e milagroso do que vocês supunham anteriormente. Mas quando isso não é claramente compreendido, e quando o conceito é diluído por uma questão de simplicidade, conforme mencionado anteriormente, então a intensa vitalidade da alma nunca poderá ser entendida. A vossa alma possui, pois, a sabedoria, informação e conhecimento que faz parte da experiência de todas essas outras personalidades; e vocês têm dentro de vós próprios tenham acesso a essa informação, mas apenas se vocês perceberem a verdadeira natureza da vossa realidade. Deixem que enfatize novamente que essas personalidades existem independentemente na alma, e fazem parte dela e cada uma delas é livre para criar e desenvolver.

Contudo, existe uma comunicação interna, e o conhecimento de uma acha-se disponível a qualquer das outras — não após a morte física, mas agora no vosso momento presente. Agora, a própria alma, conforme mencionado anteriormente, não é estática. Ela cresce e desenvolve-se não obstante a experiência daquelas personalidades que a compõem, e é, para colocar a coisa da forma mais simples possível, mais do que a soma das suas partes.

Bem, não existem sistemas fechados na realidade. No vosso sistema físico, a natureza das perceções que têm limitam até certo ponto a ideia que formam da realidade, por decidirem propositalmente concentrar-se num determinado "local." Mas basicamente falando, a

consciência jamais poderá ser um sistema estanque, e todas as barreiras dessa natureza não passam de ilusão. Portanto, a alma em si não é um sistema fechado. No entanto, quando vocês consideram a alma, vocês geralmente concebem-na a essa luz — uma cidadela psíquica ou espiritual imutável. Mas as cidadelas não apenas mantêm invasores à margem, como também impedem a expansão e o desenvolvimento.

Há muita matéria aqui muito difícil de expressar por palavras, por terem tanto medo do vosso senso identidade que vocês resistem à ideia de que a alma, por exemplo, seja um sistema espiritual aberto, uma usina de criatividade que arremete em todas as direções - e ainda esse é realmente o caso.

Digo-lhes isto, mas, ao mesmo tempo, lembro-lhes que a vossa personalidade atual jamais se perderá. Agora, outro termo para alma é entidade. Entendam que não é uma simples questão de lhes dar uma definição de alma ou entidade, porque mesmo para obterem um vislumbre em termos lógicos vocês teriam que entendê-la em termos espirituais, psíquicos e eletromagnéticos, assim como compreender a natureza básica da consciência e da ação. Mas vocês podem descobrir intuitivamente a natureza da alma ou entidade e, em muitos aspetos, o conhecimento intuitivo é superior a qualquer outro tipo de conhecimento.

Um pré-requisito para tal compreensão intuitiva da alma é o desejo de o conseguir. Se o desejo for forte o suficiente, vocês serão automaticamente levados a experiências que resultarão em conhecimento subjetivo vívido e inconfundível. Existem métodos que permitirão que vocês façam isso, e eu lhe vou-lhes descrever alguns no final deste livro.

Por enquanto, aqui está um exercício bastante eficaz, mas simples. Fechem os olhos depois de terem lido este capítulo até aqui, e tentem sentir dentro de vós a fonte de poder de onde vem a vossa própria respiração e forças vitais. Alguns de vocês vão fazê-lo de modo bem-sucedido numa primeira tentativa. Outros poderão demorar mais. Quando vocês sentirem dentro de vós essa fonte, então tentem sentir esse fluxo de energia a dirigir-se para fora através de todo o vosso ser físico, pelas pontas dos dedos das mãos e dos pés, pelos poros do vosso corpo, em todas as direções, convosco próprios enquanto centro. Imaginem os raios inalterados, a alcança-las através da folhagem e nuvens no céu, através do centro da terra abaixo, e a estender-se até mesmo aos mais distantes confins do universo.

Bem, eu não quero que isso seja apenas um exercício simbólico porque, embora possa ter início na imaginação, é baseado em factos e emanações da vossa consciência e a criatividade da vossa alma realmente expande-se dessa maneira. O exercício há de dar-lhe uma ideia da verdadeira natureza, criatividade e vitalidade da alma da qual vocês podem atrair a vossa própria energia e da qual vocês são uma parte individual e única.

Esta discussão não pretende ser uma apresentação esotérica dotada de pouco significado prático nas vossas vidas diárias. O facto é que, embora vocês tenham conceitos próprios limitados da vossa própria realidade, vocês não podem aproveitar praticamente as

vantagens de muitas capacidades que possuem; e embora vocês tenham um conceito limitado da alma, vocês isolam-se até certo ponto, da fonte do vosso próprio ser e criatividade.

Bem, essas capacidades operam quer vocês tenham conhecimento disso ou não, mas muitas vezes operam a despeito de vós, mais a vossa cooperação consciente; e frequentemente quando vocês dão por vós a usá-las, vocês ficam assustados, desorientados ou confusos. Não importa o que lhes foi ensinado, vocês precisam entender, por exemplo, que basicamente falando, as perceções não são físicas da forma como o termo é geralmente usado. Se vocês derem por vós a perceber informações através de outros sentidos que não os físicos, então vocês precisam aceitar o facto de que é assim que a perceção funciona.

O que muitas vezes acontece é que a conceção da realidade que têm é tão limitada que vocês se assustam sempre que percebem alguma experiência que não se enquadre na vossa conceção. Bem, não estou a falar apenas de capacidades vagamente intituladas "perceção extrassensorial." Essas experiências parecem-lhes extraordinárias apenas por vocês negarem por muito tempo a existência de qualquer perceção que não venha através dos sentidos físicos. A chamada perceção extrassensorial dá-lhes apenas uma ideia crua e distorcida das vias básicas pelas quais o *eu* interior recebe informações, mas os conceitos estabelecidos em torno da perceção extrassensorial chegam, pelo menos, mais perto da verdade e, como tal, representam um aprimoramento em relação à ideia de que toda perceção é basicamente física.

Bem, é praticamente impossível separar uma discussão sobre a natureza da alma de uma discussão da natureza da perceção. Muito resumidamente, vamos revisar alguns aspetos: Vocês formam matéria física e o mundo físico que vocês conhecem. Pode-se realmente dizer que os sentidos físicos criam o mundo físico, na medida em que os forçam a perceber um campo disponível de energia em termos físicos, e a impor um padrão altamente especializado nesse campo de realidade. Usando os sentidos físicos, vocês não conseguem perceber a realidade de nenhuma outra maneira.

Esta perceção física em nada altera a perceção nativa, básica e irrestrita que é característico do *eu* interior, sendo o *eu* interior a parte da alma que reside dentro de vós. O *eu* interior conhece a relação que tem com a alma. É uma parte do *eu* que atua, poderiam dizer, como um mensageiro entre a alma e a personalidade atual. Vocês também precisam perceber que embora eu use termos como "alma" ou "entidade," "eu interior" e "personalidade presente," faço isso apenas por uma questão de conveniência, pois uns fazem parte dos outros; não há ponto algum em que um comece e o outro termine.

Vocês podem ver isso facilmente se considerarem a maneira como os psicólogos usam os termos "ego," "subconsciente" e até "inconsciente." O que parece subconsciente num instante pode ser consciente no seguinte. Um motivo inconsciente pode igualmente, a certa altura, ser consciente. Mesmo nesses termos, a vossa experiência deve dar-lhes a entender

que as próprias palavras estabelecem divisões que não existem na vossa própria experiência. Vocês parecem perceber exclusivamente através dos vossos sentidos físicos, e ainda assim vocês precisam apenas ampliar a ideia egocêntrica que têm da realidade, e verão que até mesmo o vosso *eu* egocêntrico aceita prontamente a existência de informação não física. Acontecendo isso, as próprias ideias que têm da vossa própria natureza irão mudar e expandir-se automaticamente, pois vocês terão removido as limitações ao seu desenvolvimento. Agora, qualquer ato de perceção altera o observador, e assim a alma, considerada como um observador, deverá igualmente mudar. Não existem divisões reais nenhumas entre o observador e a coisa aparentemente percebida. Em muitos aspetos a coisa percebida é uma extensão do observador. Isso pode parecer estranho, mas todos os atos são mentais ou, se preferirmos, psíquicos. Esta é uma explicação extremamente simples; mas o pensamento cria a realidade. Então o criador do pensamento percebe o objeto, e não compreende a relação existente entre ele e essa coisa aparentemente separada.

Esta característica de materializar pensamentos e emoções em realidades físicas é um atributo da alma. Agora, na vossa realidade, esses pensamentos tornam-se físicos. Em outras realidades, eles podem ser "construídos" de uma maneira inteiramente diferente. Assim, a vossa alma, aquilo que vocês são, constrói a vossa realidade física diária para vós a partir da natureza dos vossos pensamentos e expectativas.

Vocês podem, pois, ver prontamente quão importante realmente são os sentimentos subjetivos que têm. Este conhecimento — de que o vosso universo assenta na construção de ideias — pode traçar-lhes indícios imediatamente que permitam que vocês mudem o vosso ambiente e as circunstâncias de maneira benéfica. Quando vocês não compreendem a natureza da alma, e não percebem que os vossos pensamentos e os sentimentos formam a realidade física, então vocês sentem-se impotentes para a mudar. Nos capítulos posteriores deste livro, espero fornecer algumas informações práticas que permitirão que vocês alterem praticamente a própria natureza e estrutura da vida diária.

A alma percebe diretamente todas as experiências. A maioria das experiências das quais vocês têm consciência vem acondicionadas fisicamente, e vocês aceitam o acondicionamento pela experiência em si, e não pensam em olhar para dentro. O mundo que vocês conhecem é um da multiplicidade de infinitas materializações adotadas pela consciência, e como tal é válido. A alma, porém, não precisa seguir as leis e princípios que fazem parte da realidade física, e não depende da perceção física. As perceções da alma são de atos e eventos mentais, que se encontram, por assim dizer, abaixo dos acontecimentos físicos como vocês os conhecem. As perceções da alma não dependem do tempo, porque o tempo é uma camuflagem física e não se aplica à realidade não física.

Agora é difícil explicar-lhes como a experiência direta realmente funciona, porquanto existe — um campo inteiramente de perceção, inocente de vestígios físicos, como cor, tamanho, peso, e sentido, com as quais as vossas perceções físicas se cobrem. As palavras

são usadas para narrar uma experiência, mas obviamente não são a experiência que elas procuram descrever. Entretanto, a vossa experiência subjetiva física acha-se tão envolta no pensamento de palavras, que lhes é praticamente impossível conceber uma experiência que não seja orientado pela palavra pensada.

Bem, cada acontecimento do qual vocês têm consciência já é uma tradução de um evento interno, um acontecimento psíquico ou mental que é percebido diretamente pela alma, mas traduzido pelas partes fisicamente orientadas do *eu* para termos de sentido físico.

Preciso não será dizer que a alma não requer um corpo físico para fins de perceção; que a perceção não depende dos sentidos físicos; que a experiência continua, quer vocês se encontrem ou não nesta vida ou em outra; assim como preciso não será dizer que os métodos básicos de perceção da alma também operam dentro de vós agora, mesmo enquanto vocês leem este livro. Depreende-se igualmente que a vossa experiência no sistema físico depende de uma forma física e de sentidos físicos — uma vez mais, por estes interpretarem a realidade e a traduzirem em dados físicos. Deduz-se igualmente que algumas pistas da experiência direta da alma podem ser obtidas desligando momentaneamente os sentidos físicos — recusando-nos a usá-los enquanto perceptores e recorrendo a outros métodos. Ora bem, vocês fazem isso para em certa medida no estado onírico, mas mesmo assim em muitos sonhos vocês ainda tendem a traduzir experiência em termos físicos alucinatórios. A maioria dos sonhos que vocês recordam são dessa natureza.

Entretanto, a uma certa profundidade do sono, a perceção da alma opera relativamente desimpedida. Vocês bebem, por assim dizer, da fonte pura da perceção. Vocês comunicam com as profundezas do vosso próprio ser e com a fonte da vossa criatividade. Ao não se traduzirem em termos físicos essas experiências não permanecem pela manhã. Vocês não se lembram delas como sonhos. Os sonhos, no entanto, poderão mais tarde ser formados na mesma noite a partir das informações obtidas durante o que chamarei de "experiência profunda." Esses não serão traduções exatas ou aproximadas da experiência, mas sim da natureza de parábola dos sonhos — uma coisa inteiramente diferente, conforme compreenderão.

Agora, esse nível particular de consciência que ocorre no estado de sono, não foi identificado pelos vossos cientistas. Durante esse estado, é gerada uma energia que torna o estado de sonho em si possível. É verdade que os sonhos permitem que o *eu* fisicamente orientado digira a experiência corrente, mas também é verdade que a experiência é então retornada aos seus componentes iniciais. Elas decompõem-se, por assim dizer. Partes dela são retidas como dados sensoriais físicos "passados", mas toda a experiência retorna ao seu estado direto inicial.

Ela existe, pois, "eternamente," separado das vestes físicas de que vocês precisam para o compreender. A existência física é uma forma pela qual a alma opta por experimentar a sua própria realidade. Por outras palavras, a alma criou um mundo para vocês habitarem, para

mudar — uma esfera completa de atividade na qual novos desenvolvimentos e, de facto, novas formas de consciência podem surgir. Vocês criam continuamente, por assim dizer, a vossa alma enquanto ela os cria continuamente a vós.

Agora, a alma jamais é diminuída, nem nenhuma parte do *eu*, basicamente. A alma pode ser considerada um campo de energia eletromagnética, de que vocês fazem parte. É um campo de ação concentrada quando vocês a consideram a esta luz — uma potência de probabilidades ou ações prováveis, que busca expressar; um agrupamento de consciências não físicas que, não obstante, se conhecem como uma identidade. Vejam-na da seguinte forma: A jovem mulher por meio de quem falo, disse certa vez num poema, que passo a citar: "Esses átomos falam e se tratam-se pelo meu nome."

Bem, o vosso corpo físico é um campo de energia dotado de uma certa forma, e quando alguém lhes pergunta o nome, os vossos lábios enunciam-no — e ainda assim o nome não pertence aos átomos e moléculas dos lábios que enunciam as sílabas. O nome tem significado apenas para vós. Dentro do vosso corpo, vocês não conseguem identificar a vossa própria identidade. Se pudessem viajar por dentro do vosso corpo, vocês não conseguiriam encontrar lugar algum onde resida a vossa identidade, mas diriam: "Isto é o meu corpo" e, "Isto é o meu nome."

Se vocês não podem ser encontrados, nem sequer por vós próprios, dentro do vosso corpo, então onde estará essa vossa identidade que afirma ter células e órgãos como se fossem seus? A vossa identidade obviamente tem alguma relação com o vosso corpo, já que vocês não têm problemas em distinguir o vosso corpo do de outra pessoa, e certamente não terão problemas em distinguir entre o vosso corpo e a cadeira, digamos, em que vocês podem estar sentados. Num sentido mais amplo, a identidade da alma pode ser vista do mesmo ponto de vista. Ela sabe quem é, e está muito mais certa da sua identidade, de facto, do que o seu *eu* físico da sua identidade. E ainda assim, onde, neste campo de energia eletromagnética poderá a identidade da alma enquanto tal ser localizada?

Ela regenera todas as outras partes de si própria e confere-lhes uma identidade que é sua.

E se lhes for perguntado: "Quem és tu?" simplesmente respondam: "Eu sou eu" e responderão por vós igualmente. Agora, em termos de psicologia como vocês a entendem, a alma pode ser considerada como uma identidade primária que é em si mesma uma gestalt de muitas outras consciências individuais — um *eu* ilimitado que ainda é capaz de se expressar de muitas maneiras e formas e ainda assim manter a sua própria identidade, a sua própria qualidade de 'Eu sou, mesmo quando está ciente de que seu 'Eu sou' pode ser parte de outro 'Eu sou'.

Agora, tenho a certeza de que isso poderá parecer-lhes inconcebível, mas o facto é que esse 'Eu sou' é retido, embora possa, figurativamente falando, agora fundir-se com e viajar através de outros campos de energia que tais. Por outras palavras, existe um dar e receber

entre almas ou entidades, e um sem fim de possibilidades, tanto de desenvolvimento como de expansão. Uma vez mais, a alma não é um sistema estanque. É apenas devido a que a vossa existência atual esteja tão altamente focada numa área estreita que vocês colocam limites tão rígidos sobre as vossas definições e sobre vós próprios, e assim os projetam sobre os vossos conceitos de alma. Vocês preocupam-se com a vossa identidade física e limitam a extensão das vossas perceções por medo de que não possam controlar mais e manter a vossa individualidade.

A alma não tem medo da sua identidade. É segura de si própria. Sempre procura. Não tem medo de ser dominada pela experiência ou perceção. Se vocês possuíssem uma compreensão mais abalizada da natureza da identidade, vocês não receariam, por exemplo, a telepatia, pois por trás dessa preocupação está a preocupação de que a vossa identidade seja varrida pelas sugestões ou pensamentos de outras pessoas.

Nenhum sistema psicológico é estanque, nenhuma consciência se acha fechada, independentemente de quaisquer aparências em contrário dentro do vosso próprio sistema. A alma é um viajante, como tantas vezes foi dito; mas também é o criador de toda experiência e de todos os destinos nos vossos termos. Ela cria mundos à medida que avança, por assim dizer.

Ora bem, essa é a verdadeira natureza do ser psicológico do qual vocês fazem parte. Conforme mencionado anteriormente, mais adiante no livro darei algumas sugestões práticas que irão permitir que reconheçam algumas das vossas próprias capacidades mais profundas e as utilizem para o vosso próprio desenvolvimento, prazer e edificação.

A consciência não é basicamente edificada sobre os preceitos do bem e do mal que atualmente os envolvem. Por inferência, tampouco uma alma. Isso não significa que no vosso sistema, e em alguns outros, esses problemas não existam e que o bom não seja preferível ao mal. Significa simplesmente que a alma sabe que o bem e o mal são diferentes manifestações de uma realidade muito mais vasta.

Quero enfatizar uma vez mais que, embora tudo isto pareça difícil de ser narrado, torna-se muito mais claro intuitivamente quando vocês aprendem a experimentar aquilo que vocês são, porquanto, se vocês não conseguem viajar pelo interior do vosso corpo físico em busca da vossa identidade, vocês podem viajar através do vosso eu psicológico. Existem muito mais maravilhas a perceber através desta exploração interior do que vocês poderão possivelmente acreditar até que comece essa jornada através do vosso *eu* psicológico. Vocês são uma alma; vocês são uma manifestação particular de uma alma, e é um absurdo pensar que vocês devam permaneça ignorantes da natureza do vosso próprio ser. Vocês podem não ser capazes de traduzir o vosso conhecimento claramente por palavras, mas isso de forma alguma negará o valor ou a validade da experiência que será vossa quando vocês começarem a voltar-se para dentro.

Agora vocês podem chamar isso de exploração espiritual, psicológica ou psíquica, se preferirem. Vocês não tentarão encontrar a vossa alma. A esse respeito, não há nada a encontrar. Ela não está perdida nem vocês estão perdidos. As palavras que usam podem não fazer diferença, mas a vossa intenção, faz de facto.

OS POTENCIAIS DA ALMA

Capítulo 7

Parece-lhes que vocês têm apenas uma forma, a física que vocês percebem, e mais nenhuma. Também parece que a vossa forma só pode estar num lugar de cada vez. Na verdade, vocês têm outras formas que vocês não percebem, e vocês também criam diversos tipos de formas para vários propósitos, embora vocês também não os percebam fisicamente. O vosso principal sentido de identidade está envolvido com o vosso corpo físico, de modo que é, por exemplo, extremamente difícil vocês imaginarem-se sem ele, ou fora dele, ou por qualquer forma desligados dele. A forma é o resultado da energia concentrada, o padrão gerado para ela por imagens de ideias psíquicas ou emocionais vividamente dirigidas. A intensidade é da maior importância. Se tiverem, por exemplo, um desejo muito vívido de estar em outro lugar, então sem perceber conscientemente uma forma pseudo-física, idêntica à vossa, pode aparecer nesse mesmo local. O desejo carregará a marca da vossa personalidade e imagem, mesmo que vocês permaneçam inconscientes da imagem ou da sua aparência nesse outro local.

Embora essa imagem do pensamento geralmente não seja vista por outras pessoas, é bem possível que no futuro instrumentos científicos possam chegar a percebê-la. Tal como é, essa imagem pode ser percebida por aqueles que desenvolveram o uso dos sentidos internos. Qualquer ato mental intenso — do pensamento ou emoção — não será apenas construído em alguma forma física ou maneira pseudo-física, mas também terá, em certa medida, a marca da personalidade que originalmente o concebeu.

Existem muitas formas dessas, incipientes ou latentes. Para os ajudar a imaginar aquilo de que falo, vocês podem pensar nelas como imagens de fantasmas, ou imagens sombra, embora isso seja apenas por uma questão de analogia — formas, por exemplo, logo abaixo, que não emergiram por completo na realidade física como vocês a conhecem, mas que, no entanto, são vivas o suficiente para ser edificadas. Vocês haveriam de as considerar bastante reais, se conseguissem vê-las. Cada pessoa realmente emite imagens réplicas de si própria com frequência, embora o grau de materialização possa diferir, e algumas formas, por exemplo, possam ser mais ou menos sombrias do que outras. No entanto, essas formas não são meras projeções — imagens "planas."

Elas têm um efeito definido sobre a atmosfera. Eles "abrem espaço" para si próprias por maneiras que são bastante difíceis de explicar, embora possam coexistir às vezes com objetos físicos ou formas, ou possam até mesmo ser sobrepor-se a eles. Neste caso há é

uma interação definida - um intercâmbio que se situa, novamente, abaixo da perceção física.

Vocês podem subitamente desejar estar fortemente ao lado de uma pessoa amada, mas distante, numa costa familiar, por exemplo. Esse desejo intenso haveria de agir como um núcleo de energia projetada para fora da vossa própria mente, e obter uma forma, a vossa forma. O lugar que vocês imaginassem atrairia a forma, e instantaneamente se situaria lá. Isso acontece com muita frequência. Não seria visto em circunstâncias normais. Por outro lado, se o desejo fosse ainda mais intenso, o núcleo de energia seria maior, e uma parte do vosso próprio fluxo de consciência seria comunicada à forma, de modo que por um momento vocês no vosso quarto podiam de repente sentir o cheiro do ar salgado, ou de alguma outra forma perceber o ambiente em que essa pseudo-imagem está localizada.

A extensão da perceção irá variar aqui em grande medida. Para começar, a vossa forma física é resultado de um grande enfoque emocional. A fantástica energia da vossa psique não só criou o vosso corpo físico, como o mantém. Não é uma coisa contínua, embora a vós pareça permanente o suficiente enquanto dura. No entanto, está num estado constante de pulsação, e por causa da natureza da energia e da construção, o corpo está realmente num piscar contínuo ou intermitência.

Isto é difícil de explicar mas, para nossos propósitos atuais, não é inteiramente necessário que vocês entendam as razões dessa pulsação; mas até mesmo fisicamente, vocês "não estão aqui "tão frequentemente quanto estão. A vossa intensidade emocional e enfoque criam formas para além do corpo físico, a despeito da sua duração e nível dependerem da intensidade de qualquer origem emocional. O vosso espaço está, pois, repleto com formas incipientes, bastante vívidas, só que por detrás da estrutura regular da matéria que vocês percebem. Essas projeções são, pois, emitidas constantemente. Alguns dos instrumentos científicos mais sofisticados que vocês possuem agora poderiam mostrar claramente não apenas a existência dessas formas, como também vibrações por ondas variadas de intensidade a rodear esses objetos físicos que vocês percebem.

Para deixar isso mais claro, olhe para qualquer mesa que tenha à sua frente na sala. É física, sólida, e você percebe-o facilmente. Agora, para estabelecer uma analogia, imagine se puder que atrás da mesa há outra igual, mas não tão física, e uma atrás dessa outra, e outra atrás daquela cada uma mais difícil de perceber, até desaparecer na invisibilidade. E em frente da mesa está uma mesa igual a essa, apenas com uma aparência um pouco menos física do que a mesa "real" — igualmente numa sucessão de mesas ainda menos físicas que se estende para fora. E o mesmo para cada lado da mesa.

Agora, qualquer coisa que apareça em termos físicos também existe em outros termos que vocês não percebem. Vocês só percebem as realidades quando elas alcançam uma certa "tónica," em que parece coalescer ou fundir-se em matéria. Mas elas realmente existem, e de forma bastante válida, em outros níveis. Existem também realidades que são

"relativamente mais válidas" do que a vossa; em comparação, estritamente em função de uma analogia, por exemplo, a vossa mesa física haveria de parecer bastante sombria em contraste, como aquelas mesas muito sombrias que imaginamos. Vocês teriam um tipo de "super mesa" nesses termos. O vosso não é um sistema de realidade formado pela mais intensa concentração de energia, pois. É simplesmente aquela em que vocês se transformaram, e tornaram parte integrante. Vocês percebem-na simplesmente por essa razão.

Outras partes vossas, portanto, de que vocês não estão conscientes, habitam o que vocês poderiam chamar de um super-sistema de realidade em que a consciência aprende a lidar e a perceber concentrações muito mais intensas de energia e a construir "formas" de uma natureza diferente. A ideia que fazem do espaço é, pois, altamente distorcida, uma vez que o espaço para vós é simplesmente onde não percebem nada. Ele está obviamente preenchido com todos os tipos de fenómenos, que não deixam impressão em absoluto nos vossos mecanismos percetivos. Agora por diversas maneiras e de vez em quando, vocês podem entrar, até certo ponto, em sintonia com essas outras realidades - e vocês fazem-no espasmodicamente, embora em muitos casos a experiência se perca por não registar fisicamente.

Pensem novamente sobre essa forma que vocês enviam para a beira-mar. Embora não esteja equipado com sentidos físicos próprios, era em si mesma, até certo ponto, capaz de perceber. Vocês projetaram-na sem saber, mas por meio de leis bastante naturais. A forma foi edificada a partir de um desejo emocional intenso. A imagem, pois, segue as suas próprias leis da realidade, e até certo ponto, e em menor grau do que vocês, tem uma consciência.

Você são, para recorrer a uma analogia de novo, emitidos por um Eu Maior que desejava fortemente a existência na forma física. Vocês não são nenhuma marionete desse super Eu. Vocês seguem linhas próprias de desenvolvimento, e por meios muito difíceis de explicar aqui, vocês contribuem para a experiência desse Eu Maior e também ampliam a natureza da sua realidade. Vocês também asseguram o vosso próprio desenvolvimento, e são capazes de se valer das habilidades do super Eu Maior. Vocês tampouco virão a ser ingeridos pelo Eu que, nesses termos, lhes parece tão superior.

Mas por vocês existirem, vocês emitem projeções idênticas de vós próprios, conforme mencionado anteriormente. Não existe fim para a realidade da consciência, nem meios para a sua materialização. Nem existe algum fim para os desenvolvimentos possíveis a cada identidade.

Deixem que esclareça mais uma vez: a vossa personalidade atual, como vocês a concebem, é com efeito "indelével" e continua após a morte a crescer e a desenvolver-se.

Refiro isto de novo em meio à nossa presente discussão para que vocês não se sintam perdidos, invalidados nem insignificantes. Obviamente, há um número infinito de gradações nos tipos e géneros de formas de que falamos. Aquela energia que é projetada do nosso "Eu

Maior", aquela centelha de identidade intensa que resultou no vosso nascimento físico, aquele ímpeto único, de certa forma tem muitas semelhanças com o antigo conceito de alma — exceto que encerra apenas uma parte da história.

Conquanto vocês continuem a existir e a desenvolver-se como um indivíduo, o vosso Eu integral, ou alma, tem um potencial tão vasto, que nunca poderá ser inteiramente expresso por meio de uma personalidade, conforme foi algo explicado num capítulo anterior.
Bem, por meio de um enfoque emocional muito intenso, vocês podem criar uma forma e projetá-la ao encontro de outra pessoa, que poderá então percebê-la. Isso pode ser feito consciente ou inconscientemente; e isso é bastante importante. Esta discussão não diz respeito à chamada forma astral, que é algo inteiramente diferente. O corpo físico é a materialização da forma astral.

Entretanto, ela não abandona o corpo por nenhum período de tempo, e não é isso que é projetado em casos como o da analogia à beira-mar usada anteriormente.* Vocês no momento encontram-se focados, não só no vosso corpo físico, como numa determinada frequência de ocorrências que vocês interpretam como *tempo*. Outros períodos históricos existem simultaneamente, em formas igualmente válidas; assim como outros eus reencarnatórios. Mais uma vez, frequências com que vocês simplesmente não estão em sintonia.

**Nota Tradutor: Isso responde por parte significativa dos fenómenos ditos "dejá vu," que conforme aqui referido, não são prova de existência anterior, mas de 'visitas' feitas através desse tipo de projeção de formas de nós próprios. Sucede com frequência em momentos de aflição intensos, em que projetamos essa intensidade de energia junto com os pensamentos que emitimos e endereçamos a outras pessoas chegadas ou conhecidas.*

Vocês podem saber o que aconteceu no passado e ter histórias, porque de acordo com as regras do jogo que vocês aceitaram, vocês acredita que o passado, mas não o futuro, pode ser percebido. Vocês poderiam ter histórias do futuro no presente, se as regras do jogo fossem diferentes.

Em outros níveis de realidade, as regras do jogo alteram-se. Após a morte, nos vossos termos, vocês são bastante livres em termos percetivos. O futuro parece tão claro quanto o passado. Mesmo isto é altamente complicado, porém, porque não existe apenas um passado. Vocês aceitam como real apenas certas classificações de eventos e ignoram outras. Referimos ocorrências. Existem igualmente, pois, passados prováveis inteiramente fora da vossa compreensão. Vocês escolhem um determinado grupo deles, e apegam-se a esse grupo de ocorrências como os únicos possíveis, sem perceberem que vocês os selecionaram de uma variedade infinita de ocorrências passadas.

Existem, pois, obviamente, futuros prováveis e presentes prováveis. Estou a tentar discutir isso nos vossos termos, uma vez que, basicamente, vocês precisam entender as

palavras, "passado," "presente" e "futuro" não são mais significativas no que diz respeito à verdadeira experiência, do que as palavras "ego," "consciente" ou "inconsciente."

Não só vocês são parte de outros *eus* independentes, cada qual focado na sua própria realidade, como existe uma relação simpática. Por exemplo, por causa desse relacionamento, a vossa experiência não precisa ser limitada pelos mecanismos da perceção física. Vocês podem valer-se do conhecimento que pertence a esses outros *eus*. Vocês podem aprender a focar a vossa atenção fora da realidade física, a fim de aprenderem novos métodos de perceção que irão permitir que amplie o vosso conceito de realidade e grandemente expanda a vossa própria experiência. É somente por vocês acreditarem que a existência física seja a única válida, que ela não lhes ocorre procurar outras realidades. Coisas como telepatia e a clarividência pode dar-lhes pistas de outros tipos de perceção, mas vocês estão igualmente envolvidos em experiências bastante definidas, tanto enquanto vocês normalmente estão despertos, quanto como quando estão a dormir.

A chamada corrente de consciência é simplesmente isso — um pequeno fluxo de pensamentos, imagens e impressões — isso é parte de um rio muito mais profundo de consciência que representa a vossa própria existência e experiência muito maiores. Vocês gastam todo o vosso tempo a examinar esta pequena corrente, de modo que ficam hipnotizados com o seu fluxo, e fascinados com o seu movimento. Simultaneamente, essas outras correntes de perceção e consciência passam sem que vocês as percebam, mas elas são uma parte importante de vós, e representam aspetos, eventos, ações e emoções bastante válidas com os quais vocês também estão envolvidos em outras camadas da realidade.

Vocês estão tão ativa e vividamente preocupados com essas realidades quanto com aquela em que a vossa atenção principal está agora focada. Bem, como vocês estão meramente preocupados com o vosso corpo físico e eu físico via de regra, vocês dão atenção ao fluxo de consciência que parece prender-se com isso. Essas outras correntes de consciência, entretanto, estão ligadas a outras formas do *eu* que vocês não percebem. O corpo, por outras palavras, é simplesmente uma manifestação do que vocês são numa realidade, mas nessas outras realidades vocês têm outras formas.

"Vocês" não estão divorciados dessas outras correntes de consciência de nenhuma maneira básica; apenas o vosso enfoque de atenção os afasta deles e das ocorrências em que elas estão envolvidos. Se vocês acharem que a vossa corrente de consciência é translúcida, porém, então vocês podem aprender a olhar através e por baixo dela para outras que estão em outros leitos de realidade. Vocês também podem aprender a elevar-se acima da vossa atual corrente de consciência e perceber outras que correm, por analogia, em paralelo. A questão está em que vocês estão apenas limitados ao *eu* que conhecem se pensarem que estão, e se não perceberem que esse *eu* está longe da sua identidade inteira.

Agora, muitas vezes vocês sintonizam essas outras correntes de consciência sem perceber que o fazem - pois, mais uma vez, elas são parte da mesma corrente da vossa identidade. Todas estão, pois, ligadas.

Qualquer trabalho criativo os envolve num processo cooperativo no qual vocês aprendem a mergulhar nessas outras correntes de consciência, e a elaborar uma perceção que tem mais dimensões do que uma decorrente da corrente estreita e usual de consciência que vocês conhecem. A grande criatividade é, pois, multidimensional por esse motivo. A sua origem não procede de uma realidade, mas de muitas, e é tingida pela multiplicidade dessa origem. A grande criatividade sempre parece maior do que a sua dimensão e realidade físicas puras. Em contraste com a chamada usual, parece quase uma intrusão. É de tirar o fôlego. Essa criatividade lembra automaticamente a cada indivíduo a sua realidade multidimensional. As palavras "conhece-te a ti mesmo," significam, pois, muito mais do que a maioria as pessoas sempre supõem.

Agora, em momentos de solidão, vocês podem dar-se conta de algumas dessas outras correntes de consciência. Vocês podem, por vezes ouvir, por exemplo, palavras ou ver imagens que aparecem fora do contexto dos vossos próprios pensamentos. De acordo com a vossa educação, crenças e histórico, vocês podem interpretá-las de várias maneiras. A propósito, eles podem ter origem de diversas fontes. Em muitas ocasiões, no entanto, vocês terão inadvertidamente sintonizado uma das vossas outras correntes de consciência, aberto momentaneamente um canal para aqueles outros níveis de realidade em que outras partes de vós habitam.

Algumas delas podem envolver os pensamentos do que vocês chamariam de eu reencarnatório, focado em outro período da história como vocês os conhecem. Vocês podem, em vez disso, "captar" uma ocorrência em que um *eu* provável esteja envolvido, de acordo com a vossa inclinação, a vossa flexibilidade psíquica, a vossa curiosidade, o vosso desejo de conhecimento. Por outras palavras, vocês podem tornar-se ciente de uma realidade muito mais vasta do que vocês conhecem agora, usar capacidades que vocês não percebem que possuem, saber além de toda sombra de dúvida que a vossa própria consciência e identidade são independente do mundo no qual vocês agora concentram a vossa atenção primária. Se tudo isso não fosse verdade, eu não estaria a escrever este livro e vocês não o estariam a ler.

Essas outras vossas existências prosseguem alegremente, estejam vocês acordados ou a dormir, mas enquanto vocês estão acordados, normalmente vocês bloqueiam-nas. No estado onírico vocês têm muito mais consciência delas, embora haja um processo final de sonho que muitas vezes mascara a intensa experiência psicológica e psíquica e, infelizmente, o que vocês normalmente lembram é essa versão final dos sonhos.

Nesta versão final, a experiência básica é convertida o mais próximo possível em termos físicos. É, por isso, distorcida. Este processo final de retoque não é feito por camadas mais

profundas do *eu*, no entanto, é muito mais um processo consciente do que vocês se dão conta.

Um pequeno aspeto pode explicar o que quero dizer aqui. Se vocês não quiserem recordar um sonho particular, vocês próprios censuram a memória em níveis bastante próximos de consciência. Muitas vezes vocês podem até mesmo se pegar no ato de descartar propositalmente a recordação de um sonho. O processo de retoque ocorre praticamente nesse mesmo nível, embora não exatamente.

Aqui, a experiência básica é vestida às pressas, tanto quanto possível, em aspetos físicos. Não é porque vocês queiram entender a experiência, mas por vocês se recusarem a aceitá-la como basicamente não física. Nem todos os sonhos são dessa natureza. Alguns dos próprios sonhos acontecem em áreas psíquicas ou mentais associadas com atividades do vosso quotidiano, caso em que nenhum processo de os revestir é necessário. Mas nas profundezas da experiência do sono — aquelas, aliás, ainda não tocados pelos cientistas nos chamados laboratórios de sonho — vocês estão em comunicação com outras partes da vossa própria identidade e com as outras realidades em que existem.

Nesse estado, vocês também realizam trabalhos e empreendimentos que podem ou não estar relacionados com os vossos interesses como você os conhecem. Vocês estão a aprender, a estudar, a brincar; qualquer coisa, menos adormecidos, como vocês pensam a respeito do termo. Vocês estão altamente ativos. Vocês estão envolvidos no trabalho subjacente, no verdadeiro âmago da existência.

Agora, deixem que enfatize aqui que vocês simplesmente não estão inconscientes. Só parece que estejam, porque, via de regra, vocês não se lembram de nada disso pela manhã. Até certo ponto, no entanto, algumas pessoas têm consciência dessas atividades, e também existem métodos que lhes permitirão que os recordem até certo ponto.

Não quero minimizar a importância do estado de consciência em que se encontram, por exemplo, quando leem este livro. Presumivelmente vocês estão acordados, mas em muitos aspetos quando vocês estão acordados, vocês estão a descansar muito mais do que no vosso chamado estado inconsciente todas as noites. Assim, numa maior medida, vocês percebem a vossa própria realidade e estão livres para usar capacidades que durante o dia vocês ignoram ou negam. Num nível muito simples, por exemplo, a vossa consciência deixa o vosso corpo frequentemente no estado de sono. Vocês comunicam em outros níveis de realidade com pessoas que conheceram, mas muito além disso, vocês mantêm e revitalizam criativamente a vossa imagem física. Vocês processam a experiência diária, projetam-na no que vocês pensam ser o futuro, escolher de entre uma infinidade de acontecimentos prováveis aqueles que vocês tornarão físicos, e iniciarão processos mentais e psíquicos que os levarão ao mundo da substância.

Ao mesmo tempo, vocês disponibilizam essas informações para todas as outras partes da vossa identidade, que reside em realidades inteiramente diferentes, e recebem delas informações semelhantes. Vocês não perdem o contato com o vosso *eu* normal; simplesmente não se concentram nele, desviando a vossa atenção. Durante o dia vocês simplesmente revertem o processo. Se olhassem para o vosso *eu* normal diário de outro ponto de vista, entende, para empregar uma analogia aqui, vocês poderiam achar esse *eu* fisicamente desperto estranho, por agora terem descoberto o *eu* do sono. A analogia não será válida, no entanto, simplesmente porque este vosso *eu* do sono tem muito mais conhecimento do que o *eu* desperto do qual vocês tanto se orgulham.

A aparente divisão não é arbitrária nem lhes é imposta. É simplesmente causada pelo vosso estágio atual de desenvolvimento, e isso varia. Muitas pessoas fazem excursões para outras realidades - nadam, por assim dizer, por outras correntes de consciência como parte das suas vidas normais de vigília. Por vezes, peixes estranhos surgem nessas águas!

Agora eu sou obviamente um desses que, nos vossos termos, nada por outras dimensões da realidade e observa uma dimensão da existência que é vossa ao invés de minha. Há, pois, canais que existem entre todos essas correntes de consciência, todos esses rios simbólicos de experiência psicológica e psíquica, e há viagens que podem ser feitas tanto da minha dimensão quanto da vossa.

Agora, inicialmente a Jane, o Joseph e eu fomos parte da mesma entidade, ou da identidade geral, e assim, simbolicamente falando, existem correntes psíquicas que nos unem. Todas elas se fundem no que muitas vezes tem sido comparado a um oceano de consciência, um poço de onde toda a realidade brota. Comecem por uma consciência qualquer e, teoricamente, vocês descobrirão todas as outras.

Agora, muitas vezes o ego atua como uma represa, para conter outras perceções - não porque o pretendesse, ou porque fosse da natureza de um ego comportar-se dessa forma, ou mesmo por ser a função principal de um ego, mas simplesmente por lhes terem ensinado que o propósito de um ego é mais restritivo do que expansivo. Vocês realmente imaginam que o ego seja uma parte muito fraca do *eu*, que deve defender-se contra outras áreas do *eu* que são muito mais fortes e persuasivas e, de facto, mais perigosas; e então vocês treinam-no para usar viseiras, e ir inteiramente contra as suas inclinações naturais.

O ego deseja compreender e interpretar a realidade física e relacionar-se com ela. Quer ajudá-los a sobreviver na existência física, mas ao lhe colocarem viseiras, vocês atrapalham a sua perceção e flexibilidade nativa. E depois, por ser inflexível, vocês dizem que essa é a função natural e característica do ego.

Ele não pode relacionar-se com uma realidade que vocês não permitirão que ele perceba. Mal os pode ajudar a sobreviver quando vocês não permitem que ele use as suas capacidades para descobrir aquelas verdadeiras condições em que precisa manipular. Vocês colocam-lhe vendas, e depois dizem que não consegue ver.

O SONO, OS SONHOS E A CONSCIÊNCIA

Capítulo 8

As pessoas divergem na necessidade de sono que têm, e nenhuma pílula jamais permitirá que alguém prescinda totalmente do sono, porquanto muito trabalho é realizado nesse estado. Entretanto, isso poderia ser conseguido de forma muito muito mais eficaz com dois períodos de sono de menor duração em vez de apenas um.

Dois períodos, de três horas cada um, seriam suficientes para a maioria das pessoas, caso as sugestões adequadas fossem dadas antes de a pessoa adormecer – sugestões que garantiriam a recuperação total do corpo. Em muitos casos, dez horas de sono, por exemplo, representam na verdade uma desvantagem, por resultarem numa letargia, tanto mental quanto física. Neste caso, o espírito simplesmente fica tempo demasiado longe do corpo, causando uma perda de flexibilidade muscular.

Tal como seria muito melhor fazer vários lanches leves em vez de três grandes refeições por dia, também vários períodos curtos de sono seriam mais eficazes. Além disso resultariam outros benefícios. Na verdade, o eu consciente recordaria mais das aventuras dos sonhos, e pouco a pouco elas seriam adicionadas à totalidade da experiência, conforme o ego a entende.

Em resultado de períodos de sono breves e mais frequentes, verificar-se-iam picos mais acentuados de atenção consciente e uma renovação mais regular tanto das atividades físicas como psíquicas. Não existiria uma divisão tão definida entre as várias áreas ou níveis do eu. O resultado seria um uso mais económico da energia assim como um uso mais eficaz dos nutrientes. A consciência como vocês a conhecem também se tornaria mais flexível e móvel.

Isso não levaria a um desfoque da consciência ou atenção. Em vez disso, essa maior flexibilidade resultaria num aperfeiçoamento da atenção consciente. A grande divisão aparente entre o eu acordado e o eu adormecido resulta, em grande parte, da divisão da função, achando-se os dois sendo muito separados – com um bloco de tempo reservado a um, e um bloco maior de tempo reservado ao outro. E eles são mantidos separados, pois, por causa do uso que vocês fazem do tempo.

Inicialmente, a vossa vida consciente seguia a luz do dia. Agora, com a luz artificial, não precisa ser assim. Isso proporciona, pois, oportunidades resultantes da vossa tecnologia de que vocês não estão a tirar proveito. Dormir o dia todo e trabalhar à noite toda dificilmente será uma resposta e mais se trata da simples inversão dos vossos presentes hábitos. Mas seria de longe muito mais eficaz e eficiente dividir o período de vinte e quatro horas de modo diferente.

Na verdade existem muitas variações que seriam preferíveis ao vosso atual sistema. O ideal será dormir cinco horas de cada vez, do que tirarão o máximo proveito; qualquer coisa que passe desse limite não será tão útil. As pessoas que precisam de dormir mais fariam então um cochilo de duas horas. Para outras, um bloco de sono de quatro horas e dois cochilos seria muito benéfico. Com as sugestões adequadas ministradas, o corpo pode recuperar em metade do tempo atualmente dedicado ao sono. De qualquer forma, é muito mais estimulante e eficiente ter o corpo físico ativo, em vez de inativo, por, digamos, oito a dez horas.

Vocês treinaram a vossa consciência para seguir certos padrões que não lhe são, necessariamente, naturais, e esses padrões aumentam o senso de alienação entre o eu do estado de vigília, e o eu do estado de sonho. Até certo ponto, vocês entorpecem o corpo com sugestões, de modo que ele acredita que precisa dormir uma certa quantidade de horas de uma vez só. Os animais dormem quando estão cansados, e acordam de um modo muito mais natural.

Vocês seriam capazes de reter uma memória muito maior das vossas experiências subjetivas, e o vosso corpo seria mais saudável, se esses padrões de sono fossem mudados. Seis a oito horas de sono, ao todo, seriam suficientes, com a utilização do padrão de cochilos delineado. E mesmo aqueles que acham que precisam dormir mais do que isso, descobririam que não precisam, se não gastassem todo o tempo num só bloco. Todos os sistemas, físico, mental e psíquico sairiam beneficiados.

As divisões entre os diferentes aspetos do eu não seriam tão acentuadas. O trabalho físico e mental seria mais fácil, e o próprio corpo obteria períodos regulares de repouso e restabelecimento. Agora, por via de regra, ele precisa esperar, independentemente da sua condição, pelo menos algumas dezasseis horas. Por outras razões relacionadas com as reações químicas que se processam durante os sonhos, a saúde do corpo melhoraria, sendo que esta programação particular também seria útil em casos de esquizofrenia, além de ajudar pessoas com problemas de depressão ou instabilidade mental.

A noção que vocês têm do tempo também seria menos rigoroso e rígido. As capacidades criativas sofreriam um aceleramento, e o grande problema da insónia, de que muita gente padece, seria amplamente superado, porque em geral, o que as pessoas temem, são os longos períodos de tempo nos quais a consciência (conforme acham que seja), parece extinguir-se.

Pequenas refeições ou lanches seriam então tomados depois que a pessoa se levantasse. Este método de comer e dormir sanaria vários problemas metabólicos, além de ajudar o desenvolvimento das capacidades espiritual e psíquica. Por diversas razões, a atividade física durante a noite tem um efeito diferente sobre o corpo do da atividade física durante o dia, e, em termos ideais ambos os efeitos são necessários.

Em certos momentos da noite, os íones negativos do ar são muito mais fortes ou numerosos do que durante o dia, por exemplo, e uma atividade durante esse tempo,

particularmente uma caminhada ou outra atividade ao ar livre, seria muito benéfica do ponto de vista da saúde.

O período que antecede imediatamente o amanhecer em geral representa um ponto de crise para as pessoas muito doentes. A consciência ficou afastada do corpo por demasiado tempo e, ao retornar, tem dificuldade em lidar com os mecanismos do corpo doente. Por essa razão, a prática hospitalar de ministrar medicamentos aos pacientes para dormirem toda a noite, é prejudicial. Em muitos casos, a consciência faz demasiado esforço para reassumir o mecanismo da doença. Esses medicamentos muitas vezes também impedem certos ciclos de sonhos necessários, que podem ajudar o corpo a recuperar; a consciência, então, fica desorientada. Algumas das divisões entre diferentes porções do eu não são basicamente necessárias, mas resultam de costumes e conveniências.

Em outros tempos, embora não houvesse luz elétrica, por exemplo, o sono não era longo e contínuo à noite, pois os locais de repouso não eram muito seguros. O homem das cavernas, por exemplo, enquanto dormia estava alerta para com os predadores. Os aspetos misteriosos da noite natural ao ar livre mantinham-no parcialmente alerta. Ele acordava constantemente e inspecionava os arredores e seu próprio abrigo.

Ele não dormia por períodos muito longos como vocês. Os períodos de sono eram de duas ou três horas, e estendiam-se pela noite desde o anoitecer até o amanhecer, mas alternavam com períodos de vigília e de estado de alerta. Ele também saía em busca de alimento quando achava que os predadores estavam a dormir. Isso resultava numa mobilidade de consciência que na verdade lhe assegurava a sobrevivência física, e as intuições que lhe surgiam nos sonhos eram lembradas e aproveitadas quando estava acordado.

Bom, muitas doenças são simplesmente causadas por essa vossa divisão, por este longo período de inatividade corporal e pelo foco de atenção prolongado tanto na realidade dos sonhos como no da vigília. A vossa consciência normal pode sair beneficiada de incursões e descansos nesses outros campos de atuação em que vocês entram quando dormem, e a chamada consciência do sono também sairá beneficiada das frequentes excursões pelo estado de vigília.

Bom, trato destes assuntos aqui porque essas mudanças nos padrões habituais resultariam, definitivamente, numa maior compreensão da natureza do eu. As porções da personalidade que sonham parecem-lhes estranhas, não só devido a uma diferença básica de enfoque, mas porque vocês claramente devotam porções contrárias de um ciclo de vinte e quatro horas a essas áreas do eu.

Vocês separam-nas tanto quanto possível. Ao fazerem isso, dividem muito bem as suas capacidades intuitivas, criativas e psíquicas das vossas capacidades físicas, manipuladoras e objetivas. Não faz diferença a quantidade de horas de sono vocês acham que precisam. Vocês ficariam muito melhor se dormissem vários períodos de sono mais curtos, e, na verdade, passariam a precisar de menos tempo. O período de sono mais prolongado deve ser

durante a noite. Mas, uma vez mais, a eficiência do sono é diminuída e existem desvantagens que se instalam após seis a oito horas de inatividade física.

As funções das hormonas, das substâncias químicas e dos processos suprarrenais em particular, seriam muito mais eficientes com períodos alternados de atividades, conforme mencionei. O desgaste do corpo seria minimizado e, ao mesmo tempo, todos os poderes regenerativos seriam usados ao máximo. Tanto aqueles dotados de alto como de baixo metabolismo, seriam beneficiados.

Os centros psíquicos seriam ativados com mais frequência, e a identidade total da personalidade seria fortalecida e mantida. A mobilidade e flexibilidade da consciência resultante aumentaria a concentração consciente, e os níveis de fadiga permaneceriam sempre abaixo do ponto de perigo. Resultaria num maior equilíbrio, tanto físico quanto mental. Bem, esses planos poderiam ser adotados com facilidade. Os que estão sujeitos às horas de trabalho dos Americanos, por exemplo, poderiam dormir entre quatro a seis horas por noite, de acordo com variações individuais, e fazer uma sesta depois do jantar. Quero deixar claro, entretanto, que qualquer coisa acima de seis a oito horas de sono contínuo resulta contra vós, e um período de dez horas, por exemplo, pode ser muito prejudicial. Ao acordarem, muita vez vocês não se sentem descansados, mas drenados nas vossas energias. Não têm pensado em vós.

Se não compreendem que em períodos de sono, a vossa consciência efetivamente abandona o seu corpo, o que eu disse não terá qualquer significado. Bom, a vossa consciência retorna às vezes para verificar os mecanismos físicos, e a consciência simples de átomos e células — a consciência do corpo — está sempre com o corpo, de modo que ele não fica vazio. Mas as porções amplamente criativas do *eu* deixam o corpo, quando vocês dormem, e por longos períodos de tempo.

Os vossos hábitos de sono atuais são a causa de alguns casos de comportamento fortemente neurótico. O sonambulismo, até certo ponto, também está ligado a isso. A consciência deseja voltar ao corpo, mas está hipnotizada pela ideia de que o corpo não deve acordar. O excesso de energia nervosa apossa-se dos músculos e estimula-lhes a atividade, porque o corpo sabe que ficou inativo por um tempo demasiadamente longo e, se agir de modo diferente, terá, como consequência, fortes cãibras musculares.

O mesmo se aplica aos vossos hábitos alimentares. Vocês enchem demais os tecidos e depois fazem-nos passar fome. Isso tem efeitos definidos sobre a natureza da consciência, da criatividade, do grau de concentração. Continuando este raciocínio, por exemplo, vocês literalmente deixam o vosso corpo à míngua durante a noite, e contribuem para o envelhecimento do corpo, negando-lhe alimento durante essas longas horas. Tudo isso se reflete na força e na natureza da vossa consciência.

A vossa alimentação devia ser distribuída pelo período de vinte e quatro horas e não apenas durante as horas em que vocês permanecem acordados — isto é, se os padrões do sono fossem alterados conforme sugeri, vocês também comeriam durante as horas da noite.

Assim, comeriam muito menos a qualquer "refeição." Pequenas quantidades de alimento, ingeridas com muito mais frequência, trariam mais benefícios físicos, mentais e psíquicos do que a vossa prática atual.

Mudando os padrões do sono, mudariam automaticamente os vossos padrões de alimentação. Descobririam que são uma identidade muito mais coesa. Vocês se tornariam muito mais conscientes das suas faculdades clarividentes e telepáticas, por exemplo, e não sentiriam a profunda separação que agora sentem entre o eu adormecido e o eu desperto. Em grande parte, essa sensação de alienação desapareceria.

Aumentaria também o prazer que sentem pela natureza, pois, por via de regra, vocês não têm familiaridade com a noite. Tirariam muito maior partido do conhecimento intuitivo que ocorre nos sonhos, e o ciclo dos vossos estados de ânimo não variaria de modo tão definido como vem acontecendo. Haveriam de se sentir muito mais seguros em todas as áreas da existência.

Também se reduziria o problema da senilidade, porquanto os estímulos não seriam minimizados por tanto tempo. E a consciência, com uma flexibilidade maior, experimentaria com um maior vigor a sua própria noção de alegria.

Bom; é amplamente sabido que o estado do sono comporta flutuações de consciência e de vigília. Certos períodos de sonho realmente substituem certos períodos de vigília. Mas também existem flutuações na consciência da vigília normal, ritmos que revelam períodos de atividade intensa, seguidos por períodos de consciência muito menos ativos.

Certos estados de vigília, claro está, aproximam-se muito dos estados de sono. Eles fundem-se uns com os outros, de modo que o ritmo em geral passa despercebido. Essas gradações de consciência são acompanhadas de mudanças no organismo físico. Nos períodos de maior indolência do estado de vigília, verifica-se uma falta de concentração, uma diminuição dos estímulos em grau variado, um aumento de acidentes e, em geral, um menor vigor corporal.

Devido a hábito de dormir por longos períodos, seguidos de longos períodos em que permanecem acordados, vocês não tiram partido desses ritmos da consciência. Os picos são, de certa forma, sufocados, ou passam até despercebidos. Os contrastes agudos e a grande eficiência da consciência natural da vigília mal são utilizados.

Bom, eu estou a apresentar aqui todo este material porque ele irá ajudá-los a compreender e a usar as habilidades que possuem. Vocês estão a exigir demais da vossa consciência natural da vigília, ao alisarem os altos e baixos da sua atividade, e exigirem, em certos casos, que ela prossiga ao máximo quando, na verdade, se encontra num período mínimo; dessa forma, negando a vós próprios a máxima mobilidade de consciência possível. As sugestões feitas anteriormente neste capítulo, a respeito dos hábitos de dormir, resultarão num uso natural desses ritmos. Os picos serão experimentados com uma maior frequência. A concentração aumentará, os problemas serão vistos com mais clareza e a

capacidade de aprendizado será utilizada de uma forma melhor.

Esse período prolongado, concedido à consciência de vigília sem períodos de descanso, acumulam no sangue as substâncias químicas que são liberadas durante o sono. Porém, entretanto, elas afrouxam o corpo e retardam a concentração consciente. O longo período de sono a que vocês estão acostumados torna-se, então, necessário. Forma-se um círculo vicioso que força um excesso de estímulos durante a noite, incrementando o trabalho corporal, levando-o a realizar continuamente prolongados atos físicos de purificação que, de uma forma ideal, seriam realizados em períodos mais breves de descanso. O ego sente-se ameaçado pela "licença" prolongada que precisa ter, fica atento em relação ao sono e ergue barreiras contra o estado do sonho, muitas das quais são profundamente artificiais.

O resultado é uma dualidade aparente e a desconfiança de uma parte do eu em relação à outra. Muito material criativo de valor extremamente prático se perde no processo. Os procedimentos que foram referidos permitiriam um acesso muito maior a tais informações, e o eu desperto, ver-se-ia mais revigorado. O simbolismo dos sonhos surgiria com uma maior clareza e não se perderia, por exemplo, nas muitas horas que vocês agora dedicam ao sono.

Resultariam benefícios para a força muscular. O sangue seria purificado de forma mais eficaz do que quando o corpo permanece propenso por tanto tempo. Acima de tudo, dar-se-ia — se me permitirem — uma melhor comunicação entre as camadas subjetivas do eu, uma sensação incrementada de segurança e, especialmente no caso das crianças, um desenvolvimento maior das capacidades criativas. Uma consciência clara, depurada, brilhante e vigorosa, precisa de períodos frequentes de repouso para que a sua eficiência seja mantida, e para poder interpretar corretamente a realidade. De outra forma, ela distorce aquilo que for percebido.

O repouso ou o sono — períodos de sono muito prolongados — têm sido úteis em certos casos de terapia, não porque um sono prolongado em si mesmo seja benéfico, mas por muitas toxinas se terem acumulado, de forma que esse período de sono prolongado torna-se necessário. Os processos de aprendizagem são travados pelos vossos hábitos atuais, por haver períodos em que a consciência está sintonizada com a aprendizagem, e, no entanto vocês tentarem forçar a aprendizagem durante períodos mínimos não reconhecidos. As faculdades criativas e psíquicas são deitadas para o segundo plano, simplesmente por causa dessa divisão artificial. Disso resultam dualidades que lhes afetam todas as atividades. Em certos casos, vocês literalmente forçam-se a dormir quando a vossa consciência poderia estar num dos seus pontos máximos. Isso, curiosamente, durante a madrugada. Em certas horas da tarde, a consciência é reduzida, precisando de um repouso que lhe é, então, negado.

Se examinássemos os estágios em que a consciência se encontra desperta, como examinamos os estágios do sono, por exemplo, vocês descobririam um âmbito muito maior de atividade do que suspeitam. Certos estágios de transição são inteiramente ignorados. Em

muitos aspetos, pode-se dizer que a consciência realmente vacilar, e varia na intensidade. Não é, por exemplo, como um raio de luz uniforme.

A consciência possui muitas características, algumas das quais são do vosso conhecimento. Muitas das características da consciência, entretanto, não são tão evidentes, já que atualmente vocês usam em larga escala a vossa consciência de uma forma que as suas perceções aparecem em aspetos outros que não naturais. Por outras palavras, vocês estão cientes da vossa própria consciência por meio do vosso mecanismo físico. Mas não têm tanta informação sobre a vossa própria consciência quando ela não opera principalmente através do corpo, como quando opera nos estados fora-do-corpo e algumas condições de dissociação.

As características da consciência são as mesmas, estejam vocês num corpo ou fora dele. Os altos e baixos da consciência que eu referi, existem até certo ponto em toda consciência, a despeito da forma adotada depois da morte. A natureza da vossa consciência não difere basicamente daquilo que é agora, embora vocês possam não ter consciência de muitas das suas características.

Bom, a vossa consciência é telepática e clarividente, por exemplo, embora vocês possam não o perceber. No sono, quando vocês muitas vezes presumem estar inconscientes, podem estar muito mais conscientes do que agora, mas simplesmente estar a usar faculdades da consciência que vocês não aceitam como reais ou válidas quando acordados. Assim, vocês eliminam-nas de vossa experiência consciente. A consciência — a vossa assim como a minha — é muito independente, tanto do tempo como do espaço. E depois da morte, vocês simplesmente percebem os poderes maiores da consciência que existem dentro de vós a toda a hora.

E como existem, evidentemente, vocês podem descobri-los agora e aprender a usá-los. Isso irá ajudá-los diretamente na vossa experiência após a morte. Vocês ficarão muito menos espantados com a natureza das vossas próprias reações se compreenderem antecipadamente, por exemplo, que a vossa consciência não só não se encontra aprisionada no vosso corpo físico, mas pode criar outras porções à vontade. Aqueles que identificam de uma forma exacerbada a consciência com o corpo podem sofrer um tormento gerado por eles próprios, sem qualquer razão aparente, ao permanecerem perto do corpo. De facto, à semelhança de uma alma lastimável que pensa não ter qualquer outro lugar para onde ir.

Vocês agora são, conforme referi anteriormente, um espírito; e esse espírito possui uma consciência. A consciência diz, pois, respeito ao espírito, mas os dois não são a mesma coisa. O espírito pode ativar ou desativar a sua consciência. Pela sua própria natureza, a consciência pode vacilar e oscilar, mas o espírito não.

O termo "espírito" não me agrada em particular por causa das diversas implicações que lhe são atribuídas, mas presta-se ao nosso propósito no sentido de que a palavra implica independência da forma física. A consciência não se revigora durante o sono. Ela volta-se simplesmente numa outra direção. A consciência não dorme, pois, nesses termos, e embora possa ser desligada, ela não é como uma luz. Desligá-la não significa que se extinga do mesmo

modo que a luz desaparece quando um interruptor é desligado. Dando continuidade à analogia, se a consciência fosse como uma luz que lhes pertencesse, mesmo que a desligassem veriam um tipo de crepúsculo, mas não escuridão. O espírito, pois, nunca se encontra num estado de inexistência, com a sua consciência extinta. É, pois, muito importante que isso seja compreendido.

Eu disse anteriormente que vocês estão familiarizados apenas com as características da vossa própria consciência, que usam por intermédio do vosso corpo. Vocês confiam no corpo a expressão das perceções da vossa consciência. Vocês tendem, torno a repetir, a identificar a expressão da vossa consciência com o corpo.

Contudo, a consciência tem permissão para se retirar, e, até certo ponto para começou a eliminar a expressão física. Vocês não teriam consciência dessa permissão, simplesmente por esse tipo de demonstração não poder ser realizado com o conhecimento da consciência do estado normal de vigília. Ela sentir-se-ia automaticamente amedrontada. Quando eu referi a diminuição da consciência, Joseph experimentou-a.

Na verdade, isso pode representar um exercício de manipulação da consciência. Perto da morte, esse mesmo tipo de coisa sucede em grau diversificado, quando a consciência percebe que já não pode expressar-se por meio do corpo. Se a pessoa que está a morrer se identificar em demasia com o corpo, poderá facilmente entrar em pânico, e pensar que toda a expressão seja, pois, isolada, e já agora, esteja prestes a ser extinta. Essa crença na extinção, essa certeza de que a identidade seja extinta no instante seguinte, constitui uma experiência psicológica séria, que pode provocar reações desastrosas. O que acontece em vez disso, é que vocês percebem que a consciência se encontra intacta, e que sua expressão é muito menos limitada do que era anteriormente.

Trataremos agora, após o que eu considero ser um material prático conveniente, de alguns capítulos subordinados à natureza da existência após a morte física, durante o momento da morte, e que envolvem a morte física final por altura do término do ciclo reencarnatório. É importante que entendam algo sobre a natureza e o comportamento da vossa própria consciência antes de podermos iniciar.

A EXPERIÊNCIA DA "MORTE"

CAPÍTULO 9
Sessão 535

Que é que sucede por altura da morte? A questão é muito mais fácil de ser colocada do que respondida. Basicamente NÃO EXISTE NENHUM MOMENTO particular em que a morte se verifique, nesses termos, mesmo no caso de um acidente repentino.

Contudo, procurarei dar uma resposta prática ao que vocês referem com essa questão prática. O que a questão realmente significa para a maioria das pessoas é: "O que

acontecerá quando eu não mais estiver vivo em termos físicos? Que será que vou sentir? Ainda serei aquilo que sou? As emoções que me impeliram durante a vida continuarão a fazê-lo? Existirá um céu ou um inferno? Serei acolhido por deuses, por demónios, por inimigos, ou por aqueles que amei?" Mas sobretudo a questão traduz-se pelo seguinte: "Quando eu estiver morto, ainda serei quem sou atualmente e ainda recordarei aqueles que atualmente me são caros?"

Por isso, vou igualmente responder às perguntas nestes termos; mas antes de o fazer, há que proceder a diversas considerações aparentemente pouco práticas relativas à natureza da vida e da morte, com as quais temos que lidar.

Em primeiro lugar, consideremos o facto há pouco mencionado. Não existe nenhum momento específico, distinto e indivisível a que possamos chamar morte. A vida é um estado de transformação, e a morte é parte do processo dessa transformação. Vocês estão vivos neste momento, uma consciência ciente de si própria, a espumar cognição por entre escombros de células mortas e outras que estão a morrer; uma consciência viva, enquanto os átomos e moléculas do vosso corpo morrem e renascem. Vocês estão, pois, vivos, em meio a pequenos processos de morte; porções da vossa própria imagem que se desintegram a cada instante e são substituídas sem que deem atenção à questão, senão raramente. Assim, e até certo ponto, vocês estão vivos neste momento, em meio à vossa própria morte – vivos, independentemente dela e, ainda assim, justamente devido às inúmeras mortes e renascimentos que ocorrem no vosso corpo, em termos físicos.

Se as células não morressem e não fossem substituídas, a imagem física não poderia sofrer continuidade; por isso, no presente, conformem sabem, a vossa consciência oscila por entre uma imagem (a vossa) corpórea em constante mutação.

Em muitos aspetos, podem comparar a vossa consciência, tal qual a concebem agora, a um pirilampo, pois embora lhes pareça que a consciência que têm seja contínua, ela não é. Além disso ela também cintila de forma intermitente; contudo, conforme referimos antes, ela jamais é inteiramente extinta. Porém, o seu enfoque não é assim tão constante quanto o poderão supor. Assim como se encontram vivos em meio às vossas múltiplas pequenas mortes, também sem que o percebam estão frequentemente "mortos" mesmo em meio à vida cintilante da vossa própria consciência.

Estou aqui a empregar os vossos próprios termos. Consequentemente, por "morte," refiro o achar-se "completamente desfocado da realidade física." Bom, a vossa consciência, pura e simplesmente não se acha fisicamente viva ou fisicamente orientada exatamente pela mesma quantidade de tempo em que ela está fisicamente viva e se orienta para o físico. Isso pode parecer confuso, mas felizmente podemos clarificá-lo. A consciência sofre pulsações, embora, uma vez mais, vocês possam não ter noção delas.

Consideremos a seguinte analogia. Num instante a vossa consciência encontra-se "viva" e focada na realidade física. No instante seguinte já se encontra completamente focada noutro lugar, num sistema da realidade diferente. Não se acha viva, mas "morta," segundo o vosso modo de pensar. No instante seguinte acha-se novamente "viva," focada na vossa

realidade, mas vocês não têm consciência do instante que interveio em que deixou de estar "viva." O vosso sentido de continuidade, é, pois edificado por completo numa outra pulsação qualquer da consciência. Ficou claro?

Lembrem-se que isto não passa de uma analogia, pelo que a palavra "instante" não deve ser encarada em termos demasiado literais. A consciência apresenta, pois, aquilo a que chamamos de "desvantagem." Agora, do mesmo modo, os átomos e moléculas existem de tal forma que se encontram "mortos," ou inativos no vosso sistema, e em seguida "vivos" ou "ativos," sem que consigam perceber o momento em que eles deixam de existir. Uma vez que os vossos corpos e todo o vosso universo físico são compostos por átomos e moléculas, nesse caso estou a referir que toda a estrutura tem uma existência em moldes semelhantes. Por outras palavras, ela oscila num movimento de ativação e desativação a um certo ritmo que se assemelha, digamos, ao ritmo da respiração.

Existem ritmos abrangentes e, dentro deles, uma infinidade de variações individuais - quase como um metabolismo cósmico. Nesses termos, aquilo a que chamam "morte" constitui simplesmente a inserção de uma duração mais prolongada dessa pulsação, da qual vocês não têm consciência, uma pausa prolongada, nessa outra dimensão, por assim dizer.

A morte do tecido físico, digamos, é meramente uma parte do processo da vida tal como vocês a conhecem no vosso sistema, uma parte do processo da transformação. Mas a partir desses tecidos, como bem sabem, florescerá uma nova vida.

A consciência — a consciência humana — não é dependente dos tecidos, e, no entanto, não existe matéria física que não seja trazida à existência por alguma porção da consciência. Por exemplo, quando a vossa consciência individual abandona o corpo por um processo que explicarei muito resumidamente, então a simples consciência dos átomos e moléculas permanece e não sofre aniquilação.

Agora; na vossa presente situação, vocês consideram-se arbitrariamente dependentes de uma determinada imagem física e identificam-se com o vosso corpo.

Conforme mencionado previamente, ao longo de toda a vossa vida, porções desse corpo morrem; e o corpo que agora possuem não encerra uma única partícula da matéria física que teve, digamos, há uns dez anos atrás. Assim, o vosso corpo é atualmente inteiramente diferente do que era há dez anos atrás. O corpo que tinham há dez anos atrás, meus caros leitores, está morto. Ainda assim, é óbvio que não se sentem mortos e são bastante capazes de ler isto com olhos compostos por matéria completamente nova. As pupilas, as pupilas "exatamente iguais" que atualmente possuem, não existiam dez anos atrás e, ainda assim, parecerá que a vossa visão não tenha sofrido nenhuma grande brecha.

Este processo, como poderão verificar, prossegue de forma tão suave que nem chegam a ter consciência dele. As pulsações mencionadas anteriormente, têm uma duração tão curta que a vossa consciência as ignora de um modo jovial mas, ainda assim, a vossa perceção física parece não conseguir anular a 'lacuna sempre que ocorre o ritmo mais prolongado dessa pulsação. E assim, esse é o período que percebem como morte. Aquilo que vocês querem, pois, saber é o que acontece quando a vossa consciência se dirige para além da

realidade física e quando, momentaneamente, parece não ter nenhuma "imagem física" para envergar.

Falando de um modo bastante prático, não existe uma (só) resposta para a questão porque cada um de vós constitui um caso individual. Em termos gerais, é claro, existe uma resposta que é capaz de englobar os aspetos principais dessa experiência, mas os diferentes tipos de morte têm muito que ver com a experiência que a consciência sofre. Também envolve o desenvolvimento da própria consciência e o método característico global que ela possui, de lidar com a experiência.

As ideias que têm com respeito à natureza da realidade tingirão fortemente as experiências por que passarem, pois haverão de as interpretar à luz das crenças que têm, tal como agora interpretam a vida do dia-a-dia de acordo com as ideias que têm acerca do que é possível ou não. A vossa consciência pode retirar-se do vosso corpo lenta ou rapidamente, de acordo com diversas variáveis.

Em muitos casos de senilidade, por exemplo, porções fortemente organizadas da personalidade já abandonaram o corpo e estão a fazer frente a circunstâncias novas. O medo da morte em si pode causar um tal pânico psicológico que, por uma questão de auto preservação e defesa, vocês reduzem a consciência que têm, de forma a permanecer num estado de coma de que podem levar algum tempo a recuperar.

Uma crença no fogo do inferno pode fazer com que venham a ter alucinações de condições infernais. Uma crença num céu estereotipado pode resultar em alucinações divinas. Vocês sempre formam a vossa própria realidade de acordo com as ideias e expectativas que nutrem. Essa é a natureza da consciência em qualquer realidade em que se situe. Todavia asseguro-lhes que tais alucinações são temporárias.

A consciência precisa fazer uso das capacidades que possui. O enfado e a estagnação de um céu estereotipado não satisfarão por muito tempo a consciência que se debate. Existem mestres que explicam as condições e as circunstâncias. Vocês não são, de modo nenhum, abandonados, nem se perdem nos labirintos das alucinações. Mas podem ou não perceber imediatamente que se encontram 'mortos,' em termos físicos.

Vocês darão por vós numa outra forma, uma imagem que se parecerá fisicamente convosco em grande medida, contanto que não procurem manipular o sistema físico com ela. Porque aí, as diferenças que existem entre ela e o corpo físico, se tornarão óbvias.

Se acreditarem firmemente que a vossa consciência é um produto do vosso corpo físico, então poderão tentar ajustar-se a ele. Contudo, existe uma ordem de personalidades, uma guarda honorária, se assim podemos dizer, que se acha sempre pronta para prestar auxílio e ajuda.

Bem; essa guarda honorária é composta tanto por indivíduos vivos quanto mortos, segundo os vossos termos. Aqueles que vivem no vosso sistema de realidade executam essas atividades no estado de projeção fora do corpo, enquanto o corpo físico dorme. Eles

acham-se familiarizados com a projeção da consciência e com as sensações que isso envolve, e ajudam a orientar aqueles que não retornarão ao corpo físico.

Esses indivíduos são particularmente úteis porque eles ainda se acham envolvidos com a realidade física, e possuem um entendimento mais imediato dos sentimentos e emoções envolvidos por altura do término da vossa vida. Tais indivíduos podem ou não reter uma recordação das atividades noturnas por que passam. As experiências com a projeção da consciência e o conhecimento da mobilidade da consciência são, pois, bastante úteis como preparação para a morte. Vocês podem experienciar o ambiente pós-morte, por assim dizer, por antecipação, e aprender sobre as condições com que se depararão.

Isso não envolve, a propósito, necessariamente nenhum tipo de empreendimento sombrio, mas tampouco os ambientes pós-morte são sombrios. Antes pelo contrário, eles são geralmente muito mais intensos e alegres do que a realidade que atualmente conhecem.

Aprenderão simplesmente a operar num ambiente novo, ao qual se aplicam diferentes leis, bem menos limitativas do que as físicas com as quais operam agora. Por outras palavras, precisam aprender a entender e a usar novas formas de liberdade.

Contudo, mesmo essas experiências se revelarão variáveis, e até mesmo este estado constitui um estado de mudança, pois muitos prosseguirão rumo a novas vidas físicas. Alguns alcançarão uma existência e desenvolverão as suas capacidades em sistemas da realidade inteiramente diferentes e, assim, durante algum tempo, continuarão nesse estado "intermediário."

Para aqueles de vós que são preguiçosos, não posso sugerir nenhuma esperança: a morte não lhes trará nenhuma condição de descanso eterno. Podem descansar durante algum tempo, se esse for o desejo que tiverem. Contudo, precisam não só usar as capacidades que têm após a morte, como têm que assumir aquelas que não usaram durante a vossa existência anterior.

Aqueles de entre vós que tiverem tido fé na vida após a morte, descobrirão ser muito mais fácil acostumar-se às novas condições. Aqueles que não possuem tal fé podem obtê-la de um modo diferente, através dos exercícios que lhes dispensarei mais à frente neste livro; pois eles os habilitarão a estender a vossa perceção a essas outras camadas da realidade se forem persistentes, determinados, e contarem com isso.

Agora; a consciência, TAL COMO A CONHECEM, está habituada a esses breves intervalos de não-existência física mencionados previamente. Intervalos longos desorientam-na em diferentes medidas, mas não são incomuns. Quando o corpo físico dorme, a consciência frequentemente abandona o sistema físico por períodos bastante prolongados, segundo os termos que empregam. Mas como a consciência não se acha no estado de vigília normal, não tem consciência desses intervalos e mostra-se relativamente indiferente.

Se a consciência abandonasse o corpo pela mesma quantidade de tempo do estado normal de consciência de vigília, ela seria considerada morta, pois ela não seria capaz de interpretar a diferença da experiência e a diferença da dimensão. Por isso no estado de

sono, cada um de vós passa — até certo ponto — pelo mesmo tipo de ausência de consciência da realidade física por que passais durante a morte.

Em tais casos, vocês voltam ao corpo, mas já terão passado além do limite dessas outras existências muitas, muitas vezes pelo que isso não lhes será assim tão desconhecido quanto possam atualmente supor. Experiências de recordação de sonhos e outras disciplinas mentais a serem mencionadas mais tarde esclarecerão mais esses aspetos a todos quantos embarcarem nos exercícios propostos.

Agora, poderão ou não ser saudados por amigos ou parentes imediatamente após a morte. Essa, como é habitual, é uma questão do foro pessoal. Além do mais, podem achar-se muito mais interessados nas pessoas que conheceram em vidas passadas do que, por exemplo, naquelas que lhes foram mais próximas na presente.

O sentimento autêntico que tiverem sentido em relação aos parentes que também se encontrarem mortos será conhecido tanto por vós como por eles. Não existe hipocrisia. Não fingem amar um pai que pouco tenha feito para merecer o vosso respeito ou amor. A telepatia opera sem distorção nesse período pós-morte, pelo que precisam lidar com as relações verdadeiras que sentirem existir entre vós e todos os parentes e amigos que os aguardam.

Podem achar que alguém que tenham considerado simplesmente como um inimigo na verdade merecia o vosso amor e respeito, por exemplo, e passarão a trata-lo, por conseguinte, dessa forma. Os vossos motivos pessoais tornar-se-ão claros como água. Contudo, hão de reagir a tal evidência à vossa própria maneira. Não se tornarão automaticamente sábios se antes não o tiverem sido, mas tampouco existirá então qualquer maneira de se esconderem dos vossos próprios sentimentos, emoções ou motivos. Quanto a aceitar ou não motivos inferiores em vós próprios ou aprender com eles, ainda será coisa que fica ao vosso critério. Porém, as oportunidades para o crescimento e o desenvolvimento são muito ricas e os métodos de aprendizado que possuem à disposição são bastante eficazes.

Examinam o tecido da existência que deixaram e aprendem a compreender como as experiências que tiveram terão resultado dos vossos próprios pensamentos e emoções e o quão eles terão afetado os outros. Até que esse exame esteja concluído, ainda não estarão cientes das porções mais vastas da vossa própria identidade. Quando percebem o significado e o sentido da vida que acabaram de deixar, então estarão prontos para conhecer conscientemente as vossas outras existências.

Dão-se por essa altura conta de uma consciência expandida. Aquilo que são começa a incluir aquilo que foram noutras vidas e começam a fazer planos para a vossa próxima existência física, no caso de se decidirem a favor de passar por uma outra. Vocês podem, em vez disso, penetrar noutro nível da realidade para retornarem depois à existência física se assim o preferirem.

A vossa consciência, tal como a concebem, pode, é claro, abandonar por completo o vosso corpo antes da morte física. (Conforme mencionado previamente, NÃO EXISTE um momento

preciso que circunscreva o estado da morte mas eu refiro-me a ela como se existisse por uma questão e conveniência.)

A vossa consciência abandona o organismo físico de vários modos, de acordo com as condições. Em alguns casos o próprio organismo ainda é capaz de funcionar até DETERMINADO ponto, embora sem a condução ou organização que previamente existiam. A consciência simples que os átomos, células e órgãos possuem, continua a existir durante algum tempo, depois que a consciência principal tiver partido.

Podem sofrer, ou não, sofrer desorientação, de acordo com as crenças que tiverem mantido e o desenvolvimento que tiverem obtido. Agora, isso não quer necessariamente dizer desenvolvimento intelectual. O intelecto deveria avançar de mãos dadas com as emoções e as intuições, mas caso ele se mostre muito incompatível com elas, podem surgir dificuldades por meio das quais a consciência recentemente liberta se apegue às ideias que tem sobre a realidade pós-morte ao invés de enfrentar a realidade particular em que se encontre. Por outras palavras, ela pode negar o sentimento e até mesmo tentar argumentar contra a presente independência do corpo.

Uma vez mais, conforme referido antes, um indivíduo pode estar tão certo de que a morte represente o fim de tudo que pode provocar um completo esquecimento, embora temporário. Em muitos casos, imediatamente após deixarem o corpo, gera-se surpresa, é claro, assim como um reconhecimento da situação. O próprio corpo pode ser perspetivado, por exemplo, e muitos funerais têm um convidado de honra entre os acompanhantes — e ninguém contempla a face do cadáver com mais curiosidade e espanto.

Nesse momento emergem muitas variantes comportamentais, cada uma resultante da formação, do conhecimento alcançado e dos hábitos individuais. Os ambientes nos quais os mortos dão por si variam com frequência. Alucinações vívidas podem formar experiências tão reais quanto qualquer outra na vida mortal. Agora; eu disse-lhes que os pensamentos e as emoções formam a realidade física e moldam a experiência do pós-morte. Isso não significa que as experiências não sejam válidas, tanto quanto a vida física é válida.

Certas imagens foram usadas para simbolizar uma transição dessas de uma existência para outra e muitas delas são extremamente valiosas, por proporcionem uma estrutura de referências compreensível. O "cruzar do Rio Estige" é uma delas. Os que estão a morrer esperam a ocorrência de certos processos de uma forma mais ou menos ordenada. Os 'roteiros' reportam-se a um conhecimento anterior. Na morte, a consciência alucina duma forma vívida o rio. Parentes e amigos que já se acham mortos participam no ritual, o que também costumava representar uma cerimónia profunda para eles. O rio é tão real quanto qualquer um que conheçam, e igualmente traiçoeiro para o viajante sozinho que não esteja munido de um conhecimento apropriado. Guias acham-se sempre junto ao rio para ajudar tais viajantes na travessia.

Isso não quer dizer que esse rio constitua uma ilusão. Entendam que o símbolo é deveras real. O caminho foi planeado. Atualmente esse 'roteiro' particular não mais se acha em uso. Os que se encontram vivos não sabem como interpretá-lo. O Cristianismo criou a crença

num céu, num inferno e num purgatório, e num ajuste de contas; desse modo, por altura da morte, para aqueles que acreditam nestes símbolos, é encenada uma outra cerimónia, e os guias assumem as formas desses adorados personagens santos e heróis Cristãos.

Assim, no enquadramento de tais encenações, e em termos que eles possam entender, esses guias passam a descrever a verdadeira situação. Movimentos religiosos de massas têm vindo há séculos a satisfazer tal propósito, ao conferirem ao homem algum plano a seguir. Pouco importando que mais tarde o plano viesse a ser encarado como um livro de leitura infantil, um manual repleto de instruções com histórias coloridas, porque o propósito principal tinha sido alcançado e a desorientação resultante teria sido pequena.

Em períodos onde nenhuma ideia de massa é mantida, dá-se uma maior desorientação e quando a existência de vida pós-morte é completamente negada, o problema é de alguma forma agravado. Muitos, é claro, ficam muitíssimo encantados por se encontrarem ainda conscientes. Outros têm que aprender tudo de novo sobre certas leis de comportamento, por não perceberem o potencial criativo que os pensamentos ou emoções acarretam.

Tal indivíduo pode dar por si em dez ambientes diferentes num piscar de olhos, por exemplo, sem ideia de uma razão para tal situação. Ele não perceberá qualquer continuidade, e sentirá ter sido arremessado sem razão aparente de uma experiência para outra, sem jamais perceber que os seus próprios pensamentos estão a impeli-lo de forma bastante literal.

Estou agora a referir-me aos eventos imediatos que se seguem à morte, pois há outros estágios. Os guias irão, de um modo prestável, tornar-se uma parte das vossas alucinações, de forma a ajudá-los a sair delas, mas primeiro, eles precisam conquistar a vossa confiança.

No passado — nos vossos termos — eu próprio atuei como um guia desses; do mesmo modo que no estado de sono a Jane Roberts agora segue a mesma via. A situação é bastante complicada, do ponto de vista do guia, pois psicologicamente, precisa usar-se da máxima discrição. O Moisés de um homem, conforme eu descobri, pode não ser o Moisés de outro. Eu atuei como um Moisés bastante credível em várias ocasiões — e certa vez, embora isso seja difícil de acreditar, no caso de um Árabe.

O Árabe era um sujeito muito interessante, a propósito; e para ilustrar algumas das dificuldades envolvidas, eu vou-lhes falarei dele. Ele odiava os Judeus, mas, de algum modo, era obcecado pela ideia de que Moisés era mais poderoso do que Alá, e durante anos esse foi o pecado secreto que cometera, em consciência. Ele passou algum tempo em Constantinopla na época das Cruzadas. Foi capturado e terminou num grupo de Turcos todos destinados a serem executados pelos Cristãos; neste caso, de forma bastante horrível. Para começar, eles forçaram-no a abrir a boca e encheram-na de brasas quentes. Ele clamou por Alá e, então, em grande desespero, por Moisés; e quando a sua consciência abandonou o corpo, Moisés achava-se ali presente.

Ele acreditara mais em Moisés do que em Alá e eu fiquei sem saber, até o último instante, que forma deveria assumir. Ele era um sujeito muito amável e, dadas as circunstâncias, não me importei quando ele pareceu esperar que uma batalha fosse travada pela disputa da sua

alma. Moisés e Alá tinham que lutar por ele. Ele não conseguia libertar-se da ideia da força, embora houvesse morrido pela força, e nada poderia persuadi-lo a aceitar qualquer tipo de paz ou júbilo, ou qualquer descanso, até que algum tipo de batalha fosse forjado.

Um amigo e eu, juntamente com alguns outros, organizamos a cerimónia e, a partir de nuvens opostas no céu, Alá e eu revindicamos em altos brados a alma dele — enquanto ele, pobre homem, se encolhia de medo no chão entre nós. Bom, apesar de estar a contar esta história em termos humorísticos, precisam entender que a crença do homem provocou a cena e para o libertarmos tivemos que a representar.

Clamei por Jeová, porém sem proveito, porque o nosso Árabe nada sabia de Jeová — só de Moisés — e tinha sido em Moisés que ele tinha depositado a sua fé. Alá puxou de uma espada cósmica e eu a transformei em chamas de forma que ele a derrubou. Ela caiu ao chão e deixou o solo em chamas. O nosso Árabe clamou novamente. Ele percebeu grupos de seguidores atrás de Alá e grupos de seguidores surgiam atrás de mim. O nosso amigo estava convencido de que um de nós os três precisavam ser destruídos e temia fortemente que ele pudesse ser a vítima.

Finalmente, as nuvens de adversários nas quais nós aparecêramos, aproximaram-se mais. Na minha mão eu segurava uma tábua que dizia: “Não matarás.” Alá empunhava uma espada. Conforme nos aproximávamos, trocamos esses utensílios e os nossos seguidores fundiram-se. Ficamos juntos, formando a imagem de um sol e dissemos “Nós somos um.”

As duas ideias diametralmente opostas precisavam fundir-se ou o homem não teria tido paz, e somente quando esses opostos se uniram pudemos começar a explicar-lhe a situação. Para nos tornarmos num guia desses requer-se grande disciplina e treino.

Antes do evento que acabei de mencionar, por exemplo, eu tinha despendido muitas vidas a atuar como um guia sob a tutela de outro, nos meus estados de sono diários.

É possível, por exemplo, perderem-se momentaneamente nas alucinações que estiverem a ser formadas e, em tais casos, outro mestre precisa libertá-los delas. Torna-se necessária uma delicada sondagem dos processos psicológicos mas a variedade das alucinações nas quais se podemos envolver é infinita. Podemos, por exemplo, assumir a forma da individualidade de um animal de estimação amado que tenha morrido.

Todas essas atividades alucinatórias normalmente acontecem num curto espaço de tempo imediatamente a seguir à morte. Contudo, alguns indivíduos estão completamente conscientes das circunstâncias em que se encontram, por causa do treino e do desenvolvimento obtidos previamente, e estarão prontos após um descanso, caso desejem progredir para outros estágios.

Por exemplo, eles podem dar-se conta das reencarnações que tiveram, reconhecendo com prontidão as personalidades que conheceram em outras vidas, caso essas personalidades não forem abordadas de outro modo. Eles serão então capazes de alucinar de um modo deliberado, ou “reviver,” certas porções das suas vidas passadas, se o preferirem. Em seguida sucede um período de exame de consciência, uma prestação de contas, falando

grosso modo, no qual eles serão capazes de perceber o total desempenho alcançado, as habilidades e pontos fracos, e em que decidem se irão, ou não, retornar à existência física.

Qualquer indivíduo poderá experimentar qualquer desses estágios, entendem? Mas à exceção do exame de consciência, muitos podem ser inteiramente evitados. Já que as emoções são tão importantes, será de uma enorme ajuda que amigos se encontrem à espera para os acolher. Em muitos casos, porém, esses amigos terão progredido para outras fases de atividade e, frequentemente, um guia assumirá o aspeto de um amigo vosso durante algum tempo, de forma que se sintam mais confiantes.

É claro que é apenas devido a que muitas pessoas acreditem que vocês não podem deixar o corpo que vocês não têm experiências de projeção para fora do corpo de uma forma consciente e frequente durante as vossas vidas, para falar em termos globais. Tais experiências haveriam de os familiarizar bastante mais do que as palavras, com alguma compreensão em relação às condições que serão confrontadas (após a morte).

Lembrem-se que de certa forma, a vossa existência física é o resultado de uma alucinação de massas. Existem vastas diferenças entre a realidade de uma pessoa e a de outra. Após a morte, a experiência sofre uma organização tão altamente complexa e delicada quanto a que atualmente conhecem. Vocês têm as vossas alucinações privadas agora, apenas não percebem o que elas sejam. Tais alucinações, conforme tenho vindo a referir, e encontros intensamente simbólicos, também podem ocorrer nos estados de sono, ou quando a personalidade se encontra num momento de grande mudança ou quando ideias contrárias precisam ser unificadas ou alguma precisa ceder a outra. Esses são eventos psicológicos e psíquicos significativos, altamente emotivos, quer ocorrem antes ou após a morte.

Ocorrendo no estado de sonho, elas podem mudar todo o curso de uma civilização. Depois da morte, um indivíduo pode visualizar a sua vida imediatamente anterior como um animal com o qual ele precise chegar a um entendimento, e tal batalha ou confronto tem consequências de longo alcance, pois o homem precisa harmonizar-se com todos os aspetos dele próprio. Nesse caso, quer a alucinação termine com ele montando o animal, fazendo as pazes com ele, domesticando-o ou sendo morto por ele, cada alternativa é pesada cuidadosamente e os resultados terão muito que ver com o seu futuro desenvolvimento.

Essa "simbolização da vida" pode ser adotada por aqueles que tiverem dado pouca atenção ao exame de consciência durante as suas vidas. É uma parte do processo de exame de consciência, pois, por meio do qual o indivíduo molda a sua vida numa imagem e, passa a lidar com ela nesses termos. Tal método não é usado por todos. E por vezes, faz-se necessária toda uma série de episódios desses. . .

Um dos alunos da Jane desejava saber se haveria ou não algum tipo de organização nas experiências que se seguem imediatamente à morte. Considerando que esta é uma questão que é suscitada por muitas mentes, vou passar a dedicar-lhe atenção.

Em primeiro lugar, deveria resultar óbvio, do que eu referi, que não existe nenhuma realidade pós-morte padrão, e que cada experiência é diferente. Falando em termos gerais, porém, existem dimensões nas quais estas experiências individuais se enquadrarão. Por

exemplo, existe uma fase inicial para aqueles que ainda se acham fortemente focados na realidade física e para os que precisam de um período de recuperação e de descanso. A esse nível, existirão hospitais e casas de repouso. Os pacientes ainda não se encontram habilitados a perceber que não existe nada de errado com eles.

Em alguns casos, a ideia da doença é tão demarcada que eles edificaram os seus anos terrenos em torno desse centro psicológico, e projetam condições de doença no novo corpo do mesmo modo que o fizeram no velho. São tratados com vários tipos de tratamentos de natureza psíquica e é-lhes dito que a condição desse corpo é resultado da natureza das suas próprias crenças.

Bom; muitos não precisam passar por esse período particular. Preciso não será dizer que esses hospitais e centros de treino não são físicos, segundo os termos que empregais. Eles são, de facto, frequentemente mantidos, em grupo, pelos guias que cuidam dos planos necessários. Agora, podem chamar isso de alucinação de massas, se preferirem. O facto é que para aqueles que se defrontam com essa realidade, os eventos são bastante reais.

Existem igualmente centros de treino. Neles, a natureza da realidade é exposta de acordo com a capacidade de entendimento e a perceção do indivíduo. As parábolas familiares ainda serão usadas no caso de alguns, pelo menos inicialmente, e então esses indivíduos se passarão gradualmente a afastar-se delas. Nesses centros existem certas turmas nas quais a instrução é ministrada em benefício daqueles que escolhem retornar ao meio físico.

Por outras palavras, são-lhes administrados os métodos que lhes permitem traduzir emoção e pensamento em realidade física. Não se dá nenhum desfasamento temporal entre tais pensamentos e a sua materialização, conforme ocorre no sistema tridimensional.

Tudo isto acontece mais ou menos a um nível, embora precisem entender que estou em determinada medida a simplificar a questão. Por exemplo, alguns indivíduos não se submetem a nenhum período desses, mas, por causa do desenvolvimento e do progresso obtidos durante as suas vidas passadas, eles já se acham prontos para dar início a programas mais ambiciosos.

Bom; eu mencionei previamente tal desenvolvimento. Alguns dos meus leitores que não têm consciência de nenhuma capacidade psíquica pessoal, poderão, em tal caso, pensar que sejam candidatos a um prolongado período de tempo, num período prolongado e demorado de formação pós-morte. Deixem que me apresse a dizer-lhes que tais capacidades não são necessariamente conscientes e que grande parte delas tem lugar durante o estado de sono, quando vocês simplesmente não têm consciência delas.

Vocês podem, após a morte, recusar-se inteiramente a acreditar que ESTÃO mortos e continuar a focar a vossa energia emocional na direção daqueles que conheceram em vida.

Se tiverem vivido obcecados com um projeto particular qualquer, por exemplo, podem tentar concluí-lo. Sempre há guias para os ajudar a entender a situação em que se encontram, mas podem estar tão absortos que não prestem qualquer atenção a eles.

Vou cobrir a questão dos fantasmas em separado, e não neste capítulo. Será suficiente dizer que grandes campos de atenção emocional para com a realidade física podem impedi-los de se desenvolver.

Quando a consciência deixa o corpo e permanece fora por algum tempo, então a conexão, é claro, é interrompida. Todavia, nos estados de projeção fora do corpo tal conexão é mantida. Agora, é possível que um indivíduo que tenha morrido, interprete completamente mal a experiência e tente reentrar no cadáver. Isso pode acontecer quando a personalidade se identifica quase que exclusivamente com a imagem física.

Não é comum. Não obstante, sob determinadas circunstâncias, tais indivíduos tentarão reativar o mecanismo físico, e ficarão ainda mais apavorados assim que descobrem a condição do corpo. Alguns, por exemplo, choraram sobre o cadáver muito tempo após a partida dos que os prantearam, não percebendo que eles próprios se acham completamente íntegros — – onde, por exemplo, o corpo pode ter estado enfermo ou os órgãos além da possibilidade de reparo.

Eles são como um cachorro que se inquieta com o seu osso. Os que não tiverem identificado por completo a própria consciência com o corpo acharão muito mais fácil deixá-lo. Os que tiverem odiado o corpo sentem que, por incrível que pareça, imediatamente após a morte se sentem atração por ele.

Todas estas circunstâncias podem, pois, ocorrer ou deixar de ocorrer, de acordo com o indivíduo em questão. Porém, após deixarem o corpo físico, vocês imediatamente se verão noutro. Ele tem o mesmo tipo de forma, no qual viajam nas projeções extracorpóreas e, uma vez mais, permitam-me lembrar aos meus leitores que cada um deixa o corpo por algum tempo durante o sono, todas as noites.

Essa forma deverá parecer física. No entanto, ela não será vista por aqueles que ainda se acham no corpo físico, para o referir em termos gerais. Ela conseguirá fazer qualquer coisa que vocês conseguem agora nos vossos sonhos. Portanto, ela voa, atravessa objetos sólidos e move-se diretamente por um ato da vontade, conduzindo-os, digamos, de um local a outro à medida que pensam nesses locais.

Se estiverem a imaginar o que a tia Sally esteja a fazer, digamos, em Poughkeepsie, Nova Iorque, então darão por vós lá. No entanto, REGRA GERAL não conseguem manipular objetos físicos. Não conseguem pegar numa lâmpada nem atirar um prato. Esse corpo é vosso instantaneamente, mas não é a única forma que terão. Para todos os efeitos, essa imagem não é nova. Ela acha-se atualmente entrelaçada no vosso corpo físico, mas vós não a percebeis. A seguir à morte, ela será o único corpo do qual terão consciência durante algum tempo.

Bastante mais tarde e em múltiplos níveis, finalmente aprenderão a assumir diversas formas, se o escolherem conscientemente. De certa forma já fazem isso atualmente, entendam, por meio da tradução que fazem da vossa experiência psicológica — dos vossos pensamentos e emoções — em objetos físicos, e de forma bastante literal, embora inconsciente. Podem descobrir, quando se imaginarem como uma criança após a morte — que

de repente assumem a forma da criança que tiverem sido. Durante um certo período de tempo poderão, pois, manipular essa forma, de modo que ela assume qualquer aparência que tenha tido quando se achava ligada à vossa forma física, à vida física imediatamente anterior. Podem ter falecido com oitenta anos que, se após a morte pensarem na mocidade e na vitalidade que tinham aos vinte, então verão que a vossa forma muda a fim de se moldar a essa imagem interior.

A maioria dos indivíduos, escolhe após a morte uma imagem mais adulta, que normalmente representa o auge das suas capacidades físicas, que corresponde à idade em que esse pico físico tenha sido alcançado. Outros escolhem, em vez disso, assumir a forma que tinham numa altura particular, em que uma maior estatura mental ou emocional tenha sido atingida, a despeito da beleza ou da idade que tenham caracterizado tal forma.

Todavia, haverão de se sentir confortáveis com a forma que escolherem, e normalmente usá-la-ão quando quiserem comunicar com outros que tenham conhecido; embora para comunicar com os vivos poderem, ao invés, adotar a forma que tinham quando conheciam o indivíduo com quem pretendam entrar em contato.

Esses ambientes pós-morte não existem necessariamente noutros planetas. Eles não ocupam espaço, pelo que a questão, "Onde ocorrerá tudo isso?" não faz sentido, nos termos mais básicos.

Isso resulta das interpretações deformadas que têm da natureza da realidade. Não existe, pois, nenhum lugar, nem um local específico. Esses ambientes existem de um modo impercetível para vós, em meio ao mundo físico que conhecem. Os vossos mecanismos de perceção simplesmente não lhes permitem sintonizar a amplitude em que operam. Vocês reagem a um campo altamente específico, embora limitado. Tal como mencionei previamente, outras realidades coexistem com a vossa própria, na morte, por exemplo. Vocês privam-se simplesmente da parafernália física, e passam a sintonizar diferentes campos e a reagir a outros conjuntos de premissas.

A partir desse outro ponto de vista, poderão, até certo ponto, perceber a realidade física. Contudo, existem campos de energia que separam (esses ambientes). Todo o vosso conceito de espaço é tão distorcido que qualquer explicação verdadeira se tornaria altamente problemática.

Devido a que os vossos mecanismos de perceção insistam em que os objetos são sólidos, por exemplo, também inferem na existência de algo tal como espaço. Bom; aquilo que os sentidos lhes dizem acerca da natureza da matéria é inteiramente erróneo e o que lhes dizem sobre espaço é igualmente erróneo — erróneo em termos da realidade básica, mas completamente conforme os conceitos tridimensionais.

Nas experiências extracorpóreas a partir do estado em vida, defrontam-se com muitos dos problemas, em termos de espaço, com que se se depararão após a morte. E em tais episódios, pois, a verdadeira natureza de tempo e do espaço torna-se mais evidente. Após a morte não despendem tempo para se deslocar através do espaço, por exemplo. O espaço não existe em termos de distância. Tal coisa é uma ilusão. Existem barreiras, mas elas são

barreiras mentais ou barreiras psíquicas. A experiência tem, por exemplo, graus de intensidade que são interpretados na vossa realidade como distâncias mensuráveis em milhas.

Pode ser que após a morte se vejam num centro de formação. Agora; TEORICAMENTE, esse centro PODERIA situar-se no meio da vossa sala de estar atual, em termos físicos, mas a distância entre vós e os membros da vossa família que ainda se encontra viva — talvez sentada, a pensar em vós ou a ler o jornal — não tem nada que ver com espaço tal como o conhecem. Haverão de se achar mais separados deles do que se estivessem, digamos, na lua. Podiam porventura mudar o vosso próprio foco de atenção para longe do centro e, teoricamente, perceber a sala e os seus residentes; ainda assim, essa distância não tem nada que ver com as milhas que distassem entre vós.

CONDIÇÕES IDÊNTICAS ÀS DA MORTE EM VIDA

Capítulo 10

As experiências do estado posterior à morte não parecerão tão estranhas nem tão incompreensíveis se perceberdes que vos defrontais com situações similares, como processo normal da vossa presente existência. Nos estados do sono e do sonho vós envolveis-vos com a mesma dimensão da existência em que haveis de ter as vossas experiências após a morte.

Não recordais a parte mais importante dessas aventuras noturnas e por isso é que, via de regra, aquelas que recordais vos parecem bizarras ou caóticas. Isso ocorre simplesmente porque no vosso atual estado de desenvolvimento não sois capazes de manipular conscientemente em mais do que um meio.

Contudo, EXISTIS de forma consciente num estado criativo, imbuído de propósito e coerente enquanto o vosso corpo físico dorme, e dais continuidade a muitas dessas atividades com que, conforme referi, vos deparareis após a morte. Apenas voltais o foco principal da vossa atenção para uma dimensão diferente da atividade, uma em que operais continuamente.

Agora, do mesmo modo que conservais recordações da vossa vida do dia-a-dia e retendes uma grande quantidade dessas recordações para as empregardes nas interações físicas diárias, e essa fonte de recordações vos proporciona uma fonte de sentido de continuidade diário, também o vosso eu que sonha possui um idêntico corpo vasto de recordações. Do mesmo modo que a vossa vida diária adquire um sentido de continuidade, também a vossa vida onírica tem continuidade.

Uma parte de vós tem, pois, consciência de todo e cada encontro e experiência que tendes durante o sonho. Os sonhos não são mais alucinatórios do que a vossa vida física. No que diz respeito à parte de vós que sonha, é o vosso Eu físico do estado de vigília quem o faz: vós sois o sonhador que ele envia no seu caminho. As experiências diárias por que passais

consistem nos sonhos que ele sonha, pelo que, quando olhais o vosso Eu sonhador ou o considerais fazeis isso com base no preconceito, assumindo como dado adquirido que a vossa "realidade" é real, enquanto a realidade dele é ilusória.

Contudo, a sua realidade é de longe mais natural ao vosso ser. Se não encontrais coerência no estado de sonho isso fica a dever-se ao facto de vos terdes hipnotizado na crença da inexistência de qualquer coerência. É claro que, ao acordardes, procurais traduzir as vossas aventuras noturnas em termos físicos, e tentais ajustá-las às distorções frequentemente limitadas que tendes sobre a natureza da realidade.

Até certo ponto isso é natural, pois encontrais-vos focados na vida diária por uma razão (específica) e adotaste-a como um desafio. Mas, por essa ordem de ideias, também é suposto que cresçais e vos desenvolvais dentro da sua estrutura e que possais ampliar os limites da consciência que tendes. É bastante difícil admitir que, de muitos modos, vós sejais mais competentes e criativos no estado do sono do que no estado de vigília e de algum modo torna-se demolidor admitir que o corpo do sonho seja, de facto, capaz de voar, desafiando tanto o tempo quanto o espaço. É muito mais fácil fingir que todas essas experiências sejam simbólicas, ao invés de literais, e dar corpo a teorias psicológicas complicadas, por exemplo, a fim de explicar os sonhos em que voais.

O facto simples é que quando sonhais estar a voar, frequentemente o fazeis. No estado de sonhos operais mais ou menos nas mesmas condições inerentes a uma consciência não focada na realidade física. Muitas das vossas experiências são, pois, precisamente aquelas com que vos podeis deparar após a morte. Sois capazes de conversar com amigos ou parentes falecidos, revisitar o passado, saudar velhos amigos de escola, percorrer ruas que existiam cinquenta anos atrás, no tempo físico, viajar através do espaço sem despender o menor tempo para tal, encontrar guias, receber instrução, ensinar outros, desempenhar trabalho significativo, resolver problemas e ter alucinações.

Na vida física existe um retardamento entre a conceção duma ideia e a sua implementação. Na realidade do sonho isso não acontece. Por isso, a melhor forma de vos familiarizardes com a realidade posterior à morte por antecipação, por assim dizer, consiste em explorar e entender a natureza do vosso Eu sonhador. Mas não existem muitos que estejam dispostos a despender o tempo ou a energia para tal. Contudo, os métodos acham-se ao vosso dispor, e aqueles que os utilizarem não darão por si alienados assim que o foco total da sua atenção se voltar nessa direção, após a morte.

Considerando que a vossa memória consciente se acha fortemente ligada à consciência que tendes DENTRO do corpo, apesar de abandonardes o corpo quando ele dorme, a consciência de vigília geralmente não conserva qualquer recordação disso. Quando dormis, possuís lembrança de todos quantos alguma vez encontrastes nos vossos sonhos, apesar de poderdes ou não ter conhecido tais indivíduos na vossa existência diária. Ao dormir podeis fazer uma experiência prolongada de anos com parceiros que poderão viver numa outra porção completamente diferente do mundo, e permanecerdes como estranhos no estado de vigília. Do mesmo modo que os vossos empreendimentos se acham imbuídos de propósito e de significado, também as vossas aventuras oníricas se acham, e nelas alcançais igualmente

vários objetivos pessoais. A essas, haveis vós de dar continuidade na experiência após a morte.

A força e a vitalidade, a vida e a criatividade por detrás da vossa existência física são geradas nessa outra dimensão. Por outras palavras, vós sois de muitos modos uma projeção carnal do vosso Eu sonhador. O Eu sonhador, tal como o concebeis, é apenas uma sombra da sua própria realidade, porque o Eu sonhador é um ponto psicológico de referência, e nos termos de continuidade que empregais, ele reúne todas as porções da vossa identidade. Da sua natureza profunda, apenas os mais desenvolvidos têm consciência. Por outras palavras, ele representa uma faceta forte de união de toda a vossa identidade. As suas experiências são tão vívidas e a sua "personalidade" é tão rica em contexto — na verdade é-o ainda mais — quanto a personalidade física que conheceis.

Fingi, ainda que por um momento, ser uma criança enquanto eu assumo a tarefa de vos explicar aquilo em que o vosso Eu adulto mais desenvolvido consiste; e na explicação que emprego eu digo-vos que esse Eu adulto, em certa medida já faz parte de vós e é uma consequência ou uma projeção daquilo que sois. A criança perguntará, "Mas, que me acontecerá? Deverei morrer para me tornar esse outro Eu? Eu não quero mudar. Como poderei alguma vez ser esse adulto quando ele não é aquilo que atualmente sou, e SEM ter que morrer para aquilo que sou?"

Encontro-me praticamente na mesma posição ao tentar explicar-vos a natureza desse Eu interior, porque conquanto sejais capazes de tomar consciência dele nos sonhos, não podeis verdadeiramente apreciar a sua capacidade ou maturidade; contudo, ele é parte de vós da mesma forma que as capacidades do adulto pertencem à criança. No estado do sonho aprendeis, entre outras coisas, a construir a vossa realidade física no dia-a-dia, tal como após a morte aprendeis a construir a vossa vida física seguinte. Nos sonhos resolveis os problemas. Durante o dia apenas tendes consciência dos métodos de resolução dos problemas que apreendestes durante o sono. Nos sonhos estabeleceis os vossos objetivos, tal como após a morte estabeleceis os objetivos para uma outra encarnação.

Agora; nenhuma estrutura psicológica é fácil de ser descrita por palavras. Simplesmente para explicar a natureza da personalidade, tal como geralmente é conhecida, tem que se recorrer a todo o tipo de termos: identidade, subconsciente, ego, superego: tudo para diferenciar as ações entrelaçadas que compõem a personalidade física. O Eu sonhador é pois igualmente complicado, pelo que podeis dizer que certas porções da sua natureza lidam com a realidade física, com a manipulação física e com planos; outras, lidam com profundos níveis de criatividade e de realização que asseguram a sobrevivência física; outras, com a comunicação com elementos ainda mais amplos da personalidade atualmente desconhecidos; outras, com uma contínua experiência e a existência do que podeis designar por alma, ou entidade individual superior, o Eu verdadeiramente multidimensional.

A alma cria a carne. O criador dificilmente encara a sua criação com desprezo. A alma cria a carne ou a manifestação física por uma razão, pelo que nada disso os deverá conduzir a um sentimento de desgosto nem à falta de apreciação pelos prazeres sensuais por que vos achais rodeados. Toda a jornada interior deve permitir-vos encontrar um enorme sentido,

beleza e significado em relação à vida, tal como a conheceis agora; mas uma plena alegria e desenvolvimento significam também a utilização de todas as vossas capacidades e a exploração das dimensões interiores com idêntico assombro e entusiasmo. É, pois, bastante possível que, com uma compreensão adequada vos familiarizeis agora com as paisagens, experiências e ambiente posterior à morte. Achá-los-eis tão vívidos quanto qualquer um que conheçais. Essas explorações alterarão completamente os preconceitos sombrios relativos à existência que tiverdes após a morte. Contudo, é muito importante que vos desembaraceis de tantos preconceitos quanto possível, porque eles impedir-vos-ão o progresso.

Em geral, se vos sentirdes razoavelmente satisfeitos com a realidade física, estareis em melhor posição para estudar esses ambientes internos. Se só perceberdes o mal por toda a parte, na vida física, e vos parecer ter mais expressão que o bem, nesse caso não estareis preparados. Não devíeis embarcar na exploração destas aventuras noturnas se vos encontrardes deprimidos porque nesse caso o vosso estado psíquico achar-se-á predisposto a colher experiências depressivas, quer no estado de vigília quer durante o sono. Não devíeis embarcar no estudo disso se esperardes substituir a experiência física pela interior.

Se abrigardes ideias minuciosas e rígidas de bem e de mal, nesse caso não disporeis da compreensão necessária para qualquer manipulação consciente nesta outra dimensão. Por outras palavras, precisais ser mental, psicológica e espiritualmente tão flexíveis quanto possível, e abertos a novas ideias e criativos, assim como não depender das organizações e do dogma. Precisais ser razoavelmente competentes e recetivos. Ao mesmo tempo precisais ser suficientemente sociáveis no vosso meio físico de forma a poderdes manipular a vossa vida tal como ela se apresenta. Necessitais de todos os vossos recursos. Esta está destinada a representar uma exploração e um esforço ativos, ao invés duma renúncia passiva, e muito menos uma fuga cobarde.

Lá para o final deste livro, serão fornecidos métodos a quantos se achem interessados em explorar essas condições posteriores à morte de forma consciente e obter algum controle sobre as suas experiências e progresso. Contudo, aqui pretendo descrever essas condições de modo mais aprofundado.

Bom; na vida física vós vedes aquilo que quereis ver. Percebeis determinada informação do campo disponível da realidade — informação cuidadosamente selecionada por vós, de acordo com as ideias que tendes da realidade. Para começar, sois vós quem cria essa informação. Se acreditardes que todos os homens são maus, haveis simplesmente de deixar de experimentar qualquer bondade da sua parte, pois estareis completamente fechados a ela. Por seu lado, eles hão de revelar sempre a sua pior faceta. Haveis de procurar conseguir, telepaticamente, com que os outros não gostem de vós, mas haveis de projetar a antipatia ou aversão que sentis neles.

A vossa experiência, por outras palavras, obedece às expectativas que abrigais. O mesmo acontece com as experiências após a morte e com a experiência obtida no campo dos sonhos, assim como com cada encontro que tendes fora do corpo. Se vos achares obcecados com a ideia do mal, nesse caso haveis de vos deparar com condições de maldade. Se

acreditardes em demónios, então haveis de vos deparar com eles. Tal como mencionei anteriormente, quando a consciência se não acha dirigida para o físico, apresenta-se uma maior liberdade. Os pensamentos e as emoções tornam-se uma realidade, uma vez mais, sem o retardamento do tempo físico. Por isso, se acreditardes ser acolhidos por um demónio, haveis de criar a vossa própria forma resultante da projeção do pensamento à imagem de um, sem vos aperceberdes que ele é uma criação vossa.

Por isso, se vos achais concentrados nos males da existência física dessa maneira, então não estareis preparados para tais explorações. É possível, é claro, sob determinadas condições deparar-vos com uma forma projetada pelo pensamento de alguém, porém, se não acreditardes em demónios, para início de conversa, sempre reconhecereis a natureza do fenómeno sem sairdes prejudicados. Se for a vossa própria forma projetada pelo vosso pensamento, então de facto podeis aprender com isso, interrogando-vos sobre o seu significado, e que problema haveis materializado.

Agora; depois da morte, podeis alucinar o mesmo tipo de situação, usá-la como um símbolo e criar uma espécie de batalha espiritual que seria evidentemente desnecessária, se tivésseis uma maior compreensão. Haveis de resolver os vossos problemas e dilemas de acordo com a compreensão que tiverdes.

Os ambientes posteriores à morte existem já, ao vosso redor.

É quase como se a vossa presente situação e todos os fenómenos físicos fossem projetados a partir de dentro e dirigidos ao exterior, e vos proporcionassem um filme constante que vos forçasse a percebe apenas aquelas imagens que estivessem a ser mudadas, as quais pareceriam tão reais que vos encontrásseis constantemente a reagir a elas. Contudo, elas servem para mascarar outras realidades igualmente válidas que existem ao mesmo tempo, e na realidade é nessas outras realidades que obtendes o poder e o conhecimento para pôr em marcha os projetos materiais. Podeis, por assim dizer, colocar a "máquina" em "ponto morto" e parar a película de modo a voltardes a atenção para essas realidades.

Antes de mais, deveis tomar consciência da sua existência. A título preliminar, para os métodos que passarei a fornecer mais tarde, será uma excelente ideia interrogar-vos de vez em quando: "Do que é que estou consciente neste momento? Fazei isso com os olhos abertos e de novo quando os tiverdes cerrados. Quando tiverdes os olhos abertos, não aceiteis como dado adquirido a existência dos objetos percetíveis no imediato. Dirigi o olhar para onde o espaço parece estar vazio, e escutai por entre o silêncio. Existem estruturas moleculares em cada polegada do espaço vazio, porém, doutrinastes-vos no sentido de não as perceber. Existem outras vozes mas condicionastes os vossos ouvidos para não as escutardes. Utilizais os vossos sentidos interiores quando vos achais no estado do sonho e ignorai-los quando vos situais no estado de vigília.

Os sentidos interiores acham-se equipados para perceber informação não física, e não se deixam ludibriar pelas imagens que projetais na realidade tridimensional. Agora; eles conseguem perceber objetos físicos, os vossos sentidos físicos constituem extensões

desses métodos internos de perceção e após a morte, é neles que vos apoiareis. Eles são utilizados nas experiências fora do corpo e operam constantemente abaixo do limiar da consciência normal do estado de vigília, para que presentemente possais familiarizar-vos com a natureza da perceção após a morte.

Por outras palavras, o ambiente, as condições e os métodos de perceção não vos parecerão estranhos. Vós não sois subitamente lançados no desconhecido, pois esse desconhecido faz já parte de vós. Já formava parte de vós antes de nascerdes, e continuará a formar após a morte física. Contudo, essas condições foram-vos apagadas da consciência, no geral, ao longo da história. A humanidade já dispôs de várias conceções relativas à sua própria realidade, mas parece que se terá distanciado delas propositadamente no século passado. Existem várias razões para isso e passaremos a tentar cobrir algumas.

Em muitos aspetos, já vos encontrais atualmente "mortos" - e tão mortos quanto vireis alguma vez a estar. Enquanto vos ocupais das vossas tarefas e afazeres diários, abaixo do limiar da consciência normal e desperta achais-vos também constantemente focados noutras realidades e a reagir a estímulos de que a vossa consciência física não tem consciência, e a perceber condições por intermédio dos sentidos interiores, e A EXPERIMENTAR EVENTOS QUE AINDA NÃO SE ACHAM REGISTADOS NO CÉREBRO FÍSICO.

Após a morte tomais simplesmente consciência dessas dimensões de atividade que atualmente ignorais. Agora predomina a existência física. Logo, porém, deixará de predominar. No entanto ela não se perderá para vós; podereis, por exemplo, reter as vossas recordações. Abandonais simplesmente um marco de referência particular. Sob determinadas condições, sereis mesmo livres de utilizar os anos que aparentemente vos tenham sido dados por diferentes formas.

Por exemplo, eu disse-vos que o tempo não consiste numa sucessão sucessiva de momentos, apesar de atualmente o perceberdes assim. Os acontecimentos não são coisas que vos sejam atiradas mas experiências materializadas moldadas por vós de acordo com as crenças e as expectativas que abrigais. Partes interiores da vossa personalidade já o percebem. Após a morte, não vos concentrareis nas formas físicas assumidas pelo tempo e pelos acontecimentos. Podeis utilizar os mesmos elementos da mesma forma que um pintor usa as suas cores.

Talvez o vosso tempo de vida seja de setenta e sete anos. Sob certas condições podeis, após a morte — se o preferirdes — experimentar os eventos desses setenta e sete anos com calma — porém, SEM SER NECESSARIAMENTE em termos de continuidade. Podeis alterar os acontecimentos e manipular à vontade nessa dimensão particular de atividade que tenha representado os vossos setenta e sete anos.

Se descobrirdes erros de juízo graves, podeis então corrigi-los. Podeis, por outras palavras, aperfeiçoar-vos, mas não podereis PENETRAR DE NOVO ESSE QUADRO DE REFERÊNCIAS para voltardes a participar conscientemente no curso, digamos, histórico dos

acontecimentos, associando-vos à alucinação coletiva que tenha resultado da vossa consciência aplicada e da daqueles que vos sejam contemporâneos.

Alguns escolhem isso em vez da reencarnação, ou antes, como um estudo anterior a uma reencarnação. Essas pessoas geralmente são perfeccionistas natas e sentem necessidade de voltar atrás a fim de recriarem, por sentirem ter que corrigir os seus erros. Utilizam a vida imediatamente anterior e com essa mesma tela, esforçam-se por obter um quadro melhor. Isso consiste num exercício mental e psíquico que é assumido por muitos e que exige uma grande concentração e que não representa mais uma alucinação do que outra existência qualquer.

Podeis sentir necessidade de "reviver" certos episódios da vossa vida de modo que possais compreende-los melhor. A vossa experiência de vida, portanto, diz respeito a vós e tais condições não vos serão de todo estranhas. No viver de todos os dias é comum imaginar-vos a comportar-vos dum modo diverso daquele que usastes, ou voltar a experimentar, mentalmente, os acontecimentos, de forma a obterdes uma maior compreensão deles. A vossa vida é a perspetiva da experiência que colheis e quando, ao morrerdes, a sacais do contexto do tempo físico experimentado pelas massas, podeis experimentá-lo de muitas maneiras. Recordai que os acontecimentos e os objetos não são absolutos, mas moldáveis.

E os acontecimentos podem ser mudados tanto antes como após a sua ocorrência. Jamais são estáveis ou permanentes, apesar de no contexto da realidade tridimensional poder parecer que o sejam. Qualquer coisa de que estejais conscientes na existência tridimensional consiste unicamente numa projeção duma realidade maior nessa dimensão. Os acontecimentos de que tendes consciência são apenas aqueles fragmentos de atividades que se introduzem ou surgem na vossa consciência normal do estado de vigília. Outras partes desses acontecimentos tornam-se bastante nítidas para vós tanto no estado de sonho como no estado subliminar da consciência desperta, durante o dia.

Se quiserdes saber ao que se assemelha a morte, nesse caso dai atenção à vossa consciência sempre que ela se encontrar separada das atividades físicas. Com prática haveis de descobrir que a vossa consciência desperta normal é bastante limitada e que o que outrora acreditastes ser condições de morte se parece muito mais a condições de vida. Essas outras existências e realidades tais como as descrevemos coexistem com a vossa mas no estado desperto vós não tendes consciência delas.

Bom, geralmente nos vossos sonhos sois capazes de perceber essas situações mas frequentemente enredais-vos na parafernália dos vossos sonhos de cujo caso, ao acordardes, possuís uma memória muito pouco clara. Do mesmo modo, e em meio à vossa vida, vós coabitais com as chamadas aparições e fantasmas, mas certamente vós próprios pareceis fantasmas a outros, particularmente quando difundis vigorosas formas de pensamento de vós próprios a partir do estado de sono, ou mesmo quando inconscientemente viajais para fora do vosso corpo físico.

Existem, obviamente, tantos tipos de fantasmas e de aparições quanto pessoas. E eles acham-se tanto ou tão pouco conscientes da sua situação quanto vós da vossa. Contudo, eles

não se acham completamente focados na realidade física, tanto em termos de personalidade como de forma, e é nisso que assenta a principal distinção.

Algumas aparições constituem formas projetadas pelo pensamento emitidas por personalidades sobreviventes que padecem de uma profunda ansiedade e que respondem pelo mesmo tipo de conduta compulsiva que pode ser testemunhada em diversos exemplos na vossa experiência comum. O mesmo mecanismo que pode levar uma mulher transtornada, digamos, o desempenho de tarefas repetitivas tal como lavar consecutivamente as mãos, também é capaz de provocar o regresso repetido de um tipo particular de aparição num determinado local. Em tais casos o comportamento é geralmente composto de ação repetitiva.

Por diversos motivos, tal personalidade não aprendeu a assimilar a própria experiência. As características de tais aparições seguem aquelas duma personalidade perturbada — com algumas exceções, todavia. A consciência total não se acha presente. A própria personalidade parecerá estar a sofrer um pesadelo ou uma série de sonhos recorrentes, durante os quais volta de novo ao ambiente físico. A própria personalidade acha-se "sã e salva", mas certas porções dela trabalham problemas por resolver, e descarregam energia dessa forma.

Em si mesmas essas aparições são bastante inofensivas. Somente a interpretação que fazeis das suas ações vos poderão causar dificuldades. Agora, em meio às vossas condições de vida, vós também apareceis, em certas ocasiões, como fantasmas, noutros níveis da realidade, onde a vossa pseudo-aparição provoca alguns comentários e se torna origem de muitos mitos — sem que vós nem sequer tenhais consciência disso.

Bom, eu estou a falar em termos gerais. Uma vez mais, existem exceções em que a memória é retida mas regra geral os fantasmas e as aparições não têm mais consciência do que vós do efeito que exercem sobre os demais, quando surgis de forma bastante inconsciente como fantasmas em mundos que vos pareceriam bastante estranhos.

A combinação do pensamento, da emoção e do desejo cria a forma, possui energia e é composto de energia, e há de revelar-se sob tantas formas quanto possível. Vós só reconheceis as materializações físicas mas, tal como mencionado previamente neste livro, vós emitis pseudo-formas de vós próprios de que não tendes consciência; e isso acha-se completamente aparte da existência da viagem ou projeção astral, o que representa um assunto muito mais complicado.

Vós apareceis sob a forma astral em realidades comparativamente mais avançadas do que a vossa, nas quais geralmente sois reconhecidos devido à vossa desorientação. Não sabeis como haveis de manipular por não terdes noção dos modos habituais. Mas, quer tenhais ou não uma forma física, se derdes corpo a emoções, elas hão de assumir forma. Elas possuem realidade. Se pensardes com intensidade num objeto, ele há de surgir algures. Se pensardes intensamente num outro local, uma pseudo-imagem vossa será projetada a partir de vós para essa outra localização, a despeito de ser ou não percebida e de terdes ou não consciência dela ou NELA. Isso aplica-se tanto àqueles que tiverem abandonado o vosso

sistema físico como aos que nele residem. Todas essas formas são chamadas "criações secundárias" porque regra geral não possuem consciência da personalidade e não passam de projeções automáticas.

Agora; nas criações primárias, uma consciência geralmente atenta e alerta adota uma forma — não a sua forma "natural" — e projeta-a com frequência e de forma consciente num outro nível da realidade. Mas mesmo isso constitui uma tarefa um pouco complicada e que quase nunca é utilizada com propósitos de comunicação. Existem outros métodos muito mais fáceis. Já expliquei até determinado ponto a forma como as imagens são criadas a partir dum campo de energia disponível. Vós só percebeis as vossas próprias criações. Se um "fantasma" pretender contactar-vos ele poderá faze-lo por meio da telepatia, e vós podeis criar a imagem correspondente se o desejardes. Ou o indivíduo poderá enviar-vos uma forma projetada em termos de pensamento ao mesmo tempo que comunica telepaticamente convosco.

Os vossos aposentos acham-se presentemente cheios de formas compostas de pensamento que vós não percebeis; e uma vez mais, vós sois tanto mais um fenómeno fantasma agora quanto o vireis a ser após a vossa morte. Apenas não tendes consciência do facto. Ignorais certas variações de temperatura e turbulência do ar como produtos da imaginação, que em vez disso são indicadores dessas formas mentais. Remeteis as comunicações telepáticas de que tais formas geralmente se fazem acompanhar para segundo plano e voltais as costas a todas as demais pistas da existência de outras realidades tão válidas quanto a vossa, e ao facto de que em meio à vossa existência vos achais rodeados de evidências intangíveis mas nem por isso menos válidas.

Os próprios termos "vida" e "morte" servem para vos limitar a compreensão e para estabelecer barreiras onde nenhuma existe de modo intrínseco. Sois visitados por alguns amigos ou parentes falecidos que se projetam a partir do próprio nível de realidade em que se acham, mas regra geral não percebeis as suas formas. Eles não se acham mais mortos nem são mais fantasmagóricos que vós, quando vos projetais na realidade deles — como o fazeis, a partir do estado de sono. Regra geral, contudo, eles SÃO CAPAZES de vos perceber nessas ocasiões. Aquilo de que vos esqueceis é que esses indivíduos se acham em vários estados de desenvolvimento. Alguns possuem ligações mais fortes com o sistema físico do que outros.

O tempo em que um indivíduo permanece morto, conforme o entendeis, tem pouco que ver com o facto de serdes ou não visitados por eles; a intensidade do relacionamento conta mais. Tal como foi mencionado previamente, no entanto, durante o estado do sono vós podeis auxiliar pessoas que morreram recentemente, ainda que completamente estranhas, a aclimatar-se às condições da existência após a morte, apesar desse conhecimento não se vos achar ao vosso dispor pela manhã. Desse modo outros podem comunicar convosco quando dormis e até mesmo guiar-vos ao longo de vários períodos da vossa vida.

Não se trata de tarefa simples explicar as condições de vida tal como as conheceis, pelo que se torna extremamente difícil falar das complexidades de que não estais conscientes. A questão principal que procuro esclarecer neste capítulo, é a de que já vos achais

familiarizados com todas as condições com que vos deparais após a morte, e de que podeis tornar-vos conscientes delas até determinado grau.

ESCOLHAS FEITAS NO ESTADO PÓS-MORTE
A MECÂNICA DO PROCESSO DE TRANSIÇÃO

Capítulo 11

Não há limites para o tipo de experiências que se lhes abre após a morte, todas possíveis, mas algumas menos prováveis que outras, dependendo do vosso desenvolvimento. De um modo geral, há três áreas principais, embora exceções e casos extraordinários possam levar a outros caminhos.

Vocês podem decidir-se por uma outra encarnação. Ou podem preferir focar-se, em vez disso, na vossa vida passada, e usá-la como material para uma nova experiência — conforme referimos antes — criando variações dos eventos como os conheceram, fazendo correções como desejarem. Assim como podem entrar num sistema de probabilidades inteiramente diferente, e, nesse caso, afastar-vos bastante de uma existência reencarnatória, porquanto deixarão para trás toda a ideia relativa à continuidade do tempo.

Entretanto, certas pessoas, certas personalidades, preferem uma organização de vida ligada ao passado ao presente e ao futuro, numa estrutura aparentemente lógica, e essas pessoas em geral escolhem a reencarnação. Outras, ingenuamente preferem experimentar eventos de uma forma extraordinariamente intuitiva, com uma organização facultada por processos associativos. Essas elegerão um sistema de probabilidades para a sua etapa seguinte de empreendimento. Algumas simplesmente não acham o sistema físico do seu agrado, e, dessa forma afastam-se dele. Isso, contudo, não pode ser feito até que o ciclo de reencarnações, uma vez escolhido, seja concluído, pelo que essa última escolha existe para os que tiverem desenvolvido ao máximo as suas capacidades dentro desse sistema, através da reencarnação.

Outras, tendo terminado com as reencarnações, podem optar por reentrar no ciclo, agindo como instrutores, e nesses casos, dá-se sempre algum tipo de reconhecimento da identidade mais elevada desses instrutores. Existe um estágio intermediário de relativa indecisão, um plano intermédio de existência, uma área de repouso, por assim dizer, e é a partir dessa área que se dá a maioria das comunicações entre parentes. Esse é, em geral, a área visitada pelos vivos nas projeções que fazem durante o sono. Antes do momento dessa definição, porém, há um período de avaliação pessoal, em que as personalidades têm à sua disposição a sua "história" toda. Vocês compreendem a natureza da entidade e são aconselhados por outras porções dessa entidade, mais "avançadas" do que vós.

Terão consciência, por exemplo, das vossas outras personalidades nas diferentes encarnações. Apresentar-se-lhes-ão ligações emocionais com outras personalidades que conheceram em vidas passadas, algumas das quais poderão suplantar as relações que

tiverem tido na vida imediatamente anterior. Porém, esse é igualmente um lugar de encontro para indivíduos do vosso próprio sistema.

Todas as explicações necessárias são dadas aos que se encontrarem desorientados. Aos que não perceberem que estão mortos, é explicada aí a condição em que se encontram e fazem-se todos os esforços para lhes revigorar as energias e o ânimo. É um tempo de estudo e de compreensão. É a partir dessa área que algumas personalidades perturbadas têm sonhos de retorno ao ambiente físico. Esse é um lugar de intercâmbio entre sistemas, por assim dizer. As condições e o desenvolvimento são mais importantes do que o período de permanência do indivíduo nessa área. É um passo intermediário, porém, muito importante. Nos vossos sonhos, vocês já estiveram lá.

A reencarnação envolve muito mais do que uma mera decisão de se submeter a uma outra existência física. Nesse período intermediário de que falo, muitas questões são, pois, consideradas. A maioria das pessoas, quando pensa em reencarnação, pensa em termos de uma progressão linear, na qual a alma se aperfeiçoa a cada vida sucessiva, porém, essa é uma simplificação muito simplista. Esse tema sofre infinitas variedades, variações individuais. O processo da reencarnação é, pois, usado de muitas formas, e durante esse tempo de repouso, as pessoas devem decidir qual a forma específica em que a reencarnação se revelará útil. Alguns, por exemplo, decidem isolar diversas características numa determinada vida e trabalhar nelas quase em exclusivo, baseando uma determinada existência, digamos, num dado tema principal. Visto de uma perspetiva física, essa personalidade pareceria muito parcial, e longe de ser um indivíduo plenamente desenvolvido.

Numa vida, o intelecto pode propositadamente mostrar-se muito desenvolvido, e os poderes da mente serem levados até onde o indivíduo conseguir. Essas habilidades são, então, minuciosamente estudadas pela personalidade inteira, e tanto os benefícios quanto os aspetos perniciosos do intelecto são cuidadosamente ponderados. Por meio da experiência de uma outra vida, este mesmo tipo de indivíduo pode especializar-se no desenvolvimento emocional e minimizar propositadamente as capacidades intelectuais.

Uma vez mais, o quadro físico não seria necessariamente o de uma personalidade bem desenvolvida ou equilibrada, por capacidades criativas específicas poderem ser, da mesma forma, limitadas. Se vocês encarassem essas vidas como uma série de progressões, nos termos habituais, muitas das vossas perguntas ficariam sem resposta. Não obstante, verifica-se um desenvolvimento, só que os indivíduos elegem a maneira pela qual preferem que ele se dê.

Digamos que, ao negarem a elas próprias o desenvolvimento intelectual numa determinada vida, as personalidades também aprendem o valor e o propósito daquilo que não possuem. O desejo do que não possuem desperta então nelas — se, por exemplo, antes não terem compreendido o propósito do intelecto. Assim, na hora da escolha, as personalidades decidem a maneira por que se desenvolverão na encarnação seguinte. Algumas escolherão o progresso de uma forma mais fácil e de um modo mais equilibrado. Farão por manter todos as vertentes da personalidade a trabalhar ao mesmo tempo, por assim dizer, e até

encontrarão repetidamente, pessoas que conheceram em outras vidas. Resolverão problemas de um modo um tanto fácil e não, digamos, de forma explosiva. Elas manterão o ritmo, como as dançarinas.

Durante esse período de repouso e definição, todo o tipo de conselho é ministrado. Algumas personalidades reencarnam antes que tal lhes seja aconselhado, por muitas razões. A curto prazo, essa escolha é desastrosa, por o planeamento necessário não ter ocorrido. Mas, a longo prazo, grandes lições serão aprendidas com o "erro." Não se define uma programação, ainda assim, é muito raro um indivíduo esperar durante mais de três séculos entre vidas, por isso tornar a orientação muito difícil e enfraquecer os laços emocionais com a Terra. Os relacionamentos para a vida seguinte precisam ser definidos, o que envolve uma comunicação telepática com todos os que venham a estar envolvidos. Esse é um período, pois, de muitas projeções. Há os que são simplesmente solitários, que reencarnam sem um grande sentimento pelos períodos históricos da Terra. Outros gostam de voltar quando os seus contemporâneos de algum passado histórico o fazem, e, assim, há padrões grupais que envolvem ciclos de reencarnação que envolvem muitos, mas não todos. Há, evidentemente, ciclos pessoais, em que famílias podem reencarnar, e assumir diferentes relacionamentos uns com os outros, e vocês estiveram envolvidos em vários deles.

Há profundidades diferentes a sondar nas existências reencarnatórias. Alguns decidem "ir a fundo." Essas personalidades especializam-se na existência física, e possuem um conhecimento desse sistema muito abrangente. Para esses, há uma passagem por cada um dos vossos tipos raciais — requisito que não é aplicado à maioria. Existe uma grande preocupação com os períodos históricos. Muitas dessas personalidades vivem vidas comparativamente curtas, mas muito intensas, e experimentam mais vidas do que a maioria dos outros. Elas voltam, por outras palavras, no maior número possível de épocas históricas, ajudando por fim a moldar o mundo como vocês o conhecem.

De uma forma ou de outra, vocês são todos viajantes antes de darem início ao vosso primeiro ciclo de reencarnações. Para tornar isto o mais simples possível, direi que vocês não têm os mesmos antecedentes ou experiências, necessariamente, quando entram no sistema físico da realidade. Conforme referi anteriormente, a experiência terrena é um período de treinamento e, no entanto, na medida do possível, gostaria que vocês se esquecessem as ideias usuais que têm de progresso.

As ideias de bom, melhor, o melhor, por exemplo, podem induzi-los em erro. Vocês estão a aprender a ser, tão completamente quanto possível. Por um lado, estão a aprender a criar a vós próprios. Ao fazerem isso durante o ciclo de reencarnações, estão a concentrar as vossas principais habilidades na vida física, e a desenvolver qualidades e características humanas, a abrir novas dimensões de atividade. Isso não significa que o bem não exista, ou que, nos vossos termos, vocês não "progridam;" só que os vossos conceitos de bem e de progresso são extremamente distorcidos.

Agora, muitas personalidades possuem talentos extraordinários em áreas específicas, que podem aparecer repetidamente em existências sucessivas. Eles podem ser atenuados,

usados em diversas combinações, e ainda assim, no todo, permanecer como a marca mais forte da individualidade e da singularidade. Embora a maioria das pessoas adote diferentes profissões, ocupações e interesses, por exemplo, durante o ciclo reencarnatório, no caso de algumas manterão uma linha de continuidade muito marcada. Essa linha poderá ocasionalmente ser quebrada, mas estará sempre presente. Elas poderão ser sacerdotes ou professores, por exemplo, quase em exclusivo. Haverá algum outro material específico sobre a reencarnação em outras partes deste livro, mas aqui desejo realçar que, nesse período de definição entre vidas, muito mais questões estão em jogo além da simples questão do renascimento.

Por vezes, a certas personalidades poderá ser dada uma exceção à regra geral e tirar uma licença sabática das reencarnações, um desvio, por assim dizer, para um outro nível da realidade, e retornar depois. Contudo, tais casos não são comuns. Essas questões também igualmente decididas durante esse período. Os que optam por deixar este sistema e cujos ciclos reencarnatórios tiverem sido concluídos, têm muitas outras decisões a tomar.

A entrada no campo das probabilidades pode ser comparada à entrada no ciclo de reencarnações. Verificar-se-á um foco constante de perceção e existência num tipo inteiramente diferente de realidade. Poderes latentes, porém, mal percebidos na personalidade multidimensional, são evocados e usados quando essa escolha é definida.

A experiência psicológica varia consideravelmente daquela que vocês conhecem, e, contudo, há vestígios dela dentro da vossa própria psique. Aqui, a personalidade precisa aprender a agrupar eventos de um modo completamente diferente, sem qualquer dependência da estrutura do tempo conforme vocês o conhecem.

Nesta, como em nenhuma outra realidade, as habilidades intelectuais e intuitivas finalmente funcionam tão bem juntas que pouca distinção existe entre elas. O eu que decide sobre a existência reencarnatória é o mesmo eu que escolhe experiências dentro do sistema provável. A estrutura de personalidade, contudo, dentro do sistema, é muito diferente. As estruturas de personalidade com que vocês estão familiarizados são apenas variações de muitas formas de perceção que vocês têm à vossa disposição.

O sistema provável, pois, é tão complicado quanto o da reencarnação. Bem, eu disse-lhes que toda ação é simultânea; assim, por um lado vocês existem em ambos os sistemas ao mesmo tempo. Entretanto, para lhes explicar as decisões que se acham envolvidas e para separar esses eventos, eu preciso simplificá-los até certo ponto. Coloquemos a coisa nos seguintes termos: uma porção do eu total concentra-se nos ciclos de reencarnação e trata dos desenvolvimentos a eles ligados. Outra porção foca-se nas probabilidades e trata dos desenvolvimentos ligados a elas.

(Existe igualmente um sistema provável, evidentemente, no qual não existem ciclos reencarnatórios, e um ciclo de reencarnações no qual não existem probabilidades.) A abertura e flexibilidade da personalidade é altamente importante. Acessos para existências podem ser abertos, mas a personalidade pode recusar-se a encará-los.

Por outro lado, toda existência provável está em aberto, e a consciência pode conceber um acesso onde nenhum terá existido nesses termos. Há guias e instrutores, durante este período de definição e decisão, que apontam alternativas e explicam a natureza da existência. Nem todas as personalidades se encontram num mesmo nível de desenvolvimento. Há, pois, instrutores adiantados e instrutores em níveis mais "baixos." Esse, porém, não é um momento de confusão, mas sim de grande iluminação e de um desafio inacreditável. Mais adiante, neste livro, vocês encontrarão material sobre o conceito de Deus que poderá ajudá-los a compreender algumas coisas que não são referidas neste capítulo.

Bom, àqueles que prefiram combinar de modo diferente, misturar ou equiparar eventos da vida imediatamente anterior — tentar de novo por maneiras novas, por exemplo, também devem ser dadas lições. Em muitos desses casos há um sério problema e uma certa rigidez associada às características de perfeccionismo referidas antes.

Os anos da vida terrena voltarão a ser experimentados mas não necessariamente dentro de uma linha de continuidade. Os eventos podem ser usados por qualquer forma que o indivíduo desejar: podem ser alterados, passados outra vez da maneira como aconteceram a fim de serem contrastados; é como se um ator assistisse a um filme antigo no qual tenha trabalhado, repetidas vezes, a fim de o estudar. Só que neste caso, naturalmente, o ator pode mudar a abordagem ou o final do filme. Ele tem toda a liberdade em relação aos eventos desses anos. Contudo, os outros atores, são formas-pensamento, a menos que alguns contemporâneos se unam a ele no evento. Sob tais condições, a personalidade manipula eventos conscientemente, é claro, e estuda os diversos efeitos. A atenção requerida é muito intensa.

É revelada ao indivíduo a natureza dos que participam junto com ele. Ele compreende, por exemplo, que são formas-pensamento dele próprio; porém, repito, essas formas-pensamento possuem uma certa realidade e consciência. Elas não são atores de papelão que ele simplesmente manipula a seu belo prazer. Precisa, pois, levá-las em consideração, e tem uma certa responsabilidade em relação a elas. Elas desenvolver-se-ão em consciência e prosseguirão as suas próprias linhas de desenvolvimento em diferentes níveis. Até certo ponto, todos nós somos formas-pensamento, e isso será explicado no material relativo ao conceito de Deus. Compreendam, entretanto, que não estou a dizer que tenhamos falta de iniciativa para a ação, de individualidade ou de propósito — e lembrem-se igualmente de que vocês vivem de dentro para fora. Assim, talvez esta afirmação faça mais sentido.

Ora bem, nesse período de definição, todas essas questões são consideradas e fazem-se os preparativos adequados, mas o planeamento em si faz parte da experiência e do desenvolvimento. A existência intermédia é, pois, tão importante quanto o período que é eleito. Por outras palavras, vocês aprendem a planear a vossa existência. Também fazem amigos e travam conhecimentos nesses períodos de repouso, e encontram-nos repetidas vezes — e porventura apenas durante essas existências intermédias.

Com eles vocês poderão discutir a vossa experiência durante os ciclos de reencarnação.

Eles são como velhos amigos. Os próprios instrutores, por exemplo, encontram-se num ciclo. Os mais adiantados já enfrentaram os sistemas de reencarnação e probabilidades, e estão a decidir sobre a natureza "futura" da sua própria experiência. Entretanto, as suas escolhas não são as vossas. Embora eu lhes possa referir alguns outros reinos de existência que lhes estão abertos, num capítulo posterior, não trataremos do assunto aqui.

Agora espera um instante. Fim do ditado. Estás acordado e alerta?

("Estou.")

Então espera um pouco. . . Temos dois períodos distintos a apresentar-te. Um muito breve, de 1611 a 1615. Esse foi passado na Dinamarca. Depois, de 1638 a 1674. Num deles, a informação é a que eu dei (vários anos atrás). Eu era um mercador de especiarias bem viajado. Também carregava corantes de tinta, ou o que veio a ser pigmentos. Agora espera um pouco. (Pausa.)

Havia um grupo de três pintores. Vamos conseguir o que pudermos. A pronúncia é pobre. Estamos à procura de um nome que soa tipo M. A. e a seguir Daimeer (interpretação fonética minha). Não sei se era Madaimeer. (Com gestos.) Existe por aqui uma ligação com a música e uma suíte do Peer Gynt. Estás a acompanhar-me?

("Estou.")

Madeiras e carvão. Fogueiras de carvão. Tu, creio bem, agora a trabalhar no chão de uma cabana, no processo final da produção de carvão. (Pausa longa.)

Uma ligação com Van Elver, embora eu não esteja certo quanto à extensão que tenha tido.

(Eu pintei o retrato de Van Elver, que é o artista do século catorze [Dinamarquês ou Norueguês] de quem Seth recebe informações sobre técnicas de pintura.)

O nome Wedoor (fonético) e de uma firma alemã que na altura fornecia material para artistas, e que também era famosa por tingir fazendas e roupas.

Montar este material é difícil. Não recebê-lo.

Van Elver, o jovem. (As cidades estavam) a abrir casas para artistas rurais, mas um número muito maior de pintores fazia retratos de fazendeiros ricos e das suas terras e estabelecimentos. Esses quadros eram, evidentemente, pendurados em lugares de honra nas suas casas. Entretanto até os camponeses e fazendeiros mais pobres compravam retratos deles próprios, talvez de pintores menos talentosos, e muitos desconhecidos recebiam hospedagem como forma de pagamento, e pintavam muito mais vagarosamente.

(Jane, como Seth, sorriu e curvou-se para frente.) Agora: tu foste um desses artistas menores durante um período. Contudo, não o foste durante toda a vida. Tu recebias mais do que a simples hospedagem, e compraste terras onde desejaste estabelecer-te.

Entretanto, dois amigos continuaram a viajar e a pintar, e visitavam-te ocasionalmente, e tu invejava-los. Um deles tornou-se bem conhecido na época. Chamou-se Van Dyck, mas não foi aquele que ficou famoso. Tu amavas as tuas terras, mas também as culpavas, pensando que talvez te tivesses tornado famoso como pintor se não as tivesses comprado.

Achaste que irias instalar-te e pintar na tua bela fazenda, mas, em vez disso, transformaste-te num fazendeiro, e lascivo além disso. Existe aqui uma certa ligação com os sentimentos ambíguos que atualmente tens com respeito ao dinheiro e aos bens, entendes?

Sobrenome, o mais próximo que consigo captar: Raminkin, ou Ra-man-ken (ambos consoante a minha interpretação fonética). As letras H. E. I. M. Elas formam o nome ou estavam incluídas no nome que foi dado agora. (Intensamente:) Nessa época, tu também fizeste o meu retrato.

("Isso é interessante." Como Seth, Jane apontou para o retrato que pintei de Seth; estava na parede atrás de mim, de modo que ela ficava de frente para ele quando se sentava na sua cadeira de balanço.)

Desta vez saíste-te melhor.

("Ainda bem.")

Espera um momento. Essa foi minha última reencarnação cabal, adotada então por eu amar o mar, e serviu o forte propósito de espalhar ideias de um país a outro. Os homens que viajavam comigo também participaram da disseminação das ideias. Nós as espalhamos pelo mundo como era então conhecido.

O Frank Withers foi um fragmento da minha personalidade. Ele continuará a reencarnar, seguindo o seu próprio caminho. Muitos de nós deixamos fragmentos da personalidade como vocês deixam filhos. Estás a acompanhar-me?

("Estou." Frank Withers foi o nome original que nos foi dado quando as sessões começaram no final de 1953.)

O tempo de escolha depende das condições e circunstâncias em que o indivíduo se encontrar após a transição da vida física. Alguns levam mais tempo do que outros a compreender a verdadeira situação.

Conforme explicamos antes, alguns precisam despir-se de muitas ideias e símbolos que lhes retardam o progresso. O tempo de escolha pode acontecer quase imediatamente (nos vossos termos) assim como pode ser adiado durante o período de treino. Os principais impedimentos são, naturalmente, as ideias errôneas que a pessoa tenha.

A crença no céu ou no inferno, sob determinadas condições, pode revelar-se igualmente prejudicial. Alguns recusam-se a aceitar a ideia de um trabalho, desenvolvimento e desafios

subsequentes, acreditando que o céu convencional seja a única possibilidade. Durante algum tempo, eles aprendem pela sua própria experiência que a existência exige desenvolvimento, e que um céu desses seria estéril, enfadonho e, na verdade, "terrível." Então, estarão prontos para o período da escolha. Outros insistem que, devido às transgressões que tenham cometido, sejam lançados no inferno, e por causa da força dessa crença, podem, durante algum tempo, defrontar tais condições. Em ambos os casos, porém, há sempre instrutores disponíveis. Eles tentam pôr termo a essas crenças falsas. Nas condições do Hades, os indivíduos caem um tanto mais rapidamente em si. Os próprios medos que abrigam desencadeia dentro deles a libertação. Por outras palavras, as suas necessidades abrem mais rapidamente as portas interiores do conhecimento. Entretanto, em geral esse estado não dura tanto quanto o estado celeste.

Ambos os estados, contudo, adiam o momento da escolha e a existência seguinte. Há uma questão que gostaria aqui de mencionar: em todos os casos, a pessoa cria a sua experiência. Torno a dizer isto correndo o risco de me repetir, por este ser um facto básico de toda consciência e existência. Não existem "locais" ou situações ou condições especiais separadas no período pós-morte, no qual uma determinada personalidade tenha que ter uma experiência.

Os suicidas, como uma classe, por exemplo, não sofrem uma "punição" particular, nem, *a priori*, a sua situação é pior. Eles são tratados como indivíduos. Quaisquer problemas que não tenham sido enfrentados nesta vida serão, entretanto, enfrentados numa outra. Isto, contudo, não se aplica apenas aos suicidas. Um suicida pode provocar a sua própria morte por rejeitar a existência em quaisquer termos que não sejam especificamente os escolhidos por ele. Se for esse o caso, naturalmente ele precisará aprender que não é assim. Muitos outros, porém, escolhem negar a experiência enquanto se encontram no sistema físico, cometendo suicídio de maneira igualmente eficaz enquanto fisicamente vivos.

As condições ligadas a um ato suicida também são importantes, assim como a realidade interior e a compreensão que o indivíduo tenha. Menciono isto aqui por muitas filosofias ensinarem que os suicidas enfrentam um tipo de destino especial, quase vingativo, e isso não ser verdade. Entretanto, se uma pessoa se matar, acreditando que o ato venha a aniquilar a sua consciência para sempre, então essa ideia falsa poderá impedir-lhe o progresso, pois será intensificada pela culpa.

Repito que existem instrutores que podem explicar a verdadeira situação. Usam-se diversas terapias. Por exemplo: a personalidade pode ser conduzida de volta aos eventos que tiverem antecedido a decisão. Então a personalidade terá permissão para alterar a decisão. É-lhe induzida um tipo de amnésia, de modo que o próprio suicídio seja esquecido. Somente mais tarde será informada do ato, quando estiver mais habilitado a enfrentá-lo e a compreendê-lo. Obviamente, porém, essas condições também constituem impedimentos para o período da escolha. Preciso não será dizer que a obsessão com questões terrenas tem o mesmo efeito. Nesses casos, muitas vezes a personalidade insistirá em focalizar as capacidades e energias que percebe ter no sentido da existência física. Essa é uma recusa

psíquica em aceitar o facto da morte. A pessoa sabe muito bem que nos vossos ermos se encontra morta, mas recusa-se a completar a separação psíquica.

Há, evidentemente, casos em que os indivíduos em questão não percebem o facto da morte. Não é uma questão de recusar-se a aceitá-la, mas de uma falta de perceção. Nesse estado, as pessoas também ficam obcecadas com problemas físicos e vagueiam, talvez desnorteadas, pela sua própria habitação anterior ou arredores. O tempo da definição será, naturalmente, adiado.

O mecanismo da transição é, pois, muito variável, assim como o mecanismo da vida física é muito variável. Muitos dos impedimentos que referi prejudicam o progresso não apenas após a morte, mas durante a vossa própria existência física. Isso, certamente, devia ser levado em consideração. Uma identificação exageradamente intensa com as características sexuais também pode impedir o progresso. Se um indivíduo considerar a identidade muito fortemente em termos de masculino ou feminino, pode recusar-se a aceitar o facto das mudanças sexuais que se certificam nas sucessivas encarnações. Entretanto esse tipo de identificação sexual também impede o desenvolvimento da personalidade durante a vida física.

Embora, de um modo geral, as questões que acabo de referir atuem como um impedimento, sempre há exceções. A crença no céu, quando não é obsessiva, pode ser usada como uma estrutura útil, como base de operações para uma pessoa aceitar com facilidade as novas explicações que lhe serão proporcionadas. Até mesmo a crença na hora do juízo final é útil em muitos casos, pois embora não haja punição nos vossos termos, o indivíduo estará, nesse caso, preparado para um tipo qualquer de exame e avaliação espiritual.

Os que entendem plenamente que a realidade é criada por si próprio, terão menos dificuldade. Os que aprenderam a entender e agir dentro da mecânica do estado dos sonhos, terão grande vantagem. A crença em demónios é muito prejudicial após a morte, como o é durante a existência física. Uma teologia sistematizada de opostos, também é perniciosa. Se vocês acreditarem, por exemplo, que todo bem deva ser contrabalançado por um mal, estão presos a um sistema de realidade que é muito restritivo e que contém sementes de grandes tormentos.

Num tal sistema, até o bem se torna suspeito, por um mal equivalente se lhe dever seguir. Deus-versus-demónio, anjos-versus-demónios – o abismo presente entre animais e anjos — todas essas distinções constituem impedimentos. No vosso sistema de realidade, vocês estabelecem grandes contrastes e factores opostos, que na vossa realidade atuam como pressupostos básicos.

Elas são extremamente superficiais e resultam em larga escala de capacidades intelectuais mal usadas. O intelecto por si só não pode compreender o que as intuições certamente conhecem. Ao tentar fazer sentido nos vossos termos da existência física, o intelecto estabeleceu esses factores contrários. O intelecto diz: "Se existe o bem, certamente deverá existir o mal," por ele desejar as coisas explicados de forma muito

arrumadinha. Se existe “em cima”, deve existir “em baixo.” É preciso que haja equilíbrio. O eu interior, porém, percebe que, em termos muito mais amplos, o mal é simplesmente ignorância, que “em cima” e “em baixo” são termos aplicados a um espaço que não conhece sentidos que tais.

Uma crença forte em tais forças opostas é, porém, altamente prejudicial, pois impede a compreensão dos factos: os factos da unidade interior e da singularidade, das interligações e da cooperação. Uma crença obsessiva nesses factores opostos, pois, talvez seja o elemento mais prejudicial não apenas após a morte, mas durante qualquer existência.

Há certos indivíduos que nunca experimentaram, durante a vida física, essa sensação de harmonia e unidade na qual os factores contrários se fundem. Essas pessoas precisam passar por muitos estágios após a transição, e, em geral, têm muitas outras vidas físicas “por diante.”

Individual e coletivamente, vocês formam a vossa própria existência física, e assim, após o tempo de definição, juntam-se a outros que tenham decidido seguir mais ou menos o mesmo tipo de experiência. Inicia-se, então, uma aventura profundamente cooperativa e procede-se aos preparativos. Esses preparativos irão variar de acordo com o tipo de existência definido. Entretanto há padrões gerais. A realidade de um indivíduo jamais é idêntica à de outro, mas, ainda assim, formam-se grupos.

Dito muito simplesmente, uma crença no bem sem uma crença no mal talvez não lhes pareça muito realista a vós. Essa crença, contudo, é o melhor tipo de garantia que podem ter, tanto durante a vida física quanto depois dela.

Talvez ela se revele ofensiva ao vosso intelecto, e a evidência dos vossos sentidos físicos pode clamar que não seja verdadeira; contudo, uma crença no bem sem uma crença no mal é na realidade altamente realista, uma vez que, na vida física, ela lhes manterá o corpo mais saudável, evitará, psicologicamente, muitos temores e dificuldades mentais, e lhes dará uma sensação de bem-estar e de espontaneidade que propiciará um maior desenvolvimento das vossas capacidades. Após a morte, isso irá libertá-los da crença em demónios e no inferno, e numa punição imposta. Vocês estarão melhor preparados para compreender a natureza da realidade conforme ela é. Eu entendo que o conceito realmente lhes ofenda o intelecto, e que os vossos sentidos pareçam negá-lo. Entretanto, já devem ter percebido que os vossos sentidos lhes contam muitas inverdades; e afirmo que os vossos sentidos físicos percebem uma realidade que é resultado das vossas crenças. Se acreditarem no mal, vocês naturalmente o perceberão. O vosso mundo ainda não tentou a experiência que os libertaria. O Cristianismo não passou de uma distorção desta verdade principal — quero dizer, o Cristianismo organizado, como vocês o conhecem. Não estou a falar aqui simplesmente dos preceitos originais. Eles não tiveram qualquer oportunidade, mas ainda havemos de discutir esse assunto mais lá para a frente.

A experiência que haveria de transformar o vosso mundo deveria ter por base a ideia de que vocês criam a vossa própria realidade de acordo com a natureza das crenças que

abrigam; de que toda existência foi abençoada; e de que o mal não existiu nela. Se essas ideias fossem seguidas, individual e coletivamente, a evidência dos vossos sentidos físicos não apresentaria qualquer contradição. Os vossos sentidos perceberiam o mundo e a existência como bons.

Essa é a experiência que não foi testada, e essas são as verdades que vocês precisam aprender após a morte física. Alguns, após a morte, ao compreender tais verdades, decidem retornar à existência física e explicá-las. Esse tem sido o caminho ao longo dos séculos. No sistema de probabilidades que tem origem na realidade física, esse é igualmente o caso.

Existem sistemas de probabilidades que não estão ligados de todo ao vosso próprio sistema, mais avançados que qualquer um imaginado por vós atualmente, e onde as verdades que tenho vindo a explicar são bem conhecidas. Neles os indivíduos criam realidades dotadas de criatividade e propósito, sabendo como fazê-lo e dando largas às capacidades criativas da consciência.

Refiro isto aqui simplesmente para lhes mostrar que há muitas outras condições pós-morte não ligadas ao vosso sistema. Quando tiverem aprendido tudo o que puderem nesse período intermediário, estarão prontos para progredir. O próprio período intermediário, porém, tem muitas dimensões de atividade e classes de experiência. Como podem ver — para o colocar da maneira mais simples possível — nem toda a gente "conhece" todos os demais.

Em vez de nações ou barreiras físicas, vocês têm estados psicológicos. Para alguém que se encontre num deles, os outros podem parecer muito estranhos. Em muitas comunicações tidas com aqueles que se encontram nesses estados de transição, as mensagens recebidas através de médiuns, podem soar muito contraditórias. As experiências dos "mortos" não são idênticas. As condições e situações variam. Um indivíduo, ao explicar a sua realidade, pode unicamente explicar aquilo que ele conhece. Repito que este tipo de material costuma ofender o intelecto, que exige respostas e descrições simples, claras e que correspondam. A maioria dos que estão nesses estágios e que se comunica com os parentes "vivos," ainda não alcançou o tempo da definição de escolhas nem terminou o treino.

Eles ainda podem estar a perceber a realidade segundo as velhas crenças que tinham. Quase todas as comunicações vêm desse nível, particularmente no caso em que haja um laço de relação numa vida prévia imediata. Mesmo nesse nível, porém, essas mensagens prestam-se a um propósito. Os comunicadores podem informar a parentes vivos que a existência continua, e podem fazê-lo em termos que os vivos entendam. Eles podem relacionar-se com os vivos, pois muitas vezes as suas crenças ainda são as mesmas; em circunstâncias favoráveis, podem comunicar o conhecimento que conquistam ao mesmo tempo que aprendem. Pouco a pouco, porém, os seus próprios interesses mudam. Contraem relacionamentos na sua nova existência.

No tempo da definição, a personalidade já está, pois, a preparar-se para rumar a uma outra existência. Nos vossos termos, em relação ao tempo, esse período intermediário pode

durar séculos. Pode durar apenas alguns anos. Porém, volto a repetir que existem exceções. Há casos em que uma personalidade entra muito rapidamente noutra vida física, talvez numa questão de horas. Isso em geral é desastroso, sendo causado pelo desejo obsessivo de voltar à condição física. Entretanto, um regresso assim rápido, pode também ser feito por uma personalidade encarregada de um grande propósito, que desconsidera ou descarta um velho corpo físico, e renasce quase que imediatamente num corpo novo a fim de terminar um projeto importante e necessário já iniciado.

Há alguns pontos que gostaria de acrescentar aqui. Esse tempo de definição é um pouco mais complicado se o último ciclo de reencarnações, nos vossos termos, tiver sido completado. Antes de tudo, vocês precisam entender, repito, que agora não percebem a vossa verdadeira identidade. Vocês identificam-se com o vosso ego atual, e assim, quando pensam em termos de vida após a morte, realmente concebem uma vida futura do ego que conhecem. Ao final do ciclo de reencarnações, cada um compreende muito bem que a sua identidade básica, o centro do seu ser, é mais do que a soma das suas personalidades encarnadas.

Podem, pois, dizer que as personalidades não passam de divisões do vosso eu, aqui. Não existe competição entre elas. Nunca existiu uma divisão real, mas apenas uma divisão aparente, na qual vocês desempenharam diversos papéis, desenvolveram capacidades diferentes, aprenderam a criar de modos novos e diversos. Essas personalidades reencarnatórias continuam a desenvolver-se, mas compreendem que a identidade principal delas é igualmente vossa.

Quando o ciclo termina, pois, vocês obtêm total conhecimento das vossas vidas passadas. As informações, experiências e capacidades encontram-se inteiramente ao vosso dispor. Isso simplesmente significa que vocês compreendem a vossa realidade multidimensional em termos práticos. Usei com frequência o termo multidimensional, e vocês veem que o usei em termos bastante literais, pois a vossa realidade existe não apenas em termos de existências reencarnacionais, mas também nas realidades prováveis referidas anteriormente.

Quando o momento da definição chega, pois, as escolhas disponíveis são muito mais diversificadas do que as oferecidas ou possíveis a personalidades que ainda precisam reencarnar. Sempre existe a oportunidade de ensinar, caso vocês tenham a inclinação e capacidade para tanto; contudo, o ensino multidimensional é muito diferente do ensino que vocês conhecem agora, e exige um treino rigoroso.

Um tipo de instrutor desses precisa ser capaz de instruir várias porções de uma entidade, segundo os termos em que o concebeis, ao mesmo tempo. Digamos, por exemplo, que uma entidade particular tenha encarnações no século catorze, em 3 a.C., no ano 260 d.C. e no tempo da Atlântida. O instrutor estaria em contato simultâneo com essas várias personalidades, comunicando-se com elas em termos que elas pudessem entender. Esse tipo de comunicação exige um conhecimento completo das suposições básicas dessas eras, e do conhecimento filosófico e científico da época.

A entidade talvez esteja também a explorar diversos sistemas prováveis, e essas personalidades também precisariam ser alcançadas e contactadas. O conhecimento e o treino necessários tornam essa carreira de instrutor e comunicador extremamente exigente, mas é um dos cursos disponíveis. O cultivo de tais informações irá aumentar o desenvolvimento e as habilidades do instrutor. É necessária uma manipulação delicada da energia, além de viagens constantes através das dimensões. Uma vez definida essa escolha, o treino inicia-se de imediato, sempre sob a liderança de um especialista prático. A vocação — porquanto se trata de uma vocação — leva tal instrutor a outros domínios da realidade, diferentes daqueles que ele sabia existirem. Outros, que tenham terminado o ciclo das reencarnações, que sejam dotados de uma natureza geral diferente, podem começar a longa viagem que leva ao trabalho de criador. Num plano muito diverso isso, na vossa própria realidade física, pode ser comparado aos génios dos campos criativos.

Em vez de tintas, pigmentos, palavras, notas musicais, os criadores começam a fazer experiências com dimensões da realidade, e a comunicar conhecimento por todas as formas possíveis — e não estou a referir-me a formas físicas. Aquilo a que vocês chamam de tempo é manipulado do mesmo jeito que um pintor manipularia as cores. Aquilo a que chamam de espaço é combinado de modos diferentes. A arte é criada, pois, por meio do uso do tempo — por exemplo — como estrutura. Nos vossos termos, o tempo e o espaço podem ser misturados. As belezas das diversas épocas, as belezas naturais, as pinturas e os edifícios são todos recriados, como método de aprendizagem para tais iniciantes. Uma das principais preocupações que têm é a criação da beleza no maior número possível das variadas dimensões de realidade.

Esse trabalho seria percebido no vosso sistema como uma coisa determinada, por exemplo, mas também seria percebido em realidades prováveis, embora talvez de um modo inteiramente diferente — uma arte multidimensional tão livre e natural que apareceria simultaneamente em várias realidades. É impossível descrever por palavras esse tipo de arte. É um conceito que não tem equivalente verbal. Esses criadores, porém, também estão envolvidos na inspiração dos que se encontram em todos os níveis de realidade à sua disposição. Por exemplo: no vosso sistema, a inspiração é, em geral, obra desses criadores. Essas "formas de arte" são muitas vezes representações simbólicas da natureza da realidade. Elas serão interpretadas de diversos modos, segundo as habilidades dos que as percebem. Nos vossos termos, elas podem representar dramas vivos. Sempre serão estruturas psíquicas, porém, e existem separadamente de qualquer sistema de realidade, mas, pelo menos em parte, são percebidas por muitos. Algumas existem no que vocês poderiam chamar de plano astral, e vocês as percebem em visitas durante o sono. Outras são percebidas em vislumbres, porções ou pedaços pela vossa mente temporal, enquanto vocês estão meio-adormecidos e meio-acordados, ou noutros períodos de dissociação. Existem vários tipos de arte multidimensional e, por conseguinte, muitos níveis em que os criadores operam. Toda a história de Cristo foi uma criação desse tipo.

Também há os que escolhem ser curadores, e, naturalmente, esse trabalho envolve muito mais do que a cura com a qual vocês estão familiarizados. Esses curadores devem ser

capazes de trabalhar com todos os níveis de experiência da entidade, ajudando diretamente as personalidades que fazem parte dela. Uma vez mais, isso envolve uma manipulação de padrões de reencarnação, e, neste caso, também uma grande diversificação. O curador começa a trabalhar com as personalidades reencarnatórias com um nível de dificuldades variado. A cura envolvida é sempre psíquica e espiritual, e esses curadores estão disponíveis para ajudar cada personalidade do vosso sistema conforme vocês o conhecem, na vossa época atual e noutros sistemas.

Num contexto maior e dotado de um maior treino, os curadores avançados lidam com as enfermidades espirituais de um vasto número de personalidades. Há aqueles que combinam as qualidades de instrutor, criador e curador. Outros escolhem linhas de desenvolvimento particularmente adequadas às suas próprias características.

Não desejo, porém, neste capítulo, discutir o propósito da existência ou do desenvolvimento contínuo da consciência; desejo simplesmente deixar claro que existem enormes possibilidades de progresso, e salientar igualmente o facto de que cada personalidade tem liberdade plena.

Os desenvolvimentos da consciência que têm lugar são atributos naturais, estágios naturais. Não é aplicada qualquer compulsão. Todos os desenvolvimentos posteriores são inerentes à personalidade que vocês conhecem, assim como o adulto é inerente à criança. Estas descrições dos eventos pós-morte podem soar muito complicados, especialmente se vocês se tiverem habituado aos simples contos sobre céu ou repouso eterno. Infelizmente, as palavras não conseguem descrever muitos dos pontos básicos que eu gostaria que entendessem. Porém, vocês têm dentro de vós, a capacidade de libertar as vossas intuições e de receber um conhecimento interior.

As palavras deste livro têm o objetivo de lhes libertar as faculdades intuitivas. Quando vocês estiverem a ler o livro, os vossos próprios sonhos hão de lhes trazer mais informação, e hão de permanecer claros na vossa mente quando despertarem, caso permaneçam alertas. Não existe um fim simples para a vida que vocês conhecem, [tal como] o da história do céu. Existe liberdade para entenderem a vossa própria realidade, desenvolverem mais as vossas capacidades e sentirem profundamente a natureza da vossa própria existência como parte de Tudo Que Existe.

Só uma pequena nota. Uma porção de ti foi já projetada para o hospital onde se encontra o teu pai. A Jane sentiu a ausência dessa tua parte. Tu estavas simplesmente a tentar fazer-lhe uma visita rápida. No fundo, imaginaste se ele já sabia que contraíra a febre do feno, e foi isso que provocou a tua projeção inconsciente.

O teu eu inconsciente é uma forte parte das nossas sessões, e foi por essa razão que a Jane percebeu essa ausência.

RELACIONAMENTOS REENCARNATÓRIOS

Capítulo 12

SESSÃO 550

Durante as vossas vidas reencarnatórias, vocês expandem a vossa consciência, as vossas ideias, as vossas perceções, os vossos valores. Deixam de lado as restrições adotadas e crescem espiritualmente ao aprenderem a abdicar de conceções e dogmas restritivos. Contudo, o vosso nível de aprendizado depende inteiramente de vocês. Conceitos restritivos de bem e mal, dogmáticos ou rígidos podem impedir-lhes o desenvolvimento. Ideias muito estreitas quanto à natureza da existência podem acompanhá-los ao longo de muitas vidas, se vocês não decidirem ser espiritual e psiquicamente flexíveis.

Essas ideias rígidas realmente podem agir como trelas, de modo que vocês são forçados a andar em círculos como um cachorrinho preso, em torno de um raio muito pequeno. Nesses casos, eventualmente através de existências sucessivas, vocês darão por vós a batalhar contra ideias de bem e mal, a andar em torno do círculo de confusão, dúvida e ansiedade. Os vossos amigos e conhecidos estarão preocupados com os mesmos problemas, pois vocês atraem a vós gente com preocupações similares. Digo lhes uma vez mais, pois, que muitas das ideias que têm sobre bem e mal são profundamente distorcidas, e assombram todo o entendimento que vocês têm da natureza da realidade.

Se formarem uma culpa na vossa mente, ela será uma realidade para vocês, e precisarão resolvê-la. Porém, muitos de vocês formam culpas para as quais não existe uma causa adequada, sobrecarregando-se com essas culpas sem razão. Na dimensão da vossa atividade, parece haver um incrível sortido de males. Deixem que lhes diga que aquele que odeia um mal, simplesmente cria outro.

Bom, partindo do vosso ponto de referência, geralmente é-lhes difícil perceber que todos os eventos conduzem à criatividade, ou à confiança na criatividade espontânea da vossa própria natureza. Dentro do vosso sistema, matar constitui obviamente um crime moral, mas quando matam uma pessoa como punição, isso apenas aumenta o erro original.

Alguém muito conhecido, que estabeleceu uma igreja — ou uma civilização, se preferirem — disse certa vez: "Quando lhe baterem numa face, ofereçam-lhe também a outra." O significado original dessa afirmação, entretanto, deveria ser compreendido. Vocês devem dar a outra face por perceberem que, basicamente, o atacante só ofendeu a ele próprio.

Então sentir-se-ão livres, e a reação que tiverem será positiva. Se derem a outra face sem uma compreensão dessas, porém, e se sentirem ressentidos, ou se derem a outra face por um sentimento de superioridade pseudomoral, a reação estará longe de ser adequada.

Bem, tudo isso pode ser aplicado aos relacionamentos que tiveram nas vossas encarnações, e, naturalmente, também é pertinente à vossa experiência diária atual. Se vocês odiarem uma pessoa, esse ódio poderá atá-los a ela ao longo de muitas vidas, enquanto permitirem que o ódio os consuma. Vocês atraem a vós, nesta existência e em todas as outras, as qualidades que são alvo da vossa atenção. Caso se preocupem intensamente com as injustiças que sentem ter sofrido, irão atrair ainda mais esse tipo de experiência, e se continuarem a concentrar-se nessas injustiças, isso irá refletir-se na vossa próxima existência. É verdade que, entre vidas, há "tempo" para compreensão e reflexão.

Os que não aproveitam as oportunidades nesta vida, em geral não o fazem quando ela termina. A consciência irá expandir-se. Ela irá criar. Ela irá virar-se do avesso para conseguir fazê-lo.

Não há nada fora de vós que os force a compreender essas questões ou a encará-las. É, pois, inútil dizer: "Quando esta vida terminar, olharei para trás, para as minhas experiências, e emendar-me." Isso é o mesmo que um jovem dizer: "Quando eu envelhecer e me aposentar, vou usar todas as capacidades que não estou a desenvolver agora." Vocês estão, neste presente, a preparar o cenário para a vossa "próxima" vida. Os pensamentos que vocês têm hoje, de uma forma ou de outra, transformam-se na estrutura da vossa próxima existência. Não existem palavras mágicas que os tornem sábios, ou os encha de compreensão e compaixão, ou lhes expanda a consciência. Os pensamentos e experiências que têm no dia-a-dia encerram as respostas. Quaisquer sucessos que tenham nesta vida, quaisquer habilidades, foram desenvolvidas por meio de experiências passadas.

Eles pertencem-lhes por direito. Vocês trabalharam para as desenvolver. Se observarem os vossos parentes, amigos, conhecidos e companheiros de trabalho, verão igualmente que tipo de pessoas vocês são, pois foram atraídos para elas, e elas para vós, através de semelhanças interiores muito básicas. Se examinarem os vossos pensamentos durante cinco minutos, em vários momentos durante o dia, várias vezes por mês, receberão uma impressão correta do tipo de vida que prepararam para vós próprios na existência seguinte. Se não ficarem satisfeitos com o que descobrirem, será melhor que comecem a mudar a natureza dos pensamentos e sentimentos que têm.

Conforme verão mais adiante, neste livro, vocês podem fazê-lo. Não existe regra que diga que em cada uma das vossas vidas tenham de reencontrar aqueles que conheceram antes, mas devido à natureza da atração, em geral é isso que acontece.

Vocês podem ter nascido na vossa família atual por várias razões. Poderão, depois da morte, ter um relacionamento emocional muito mais forte com uma personalidade de uma vida passada. Se forem casados, por exemplo, e não tiverem uma harmonia verdadeira com o vosso cônjuge, poderão encontrar um cônjuge de uma outra vida à vossa espera. Muitas vezes, os membros de um grupo — grupo de militares, grupo de igrejas, grupo de caça, formarão relacionamentos familiares numa outra vida, e resolvem, então, velhos problemas de formas novas.

As famílias podem ser consideradas como gestalts de uma atividade psíquica; elas possuem uma identidade subjetiva, de que talvez nenhum membro do grupo tenha consciência. As famílias têm propósitos subconscientes, embora os membros, individualmente, possam perseguir essas metas sem conhecimento consciente. Tais grupos são formados por antecipação, por assim dizer, entre existências físicas. Muitas vezes, quatro ou cinco indivíduos estabelecem um determinado desafio para si próprios, e a cada um é designado um determinado papel. Então, numa existência física, esses papéis serão elaborados.

O eu interior está sempre consciente dos mecanismos ocultos dessas gestalts familiares. Os que tiverem estado muito ligados por laços emocionais, em geral preferem permanecer em relacionamentos físicos mais íntimos ou menos íntimos que continuam ao longo de várias vidas. Entretanto, relações novas são sempre incentivadas, pois vocês podem ter "famílias" reencarnatórias arraigadas. Muitas delas formam organizações físicas que, na verdade, são manifestações de agrupamentos interiores. Falei anteriormente sobre conceitos rígidos a respeito do certo e do errado. Existe apenas um meio de evitar esse problema. Somente a verdadeira compaixão e o verdadeiro amor levarão a um entendimento da natureza do bem, e somente essas qualidades servirão para aniquilar os errôneos e distorcidos conceitos do mal.

O facto é que enquanto vocês acreditarem no conceito do mal, ele será uma realidade no vosso sistema, e vocês o verão a manifestar-se. A vossa crença nele parecerá, pois, altamente justificada. Se carregarem esse conceito por gerações sucessivas, ao longo de reencarnações, estarão a aumentar-lhe a realidade.

Deixem que tente lançar alguma luz sobre o que estou a tentar dizer-lhes. Em primeiro lugar, o amor sempre envolve liberdade. Se um homem diz que ama uma mulher, mas lhe nega a liberdade, ela acabará por o odiar. Contudo, por causa das palavras dele, ela não sentirá que a sua emoção se justifique. Este tipo de emaranhado emocional pode levar a complicações contínuas através de várias vidas. Se vocês odeiam o mal, cuidado com a conceção que têm do termo. O ódio é restritivo. Ele restringe-lhes a perceção. Na verdade, é um vidro escuro que empana toda a vossa experiência. Vocês descobrirão mais e mais coisas para odiar, e trarão os elementos odiados para a vossa própria experiência.

Se, por exemplo, vocês odiarem um progenitor, torna-se muito fácil odiar quaisquer progenitores, porquanto nos seus rostos vocês veem e projetam o ofensor original. Em vidas subsequentes, poderão também ser atraídos para uma família e descobrir que têm as mesmas emoções, pois as emoções são o problema, e não os elementos que parecem causá-las. Se vocês odiarem a doença, poderão trazer sobre vós uma vida de doenças, por o ódio as atrair. Se, por outro lado, expandirem a vossa perceção do amor, da saúde e da existência, serão atraídos, nesta vida e em outras, para essas qualidades; mais uma vez, por essas serem as qualidades nas quais vocês se concentram. Uma geração que odeie a guerra *(a Jane olhou para o Carl)* não trará a paz. Uma geração que ame a paz, trará a paz.

Morrer com ódio por qualquer pessoa ou causa, ou qualquer outra coisa, constitui uma grande desvantagem. Vocês gozam de todos os tipos de oportunidades agora para recriar a

vossa experiência pessoal de maneiras mais benéficas, e de mudar o vosso mundo. Na próxima vida, vocês estarão trabalhando com as atitudes que agora entretêm. Se insistirem em abrigar ódios dentro de vós nesta vida, é muito provável que venham a continuar a fazê-lo depois. Por outro lado, aquelas centelhas de verdade como a intuição, o amor, a alegria, a criatividade e a realização adquiridas agora, irão trabalhar a vosso favor, como o fazem atualmente. Elas são as únicas realidades verdadeiras. Elas são as únicas bases reais da existência. É uma idiotice, como a Jane disse certa vez, odiar uma tempestade, cerrar os punhos contra ela ou trata-la mal.

Vocês riem quando pensam em crianças ou nativos que fazem isso. É inútil personificar uma tempestade e tratá-la como um demónio, concentrando-se nos seus elementos destrutivos ou nos elementos que lhes parecem destrutivos. A mudança de forma não é destrutiva. A energia explosiva de uma tempestade é altamente criativa. A consciência não é aniquilada. Uma tempestade faz parte da criatividade. Vocês consideram-na com base na vossa própria perspetiva, e, assim, dentro da tempestade, um indivíduo sente o ciclo infinito da criatividade, e um outro personifica-a como obra do demónio. Através de todas as vossas vidas, vocês interpretarão, à vossa própria maneira, a realidade que veem, e essa maneira terá os seus efeitos sobre vós, e depois, sobre os demais. O homem que literalmente odeia, imediatamente se coloca nessa circunstância: ele prejulga a natureza da realidade de acordo com a própria compreensão limitada que tem.

Agora: Estou a enfatizar a questão do ódio, neste capítulo sobre a reencarnação, porque os seus resultados podem ser muito desastrosos. Um homem que odeia, sempre se sente justificado. Ele nunca odeia qualquer coisa que acredite ser boa. Acha, pois, que está a ser justo no ódio que alimenta, mas o próprio ódio cria uma reivindicação muito forte que o seguirá através das suas vidas, até que ele aprenda que somente o ódio é o destruidor.

Gostaria de esclarecer que também nada se ganha odiando o ódio. Vocês caem na mesma armadilha. O que é necessário é uma confiança básica na natureza da vitalidade, e fé em que todos os elementos da experiência serão usados em prol de um bem maior, quer percebam ou não a maneira pela qual o “mal” é transmutado em criatividade. O que vocês amam também fará parte da vossa experiência nesta vida e em outras.

A ideia mais importante a ser lembrada é que ninguém joga sobre vocês a experiência de qualquer uma das vossas vidas. A experiência é formada fielmente de acordo com as vossas próprias emoções e crenças. O grande poder e a energia do amor e da criatividade são evidentes pelo simples facto da vossa existência. Esta é a verdade tantas vezes esquecida: que [a combinação de] consciência e existência continua e absorve os elementos que lhes parecem tão destrutivos.

O ódio é poderoso se vocês acreditarem nele, e enquanto detestarem a vida, continuarão a existir. Vocês assumiram compromissos, cada um de vós, dos quais se esqueceram. Eles foram assinados, por assim dizer, antes de vocês nascerem nesta existência. Em muitos casos, os vossos amigos de hoje foram vossos amigos íntimos muito antes de os conhecerem nesta vida atual. Isso não significa que tenham conhecido antes todas as pessoas que conhecem agora, e com certeza não significa a repetição de um disco monótono, pois cada

encontro é um encontro novo, à vossa própria maneira. Lembrando-se do que eu disse a respeito das famílias, perceberão que cidades e povoados também podem ser compostos por antigos habitantes de outras cidades e povoados semelhantes, transpostos com novas experiências e conhecimentos, enquanto o grupo tenta experiências diferentes.

Bem, por vezes, há variações em que os habitantes de uma determinada cidade de agora são os habitantes renascidos que viveram, digamos, em 1632, talvez num pequeno povoado Irlandês. Eles podem ter sido transpostos para uma cidade do Idaho. Alguns que desejavam viajar do Velho para o Novo Mundo podem renascer na Nova. É preciso que vocês se lembrem igualmente de que capacidades de vidas passadas estão à vossa disposição para serem usadas atualmente. Vocês colhem as vossas próprias recompensas. Em geral recebem informação a respeito delas durante o sono, e existe um tipo de gestalt do sonho, um sonho-raiz, pelo qual aqueles que se conheceram em vidas passadas se comunicam agora. Nesses sonhos, fornece-se informação coletiva generalizada, que os indivíduos podem então usar como desejarem. Elaboram-se planos gerais de desenvolvimento em que os membros do grupo de uma cidade, digamos, decidem o seu destino. Alguns indivíduos sempre escolhem nascer como parte de algum grupo – ou por outras palavras, nascer com contemporâneos passados, enquanto outros, desdenhando de tais empreendimentos, retornam em posições muito mais isoladas.

Esta é uma questão de sensação psicológica. Alguns sentem-se mais à vontade, mais seguros e capazes, a trabalhar com outros. É de considerar a analogia em que John Doe acompanha a sua classe de jardim da infância até a segunda classe. Numa situação de reencarnação, ele sempre escolheria voltar aos seus parceiros. Outros, porém, preferem pular de escola em escola, aparecendo sozinhos (relativamente falando), com maior liberdade, mais desafios, mas sem a estrutura confortável da segurança, escolhida pelos anteriores. Em cada caso, o indivíduo é o juiz não apenas de cada vida sucessiva, do tempo, ambiente e data histórica dessa vida, mas também do seu carácter geral e métodos de realização. Há muitos modos diferentes de reencarnar, pois, tal como há *eus* interiores, e cada *eu* interior escolherá os seus próprios métodos característicos.

Antes de mais, enquanto raça, no seu contexto normal, vocês consideraram-se aparte do resto da natureza e da consciência. A vossa própria sobrevivência enquanto espécie foi a vossa maior preocupação. Vocês consideraram outras espécies apenas à luz do uso que teriam para vós, sem ter uma conceção verdadeira do sagrado intrínseco a toda a consciência nem da relação que têm nela. Estavam a perder a compreensão dessa grande verdade. Nas circunstâncias atuais, vocês estão a levar esta ideia adiante: a da sobrevivência racial independentemente das consequências, a ideia de mudar o ambiente para o acomodar aos vossos propósitos; e isso levou-os a desconsiderar as verdades espirituais. Na realidade física, pois, vocês estão a ver os resultados.

Ora bem, aquelas personalidades que estão retornar e o fazem por diversas razões. Algumas delas são atraídas para a vida física de novo por causa desse tipo de atitude. São as que, no passado (nos vossos termos), lutaram pela existência física sem consideração pelos direitos das outras espécies. Elas são levadas a retornar devido aos seus próprios

desejos. A raça precisa aprender o valor do homem individual. A raça também está a aprender a dependência que tem de outras espécies e começa a compreender a parte que desempenha na estrutura total da realidade física.

Bem: Algumas pessoas estão a renascer nesta época simplesmente para os ajudar a compreender. Elas estão a forçar a questão e a forçar a crise, pois vocês ainda têm tempo para mudar vossos métodos. Vocês estão a trabalhar em dois problemas principais, mas ambos envolvem a sacralidade do indivíduo e a relação que o indivíduo tem com outros e com toda a consciência orientada para o físico.

Mais cedo ou mais tarde, os problemas da guerra irão ensinar-lhes que quando vocês matam outro homem, basicamente acabarão por se matar a si próprios. O problema da sobrelotação irá ensinar-lhes que se vocês não se preocuparem de modo amável com o ambiente em que vivem, esse ambiente não mais os sustentará — pois não serão dignos dele. Vocês não estariam a destruir o planeta, entendem. Não estariam a destruir os pássaros nem as flores, os grãos nem os animais. Simplesmente não seriam dignos deles, e eles os destruiriam. Vocês criaram o problema para si próprios dentro no âmbito da vossa referência. Não compreenderão a parte que desempenham dentro da estrutura da natureza até que vejam que correm o perigo de a destruir. Vocês não destruirão a consciência. Não aniquilarão a consciência nem mesmo de uma folha, mas no vosso contexto, se o problema não for resolvido, essas coisas desaparecerão ad vossa experiência.

A crise, entretanto, é um tipo de terapia. É um método didático que vocês estabeleceram para vós próprios por necessitarem dele. E precisam dele agora, antes que a vossa raça embarque em viagens para outras realidades físicas. Vocês precisam aprender as vossas lições agora, no vosso próprio quintal, antes de viajarem para outros mundos. Assim, acarretaram tudo isto sobre vós com esse propósito, e hão de aprender.

Em cada vida é suposto vocês verificar o ambiente externo para poderem aprender acerca da condição interna. A exterior é um reflexo da interior. É suposto compreenderem a natureza do vosso *eu* interno, e manifestá-lo no exterior. Ao ser feito isso, as circunstâncias externas devem alterar-se para melhor à medida que o *eu* interno toma mais consciência da própria natureza e capacidades. Teoricamente, pois, em cada vida fortalecem-se, tornam-se mais saudáveis, ricos e sábios, só que não funciona assim, e por variadas razões. Conforme mencionado anteriormente, muitas entidades adotam diferentes tipos de experiência, e focam-se no desenvolvimento em certas áreas específicas, e ignoram outras porventura durante uma série de vidas.

Nenhuma consciência tem as mesmas experiências ou as interpreta da mesma forma, e, assim, cada indivíduo utiliza as oportunidades da reencarnação à sua própria maneira. Mudanças de sexo, por exemplo, são necessárias. Alguns indivíduos alternam o sexo em cada vida (sucessiva). Outros adotam uma série de vidas femininas e depois uma série de vidas masculinas, ou vice-versa, mas a estrutura das reencarnações precisa conter ambas as experiências. As capacidades não podem ser desenvolvidas seguindo a linha de um sexo apenas. É preciso que se passe pelas experiências da maternidade e da paternidade. Quando chegarem no ponto de compreender que estão a formar a vossa existência diária e

a vida que conhecem, começarão a alterar os vossos próprios padrões mentais e psíquicos e a mudar o vosso ambiente no dia-a-dia.

Contudo, a compreensão disto precisa acompanhar com um profundo conhecimento intuitivo das capacidades do eu interior. Esses dois factores, juntos, podem libertá-los de quaisquer dificuldades surgidas em vidas passadas. Toda a estrutura da vossa existência começará a mudar com tal compreensão, e dar-se-á uma aceleração do crescimento espiritual e psíquico.

Existe uma lógica interna nas vossas relações, atitudes e experiências atuais. Se em uma vida, por exemplo, alguém ter detestado as mulheres, poderá vir a tornar-se mulher na vida seguinte. Somente dessa forma, estão a entender, poderiam passar pela experiência do sexo feminino e perceber como uma mulher enfrenta as atitudes que vós próprios tivestes contra as mulheres no passado. Se não tinham compaixão pelos doentes, poderão nascer com uma moléstia grave (igualmente eleita pela própria pessoa), e enfrentar as atitudes que uma vez foram as vossas atitudes. Contudo, tal existência em geral também envolve outras questões.

Nenhuma existência é escolhida por apenas uma razão, mas também por se prestar a muitas outras experiências psicológicas. Uma existência de enfermidade cronica, por exemplo, pode também representar uma certa dose de disciplina, e permitindo que o indivíduo use capacidades mais profundas que ignorou numa vida saudável. A vida perfeitamente feliz, por exemplo, pode, superficialmente, parecer esplêndida, mas pode também ser basicamente vazia e pouco fazer pelo desenvolvimento da personalidade. A existência verdadeiramente feliz, pois, é uma vida profundamente satisfatória, que inclui sabedoria espontânea e alegria espiritual. Não estou a dizer, por outras palavras, que o sofrimento conduza necessariamente à realização espiritual, nem que todas as doenças sejam aceites ou escolhidas com tal propósito, pois isso não é verdade. Em geral a doença é resultado da ignorância e de hábitos mentais de preguiça. Essa disciplina, entretanto, pode ser adotada por certas personalidades que precisam tomar medidas severas em relação a si próprias, devido a outras características. Existe um padrão geral em relação às relações no âmbito das vidas, mas ainda assim isso não significa que vocês percorram várias existências com o mesmo número limitado e familiar de amigos e conhecidos, meramente trocados como atores que mudam de rosto ou traje.

Grupos de indivíduos voltam juntos em diversas vidas para determinados fins, separados, e podem ou não juntar-se outra vez num momento ou lugar diferente. Repito, contudo, que não existe uma regra rígida. Certas famílias são, literalmente, reencarnações dos seus ancestrais, mas isso não é, de modo nenhum, regra geral. De uma forma ou de outra, as relações profundas continuarão. Outras, simplesmente desaparecerão.

Aquilo que desejaria deixar claro é que a oportunidade de desenvolvimento e conhecimento está tão presente neste momento, nesta vida, como jamais estará. Se ignorarem as oportunidades de desenvolvimento do dia-a-dia agora, ninguém poderá forçá-los a aceitar e utilizar capacidades maiores após a morte, ou entre vidas. Há instrutores na experiência pós-morte, mas também há instrutores na vossa existência aqui e agora.

Algumas famílias voltam juntas numa determinada vida não por causa da grande atração ou amor existente entre os seus membros numa existência passada, mas por razões opostas. As famílias podem, pois, ser compostas por indivíduos que não gostaram uns dos outros no passado, e que se reúnem num relacionamento íntimo para trabalhar juntos na busca de um objetivo, aprender a compreender melhor uns aos outros e resolver problemas num tipo diferente de contexto.

Em conjunto, cada geração tem o seu próprio propósito, que é o seguinte: aperfeiçoar o conhecimento interior e materializá-lo tão fielmente quanto possível no mundo. A cena física que vai mudando no decorrer dos séculos (como vocês os conhecem) representa as imagens internas que cintilaram na mente dos indivíduos que viveram no mundo ao longo das diversas eras.

Bem, não é necessário que vocês tenham conhecimento das vossas vidas passadas, embora possa ser útil compreender que escolheram as circunstâncias do vosso próprio nascimento desta vez. Se examinarem atentamente a vossa vida agora, os desafios que estabeleceram para vós próprios irão tornar-se-ão evidentes. Isso não é coisa fácil de fazer, mas está ao alcance de todo indivíduo. Se vocês se libertarem do ódio, automaticamente se libertarão desses relacionamentos no futuro — ou de quaisquer experiências baseadas no ódio. É inútil conhecer os vossos antecedentes do âmbito da reencarnação e não conhecer a verdadeira natureza do vosso *eu* atual. Vocês não podem justificar nem racionalizar as circunstâncias presentes, dizendo: "Isto é consequência de alguma coisa que eu fiz numa vida passada," pois dentro de vós existe a habilidade de mudar as influências negativas. Podem ter trazido influências negativas à vossa própria vida por um determinado motivo, mas as razões sempre têm que ver com a compreensão, e a compreensão remove essas influências. Vocês não podem dizer: "Os pobres são pobres simplesmente porque escolheram a pobreza, e, portanto, não preciso ajudá-los." Essa atitude pode facilmente atrair a pobreza para vós na próxima experiência.

As pessoas não se encontram no mesmo nível de realização, mesmo no final do ciclo de reencarnações. Algumas possuem determinadas qualidades que não encontram contrapartida dentro da experiência humana. A própria existência física tem um efeito diferente sobre os diversos indivíduos. Alguns consideram-na um excelente meio de expressão e desenvolvimento e ajustam-se a ela. Têm a habilidade de se expressar de maneiras físicas e objetivar fielmente sentimentos interiores. Outros acham isso difícil, mas esses mesmos indivíduos podem sair-se muito melhor em outros níveis de realidade.

Há "almas resistentes," que prosperam na realidade física e podem ter dificuldades em aclimatar-se a outras áreas não-físicas de atividade. Em todas essas áreas, contudo, jamais são negados contextos espirituais e emocionais profundos. Amigos muito íntimos de vidas passadas, que estão em posição de o fazer, muita vez comunicam convosco quando estão a sonhar, e os relacionamentos prosseguem, embora vocês não o percebam conscientemente. Numa base inconsciente, vocês têm consciência do nascimento, na vida física, de alguém que conheceram no passado. Naturalmente, os estranhos que encontram nos vossos sonhos são,

em geral, pessoas que se encontram vivas — contemporâneos — que vocês também conheceram em vidas passadas.

Existem, igualmente, relações passageiras, contatos que logo são abandonados. O cônjuge de uma determinada vida, por exemplo, pode ou não representar alguém com quem vocês têm um profundo e duradouro laço, mas repito, também podem casar-se com alguém devido a sentimentos profundamente ambíguos de uma vida passada, e escolher uma relação conjugal que não esteja baseada no amor, embora o amor possa surgir. Os gêmeos, curiosamente, quase sempre envolvem uma relação psíquica duradoura, de natureza forte, e por vezes até obsessiva. Estou a falar aqui de gêmeos idênticos.

Os objetivos das reencarnações também variam muito. Desejo salientar que a reencarnação é uma ferramenta usada pelas personalidades. Cada uma usa-a à sua própria maneira. Algumas apreciam existências femininas, ou têm preferência por vidas masculinas. Embora ambas devam ser vivenciadas, há uma vasta classe de escolhas e atividades. Algumas personalidades sentem dificuldade ao longo de certas linhas, mas desenvolvem-se com relativa facilidade em outras.

A predeterminação nunca está envolvida, pois os desafios e as circunstâncias são eleitos. Certos problemas podem ser adiados, por exemplo, por diversas existências. Algumas personalidades pretendem resolver os seus problemas maiores e livrar-se deles, talvez numa série de existências um tanto difíceis e em circunstâncias extremas.

Outras, dotadas de uma natureza mais plácida, enfrentam os problemas um de cada vez. Períodos de descanso podem igualmente ser usados, e são muito terapêuticos. Por exemplo: uma vida excelente, satisfatória, com um mínimo de problemas, pode ser eleita como prelúdio de uma vida de desafios concentrados, ou como recompensa adotada devido a uma vida prévia difícil. Os que apreciam plenamente o veículo físico, sem, entretanto, se deixarem obcecar por ele, saem-se muito bem. As "leis" da reencarnação são adaptadas pelas personalidades individuais para atenderem aos seus propósitos.

REENCARNAÇÃO, SONHOS E O HOMEM E MULHER OCULTADOS DENTRO DE VÓS

Capítulo 13

Conforme referi antes, cada pessoa vive tanto vidas femininas quanto masculinas. Via de regra, a memória consciente delas não é retida. Para impedir uma super identificação do indivíduo com o seu sexo atual, dentro do homem reside a personificação interior da feminilidade. Essa personificação da feminilidade no homem é o verdadeiro significado do que Jung chamou de "anima." A anima no homem é, pois, a memória psíquica e a identificação de todas as existências femininas anteriores nas quais o *eu* interior esteve envolvido. Ele encerra dentro de si o conhecimento das histórias femininas passadas

do homem presente e a compreensão intuitiva de todas as qualidades femininas de que a personalidade é intrinsecamente dotada.

A anima é, pois, uma salvaguarda importante, que impede que o macho se identifique excessivamente com quaisquer características culturais masculinas que lhe foram impostas através da formação, meio ambiente e educação atuais. A anima presta-se não só como uma influência pessoal, mas de civilização em massa, ao suavizar fortemente tendências agressivas e servir igualmente como uma ponte na comunicação com as mulheres numa relação de família, assim como na comunicação conforme ela é aplicada por meio das artes e verbalização.

O homem frequentemente sonhará consigo próprio, pois, como mulher. A maneira particular por que o faz, pode dizer-lhe muito sobre a sua própria experiência reencarnatória em que ele operou como mulher. O masculino e o feminino obviamente não são opostos, mas tendências de fusão. A sacerdotisa, a mãe, a jovem bruxa, a esposa e a velha sábia — esses tipos gerais são arquétipos, simplesmente porque são "elementos-raiz" que representam, simbolicamente, os diversos tipos das chamadas qualidades femininas e os variados tipos de vidas femininas que foram vividas por homens. Eles também foram vividos por mulheres, é claro. No entanto, as mulheres não precisam ser lembradas da sua feminilidade, mas, mais uma vez, para que não se identifiquem excessivamente com o seu sexo atual, há o que Jung chamou de "animus," ou o homem oculto dentro da mulher.

Mais uma vez, no entanto, isso representa as vidas masculinas com as quais o *eu* esteve envolvido — o menino, o padre, o agressivo "homem da selva" e o velho sábio. Tipos, que representam geral e simbolicamente vidas passadas masculinas vividas por mulheres atuais. As mulheres, portanto, pois, aprender muito sobre o seu passado reencarnatório como homens, através do estudo daqueles sonhos em que esses tipos aparecem, ou em que elas próprias aparecem como homens. Por meio da *anima* e do *animus*, as chamadas personalidades presentes são capazes de se valer do conhecimento e das intuições e antecedentes derivados das existências passadas no sexo oposto. Em certas ocasiões, por exemplo, a mulher pode exceder-se e exagerar características femininas, caso em que o *animus* ou masculino dentro vem em seu auxílio, trazendo através de experiências de sonho um ímpeto de conhecimento que resultará na compensação de reações masculinas similares.

O mesmo se aplica a um homem quando ele se identifica demais com o que acredita ser as características masculinas, por qualquer motivo. A *anima* ou mulher interior irá despertá-lo para proceder a atos compensatórios, provocar um incremento das habilidades intuitivas, e suscitar um elemento criativo para compensar a agressividade. Idealmente, por si só, essas operações resultariam num equilíbrio individual e *en masse,* em que a agressividade sempre foi usada de forma criativa, como de facto pode e deve ser.

O *animus* e a *anima* são, é claro, altamente carregados psiquicamente, mas a origem desta carga psíquica e do fascínio interior são o resultado de uma legítima identificação interior

com essas características personificadas de outro sexo. Eles não só têm uma realidade na psique, como se acham embutidos em dados geneticamente codificados pelo eu interior - uma memória genética de eventos psíquicos passados — transposta para a memória genética das próprias células que compõem o corpo. Cada eu interior, ao adotar um novo corpo, impõe sobre ele e sobre toda a sua constituição memória das formas físicas passadas nas quais esteve envolvido. Agora, as presentes características geralmente ofuscam as anteriores. Elas são dominantes, mas outras características encontram-se latentes e presentes, embutidas no padrão. O padrão físico do corpo presente é, pois, uma memória genética das formas físicas passadas do eu, e dos seus pontos fortes e fracos.

Vou tentar colocar isso da forma mais simples possível. Existem atualmente camadas invisíveis dentro o corpo, das quais a camada superior que vocês veem representa, é claro, a presente forma física. Mas enredadas dentro dessa existem camadas invisíveis, "sombras," camadas latentes que representam imagens físicas anteriores que pertenceram à personalidade.

Eles são mantidos em suspensão, por assim dizer. Elas estão ligadas electromagneticamente à estrutura atómica do corpo atual. Na vossa maneira de pensar, vocês vê-las-iam como desfocadas. Entretanto, elas são parte da vossa herança psíquica. Frequentemente vocês podem mobilizar uma força passada de um corpo anterior, para ajudar a compensar uma fraqueza presente. O corpo não só carrega, pois, memória biológica da sua própria condição passada nesta vida, como carrega indelevelmente com ela, mesmo fisicamente, as memórias dos outros corpos que a personalidade formou em encarnações anteriores.

A *anima* e o *animus* estão intimamente ligados com essas imagens corporais interiores.

Essas imagens corporais são altamente carregadas psiquicamente e também aparecem no estado de sonho. Elas funcionam como compensações e lembretes para evitar que vocês se identifiquem de forma exacerbada com o vosso presente corpo físico.

Elas são, é claro, masculinas e femininas. Quando vocês estão doentes, no estado de sonho vocês muitas vezes tem experiências em que parecem ser outra pessoa com um corpo inteiramente saudável. Frequentemente, esse sonho é terapêutico. Um corpo reencarnatório "mais velho" vem em vossa ajuda, da qual vocês extraem forças através da memória da sua saúde. As experiências reencarnatórias são uma parte da estrutura do *eu*, uma faceta da realidade multidimensional da psique viva. Essas experiências refletir-se-ão, pois, não apenas no estado de sonho, mas em outras camadas da atividade.

A estrutura do *eu* presente está entrelaçado com esses "passados" reencarnatórios e deles o presente *eu* se vale inconscientemente a partir do seu próprio banco de características atividades e perceções da personalidade. Frequentemente, memórias de vidas passadas vêm à superfície mas não são reconhecidos como tais, uma vez que aparecem em forma de fantasia, ou são projetados em criações de arte. Muitos escritores de peças históricas, por exemplo, escrevem com base numa experiência direta com os tempos

históricos. Tais casos representam uma excelente relação de trabalho entre os *eu* presente e o inconsciente, que traz essas memórias à superfície de tal maneira que a vida atual sai enriquecida. Na maioria das vezes, a verdadeira consciência da situação muitas vezes torna-se quase consciente, e justo subjacente à consciência o indivíduo conhece a fonte do seu material autêntico.

Nos sonhos, esse material reencarnatório é igualmente moldado com frequência num molde dramático. Por trás de tudo isso, a *anima* e o *animus* trabalham juntos, mais uma vez não como opostos, mas características de combinação. Juntos, é claro, eles representam a fonte da criatividade, tanto psíquica quanto fisicamente. A *anima* representa a "interioridade" inicial necessária, a reflexão, o cuidado, as características intuitivas, voltadas para dentro, o foco interno a partir do qual a criatividade eclode.
A palavra "passivo" é termo pobre para descrever as características da *anima*, por sugerir uma falta de movimento, quando esse não é o caso. É verdade que a *anima* se permite ser posta em prática, mas o motivo por trás disso é o desejo e a necessidade de sintonizar outras forças que são supremamente poderosas. O desejo de ser arrebatado é, pois, tão forte com a *anima* quanto o desejo oposto de descanso. As características do *animus* fornecem o impulso agressivo que retorna a personalidade de volta para fora em atividades físicas, e detém triunfante os produtos da criatividade que as características da anima asseguraram.

O *eu* integral é obviamente a soma dessas características e muito mais. Depois da encarnação final, o tipo físico e sexual de criatividade simplesmente não é mais necessário. Por outras palavras, vocês não precisam reproduzir-se fisicamente. Em termos simples, o *eu* integral contém características masculinas e femininas, perfeitamente ajustadas, combinadas pelo que a verdadeira identidade pode então surgir - porque não o pode, quando um grupo de características deve ser enfatizado sobre o outro grupo, como deve ser durante a vossa existência física atual.

Existem muitas razões por que a separação foi adotada na vossa dimensão. As razões têm que ver com a maneira particular pela qual a humanidade tem escolhido evoluir e usar as suas capacidades; terei mais a dizer sobre esta questão, mas isso não diz respeito a não este capítulo. A projeção da *anima* do homem, ou *eu* feminino oculto, sobre as [suas] relações é bastante natural, e permite-lhe não só compreendê-las melhor, como também relacionar-se com as suas outras existências femininas. O mesmo é verdade com relação à projeção do *animus* da mulher sobre parentes e amigos do sexo masculino. A realidade da *anima* e do *animus* é muito mais profunda do que Jung supôs. Falando simbolicamente, os dois juntos representam o *eu* integral com as suas diversas habilidades, desejos e características.

Juntos, eles agem como um factor integrado de estabilização inconsciente, que opera por trás das faces da vossa civilização não apenas individual, mas culturalmente.

A personalidade conforme vocês a conhecem, não pode ser entendida a menos que o verdadeiro significado da *anima* e do *animus* sejam levados em consideração. O padrão reencarnatório é de um modo geral, um padrão em aberto, já que nele há espaço para a diversidade. Cada *eu* integral tem as suas próprias características individuais. Ele pode viver as suas vidas como achar melhor dentro de certas diretrizes. Pode ser uma série de existências masculinas ou femininas, ininterruptas. Tal escolha tem algumas desvantagens.

Contudo, não existem regras que ditem o desenvolvimento sexual em diferentes encarnações, exceto que a experiência de ambos os sexos devem ser assumida, e as diversas características desenvolvidas. Isso não significa que um número igual de vidas como homem e mulher devam ser vividas. Alguns, por exemplo, acham muito mais fácil desenvolver-se num sexo ou no outro, e precisarão de mais oportunidades de experiência com o sexo em que vivenciam dificuldade.

O *animus* e a *anima* tornam-se ainda mais importantes nesses casos, quando uma série de vidas unissexuais é escolhida. O padrão original para o *animus* e a *anima* vem do *eu* integral antes das reencarnações. O *animus* e a *anima* nascem no indivíduo por altura da primeira vida física, e serve como um padrão interno, e lembram à personalidade a sua unidade básica. Nisso reside outra razão para a forte carga psíquica que existe por trás desses símbolos e a qualidade divina que eles podem transmitir e projetar. O masculino anseia pela *anima* por ela representar para o inconsciente profundo aquelas outras características do *eu* integral que, por um lado, permanecem latentes, e que, por outro lado, lutam por se soltar. A tensão entre os dois o leva-o a temperar a agressividade com a criatividade, ou a usar a agressividade de forma criativa.

Agora, existem correlações profundas entre esses símbolos e a luta em que a humanidade está envolvida. A vossa consciência como vocês a conhecem, a vossa espécie presente particular de consciência, é uma declaração de consciência produzida por um tipo particular de tensão, um tipo específico de foco que surge do verdadeiro inconsciente de *eu* integral. O verdadeiro inconsciente não é inconsciente. Em vez disso, é tão profundamente consciente e sem palavras que transborda. A vida que vocês conhecem é simplesmente uma das muitas áreas de que é consciente. Cada faceta da sua consciência precisa literalmente de um tremendo poder e equilíbrio para manter essa experiência de consciência mais alto que todas as outras.

A vossa realidade existe numa área particular de atividade em que qualidades agressivas, características que se estendem para fora, são extremamente necessárias para evitar uma queda para trás rumo às infinitas possibilidades de que vocês emergiram recentemente. Ainda assim, desse leito inconsciente de possibilidades, vocês obtêm a vossa força, a vossa criatividade e o frágil embora poderoso tipo de consciência individual que é a vossa. A divisão de dois sexos foi adotada, a fim de separar e equilibrar as tendências mais necessárias mas aparentemente opostas. Apenas a consciência inicial precisa desse tipo de controlos. A *anima* e o *animus* estão, pois, profundamente integrados com as suas

tendências complementares necessárias, mas aparentemente opostas, e são altamente importantes na manutenção da própria natureza da vossa consciência humana.

Existe igualmente uma tensão natural, pois, entre os sexos, que se baseia em causas muito mais profundas do que as físicas. A tensão resulta da natureza da vossa consciência que brota da *anima*, mas depende da sua continuidade da "agressividade" do *animus*. Eu expliquei até certo ponto o fascínio que um tem pelo outro, ao se adaptarem a partir do conhecimento interno de *eu* integral, que se esforça para atingir a verdadeira identidade à medida que luta por combinar e satisfazer as tendências aparentemente opostas que são parte dela. No final do ciclo reencarnatório, o *eu* integral encontra-se muito mais desenvolvido do que antes. Ele percebeu e experimentou a si mesmo numa dimensão da realidade desconhecida para ele antes, e ao fazê-lo, naturalmente incrementou o seu ser. Não se trata, pois, de um eu integral que se divide ao meio e, então, simplesmente retorna a si mesmo.

Agora, existem muitas questões relativas à natureza da conceção que deveriam ser discutidas aqui. Uma vez mais, entretanto, há flexibilidade e muitas variações. Normalmente entre vidas vocês escolhem com antecedência os vossos filhos, e eles escolhem-nos a vós como pais. Se vocês planearem nascer como homem, a mãe serve como um estímulo para ativar o símbolo da *anima* em vós, de modo que o padrão das vossas próprias vidas femininas se tornam numa parte da vossa próxima existência. A vossa mãe, se a tiverem conhecido no passado, vai encontrar no vosso nascimento um surto de sonhos que envolvem outras existências em que vocês dois tenham estado juntos. Eles podem nem chegar a ser registados conscientemente, mas em muitos casos eles são, e então são esquecidos. As próprias vidas masculinas passadas dela ajudá-la-ão a relacionar-se convosco enquanto seu filho. Em alguns casos, as mães que tenham dado por uma primeira vez à luz podem sentir-se altamente agressivas e nervosas. Esses sentimentos são por vezes devidos ao facto do filho homem provocar uma ativação do *animus* nela, com uma carga resultante de sentimentos agressivos.

Os átomos que compõem o feto têm o seu próprio tipo de consciência. A volátil perceção da consciência que existe independentemente da matéria, forma a matéria de acordo com a sua habilidade e grau. O feto tem, pois, a sua própria consciência, o simples componente de consciência feito dos átomos que a compõem. Isso existe antes de qualquer a personalidade reencarnatória entrar nela. A consciência da matéria está presente em qualquer matéria — um feto, uma pedra, uma folha de relva, uma unha.

A personalidade que reencarna entra no novo feto de acordo com as suas próprias inclinações, desejos e características, com algumas salvaguardas integradas. No entanto, não há regra, pois, que diga que a personalidade que reencarna deva assumir a nova forma preparada para ela, quer no momento da conceção, nos muito primeiros meses de crescimento do feto, ou mesmo no momento do nascimento.

O processo é gradual, individual e determinado pela experiência de outras vidas. Isto é particularmente dependente de características emocionais - não necessariamente do último *eu* encarnado, mas das tensões emocionais presentes em resultado de um grupo de existências passadas. Vários métodos de entrada são adotados. Se houver uma forte relação entre os pais e o futuro filho, então a personalidade pode entrar no momento de conceção se ele estiver extremamente ansioso por se juntar a eles. Mesmo nisso, no entanto, grandes porções de perceção dela continuam a operar na dimensão entre as vidas. No início, o estado do útero nessas condições é semelhante ao de um sonho, com o a personalidade ainda a concentrar-se principalmente na existência entre as vidas. Gradualmente a situação reverte, até que se torne mais difícil manter a concentração clara na condição entre vidas.

Nessas circunstâncias, quando a personalidade se liga por altura da conceção, há quase sem exceção fortes ligações de vidas passadas entre pais e filhos, ou há um desejo incessante e quase obsessivo de retornar à situação terrena — seja para um propósito específico, ou porque a personalidade que reencarna se encontra atualmente obcecada com a existência terrena. Isso não é necessariamente prejudicial. A personalidade pode simplesmente perceber que é preciso ter uma boa experiência física, está atualmente voltada para a terra e encontra na atmosfera terrestre uma dimensão rica para o crescimento das suas próprias capacidades.

Algumas personalidades são atraídas para entrar por altura da conceção em resultado de aparentemente motivos menos dignos — ganância, por exemplo, ou um desejo obsessivo parcialmente composto de problemas não resolvidos. Outras personalidades que nunca assumiram completamente a existência terrena podem adiar a entrada completa por algum tempo e, mesmo assim, permanecer sempre a uma certa distância do corpo. No outro extremo da escala, antes da morte aplica-se o mesmo, caso em que alguns indivíduos removem o enfoque da vida física, deixando a consciência do corpo sozinha. Outros permanecem com o corpo até o último momento. Nos primeiros dias da infância, não se verifica um enfoque constante da personalidade no corpo em qualquer caso.

Em todos os casos, as decisões foram tomadas com antecedência, conforme já disse. A personalidade que reencarna está, pois, ciente quando a conceção que aguarda ocorre. E embora possa ou não optar por entrar nesse momento, é atraída irresistivelmente para esse momento e ponto no espaço e na carne.

Ocasionalmente, muito antes de ocorrer a conceção, a personalidade que acabará como a futura criança visitará o ambiente de ambos os pais, atraída de novo. Isso é bastante natural. Entre vidas, um indivíduo pode ver flashes da existência futura, não necessariamente de eventos particulares, mas experimentar a essência da nova relação e com expectativa lembrar-se do desafio que definiu. Nestes termos, os fantasmas do futuro são tão real nas vossas casas quanto os fantasmas do passado.

Vocês não têm conchas completamente vazias de matéria para ser preenchidas, sobre e ao redor da qual a nova personalidade paire, particularmente após a conceção e com maior frequência e intensidade daí por diante. Entretanto, o choque do nascimento tem várias consequências que geralmente atraem a personalidade a todo vapor, por assim dizer, para a realidade física. Antes disso, as condições são bastante uniformes. A consciência corporal é nutrida quase automaticamente, e reage fortemente, mas sob condições altamente controladas.

Por altura do nascimento, tudo isso acaba repentinamente, e [novos] estímulos [são] introduzidos com uma rapidez que a consciência do corpo nunca terá experimentado até aquele momento. Carece enormemente de um factor de estabilização. Anteriormente, a consciência do corpo foi enriquecido e apoiado por uma profunda identificação biológica e telepática com a mãe. A comunicação das células vivas é muito mais profunda do que vocês imaginam. A identificação é praticamente completa antes do nascimento, na medida em que somente a consciência do corpo está em causa.

Até que a nova personalidade entre o feto considera-se uma parte do organismo da mãe. Esse apoio é repentinamente negado no nascimento. Se a nova personalidade não tiver entrado mais cedo a toda a medida, geralmente fá-lo no nascimento, a fim de estabilizar o novo organismo. Por outras palavras, conforta o novo organismo. A nova personalidade vai, pois, experimentar o nascimento em diferentes medidas de acordo com a altura em que entrou nesta dimensão. Quando entra no momento do nascimento, é bastante independente, ainda não se identifica com a forma que entrou, e age numa função papel de apoio. Se a personalidade tiver entrado na conceção ou algum momento antes do nascimento, então ela ter-se-á em certa medida, identificado com a consciência do corpo, com o feto. Já terá começado a direccionar a perceção — embora a perceção tenha começado, estivesse ela direcionada ou não — e vai experimentar o choque de nascimento em termos imediatos e directos.

Não haverá, pois, distância entre a personalidade e a experiência do nascimento.
A personalidade que entrou, enquanto consciência, cintila, por se passar um certo tempo antes que a estabilização ocorra. Quando a criança, especialmente a criança pequena, está, por exemplo, a dormir, a personalidade muitas vezes simplesmente deixa o corpo. Gradualmente a identificação com a condição entre vidas diminui até que o enfoque praticamente total é estabelecido no corpo físico. Há, obviamente, aqueles que se identificam com o corpo de forma muito mais completamente do que outros. De um modo geral, existe um ponto de focagem ideal na realidade física, um período de intensificação que nada tem que ver com duração. Pode durar uma semana ou trinta anos, mas a partir daí começa a decrescer, e começa impercetivelmente a mudar para outras camadas da realidade.

Ora bem. Uma crise, especialmente no período inicial ou muito tardio da vida, pode romper a identificação que a personalidade tem com o corpo que ele desocupa

temporariamente. Ele pode fazer uma de múltiplas coisas. Ele pode deixá-lo de modo tão completo que o corpo entra em coma, se a consciência do corpo também sofrer um choque. Se o choque for psicológico e a consciência do corpo ainda estiver a operar mais ou menos normalmente, então ele pode reverter para uma personalidade reencarnatória anterior. Nesse caso, isso é simplesmente uma regressão que muitas vezes passa. Aqui interessamo-nos de novo pelo *animus* e pela *anima*. Se uma personalidade acreditar que está a fazer um trabalho ruim numa vida masculina, pode ativar as qualidades da anima, e assumir as características de uma existência feminina passada em que se tenha saído bem. Invertendo o quadro, o mesmo pode acontecer a uma mulher.

Por outro lado, se a personalidade descobrir que se identificou excessivamente com o seu presente sexo e que a sua individualidade está profundamente ameaçada, aí também poderá trazer à tona a imagem oposta, e ir a ponto de se identificar de novo com uma personalidade passada do sexo oposto. O controlo da personalidade sobre o corpo é tênue nos primeiros anos e torna-se mais forte. A personalidade, por razões próprias, pode decidir sobre a escolha de um corpo que não seja esteticamente agradável. Ela pode nunca se relacionar com ele, e embora a existência sirva os propósitos ele tinha em mente, sempre será sentida uma distância básica entre o corpo e a personalidade nele.

Aqueles casos mencionados anteriormente que entram no momento de conceção geralmente estão altamente ansiosos com a existência física. Eles desenvolver-se-ão mais e mostrarão as suas características individuais desde muito cedo. Apoderam-se do novo corpo e começam logo a moldá-lo.

O controlo sobre a matéria é vigoroso e eles geralmente permanecem no corpo, e morrer em acidentes onde a morte é imediata ou durante o sono ou com uma doença que os acometa rapidamente. Via de regra, eles são manipuladores da matéria. São emocionais. Resolvem os problemas que têm imediatamente, por vezes de maneiras tangíveis e impacientes. Funcionam bem com materiais terrenos e traduzem as ideias que têm com grande vigor em termos físicos. Constroem cidades, monumentos. Tornam-se arquitetos. Estão preocupados em formar matéria e moldá-la ao seu desejo. Bem, via de regra, aqueles que não entram no vosso plano de existência até o momento do nascimento são manipuladores menos hábeis nesses termos particulares. Eles são a média, se é que tal termo pode ser usado, média ou média.

Agora, há alguns que resistem à nova existência, mesmo que a tenham elegido, por tanto tempo quanto possível. Até certo ponto, eles precisam estar presentes no nascimento, mas ainda podem escapar de qualquer identificação completa com o bebé nascido. Eles pairam dentro e ao redor da forma, meio relutantes. Existem muitas razões para tal comportamento. Algumas personalidades simplesmente preferem a existência entre vidas e estão muito mais interessados na solução teórica de problemas do que na aplicação prática necessariamente envolvida. Outros descobriram que a existência física não lhes satisfaz as necessidades tão bem como eles pensavam que faria, e progridem muito melhor em outros campos da realidade e da existência. Contudo, devido às suas próprias características,

alguns preferem configurar uma certa distância entre eles e as suas existências físicas. Interessam-se muito mais com os símbolos. Eles consideram a vida terrena altamente experimental. Abordam-na, por assim dizer, praticamente com preconceito ou cinismo. Não se interessam tanto com a manipulação da matéria, mas sentem curiosidade em conhecer as maneiras por que as ideias surgem na matéria.

Mais uma vez, de modo geral, eles estão sempre mais à vontade com ideias, filosofias, e realidades intangíveis. São pensadores sempre um pouco apartados, e os seus tipos corporais mostram falta de desenvolvimento muscular. Poetas e artistas, embora sejam um pouco dessa natureza, via de regra são apreciadores mais aprofundados dos valores físicos da existência terrena, embora tenham muitas das mesmas características. A atitude com relação ao corpo sempre variará, pois. Vários tipos de corpos podem ser elegidos, mas ainda haverá preferências gerais por parte do *eu* integral, e características que conduzirão o eu integral, de modo que geralmente as diversas vidas vividas serão ainda terão o seu próprio sabor individual.

É praticamente impossível falar de quando a personalidade entra no corpo físico sem discutir as maneiras pelas quais ele o deixa, pois tudo isso é altamente dependente das características pessoais e atitudes com respeito à realidade física. Decisões quanto a vidas futuras podem ser estabelecidas não apenas em condições entre vidas, mas também em estados de sonho em qualquer dada vida. Vocês podem já ter decidido, por exemplo, sobre as circunstâncias da vossa próxima encarnação. Embora, nos vossos termos, os vossos novos pais possam ser bebés agora, ou na vossa escala de tempo não terem nem mesmo nascido, os arranjos ainda podem ser feitos.

HISTÓRIAS DO COMEÇO E DO DEUS MULTIDIMENSIONAL

Capítulo 14

Conforme a presente vida de qualquer indivíduo se eleva de dimensões ocultas além daquelas facilmente acessíveis em termos físicos, e como retira a sua energia e poder de ação de fontes inconscientes, também o presente universo físico, como vocês o conhecem, surge de outras dimensões. Assim, ele tem sua fonte e deriva a sua energia de profundas realidades.

A História, conforme vocês a conhecem, representa apenas uma luz singular a onde vocês se focam. Vocês interpretam os eventos que veem nela e projetam sobre a sua luz a interpretação que fazem dos eventos que podem ocorrer. Tão extasiada é vossa concentração que quando indagam acerca da natureza da realidade vocês automaticamente restringem a indagação a essa pequena cintilação momentânea que vocês chamam de realidade física. Quando ponderam sobre os aspetos de Deus, vocês irrefletidamente falam

do criador dessa luz única. Essa luz é única, e se vocês realmente entendessem aquilo que é, haveriam realmente de compreender a natureza da verdadeira realidade.

A História, conforme vocês a concebem, representa uma linha delgada de probabilidades, na qual vocês se acham presentemente imersos. Não representa a vida inteira da vossa espécie nem o catálogo das atividades físicas, nem perto chega de narrar a história das criaturas físicas, das suas civilizações, guerras, alegrias, tecnologias ou triunfos. A realidade é muito mais diversa e de longe muito mais rica e indescritível do que vocês poderão presentemente supor ou compreender. A evolução, conforme vocês a imaginam e conforme é classificada pelos vossos cientistas, representa apenas uma linha provável de evolução, aquela em que, uma vez mais, vocês se encontram presentemente imersos.

Existem, pois, muitos outros desenvolvimentos evolutivos igualmente válidos e reais que ocorreram, que estão a decorrer, e que irão ocorrer, todos enquadrados em outros sistemas prováveis de realidade física. As múltiplas e infinitas possibilidades de desenvolvimento possíveis jamais poderiam aparecer numa tênue estrutura de realidade.

Com uma esplêndida inocência e exuberante orgulho, vocês imaginam que o sistema evolutivo, conforme o concebem, seja único, e que fisicamente não pode existir mais nenhum. Ora bem, na realidade física que vocês conhecem, existem pistas e indícios relativos à natureza de outras realidades físicas. Existem, latentes nas vossas próprias formas físicas outros sentidos, sem utilidade, que poderiam ter sobressaído, mas que na vossa probabilidade não sobressaíram. Eu tenho vindo a falar de desenvolvimentos terrenos, realidades, por conseguinte, que se aglomeram em torno de aspetos terrenos conforme são do vosso conhecimento.

Nenhuma linha evolutiva se encontra inoperante. Por conseguinte, se ela desaparecer do vosso sistema, emergirá noutro. Todas as materializações de vida prováveis e consciência terão um tempo próprio, e criam aquelas condições em que conseguem florescer; e seu tempo, nos vossos termos, é eterno.

Estou a falar pois, neste capítulo, principalmente sobre o vosso próprio planeta e sistema solar, mas o mesmo se aplica a todos os aspetos de vosso universo físico. Vocês estão cientes, pois, de apenas uma porção específica, delicadamente equilibrada, todavia única da existência física. Vocês não são apenas criaturas corpóreas, que formam imagens de carne e sangue, embutidas num tipo particular de espaço e de tempo; vocês são igualmente criaturas que se elevam de uma dimensão particularizada de probabilidades, que brotam de dimensões da realidade ricamente adaptadas ao vosso próprio desenvolvimento, enriquecimento e cultivo.

Se tiverem entendimento intuitivo ainda com relação à natureza da entidade ou à totalidade do Eu, verão que o colocam numa posição na qual certas capacidades, discernimentos e experiência poderão ser percebidas e em que o vosso tipo único de

consciência pode ser adestrado. A vossa experiência mais diminuta tem mais repercussões nesse ambiente multidimensional do que o cérebro físico poderá conceber.

Por se acharem intensamente preocupados com o que poderá parecer um aspeto infinitamente diminuto da realidade, e enquanto parecem estar completamente encastrados nele, apenas os elementos mais "superficiais" do eu se encontram em transe. Não gosto do termo "superficial" com respeito a isto, embora eu o tenha usado para sugerir as numerosas porções do eu que estão, de outro modo, envolvidas — algumas delas tão encantadas na sua realidade quanto vocês na vossa.

A entidade, o verdadeiro *Eu* multidimensional, está ciente de todas as suas experiências e este conhecimento encontra-se, até certo ponto, disponível a essas outras suas porções, incluindo, é claro, o eu físico conforme vocês o conhecem. Estas diversas porções do *eu* na verdade irão eventualmente (nos vossos termos) tornar-se plenamente conscientes. Essa consciência irá automaticamente alterar o que agora parece ser a sua natureza e contribuir para a multiplicidade da existência.

Há muitos sistemas prováveis de realidade, pois, no qual predominam dados de informação física, mas tais probabilidades físicas representam apenas uma pequena porção. Cada um de vocês existe igualmente em sistemas não físicos, e já tive ocasião de explicar anteriormente que o mais ínfimo pensamento ou emoção que têm, se manifesta por variadíssimos outros modos para além do vosso próprio campo de existência.

Só uma porção da vossa identidade inteira vos é "presentemente" familiar, conforme é do vosso conhecimento. Por isso, quando consideram a questão de um ser supremo, vocês imaginam uma personalidade masculina com aquelas capacidades que vós próprios possuís, pondo uma enorme ênfase nas qualidades que vocês mesmos admiram. Esse deus imaginário tem, portanto, mudado ao longo dos vossos séculos, refletindo as ideias em mudança que o homem tem.

Deus foi encarado como cruel e poderoso quando o homem acreditava serem essas características desejáveis, necessárias em particular nas batalhas que empreendeu pela sobrevivência física. Ele projetou-as a ideia que fazia de um deus por ele próprio as invejar e temer. Vocês moldaram, pois, a ideia que faziam de deus, à vossa própria imagem.

Numa realidade que é inimaginavelmente multidimensional, os velhos conceitos sobre Deus são relativamente destituídos de sentido. Até mesmo o termo, um ser supremo, é em si mesmo distorcido, por vocês naturalmente projetarem as qualidades da natureza humana nele. Se eu lhes dissesse que Deus é uma ideia, vocês não entenderiam o que quero dizer, por não compreenderem as dimensões nas quais uma ideia possui a sua realidade, nem a energia a que pode dar origem e impelir. Vocês não acreditam em ideias da mesma maneira que acreditam em objetos físicos, de modo que se eu lhes disser que Deus é uma ideia, vocês interpretará isso de forma errada como querendo dizer que Deus fosse menos que

real — nebuloso, destituído de realidade, destituído de propósito, e sem qualquer motivo para a ação.

Agora, a vossa própria imagem física constitui a materialização de ideia que têm de si mesmos no quadro das propriedades da matéria. Sem a ideia de si mesmo, a imagem física que têm não existiria; ainda assim, frequentemente é tudo quanto vocês têm consciência. O poder inicial e a energia da ideia de si mesmos mantém a vossa imagem viva. As ideias, pois, são muito mais importantes do que vocês percebem. Se tentarem aceitar a ideia de que a vossa própria existência é multidimensional, e de que vocês habitam em meio a probabilidades infinitas, então vocês poderão apreender um ligeiro vislumbre da realidade que se encontra por detrás da palavra "deus" e entender a razão por que é quase impossível capturar um verdadeiro entendimento deste conceito por palavras.

Deus, por conseguinte, é, em primeiro lugar, um criador, não de um universo físico, mas de uma variedade infinita de prováveis existências, muito mais vastas do que aqueles aspetos do universo físico com o qual os vossos cientistas se acham familiarizados. Ele simplesmente não enviou, pois, um filho para viver e morrer num pequeno planeta. Ele faz parte de todas as probabilidades.

Foram contadas parábolas e histórias de começos. Tudo isso constituiu uma tentativa de transmitir conhecimento em termos tão simples quanto possível. Frequentemente foram dadas respostas a perguntas que literalmente não têm qualquer sentido fora de vosso próprio sistema de realidade.

Por exemplo: Não houve nenhum começo e não virá a suceder fim algum, ainda assim têm-lhes transmitido parábolas acerca de começos e finais simplesmente porque com as ideias distorcidas de tempo que têm, começos e finais parecem ser eventos inseparáveis e válidos. Ao aprenderem a mudar o foco da vossa atenção desviando-o da realidade física e, consequentemente, experimentam uma ligeira evidência de outras realidades, a vossa consciência agarrar-se-á a velhas ideias, que fazem com que as verdadeiras explicações se vos tornem impossíveis de compreender. A consciência multidimensional está-vos, contudo, ao dispor nos vossos sonhos, em certos estados de transe e frequentemente até mesmo sob a consciência habitual à medida que vivem a vida do dia-a-dia.

Esta consciência confere uma experiência pessoal dotada de uma riqueza multidimensional que não existe à parte dela, mas misturada com ela, dentro, através, e em todo o vosso mundo físico de sentido. Dizer que a vida física não é real é negar que a realidade penetra toda aparência e que faz parte de todo o aspeto. Da mesma maneira, Deus não existe à parte, ou separado, da realidade física, mas existe nela e como parte dela, tal como existe e faz parte de todos os outros sistemas de existência.

A imagem que tendes de Cristo representa, simbolicamente, a ideia que têm de Deus e dos seus relacionamentos. Existiram três indivíduos distintos cuja história se misturou, e

eles ficaram conhecidos coletivamente como Cristo – daí as muitas discrepâncias existentes nos seus registos. Estes foram todos do sexo masculino porque por aquela altura do vosso desenvolvimento, vocês não teriam aceitado um equivalente feminino.

Esses indivíduos foram parte de uma entidade. Vocês não poderiam imaginar Deus senão como um pai. Jamais lhes teria ocorrido imaginar um deus em nenhum outro termo exceto humano. Componentes terrenos. Esses três personagens desempenharam um drama altamente simbólico, impelido por uma energia concentrada dotada de uma enorme força.

Os eventos conforme foram registados, porém, não tiveram lugar em termos históricos. A crucificação de Cristo foi um facto psíquico, não um facto concreto. Desenrolaram-se ideias de uma magnitude quase inimaginável.

Judas, por exemplo, não foi um homem, nos vossos termos. Ele foi — como todos os outros discípulos — uma "personalidade fragmentada" criada, abençoada, formada pela personalidade de Cristo. Ele representou aquele que se trai a si mesmo. Ele dramatizou uma porção da personalidade de cada individuo que se foca na realidade física de uma maneira ávida, sôfrega, que nega o eu interior por ganância.

Cada uma das doze qualidades da personalidade representadas, que pertence a um indivíduo, e o Cristo conforme o conhecem, representou o eu interior. Os doze, portanto, mais o Cristo conforme o conhecem, (aquela figura composta por três) representaram uma personalidade individual terrena — o eu interior — e as doze características principais associadas ao eu egocêntrico. Como o Cristo estava rodeado por discípulos, também o eu interior é circundado por essas características orientadas para a matéria, cada uma extraída para a realidade diária por um lado e, contudo, em órbita do eu interior.

Os discípulos, pois, receberam realidade física a partir do eu interior, como todas as características terrenas que vocês têm provêm da sua natureza interior. Essa foi uma parábola viva, encarnada entre vós — um drama cósmico elaborado em vosso proveito, e formulado em termos que vocês poderiam entender.

As lições foram claras, já que todas as ideias que continham por detrás foram personificadas. Se me perdoarem o termo, foi como uma peça local dotada de sentido moral, encenada na esquina do vosso universo. O que não significa que tenha sido menos real do que anteriormente supuseram. De facto, as implicações do que aqui é dito poderiam claramente sugerir os aspetos mais poderosos da divindade.

As três personalidades de Cristo nasceram no vosso planeta e, com efeito, tornaram-se carne entre vós. Nenhuma delas foi crucificada. Os doze discípulos foram materializações das energias dessas três personalidades — das suas energias combinadas. Todavia, eles foram plenamente dotados, pois, de individualidade, mas a sua tarefa principal era a

manifestarem claramente em si mesmos certas capacidades intrínsecas em todos os homens.

Os mesmos tipos de dramas, têm sido apresentados por variadíssimos modos, e embora o drama seja sempre diferente, é sempre o mesmo. O que não significa que um Cristo tenha aparecido em todo sistema de realidade. Isto significa que a ideia de Deus se manifestou em cada sistema de um modo que é compreensível aos seus habitantes.

O drama continua a ter existência. Ele não pertence, por exemplo, ao vosso passado. Vocês unicamente o situaram nele. Isso não significa que sempre venha a recorrer de novo. O drama, pois, estava longe de ser destituído de sentido e o espírito de Cristo, nos vossos temos, é legítimo. É o drama de Deus provável que escolheram perceber. Existiram outros que foram percebidos, mas não por vocês, e existem outros dramas que tais agora. Quer tenha ocorrido ou não a crucificação física, ela foi um evento psíquico e tem existência conforme todos os outros eventos ligados ao drama.

Muitos foram físicos, enquanto alguns não. O evento psíquico afetou o tanto vosso mundo quanto o físico, como é óbvio. Todo o drama ocorreu como um resultado da necessidade do género humano. Foi criado em resultado dessa necessidade, brotou dela, mas não teve origem no vosso sistema de realidade.

Outras religiões estiveram baseadas em dramas diferentes, nos quais as ideias foram encenadas de um modo compreensível para diversas culturas. Infelizmente, as diferenças entre os dramas frequentemente conduziram a más interpretações, e foram usados como pretexto para a guerra. Esses dramas também são elaborados a título privado no estado de sonho. As personificações de Deus primeiro foram introduzidas ao homem no estado de sonho e o modo posteriormente preparado.

Por visões e inspirações os homens ficaram a saber que o drama de Cristo seria encenado e, consequentemente reconheceram-no pelo que era quando ocorreu fisicamente. O seu poder e força voltaram posteriormente ao universo de sonho. O que lhe aumentou o vigor e a intensidade através da materialização física. Nos sonhos privados, os homens, passaram a relacioná-lo com as figuras principais do drama mas no estado de sonho eles reconheceram o seu verdadeiro teor.

Deus é mais que a soma de todos os sistemas prováveis de realidade que Ele criou, mas ainda assim, acha-se em cada um deles, sem exceção. Ele está, pois, dentro de cada homem e mulher. Ele encontra-se igualmente dentro de cada aranha, sombra, e sapo, mas isso é o que homem não gosta de admitir.

Deus só pode ser vivenciado, e vocês vivenciam-no, quer o percebam ou não, por intermédio da vossa própria existência. Ele não é masculino ou feminino, pois, e eu emprego esses termos apenas por conveniência. Na mais inevitável das verdades, Ele não é humano

nos vossos termos em absoluto, nem tampouco nos vossos termos Ele constitui uma personalidade. As ideias que têm da personalidade são muito limitadas para conterem as inúmeras facetas da Sua existência multidimensional.

Por outro lado, Ele é humano, pelo facto de Ele ser uma porção de cada indivíduo; mas na imensidão da Sua experiência, Ele mantém uma forma idealizada de Si mesmo como humano, com a qual vocês poderão relacionar-se. Ele tornou-se literalmente carne para habitar entre vocês, pois Ele forma a vossa carne por ser responsável pela energia que confere vitalidade e validade ao vosso ser multidimensional privado, o qual por sua vez forma a imagem que têm de acordo com as próprias ideias que têm.

Este ser multidimensional privado, ou alma, possui pois uma validade eterna. Ele é acolhido, suportado, mantido pela energia, pela vitalidade inconcebível, do Tudo-Quanto-Existe.

Não, pois, ser destruído, esse vosso ser interior; mas tampouco diminuído. Ele partilha das capacidades inerentes ao Tudo-Quanto-Existe. Ele precisa, por conseguinte, criar do mesmo modo que é criado, pois essa é a grande dádiva que se encontra por detrás de todas as dimensões da existência, o derramamento a partir da fonte do Tudo-Quanto-Existe.

No devido tempo identificarei a figura da terceira personalidade de Cristo. Porém, por ora, estou interessado nos aspetos multidimensionais do Tudo-Quanto-Existe. Uma realidade dessas pode ser apenas experienciada. Não há factos que possam ser dados que possam retratar de modo fiel os atributos do Tudo-Quanto Existe.

Essa realidade e atributos aparecerão dentro de vários sistemas de realidade de acordo com os dados de camuflagem de qualquer sistema. A experiência interior com o Deus multidimensional pode dar-se em duas áreas centrais. Uma é através da perceção de que essa força motriz primordial se encontra em tudo quanto podem perceber com os sentidos. O outro método é perceber que essa força motriz básica possui uma realidade independente da ligação que tem com o mundo das aparências.

Todo o contato pessoal com o Deus multidimensional, todo o instante legítimo de consciência mística, produzirão sempre um efeito unificador, e não irá, pois, isolar o indivíduo em questão, mas irá, em vez disso, ampliar as suas faculdades de perceção até que ele experimente a realidade e a singularidade de tantos outros aspetos da realidade quantos seja capaz.

Ele sentir-se-á, pois, menos isolado e menos à parte. Ele não perceberá estar acima dos outros por causa de tal experiência. Antes pelo contrário, ele será arrastado por uma gestalt de compreensão que o levará a perceber a própria unidade que tem com o Tudo-Quanto-Existe.

Como existem porções da realidade que vocês não percebem conscientemente, e outros sistemas de probabilidades dos quais vocês não têm consciência, também assim existem aspetos da divindade primordial que vocês não podem compreender neste momento. Existem, pois, deuses prováveis, cada um refletindo a seu modo os aspetos multidimensionais de uma identidade primária tão grandiosa e deslumbrante que nenhuma forma da realidade ou tipo particular de existência, poderiam conter.

Eu tentei dar-lhes uma ideia dos efeitos criativos de longo alcance dos vossos próprios pensamentos. Com isso em mente, torna-se pois impossível imaginar a criatividade multidimensional que pode ser atribuída ao Tudo-Quanto-Existe. O termo "Tudo-Quanto-Existe" pode ser usado como designação que inclua todas essas probabilidades divinas em todas as Suas manifestações.

Agora, talvez seja mais fácil para alguns de vocês entenderem as simples histórias e parábolas dos começos que citei. Mas é chegada a hora do género humano dar vários passos adiante, a fim de expandir a natureza de sua própria consciência ao tentar abranger uma versão mais profunda da realidade.

O tempo dos contos infantis já passou para vós. Uma vez que os vossos próprios pensamentos são dotados de uma forma e de realidade, uma vez que têm validade, mesmo em outros sistemas de realidade de que vocês não estão conscientes, então não será difícil entender a razão porque outros sistemas de probabilidades serão igualmente afetados pelos pensamentos e emoções que vocês têm — – nem porque as ações dos prováveis deuses deixam de afetadas pelo que acontece em outras dimensões de existência…

Do livro: A Realidade do Desconhecido, Volume I
Secção 2 – Sessão 690

O Cristo conforme é conhecido em termos históricos, psiquicamente representou as probabilidades que assistiam ao homem. As suas teorias e ensinamentos podiam ser interpretadas de muitos modos; eles prevaleceram como sementes que o homem poderia disseminar conforme o desejasse. Por causa do Cristo, passou a existir uma Inglaterra — e uma Revolução Industrial. Os aspetos masculinos do Cristo foram aqueles que a civilização ocidental enfatizou. Outros aspetos dos ensinamentos dele não seguiram a linha principal do pensamento Cristão, o que quer dizer que a consciência da espécie passaria durante imenso tempo a ignorar a relação que tinham com a natureza e o seu aspeto feminino. Refiro-me com isto primordialmente à civilização ocidental. Deus Pai viria a ser reconhecido e a Deusa Terrena esquecida. Viriam a surgir senhores feudais, por conseguinte, e não videntes. O homem viria de facto a acreditar exercer domínio sobre a Terra enquanto espécie aparte, por Deus Pai há ter doado.

A crescente consciência do ego encontraria razões de ordem religiosa para passar a dominar e a controlar. O Papa tornou-se na personificação do Deus Pai, só que esse deus já

tinha na verdade mudado do velho Jeová Judaico. O Cristo, para falar em termos históricos, tinha alterado esse conceito o suficiente para que pelo menos Deus o Pai não se revelasse tão caprichoso quanto Jeová.

Passou a ganhar um certo destaque uma certa misericórdia. A crescente consciência do ego não podia correr atentar desenfreadamente sobre a natureza. Por outro lado, as guerras santas e a ignorância manteriam as populações reprimidas. A Igreja, todavia – a Igreja Católica Romana — ainda detinha um repositório de ideias e de conceitos religiosos que serviam de banco de probabilidades de que a raça poderia tirar partido. As ideias religiosas prestaram-se à organização social, muito necessária, e muitos dos monges conseguiram preservar antigas escrituras e conhecimento secretos. Aqueles que eram aliados dos princípios religiosos, sobreviveram principalmente, e produziram comunidades e descendentes que foram protegidos.

Ideias religiosas e psíquicas, pois, independentemente dos muitos inconvenientes, prestaram-se como método de organização da espécie. Elas são de longe mais importantes em termos de "evolução" do que é reconhecido. Desde o começo que os conceitos religiosos mantiveram as tribos unidas, forneceram estruturas sociais, e asseguraram sobrevivência física e a proteção que tornou a descendência mais provável.

A democracia Americana, por exemplo, e um novo tipo de risco surge diretamente do nascimento do Protestantismo. Martinho Lutero é tão responsável pelos Estados Unidos da América quanto o George Washington. Existiram outras sociedades democráticas no passado, só que nelas a democracia encontrava-se baseada ainda num preceito religioso, embora pudesse ser expressado por formas diferentes — como por exemplo nas cidades-estado Gregas. O Santo Império Romano uniu uma civilização sob uma ideia religiosa, mas a verdadeira fraternidade entre os homens pode ser expressada apenas sob a bandeira da cooperação; e somente isso resultará no desenvolvimento da espécie, com desenvolvimentos da consciência que nos vossos termos se encontravam latentes desde o começo.
Eu estou a dizer que a chamada evolução e a religião se acham intimamente ligadas. Novos desenvolvimentos nos vossos conceitos conduzirão a uma maior ativação de áreas do cérebro atualmente quase inutilizadas, e elas por sua vez despoletarão expansões tanto em termos psíquicos como biológicos.

O crescimento de ideias respeitantes ao espaço constituíram um pré-requisito. O homem num dos lados do planeta tinha que conhecer aquilo de que os homens falavam do outro lado. Tudo isso pressupunha manipulação do espaço. Os incentivos religiosos sempre serviram para estimular a curiosidade do homem quanto ao espaço.

Muitas das espécies que partilham, do vosso mundo carregam em si capacidades latentes que ainda agora se encontram em desenvolvimento. O homem e os animais encontrar-se-ão de novo com o velho entendimento ainda numa nova situação. Não existem sistemas estanques, e em termos da profunda ordem biológica cada espécie sabe o que a outra está a

fazer, e o lugar que ocupa no esquema global que foi escolhido por cada. Vós sois percebidos de uma forma ou de outra por todos aqueles habitantes da terra que podem considerar como abaixo de vós. O homem provável encontra-se atualmente a emergir, mas também no relacionamento com todo o seu ambiente natural, no qual a cooperação constitui a força principal. Vós cooperais com a natureza quer o percebais ou não, por fazerem parte dela.

Excertos

"Toda a consciência tem na verdade existência ao mesmo tempo, por conseguinte não evoluiu nesses termos. . . a teoria da evolução constitui tanto um conto maravilhoso quanto a teoria Bíblica da criação. . . ambas parecem ter existência num sistema próprio, no entanto, em casos mais vastos não podem constituir uma realidade. . ." Sessão 582

". . .A humanidade deverá, pois, entrar na sua nova casa — mas as mudanças físicas resultarão as interiores, e das alterações nas linhas principais das probabilidades.
A teologia Cristã encara o fim do mundo em determinados termos, com um Deus grandioso que virá recompensar os justos e punir os perversos. Tal sistema de crenças não reserva qualquer espaço para outra probabilidade. Alguns vêm o fim do mundo a aproximar-se como um grande desastre, ou vislumbram o homem a arruinar finalmente o planeta, outros vêm um período de paz e de avanço — e cada probabilidade dessas ocorrerá "algures." Todavia, muitos dos meus leitores, ou a sua prole, envolver-se-ão numa nova dimensão da pessoa em que a consciência será plenamente explorada e os potenciais da alma postos a nu, pelo menos em certa medida.

Os recursos humanos serão encarados por aquilo que são, e um grandioso período de desenvolvimento ocorrerá, em que todos os conceitos da pessoa e da realidade serão literalmente encarados como "superstição primitiva." A espécie avançará efetivamente para um novo tipo de pessoa.

Teorias acerca de probabilidades serão vistas como factos psicológicos práticos e exequíveis, dando margem de manobra e liberdade ao indivíduo que não mais se sentirá à mercê dos eventos externos — mas perceberá em vez disso que é o seu iniciado.

Bom, vós espremeis o grandioso fruto da pessoa numa polpa minúscula e desconfortante, inconscientes da doçura dos seus sucos ou da variedade das suas estações. Olhais para fora de vós como se o pêssego tivesse consciência unicamente da sua pele. Na realidade que prevejo, todavia, as pessoas familiarizar-se-ão com aspetos mais vastos delas próprias e conduzi-las-ão à realização. Elas estarão em contato com as próprias decisões à medida que as criarem.

Se adoecerem, fá-lo-ão com consciência de optarem por essa situação a fim de enfatizarem determinadas áreas de desenvolvimento, ou a fim de minimizar outras.

Tomarão consciência das opções que lhes estão reservadas, de uma forma consciente. A enorme resistência e resiliência do corpo serão muito melhor compreendidas; não por que a ciência médica proceda a descobertas espetaculares — – embora o faça — mas por que a aliança da mente com o corpo será vista com uma maior clareza.

Nessa probabilidade de que falo, a espécie deverá começar a defrontar o enorme desafio inerente à realização do vasto potencial intocado do corpo e da mente humanos. Nessa realidade provável, à qual cada um de vós poderá pertencer em certa medida, cada pessoa reconhecerá o seu poder inerente de ação e de decisão, e sente um sentido individual de pertença ao mundo físico que brota em resposta à crença e ao desejo individual.

As ideias que têm da Atlântida são parcialmente compostas de memórias futuras. São aspirações psíquicas com respeito à civilização ideal — padrões da psique, quase como cada feto tenha dentro de si uma imagem da sua realização mais idealizada rumo à qual se desenvolve.

A Atlântida é uma terra que desejam habitar, que aparece na vossa literatura, nos vossos sonhos e nas vossas fantasias, e que servem como um ímpeto para o desenvolvimento. É real e válido. Nos vossos termos, ainda não constitui um facto concreto, mas em alguns aspetos é mais real do que qualquer facto físico, por constituir um modelo psíquico. Também carrega, contudo, o cunho dos vossos receios, por os contos dizerem que a Atlântida tenha sido destruída. Vós colocai-la no vosso passado ao passo que ela tem existência no vosso futuro. Não só a destruição, mas todo o padrão percebido através das crenças que têm. A par disso, contudo, muitas civilizações surgiram e desapareceram mais ou menos da mesma forma, e o "mito" da Atlântida acha-se, pois, baseado no facto físico segundo os vossos termos.

A espécie avança para as suas novas casas. A Atlântida representa a história de uma probabilidade futura projetada num passado aparente. . ."

Sessão 742

SETH FALA SOBRE OUTRAS CIVILIZAÇÕES

Capítulo 15

"CIVILIZAÇÕES QUE REENCARNAM, PROBABILIDADES, E MAIS INFORMAÇÕES SOBRE O DEUS MULTIDIMENSIONAL"

Pode-se dizer que tal como os indivíduos que reencarnam vocês têm civilizações que reencarnam. Cada entidade que nasce na carne procura desenvolver as capacidades que possam ser mais bem cultivadas e satisfeitas no ambiente físico. Ela tem responsabilidade para com cada civilização em que vive, por ajudar a formá-la por meio dos próprios pensamentos, emoções e atos. Aprende com o fracasso assim como com o sucesso.

Vocês pensam na história física como tendo tido início com o homem das cavernas, e continuado até o presente; existiram, porém, outras grandes civilizações científicas — algumas recordadas em lendas, outras, inteiramente desconhecidas — todas quantas (nos vossos termos) se desvaneceram.

Parece-lhes que, enquanto espécie, tenham apenas uma oportunidade de resolver os vossos problemas a fim de não serem destruídos pelas vossas próprias agressões, pela falta de compreensão e de espiritualidade que têm. Da mesma forma que lhes são dadas muitas vidas para desenvolver e aplicar as vossas capacidades, também à espécie foi concedida (nesses termos) mais do que essa linha única de desenvolvimento histórico de que vocês atualmente têm conhecimento. A estrutura de reencarnações é apenas uma faceta do quadro total das probabilidades. Nela, vocês dispõem literalmente de tanto tempo quanto precisarem para desenvolver os potenciais que necessitam desenvolver antes de deixar o ciclo de reencarnações. Grupos de pessoas, em diversos ciclos da atividade reencarnatória, enfrentaram crise após crise e chegaram ao vosso ponto de desenvolvimento físico e ultrapassaram-no ou destruíram a sua civilização particular.

Neste caso, foi-lhes dada mais uma oportunidade, dispondo do conhecimento inconsciente não apenas do seu fracasso, como das razões que se encontravam por trás dele. Outros, ao resolverem os problemas, deixaram o vosso planeta físico em troca de outros pontos no universo físico. Porém, quando alcançaram esse nível de desenvolvimento, já se encontravam espiritual e psiquicamente amadurecidos, sendo capazes de utilizar energias das quais vocês ainda não têm conhecimento prático.

A Terra é para eles, agora, é o seu lar lendário. Eles formaram novas raças e espécies, que já não podiam ajustar-se mais fisicamente às vossas condições atmosféricas. Contudo, continuaram no nível reencarnatório enquanto habitaram uma realidade física. Alguns deles, porém, passaram por mutações e há muito que deixaram o ciclo da reencarnação.

Aqueles que o deixaram, evoluíram, passando à condição de entidades mental que sempre foram, deixando de lado a forma material. Esse grupo de entidades ainda se interessa muito pela Terra, e cedem-lhe suporte e energia. De certa forma, poderiam ser agora considerados como deuses da terra. No vosso planeta, eles participaram de três civilizações particulares, muito antes da Atlântida, quando o vosso planeta na verdade se encontrava numa posição um tanto diferente.

Por ora, deixemos o termo "posição." Em particular em relação a três dos outros planetas que vocês conhecem. Os pólos foram invertidos — como aconteceu durante três longos períodos da história do vosso planeta. Essas civilizações eram altamente tecnológicas; a segunda, na verdade, foi muito superior à vossa nesse aspeto.

O som era utilizado, de forma muito mais eficiente, não apenas para curar, como também nas guerras, mas também na motorização de veículos de locomoção e para produzir o movimento da matéria física. O som era um transportador de cargas e de massa. O vigor dessa segunda civilização situa-se principalmente nas áreas agora conhecidas como África e Austrália, embora, naquela época, não apenas o clima fosse inteiramente diferente, como

também as áreas da massa terrestre. Verificava-se uma atração diferente da massa de terra, relacionada com a alteração da posição dos polos. Em termos relativos, porém, a civilização concentrava-se em termos de área, e não tentou expandir-se. Tornou-se altamente arraigada e subsistiu num planeta em simultâneo com uma grande cultura primitiva, desorganizada e dispersa.

Tampouco fez qualquer tentativa de "civilizar" o resto do mundo, mas fez tudo o que estava ao seu alcance — que foram considerável durante um prolongado período de tempo — para impedir tal progresso.

Os membros dessa civilização pertenceram, na sua maioria, a um grupo periférico da bem-sucedida civilização anterior, cuja maior parte decidira continuar a existência em outras áreas do vosso universo físico. Entretanto, esses estavam particularmente enamorados pela vida terrena, e acharam também que poderiam aperfeiçoar a última experiência na qual haviam estado envolvidos, embora fossem livres para seguir rumo a outros níveis de existência.

Não estavam interessados em recomeçar de novo do zero, como uma civilização recém-formada, mas em outras áreas, em razão do que, a maior parte do seu conhecimento era instintivo, e esse grupo em particular atravessou muito rápido o que vocês chamam de diversos estágios tecnológicos.

Inicialmente, estavam preocupados especialmente com o desenvolvimento de um ser humano que tivesse proteções integradas contra a violência. No seu caso, o desejo de paz era quase o que vocês chamariam de instinto. Sofreram mudanças no mecanismo físico. Quando a mente sinalizava uma forte agressão, o corpo deixava de reagir. Psicologicamente, vocês ainda podem ver vestígios disso em certos indivíduos, que desmaiam ou que chegam a atacar o próprio sistema físico antes de se permitirem fazer a outros o que pensam que seja violência. Essa civilização, por conseguinte, deixava os nativos que a rodeavam em paz. Contudo, enviavam elementos do seu próprio grupo a viver entre os nativos e a acasalar com eles, esperando, pacificamente, alterar assim a fisiologia da espécie.

A energia que no vosso tempo, em geral, é cedida à violência, era dedicada a outras atividades, porém, começou a voltar-se contra eles. Eles não estavam a aprender a lidar com a violência ou a agressão. Estavam a tentar fazê-la curto circuitá-la fisicamente, e descobriram que isso trazia complicações. A energia precisa ter permissão para fluir livremente por todo o sistema físico, controlada e dirigida mentalmente, ou psiquicamente, se preferirem.

A alteração física representava uma pressão sobre todo o sistema. A função criativa e base sofreram uma distorção e adquiriram a conotação de agressão — o impulso para a ação — e não foram compreendidas. De certa forma a própria respiração constitui uma violência. A inibição integrada resultou num sistema apertado de controlos mútuos, em que o impulso necessário da ação se tornou literalmente impossível.

Desenvolveram um estado mental e físico escrupuloso e restritivo, em que a necessidade física natural de sobrevivência foi prejudicada em todos os sentidos. Mentalmente, a civilização progrediu. A sua tecnologia foi mobilizada impulsionada ao extremo na medida em quês e esforçou por desenvolver, por exemplo, alimentos artificiais, de modo que não precisassem matar por nenhuma forma para sobreviver.

Ao mesmo tempo, essa civilização tentou deixar o meio-ambiente intato. Não conheceu em absoluto a vossa fase automóvel e veículos a vapor, e concentrou-se muito cedo no som. Esse som não podia ser detetado em termos auditivos. A civilização era chamada de Lumania, e o próprio nome passou à lenda e foi novamente usado em tempos posteriores. Os Lumanianos eram um povo fisicamente muito magro e débil, mas, psiquicamente, inteiramente brilhantes ou completamente desprovidos de talento. Em alguns, os controlos integrados causaram tantos bloqueios de energia em todos os sentidos, que prejudicaram até mesmas as suas capacidades telepáticas, altamente potentes.

Eles formaram campos de energia ao redor da sua própria civilização. Isolaram-se, pois, de outros grupos. Contudo, não permitiram que a tecnologia os destruísse. Um número cada vez maior deles percebeu que o experimento não tinha sido um sucesso. Alguns, após a morte física, foram-se unir àqueles da civilização anterior bem-sucedida, que haviam migrado para outros sistemas planetários no âmbito da estrutura física.

Entretanto, grandes grupos simplesmente deixaram suas cidades, destruíram os campos de força que os haviam circundado e uniram-se aos muitos grupos de povos relativamente incivilizados, e casaram com eles e criaram uma prole própria. Esses Lumanianos morreram rapidamente, pois não puderam suportar a violência nem reagir-lhe com violência. Contudo, sentiram, que os seus filhos mutantes poderiam conservar uma ausência de tendência para a violência, só que isenta das reações de controlo proibitivas dos nervos de que eram dotados.

Fisicamente, a civilização simplesmente feneceu. Alguns dos filhos mutantes formaram um pequeno grupo tardio, que percorreram a área no século seguinte como itinerantes, com grandes bandos de animais. Cuidaram mutuamente uns dos outros, e muitas das antigas lendas a respeito de seres meio-homens, meio-animais, chegaram até à posteridade ao longo do tempo por meio da recordação dessas antigas associações.

Enquanto remanescente da primeira grande civilização, esse povo, na verdade, sempre carregou dentro de si fortes lembranças subconscientes da sua origem. Estou a referir-me aos Lumanianos aqui. Isso explica o rápido desenvolvimento que alcançaram, tecnologicamente falando. Mas como o seu propósito fora tão decidido — evitar a violência — em vez, digamos, do desenvolvimento pacífico e construtivo do potencial criativo, a sua experiência foi altamente unilateral. Eles foram impulsionados por um tal medo da violência, que nem permitiam nem mesmo que o sistema físico tivesse liberdade para a expressar.

A vitalidade da civilização era, por conseguinte, fraca — não porque a violência não existisse, mas por a liberdade de energia e expressão serem automaticamente bloqueadas em aspetos específicos, e a partir do exterior, fisicamente.

Eles compreenderam muito bem os males da violência em termos terrenos, mas negaram ao indivíduo o direito de aprender isso à sua própria custa, ao impedirem, desse modo, que o indivíduo utilizasse os seus próprios métodos criativamente para transformar a violência em áreas construtivas. Nesse aspeto, o livre-arbítrio foi descartado.

Tal como a criança, durante algum tempo depois de deixar o ventre materno, é fisicamente protegida de certas doenças, também por um breve período ela é protegida de alguns desastres psíquicos após o parto, e carrega dentro dela, ainda para seu conforto, lembranças de existências e lugares passados. Assim, os Lumanianos, durante algumas gerações, foram apoiados por profundas recordações subconscientes da civilização anterior. Por fim, porém, essas lembranças começaram a desvanecer-se. Eles protegeram-se contra a violência, mas não contra o medo.

Eles viram-se, pois, sujeitos a todo tipo de temores humanos comuns, que eram então exagerados, uma vez que, fisicamente, não conseguiam reagir nem mesmo à natureza com violência. Se fossem atacados, tinham que fugir. O princípio da luta ou fuga não se aplicava. Restava-lhes unicamente um recurso.

O símbolo do seu deus era masculino — uma figura masculina forte, fisicamente poderosa, que os protegeria já que eles não podiam proteger a si próprios. Esse deus evoluiu através dos tempos, tal como as suas crenças, e nele projetaram as qualidades que eles próprios não podiam expressar.

Haveria de vir a aparecer, muito mais tarde, como o velho Jeová, o Deus da Ira que protegia o Povo Eleito. O receio das forças da natureza era, pois, inicialmente extremamente forte neles pelas razões sugeridas, e produziram um sentimento de separação entre o homem e as forças naturais que o nutriam. Eles não podiam confiar na terra, uma vez que não lhes era permitido proteger-se a si próprios contra as forças violentas nela existentes.

A sua vasta tecnologia e sua grande civilização foram, em grande medida, subterrâneas. Eles foram, nesses termos, os homens da caverna originais, e saíram das suas cidades igualmente através de cavernas. As cavernas não eram apenas lugares de proteção nos quais nativos inexperientes se agachavam. Eram com frequência portais de entrada e de saída das cidades dos Lumanianos. Muito depois de as cidades terem sido abandonadas, os nativos seguintes, incivilizados, descobriram essas cavernas e aberturas.

No período que vocês agora consideram como a Idade da Pedra, os homens que vocês acham que foram os vossos ancestrais, os homens das cavernas, com frequência encontravam abrigo não em cavernas de formação natural grosseira, mas em canais mecanicamente criados, que alcançavam por trás delas, e em cidades desertas onde os Lumanianos haviam habitado. Algumas dos utensílios dos homens das cavernas eram versões distorcidas das que eles haviam encontrado.

Embora a civilização dos Lumanianos tenha sido muito concentrada, por não ter feito qualquer tentativa de conquistar nem tentativa de aumentar a sua área, eles

estabeleceram, com o correr dos séculos, postos avançados pelos quais podiam sair para observar os outros povos nativos.

Esses postos avançados eram construídos subterraneamente. Entre as cidades originais e grandes colónias existiam, naturalmente, ligações subterrâneas, um sistema de canais altamente complexo e bem construído. Dado que se tratava de um povo com sentido de estética, as paredes eram forradas de pinturas e desenhos, e também exibiam esculturas ao longo dessas passagens internas.

Eles tinham diversos sistemas de ascensão, alguns para transporte de pedestres, outros para o transporte de mercadorias. Contudo, não era prático construir esses túneis até os diversos postos avançados, que eram compostos por comunidades relativamente pequenas auto-sustentadas; muitos ficavam a uma boa distância das principais áreas de comércio e atividade.

Esses postos avançados situavam-se em muitas áreas dispersas, mas havia uma quantidade razoável deles no que agora é a a Espanha e os Pirenéus.

Eram diversas as razões para isso, uma das quais estava relacionada com a existência de homens de tamanho agigantado nas áreas montanhosas. Devido à natureza tímida desse povo (Lumanianos) eles não apreciavam a vida nos postos avançados, e somente os mais valentes e mais confiantes recebiam essa missão, que, desde logo, era temporária.

(Uma nota, acrescentada posteriormente: Seth não fornece datas para a civilização Lumaniana. Será interessante observar, porém, que no final de Julho de 1971, cerca de oito meses depois desta sessão, os jornais publicaram uma história — com fotografias — da descoberta de um crânio sub-humano "imenso," numa caverna nas Montanhas dos Pirenéus Franceses, muito próximo da fronteira com a Espanha.

(O crânio tem pelo menos duzentos mil anos de idade e representa uma raça não identificada antes. Pensa-se agora a nível experimental que terão existido diversas raças primitivas na Europa naquela época. O período precede o Homem Neandertal e marca o início da penúltima Idade do Gelo. Essa região, no sul da França, é notável pelas suas muitas cavernas facilmente formadas a partir de leitos de pedra calcária por feito da erosão provocada pela água. Jane não tem formação em paleontologia.)

As cavernas, repito, serviam como portais que davam para o exterior, e, com frequência, o que parecia ser a parte posterior de uma caverna era, na verdade, construída de um material que se mostrava opaco do lado de fora, mas que era transparente do lado de dentro. Os nativos dessa área que usavam essas cavernas como abrigo natural podiam ser observados sem perigo. Essa gente reagia a sons que não são percebidos pelos vossos ouvidos. O medo peculiar que tinham da violência intensificava todos os seus mecanismos a um ponto incrível. Estavam constantemente em estado alerta e em guarda.

Isto é difícil de explicar, mas mentalmente, eles eram capazes de emitir um pensamento ao longo de certas frequências — uma arte altamente distinta — e então transferir o pensamento para um determinado destino, de por diversos métodos, por meio da forma ou

da cor, por exemplo, ou até por meio de um certo tipo de imagem. A sua linguagem era extremamente discriminativa, por formas que vocês não conseguem entender, simplesmente devido a que as gradações de tom, frequência e intervalo fossem muito precisas e complicadas.

De facto, a comunicação era um de seus pontos fortes, e foi desenvolvida a um ponto tão elevado simplesmente por eles temerem tanto a violência e estarem constantemente em estado alerta. Agrupavam-se em grandes grupos familiares, uma vez mais por necessidade de proteção. O contato entre filhos e pais eram de alto nível, e as crianças sentiam-se muito inquietas quando ficavam longe da vista dos seus pais por qualquer período de tempo.

Por tais razões, as pessoas que dirigiam os postos avançados sentiam estar numa situação bastante desconfortável. Eram limitados na quantidade, e ficavam em grande medida afastadas das áreas principais da sua própria civilização. Desenvolveram, consequentemente, uma atividade telepática ainda maior e uma relação com a terra mais acima, de modo que percebiam imediatamente o mais leve tremor ou barulho de passos, e os mais leves movimentos que não lhes fossem familiares.

Tinham muitos orifícios de observação, por assim dizer, que davam para a superfície, a partir dos quais eles podiam observar o exterior, além de câmaras situadas aí que mantinham imagens precisas não apenas da terra, mas também das estrelas.

É claro que eles tinham registos completos das áreas subterrâneas de gás, e um conhecimento profundo das crostas terrestres internas, e observavam com atenção e antecipavam tremores e falhas terrestres. Sentiam-se tão triunfantes por terem descido até ao interior da terra, quanto qualquer raça já terá sentido por deixar a terra.

Essa foi, conforme lhes disse, a segunda, e talvez a mais interessante das três civilizações. A primeira seguiu, de um modo geral, a vossa própria linha de desenvolvimento e enfrentou muitos dos problemas que vocês enfrentam atualmente. Situava-se, em grande parte, no que vocês chamam de Ásia Menor, mas eles também se expandiram e viajaram para outras áreas do exterior. Esse é o povo que mencionei antes, que por fim foi para outros planetas em outras galáxias, e que deu origem à civilização Lumaniana.

Antes de falarmos sobre a terceira civilização, há mais uns aspetos que gostaria de esclarecer a respeito da segunda. Tem que ver com a comunicação conforme eles a aplicavam aos desenhos e pinturas que faziam, e aos canais muito distintos que as suas comunicações criativas podiam assumir. Em muitos aspetos, a sua arte era altamente superior à vossa, e não tão isolada. As diversas formas de arte, por exemplo, estavam de certo modo ligadas ao que lhes é praticamente desconhecido, conceito com que, por não estarem familiarizados, se torna difícil de explicar.

Considerem, por exemplo, algo muito simples — digamos o desenho de um animal. Vocês haviam de o perceber como um mero objeto visual, mas esses indivíduos eram grandes sintetizadores. Uma linha não era simplesmente uma linha visual, mas, de acordo com uma variedade quase infinita de distinções e divisões, ela também representava certos sons que seriam automaticamente traduzidos.

Um observador podia automaticamente traduzir os sons antes de ser importunado pela imagem visual, caso o desejasse. No que pareceria ser o desenho de um animal, pois, também podia ser dada toda a história e passado do animal. Curvas, ângulos, linhas, tudo representava, além da sua função objetiva óbvia num desenho, uma série altamente complicada de variações em calibre, tom e valor; ou, se preferirem, vocábulos invisíveis.

As distâncias entre linhas eram traduzidas como pausas sonoras, e por vezes também como distâncias no tempo. A cor era usada em termos de linguagem na comunicação, em desenhos e pinturas; e representavam, de certa forma, como as vossas próprias cores, gradações emocionais. Entretanto a cor, mais o seu valor em intensidade, servia para refinar e definir melhor: e reforçavam, por exemplo, a mensagem já transmitida pelo valor objetivo das linhas, ângulos e curvas, e pelas mensagens dos vocábulos invisíveis já explicados; ou então, modificavam tudo isso numa quantidade de formas.

O tamanho desses desenhos também transmitia uma mensagem própria. De certa forma, tratava-se de uma arte muito estilizada, que ainda assim permitia tanto uma grande precisão de expressão em termos de detalhes, quanto uma grande liberdade em termos de extensão. Obviamente, era muito condensada. Essa técnica foi mais tarde descoberta pela terceira civilização, e ainda existem alguns vestígios de desenhos de imitação feitos.

As chaves para a sua interpretação, porém, perderam-se por completo, pelo que tudo o que poderiam ver seria um desenho destituído dos elementos multisensuais que lhes conferiam uma grande diversidade. Ela existe, mas vocês não conseguiriam trazê-la à vida.

Eu devia talvez mencionar aqui que algumas das cavernas, especialmente em certas áreas da Espanha e dos Pirenéus, e algumas anteriores na África, eram construções artificiais. Esse povo movia a massa por meio da utilização do som, e, conforme eu lhes disse antes, na verdade transportava a matéria por meio de um grande domínio que tinham do som. Foi assim que os seus túneis foram originalmente formados, e o método igualmente usado para formar algumas das cavernas nas áreas onde, originalmente, existiam poucas. Os desenhos nas paredes das cavernas era uma informação altamente estilizada, quase como sinais (nos vossos termos) encontrados nas fachadas dos vossos edifícios públicos, e retratavam o tipo de animais e seres de uma determinada área.

Esses desenhos foram usados mais tarde como modelos pelos vossos primeiros homens das cavernas, nos tempos históricos a que vocês em geral se referem.

As capacidades de comunicação que eles tinham, por conseguinte as suas habilidades criativas, tinham uma maior vitalidade, eram vívidas e mais responsivas do que as vossas. Quando vocês escutam uma palavra, podem perceber uma imagem correspondente na vossa mente. No caso dessa gente, entretanto, os sons erguiam, automática e instantaneamente, uma imagem incrivelmente vívida que, sendo internalizada, não era de forma nenhuma tridimensional, mas que, apesar disso, era muito mais vívida do que as vossas imagens mentais habituais.

Certos sons, repito, eram utilizados para indicar distinções espantosas em termos de tamanho, forma, direção e duração, tanto no espaço como no tempo. Por outras palavras, os

sons produziam automaticamente imagens brilhantes. Por essa razão, havia uma distinção fácil entre o que era chamado de visão interior e de visão exterior, e tornava-se-lhes muito natural fechar os olhos quando se sentavam a conversar, a fim de comunicarem com mais clareza, e desfrutar das imagens interiores imediatas, que sempre cambiantes e que acompanhavam qualquer intercâmbio verbal. Eles aprendiam com rapidez e a educação era um processo excitante, por esse recurso multisensual lhes incutir automaticamente a informação, não apenas através de um canal dos sentidos de cada vez, mas através de muitos canais em simultâneo. Para tudo isso, entretanto, e o imediatismo das suas perceções, havia uma fraqueza intrínseca. A incapacidade de enfrentar a violência e aprender a conquistá-la significava, evidentemente, que eles fossem severamente impedidos numa certa projeção característica. A energia era bloqueada nessas áreas, de modo que na verdade lhes faltava uma qualidade enérgica ou senso de poder.

Entretanto, não estou necessariamente a referir-me ao poder físico, mas grande parte da sua energia era usada no evitar de todo confronto com a violência por eles não serem capazes de canalizar sentimentos comuns de agressividade, por exemplo, para outras áreas.

Tenho estado a falar sobre os Lumanianos com algum detalhe por eles serem parte da vossa herança psíquica. As outras duas civilizações foram, em muitos aspetos, mais bem-sucedidas, e, no entanto, o forte objetivo que existia por traz do experimento dos Lumanianos era extremamente volátil. Embora eles não fossem capazes de resolver o problema da violência como a compreenderam na vossa realidade, o desejo apaixonado que tiveram de o fazer ainda ecoa através do vosso próprio ambiente psíquico.

Devido à verdadeira natureza do "tempo," os Lumanianos ainda existem como foram nos vossos termos. Muitas vezes há vazamentos no ambiente psíquico. Estes não ocorrem por acaso, mas quando algum tipo de comunicação leva os efeitos a saltar entre sistemas que, de outra forma, pareceriam muito separados. E assim têm existido vazamentos desses entre a vossa própria civilização e a dos Lumanianos.

Várias religiões antigas captaram a ideia do deus cruel dos Lumanianos, por exemplo, no qual conseguiam projetar os seus conceitos de força, poder e violência, deus esse que devia protegê-los quando a não-violência os impedisse de se proteger a si próprios.

Está um vazamento está agora a ser formado, por assim dizer, por meio do qual os conceitos multidimensionais de arte e comunicação dos Lumanianos serão vislumbrados pelo vosso povo, mas em forma rudimentar.

Por causa da natureza das probabilidades, há também, evidentemente, um sistema de realidade no qual os Lumanianos foram bem-sucedidos no seu experimento com a não-violência, e em que um tipo completamente diferente de ser humano emergiu.

Tudo isto poderá parecer-lhes muito estranho, simplesmente por os vossos conceitos de existência serem tão específicos e limitativos. Ideias de realidades prováveis e de homens e deuses prováveis podem soar-lhes muito absurdas; entretanto, ao lerem este livro são apenas um dos vossos Eu prováveis.

Outros aspetos vossos prováveis não o considerariam real, é claro, e alguns poderiam questionar a sua existência, indignados. Não obstante, o sistema provável de realidade não é apenas uma questão filosófica. Se estiverem interessados na natureza da vossa própria realidade, ela tornar-se-á numa questão muito pessoal e pertinente.

Como as diversas qualidades dos Lumanianos ainda se acham presentes na vossa atmosfera psíquica, e como as suas cidades ainda coexistem em áreas terrestres que agora clamam como vossas, também outras identidades prováveis coexistem com as identidades que vocês agora dizem ser vossa.

SISTEMAS, HOMENS E DEUSES PROVÁVEIS

Capítulo 16

Na vossa vida diária, em qualquer momento do vosso tempo, vocês dispõem de uma escolha variada de ações, algumas triviais e outras da máxima importância. Vocês podem, por exemplo, espirrar ou não espirrar, tossir ou deixar de tossir, ir até a janela ou até à porta, coçar o cotovelo, salvar uma criança de afogamento, aprender uma lição, cometer suicídio, prejudicar outra pessoa ou transformar o vosso rosto. Parece-lhes que a realidade seja composta por aquelas ações que vocês optam por realizar. Aquelas que vocês decidirem negar são ignoradas.

A via por que não optam parece-lhes, nesse caso, um não-ato, ainda assim, todo pensamento é atualizado e toda possibilidade explorada. A realidade física é construída a partir do que parece ser uma série de atos físicos. Já que esse é o critério usual de realidade para vós, então atos não físicos geralmente escapam à vossa atenção, discrição, e discernimento.

Vamos dar um exemplo. Vocês estão a ler este livro e o telefone toca. Um amigo quer que vocês se encontrem com ele às cinco horas. Vocês consideram. Na vossa mente vocês vêem-se (A) a dizer que não e a ficar em casa, (B) a dizer que não e a ir para outro lugar em vez disso, ou (C) a dizer que sim e a manter o compromisso. Agora, todas essas ações possíveis têm uma realidade nessa altura. Todas elas são capazes de ser atualizadas em termos materiais. Antes de tomarem a vossa decisão, cada uma dessas ações prováveis é igualmente válida. Vocês escolhem uma delas e, com essa decisão, vocês farão uma das três coisas materiais. Esse evento é devidamente aceite como parte dos acontecimentos em série que compõem a vossa existência normal.

As outras ações prováveis, no entanto, são tão válidas quanto sempre foram, embora vocês não tenham optado por as atualizar materialmente. Elas são realizadas de modo tão efetivo quanto aquela que vocês optaram por aceitar. Se tivesse havido uma forte carga emocional por trás de uma das ações prováveis rejeitadas, poderiam até ter maior validade enquanto ato do que aquela que vocês escolheram.

Todas as ações começam por ser atos mentais. Essa é a natureza da realidade. Isso não pode ser devidamente enfatizado. Todos os atos mentais, são, pois, válidos. Eles existem e não podem ser negados. Como não os aceitam a todos como eventos materiais, vocês não percebem a sua resistência ou durabilidade. Entretanto, a vossa falta de perceção não pode destruir-lhes a validade. Se vocês tiverem querido ser médico e agora estiverem numa profissão diferente, então em outra realidade provável vocês serão médico. Se vocês tiverem capacidades que não estejam a usar aqui, elas estarão a ser usadas em outro lugar.

Bem, uma vez mais, estas ideias podem parecer incrivelmente profícuas para a vossa cognição por causa da propensão que têm para o pensamento em série e atitudes tridimensionais. Bem, estes factos não negam a validade da alma, mas contribuem para ela de forma incomensurável. A propósito, a alma pode ser descrita como um ato infinito, multidimensional, em que cada probabilidade por mínima que seja é trazida para algum lugar na realidade e existência; um infinito ato criativo que cria para si próprio dimensões infinitas nas quais a realização se torna possível. A trama da vossa própria existência é simplesmente tal que o intelecto tridimensional não consegue contemplar. Esses *eus* prováveis, no entanto, são uma parte da vossa identidade ou alma, e se estiverem incontactáveis, será apenas porque vocês se concentrarem nos eventos físicos e os aceitarem como critérios da realidade.

De qualquer ponto da vossa existência, no entanto, vocês podem vislumbrar outras realidades prováveis, e sentir as reverberações de ações prováveis subjacentes àquelas decisões que tomam. Algumas pessoas têm conseguido isso espontaneamente, muitas vezes no estado de sonho. Aí, os pressupostos rígidos da consciência normal de vigília muitas vezes desaparecem, e vocês podem dar por vós a exercer aquelas atividades que fisicamente rejeitaram, sem nunca perceber que vocês perscrutaram uma existência provável (vossa).

Se existem eus individuais prováveis , então é claro que existem terras prováveis, todas a enveredar por caminhos que vocês não adotaram. Começando com um ato de imaginação no estado de vigília, por vezes vocês podem seguir por um curto percurso no "caminho que não foi tomado."

Voltemos ao nosso homem ao telefone, conforme mencionado anteriormente. Digamos que ele diz ao amigo que ele não vai. Ao mesmo tempo, se ele imaginar que escolheu outra alternativa e concordar com o compromisso, então ele poderá experimentar uma súbita brecha nas dimensões. Se ele tiver sorte e as circunstâncias forem favoráveis, ele pode de repente sentir a plena validade da sua aceitação tão forte como se a tivesse optado materialmente. Antes que ele perceba o que está a acontecer, ele pode realmente sentir-se a deixar a casa e a embarcar naquelas ações prováveis que fisicamente ele optou por não realizar.

De momento, porém, toda a experiência se precipita sobre ele. A imaginação vai abrir-lhe a porta e dar-lhe a liberdade de perceber, mas a alucinação não será envolvida. Este é um exercício simples que pode ser tentado em quase todas as circunstâncias, embora a solitude ou isolamento seja importante. Tal experimento não os levará muito longe, porém, e o *eu* provável que optou pela ação que vocês negaram, é, a muitos títulos importantes, bastante diferente do *eu* que vocês conhecem. Cada ato mental abre uma nova dimensão de atualidade. De certo modo, o mais pequeno pensamento que têm dá origem a mundos. Esta não é uma afirmação metafísica insípida. Precisa despertar dentro de vós o mais forte sentimento de criatividade e especulação. É impossível a qualquer um ser estéril, a qualquer ideia morrer, ou a qualquer habilidade ficar por realizar.

Assim, pois, cada sistema provável da realidade cria outros sistemas similares, e qualquer ato realizado, produz um número infinito de atos "não realizados" que também desembocarão numa atualização. Agora todos os sistemas de realidade se encontram em aberto. As divisões entre eles são decididas arbitrariamente por uma questão de conveniência, mas todos existem em simultâneo, e cada qual se apoia e soma ao outro. Assim, aquilo que vocês fazem também se reflete em alguma medida na experiência dos vossos *eus* prováveis, e vice-versa. Na medida em que vocês estiverem abertos e recetivos, vocês podem beneficiar-se muito com as diversas experiências dos vossos *eus* prováveis, e podem ganhar com os seus conhecimentos e capacidades.

De forma bastante espontânea, mais uma vez, vocês costumam fazer isso no estado de sonho, e muitas vezes o que lhes parece ser uma inspiração é um pensamento experimentado, mas não realizado, por parte de um outro *eu*. Vocês sintonizam-no e atualizam-no ao invés, entendem? As ideias que vocês entretiveram e não atualizaram podem ser captadas da mesma maneira por outro *eu* provável vosso. Cada um desses *eus* prováveis considera-se o verdadeiro *eu*, claro está, e para qualquer deles vocês seriam um eu provável; mas através dos sentidos interiores, todos vocês estão cientes da parte que desempenham nessa gestalt. A alma não é um produto acabado.

Na verdade, nem tampouco um produto, nesses termos, mas um processo de transformação. Tudo o que existe não é sequer um produto, seja acabado ou não. Existem deuses prováveis tal como existem homens prováveis; mas esses deuses prováveis são todos parte do que vocês podem chamar de alma, ou a identidade de Tudo o Que Existe; do mesmo modo que os vossos *eus* prováveis são todos uma porção da vossa alma ou entidade.

As dimensões de realidade possíveis a Tudo o Que Existe, é claro, excedem em muito aquelas que atualmente se encontram ao vosso dispor. Por assim dizer, vocês criam muitos deuses prováveis através dos vossos próprios pensamentos e desejos. Eles tornam-se entidades psíquicas bastante independentes, validade em outros níveis da existência. Esse Tudo o Que Existe está ciente não apenas da vossa própria natureza e da natureza de toda consciência, mas também está ciente dos vossos infinitos eus prováveis. Estamos aqui a endereçar-nos rumo a questões em que as palavras perdem o sentido.

A natureza de Tudo o Que Existe só pode ser sentida diretamente através dos sentidos internos, ou, numa comunicação mais débil, através da inspiração ou da intuição. A miraculosa complexidade de tal realidade não pode ser traduzida verbalmente.

As probabilidades são uma parte sempre presente do vosso ambiente psicológico invisível. Vocês existem em meio a um sistema provável de realidade. Não é algo separado de vós. Até certo ponto, é como um mar no qual vocês têm a vossa existência atual. Vocês estão nele, e ele está em vós. Ocasionalmente, em níveis superficiais de consciência, vocês podem interrogar-se do que poderia ter acontecido se vocês tivessem tomado outras decisões além das que vocês tomaram; escolhido companheiros diferentes, por exemplo, ou fixado residência em outras partes do país. Vocês podem interrogar-se do que teria acontecido se vocês tivessem enviado uma carta importante que vocês posteriormente decidiram não enviar; e só em tais pequenas divagações chegaram a questionar a natureza das probabilidades. Mas existem relações profundas entre vós e todas as pessoas com quem vocês se relacionam e com quem vocês estiveram envolvidos na tomada de decisões profundas.

Isto não é nebuloso. São interconexões psicológicas profundas que ligam cada um de vós em particular numa estrutura telepática, embora isso possa situar-se abaixo da consciência normal. As relações físicas não realizadas que podiam ter ocorrido, mas não ocorreram, são trabalhadas em outras camadas da realidade. O ambiente invisível dentro da vossa mente não é tão solitário quanto vocês podem pensar, e o vosso aparente isolamento interior é provocado pela guarda persistente do ego. Ele não vê razão, por exemplo, para que vocês devam obter informações que não considera pertinentes à vossa atividade do dia-a-dia.

Eu não gosto do termo "avançar," mas nos vossos termos "avançar" enquanto consciência é tornar-se mais e mais ciente dessas outras materializações da vossa própria identidade. Os *eus* prováveis são para obter consciência dos outros prováveis e perceber que todos são manifestações diversificadas da verdadeira identidade.
Eles não estão "perdidos," enterrados nem negados em algum super-eu, desprovido de livre arbítrio, autodeterminação, ou individualidade. Em vez disso, a identidade é o que são dotados de total liberdade para expressar todas as ações e desenvolvimentos prováveis, tanto nesta realidade como em outras que vocês não conhecem.

Enquanto vocês se sentam a ler este livro no vosso momento atual, vocês estão posicionados no centro de uma teia cósmica de probabilidades que é afetada pela vossa mais pequena mentalidade ou ato emocional. Os vossos pensamentos e emoções, portanto, são emitidos de vós não apenas em todas as direções físicas, mas em direções que são bastante invisíveis para vós, e aparecem em dimensões que vocês atualmente não entenderiam. Agora, vocês também são recetores de outros sinais semelhantes vindo de outras probabilidades que estão conectadas ligadas às vossas, mas vocês escolhem quais

dessas ações prováveis vocês desejam tornar reais ou físicas no vosso sistema, como outros também têm liberdade de escolha nos seus sistemas.

Vocês originam ideias e acolhem-nas, mas não são forçados a atualizar atos prováveis não realizados que chegam a vós de outros eus prováveis. Agora, existe uma atração natural entre vós e outros eus prováveis, relações eletromagnéticas que têm que ver com propulsões simultâneas de energia. Com isso quero dizer energia que surge simultaneamente a vós e *eus* prováveis em outras realidades; conexões psíquicas que têm que ver com uma reação de união, simpática, emocional e uma conexão que aparece fortemente no estado de sonho.

Nesse estado, com as funções do ego um tanto acalmadas, resulta uma comunicação considerável entre as diversas partes de toda a identidade. Em sonhos vocês podem ter vislumbres de caminhos prováveis que vocês poderiam ter tomado. Vocês podem pensar que sejam fantasia, mas em vez disso, vocês podem estar a perceber uma imagem legítima dos eventos que ocorrem dentro de outro sistema de probabilidades. Contudo, um acontecimento pode ser realizado por mais de um *eu* provável, e vocês assemelham-se a alguns *eus* prováveis mais do que a outros. Por vocês estarem envolvidos numa intrincada gestalt psicológica como esta, e por as conexões mencionadas anteriormente existirem, vocês podem-se valer até certo ponto das vossas habilidades e conhecimentos possuídos por essas outras porções prováveis da vossa personalidade.

As conexões contribuem bastante para "infiltrações" constantes. Uma vez que vocês tenham consciência do sistema provável, no entanto, vocês também aprenderão a ficar alerta para o que chamarei aqui "impulsos intrusivos benignos." Esses impulsos parecem estar desconectados dos vossos próprios interesses ou atividades atuais; intrusivos porque acedem rapidamente à consciência, com uma sensação de estranheza como se eles não fossem vossos. Muitas vezes, eles podem oferecer pistas de vários tipos. Vocês podem não saber absolutamente nada sobre música, por exemplo, e uma tarde, enquanto se encontram no meio de alguma atividade mundana, ser atingidos por um impulso repentino de comprar um violino.

Esse impulso pode ser uma indicação de que outra parte provável da vossa identidade é dotada nesse instrumento. Eu não estou a dizer para vocês irem a correr comprar um, contudo, vocês podem agir por impulso, na medida do razoável possível — alugar um violino, simplesmente familiarizar-se com concertos de violino, etc. Vocês aprenderiam a tocar o instrumento muito mais rápido, entendem, se o impulso tivesse origem num eu provável. Preciso não será dizer que *eus* prováveis existem no vosso "futuro," bem como no vosso passado. É uma política muito ruim insistir negativamente em aspetos desagradáveis do passado que vocês conhecem, porque algumas partes do *eu* provável ainda podem estar envolvidas nesse passado. A concentração pode permitir uma maior infiltração e uma identificação adversa, porque essa parte será uma experiência que vocês têm em comum com quaisquer *eus* prováveis que tenham surgido dessa fonte particular.

Permanecer na possibilidade de doença ou desastre é política igualmente ruim, por vocês definirem teias negativas de probabilidades que não precisam ocorrer. Vocês podem, teoricamente, alterar o vosso próprio passado como vocês o conhecem, pois o tempo não é algo que esteja mais divorciado de vós do que as probabilidades.

O passado existiu de múltiplas maneiras. Vocês só experimentaram um passado provável. Mudando esse passado na vossa mente, agora, no vosso presente, vocês podem mudar não apenas a sua natureza, mas o seu efeito, e não apenas em vós, mas nos outros. Finjam que um acontecimento específico ocorreu e que os perturbou muito. Na vossa mente imaginem-no não simplesmente eliminado, mas substituído por outro evento de natureza mais benéfica. Bem, isso precisa ser feito com enorme vivacidade e validade emocional, e múltiplas vezes. Não é enganar-vos a vós próprios. O acontecimento que vocês escolherem será automaticamente um acontecimento provável, que de facto aconteceu, embora não seja o acontecimento que vocês escolheram para perceber num dado passado provável vosso. Telepaticamente, se o processo for feito corretamente, a vossa ideia também irá afetar qualquer pessoa que tiver estado ligada ao acontecimento original, embora possa optar por rejeitar, bem como aceitar a vossa versão.

Este não um manual de técnicas, pelo que não vou aprofundar este método particular, mas apenas mencioná-lo aqui. Lembrem-se, contudo, que da forma mais legítima por que muitos eventos que não são fisicamente percebidos ou experimentados são tão válidos quanto aqueles que são, e são tão reais no contexto do vosso próprio ambiente psicológico invisível. Existem nos vossos termos, pois, acontecimentos futuros prováveis ilimitados para os quais vocês agora estão a estabelecer bases. A natureza dos pensamentos e sentimentos a que vocês dão origem e aqueles que vocês recebem habitualmente ou de forma característica estabelecem um padrão, de modo que vocês vão escolher desses futuros prováveis aqueles eventos que se transformarão fisicamente na vossa experiência.

Por haver "infiltrações" e interconexões, é-lhes possível sintonizar um "evento futuro," de uma natureza, digamos, desafortunada, um evento para o qual estiverem a dirigir-se se continuarem no vosso curso atual. Um sonho sobre isso, por exemplo, pode assusta-los tanto que evitem o evento e não o experimentem. Nesse caso, esse sonho é uma mensagem de um eu provável que experimentou o evento. Assim também uma criança pode, num sonho, receber tais comunicações de um *eu* futuro provável, de tal natureza que a sua vida é inteiramente mudada. Toda a identidade está a sê-lo agora. Todas as divisões são meras ilusões, pelo que um *eu* provável pode estender a mão e ajudar outro, e através dessas comunicações internas os diversos *eus* prováveis, nos vossos termos, começam a compreender a natureza da sua identidade.

Bem, isso leva a outras aventuras em que civilizações inteiras podem ser envolvidas, pois tal como os indivíduos têm os seus destinos prováveis, o mesmo acontece com as civilizações, nações e sistemas planetários habitados. A vossa terra histórica, como vocês a

conhecem, desenvolveu-se por muitas maneiras diferentes, e existe uma conexão profundamente inconsciente que une todas essas manifestações. À sua maneira, até mesmo os átomos e as moléculas retêm um conhecimento das formas por que elas passaram, e assim os indivíduos que compõem qualquer civilização contêm profundamente dentro de si o conhecimento interno de experimentos e testes, sucessos e fracassos, nos quais as raças também estiveram envolvidas em outros níveis de realidade. Em algumas realidades prováveis, o Cristianismo como vocês o conhecem não floresceu. Em outras, os machos não dominaram. Em outras, a composição da matéria física simplesmente seguiu linhas diferentes. Agora, todas essas probabilidades pairam ao vosso redor, por assim dizer, e eu descrevo-as tão fielmente quanto possível, mas preciso relatá-las com conceitos com os quais vocês estejam um pouco familiarizados. Até certo ponto, pois, a "verdade" deve ser vasculhadas por entre os próprios padrões conceituais para que vocês possam chegar a compreendê-los.

Basta dizer que vocês estão cercados por outras influências e eventos. Algumas delas vocês percebem na vossa realidade tridimensional. Vocês aceitam-nos como reais sem perceber que elas são apenas partes de outros eventos. Onde a vossa visão falha, vocês pensam a realidade cessou, então vocês mais uma vez precisam treinar olhar entre os eventos, entre os objetos, dentro de vós próprios quando não parecem estar a fazer nada. Tenham cuidado com os eventos que parecem não fazer sentido, pois muitas vezes são pistas para eventos invisíveis maiores. A natureza da matéria em si não é compreendida. Vocês percebem-na em certos "estágios."

Empregando os vossos termos agora e falando da forma o mais simples possível, existem outras formas de matéria além daquelas que vocês veem. Essas formas são bastante reais e vivas, bastante "físicas," para aqueles que reagem a essa esfera particular de atividade. Em termos de probabilidades, pois, vocês escolhem certos atos, transformam-nos inconscientemente em eventos físicos ou objetos, e então percebem-nos. Mas aqueles eventos não escolhidos também saem de vós e são projetados nessas outras formas. Agora, o comportamento de átomos e moléculas está envolvido nisso, pois, mais uma vez, eles estão presentes apenas dentro do vosso universo durante certas fases. A sua atividade é percebida apenas durante o intervalo de ritmos vibratórios particulares. Quando os vossos cientistas os examinam, por exemplo, eles não examinam a natureza, digamos, de um átomo. Eles apenas exploram as características de um átomo conforme ele atua ou se mostra no vosso sistema. A sua realidade maior escapa-lhes por completo.

Vocês entendem a existência de espectros de luz. Assim também existem espectros de matéria. O vosso sistema de realidade física não é denso em comparação com alguns outros. As dimensões que vocês emprestam à matéria física mal começam a sugerir a diversidade de dimensões possível.

Alguns sistemas são muito mais pesados ou mais leves que o vosso, embora isso possa não envolver peso nos termos com que vocês estão familiarizados. Ações prováveis emergem,

pois, em sistemas de matéria tão válidos e tão consistentes quanto os vossos. Vocês estão acostumados a entreter pensamentos de linha única, pelo que vocês pensam em eventos que vocês conhecem como coisas ou ações completas, sem perceber que o que vocês percebem é apenas uma fração de toda a sua existência multidimensional.

Em termos mais vastos, é impossível separar um evento físico de eventos prováveis, pois todas essas são dimensões de uma ação. É basicamente impossível separar o *"eu"* que vocês conhecem do *eu* provável de que não têm conhecimento, pelas mesmas razões. Contudo, sempre há caminhos internos, que conduzem por entre eventos prováveis; uma vez que todos eles são manifestações de um ato no seu devir, então as dimensões existentes entre eles são ilusões.

O cérebro físico sozinho não consegue captar essas conexões com grande sucesso.
A mente, que é a contraparte interna do cérebro, pode por vezes perceber as dimensões mais vastas de qualquer evento por meio de uma explosão de intuição repentina ou compreensão que não pode ser adequadamente descrita num nível verbal. Como já disse várias vezes, o tempo, como vocês o pensam, não existe, contudo nos vossos termos, a verdadeira natureza do tempo poderia ser entendida se a natureza básica do átomo fosse dada a conhecer. De certa forma, um átomo pode ser comparado a um microssegundo.
Parece que um átomo "existe" continuamente durante um certo período de tempo. Em vez disso, ele comporta-se de forma intermitente, por assim dizer. Ele flutua num padrão e ritmo altamente previsíveis. Pode ser percebido dentro do osso sistema apenas em certos pontos dessa flutuação, pelo que parece aos cientistas que o átomo esteja constantemente presente. Eles não têm consciência de nenhuma lacuna de ausência no que diz respeito ao átomo.

Nesses períodos de projeção não física, os períodos de flutuação, os átomos "aparecem" em outro sistema de realidade. Nesse sistema, eles são percebidos como pontos de flutuação "presentes," e nesse sistema os átomos também aparecem constantes. Existem muitos desses pontos de flutuação, mas o vosso sistema, é claro, não tem consciência deles, nem das ações supremas, universos e sistemas que existem dentro deles.

Ora bem, o mesmo tipo de comportamento ocorre num ambiente, básico, secreto profundo e num nível psicológico inexplorado. A consciência fisicamente orientada, respondendo a uma fase de a atividade do átomo, ganha vida e desperta para a sua existência particular, mas pelo meio há outras flutuações nas quais a consciência está focada em sistemas inteiramente diferentes de realidade; cada um deles desperto e a reagir, e cada qual sem a sensação de ausência, e memória apenas daquelas flutuações particulares às quais reage.

Na verdade, essas flutuações são simultâneas. Parecer-lhes-ia como se houvesse lacunas entre as flutuações, e a descrição que empreguei é a melhor para os nossos propósitos; mas os sistemas prováveis existem todos simultaneamente e, basicamente, seguindo esta discussão, o átomo está em todos esses outros sistemas ao mesmo tempo.

Bem, temos falado em termos de pulsões ou flutuações fantasticamente rápidas, então suave e "curtas" que vocês não percebem. Mas também há flutuações "mais lentas," "mais vastas," "mais longas" do vosso lado da escala. Elas afetam sistemas de existência inteiramente diferentes de qualquer um intimamente conectado com o vosso.

A experiência de tais tipos de consciência é-lhes altamente estranha a vós. Uma tal flutuação pode levar vários milhares de anos, por exemplo. Esses vários milhares de anos seriam experimentados, digamos, como um segundo do vosso tempo, com os eventos a ocorrer dentro dele, percebidos simplesmente como um "período presente."

Agora, a consciência de tais seres também conteria a consciência de grandes quantidades de eus e sistemas prováveis, vivenciados de forma bastante vívida e clara como múltiplos presentes. Essa multiplicidade de presentes pode ser alterada em qualquer quantidade real de pontos infinitos; o infinito não existe em termos de uma linha indefinida, mas em termos de inúmeras probabilidades e combinações possíveis a brotar de cada ato de consciência.

Tais seres, com os seus múltiplos presentes, podem ou não estar cientes do vosso sistema particular. O presente múltiplo deles pode ou não incluí-lo. Vocês podem fazer parte do seu presente múltiplo, mesmo sem que tenham consciência disso. Em termos muito mais limitados as vossas realidades prováveis constituem múltiplos presentes. A imagem, a título de analogia, de um olho dentro de um olho dentro de um outro olho, repetido de forma interminável, pode ser útil aqui.

O PROBABILIDADES, A NATUREZA DO BEM E DO MAL E O SIMBOLISMO RELIGIOSO

Capítulo 17

A doutrina cristã fala da ascensão de Cristo, implicando, naturalmente, uma subida vertical aos céus, e o desenvolvimento da alma é frequentemente discutido em termos de direção. Progredir é, supostamente, ascender, enquanto o horror do castigo religioso, o inferno, é visto como estando no fundo de todas as coisas.

O desenvolvimento, portanto, é considerado numa única direção linear, segundo os termos cristãos. Raramente, por exemplo, se pensa nele em termos horizontais. A ideia de evolução, no seu sentido popular, promoveu essa teoria, segundo a qual, através de uma progressão gradual numa direção linear, o homem teria surgido do macaco. Cristo podia muito bem ter desaparecido de lado.

A realidade interior da mensagem foi contada em termos que o homem, na época, podia compreender, de acordo com os seus pressupostos fundamentais. O desenvolvimento

desenrola-se em todas as direções. A alma não está a subir uma série de degraus, cada um representando um novo e mais elevado ponto de desenvolvimento.

Em vez disso, a alma está no centro de si mesma, explorando, expandindo as suas capacidades em todas as direções ao mesmo tempo, envolvida em questões de criatividade, cada uma delas profundamente legítima. O sistema provável da realidade abre-te a natureza da alma. Isso deveria mudar consideravelmente as ideias atuais da religião. Por esta razão, a natureza do bem e do mal é uma questão altamente importante.

Por um lado, de forma bastante simples e de uma maneira que ainda não consegues compreender, o mal não existe. Contudo, és obviamente confrontado com aquilo que parecem ser efeitos bastante malignos. Já foi dito muitas vezes que, se existe um Deus, então deve haver um Diabo — ou se há bem, deve haver mal. Isso é como dizer que, porque uma maçã tem um topo, deve ter um fundo — sem perceber que ambos são partes da mesma maçã.

Voltemos aos fundamentos: tu crias a realidade através dos teus sentimentos, pensamentos e ações mentais. Alguns destes são materializados fisicamente, outros são concretizados em sistemas prováveis. É-te apresentada uma série interminável de escolhas, aparentemente a qualquer momento, algumas mais ou menos favoráveis do que outras.

Deves compreender que cada ato mental é uma realidade pela qual és responsável. É para isso que estás neste sistema particular de realidade. Enquanto acreditares, por exemplo, num diabo, acabarás por criar um suficientemente real para ti — e para os outros que também o continuam a criar.

Devido à energia que lhe é dada por outras pessoas, ele terá uma certa consciência própria, mas tal demónio ilusório não tem poder nem realidade para aqueles que não acreditam na sua existência e que não lhe dão energia através da sua crença. Ele é, em outras palavras, uma alucinação suprema. Como já foi mencionado, aqueles que acreditam no inferno e se atribuem a ele através da sua crença, podem de facto vivê-lo — mas certamente não de forma eterna. Nenhuma alma é ignorante para sempre.

Agora, aqueles que mantêm tais crenças carecem, na verdade, de uma confiança profunda na natureza da consciência, da alma e de Tudo O Que É. Concentram-se não naquilo que consideram ser o poder do bem, mas sim, com medo, naquilo que pensam ser o poder do mal. A alucinação é criada, portanto, a partir do medo e da limitação. A ideia do diabo é apenas a projeção coletiva de certos medos — coletiva porque é produzida por muitas pessoas, mas também limitada, pois sempre houve aqueles que rejeitaram esse princípio.

Algumas religiões muito antigas compreendiam a natureza alucinatória do conceito de diabo, mas mesmo nos tempos egípcios, as ideias mais simples e distorcidas tornaram-se prevalentes, especialmente entre as massas. De certa forma, os homens desses tempos não conseguiam conceber um deus sem conceber também um diabo.

As tempestades, por exemplo, são acontecimentos naturais altamente criativos, embora também possam causar destruição. O homem primitivo via apenas a destruição. Alguns, intuitivamente, entendiam que quaisquer efeitos são criativos, apesar das aparências, mas poucos conseguiam convencer os seus semelhantes.

O contraste entre luz e escuridão apresenta-nos a mesma imagem. O bem era associado à luz, porque os homens se sentiam mais seguros durante o dia. O mal, portanto, era associado à noite. Dentro da massa de distorções, contudo, escondida sob a doutrina, havia sempre um indício da criatividade básica de todos os efeitos.

Assim, não há demónios à espera para levar ninguém, a não ser que os cries tu próprio, caso em que o poder reside em ti e não nos demónios ilusórios. A Crucificação e o drama a ela associado faziam sentido dentro da tua realidade da época. Surgiram no mundo da realidade física a partir da realidade interior de onde também brotam as tuas mais profundas intuições e perceções.

A humanidade gerou os acontecimentos que melhor transmitiriam, em termos físicos, este conhecimento não físico mais profundo sobre a indestrutibilidade da alma. Esse drama específico não faria sentido noutros sistemas com pressupostos fundamentais diferentes dos teus.

O simbolismo da ascensão ou da descida, ou da luz e da escuridão, seria insignificante noutras realidades com mecanismos percetivos distintos. Embora as tuas religiões estejam construídas em torno de um núcleo duradouro de verdade, o simbolismo utilizado foi criteriosamente escolhido pelo eu interior, em linha com o conhecimento que este tem dos pressupostos fundamentais que consideras válidos no universo físico. Outras informações, como as recebidas em sonhos, por exemplo, também te são dadas com esse simbolismo, em termos gerais. O simbolismo em si, no entanto, foi apenas um recurso usado pelo eu interior. Não pertence, intrinsecamente, à realidade interior.

Muitos sistemas prováveis possuem mecanismos percetivos bastante diferentes dos teus. De facto, alguns baseiam-se em formas de consciência completamente alheias à tua. Sem te dares conta, o teu ego é o resultado de uma consciência coletiva, por exemplo; a consciência que mais diretamente encara o mundo exterior depende da consciência diminuta que reside em cada célula viva do teu corpo; e, regra geral, estás consciente apenas de um ego — pelo menos de cada vez.

Nalguns sistemas, o "indivíduo" está plenamente consciente de possuir mais do que um ego, nos teus termos. A organização psicológica global é, de certa forma, mais rica do que a tua. Um Cristo que não tivesse consciência disso não apareceria num sistema desses, percebes? Existem tipos de perceção com os quais não estás familiarizado, mundos onde a tua ideia de luz não existe, onde quase infinitas gradações de qualidades térmicas são absorvidas em termos de sensação, e não de luz.

Em nenhum desses mundos o drama de Cristo poderia surgir como surgiu no teu. O mesmo se aplica a cada uma das tuas grandes religiões, embora, como já disse anteriormente, os budistas se aproximem mais, em termos gerais, de uma descrição da natureza da realidade. No entanto, não compreenderam a validade eterna da alma em termos da sua invulnerabilidade sublime, nem conseguiram manter um sentimento pela sua natureza única. Mas Buda, tal como Cristo, interpretou o que quase sabia em termos da tua realidade. Não apenas da tua realidade física, mas também da tua realidade física provável.

Os métodos, os métodos secretos por detrás de todas as religiões, destinavam-se a conduzir o homem a um domínio de compreensão que existia para além dos símbolos e das histórias, a compreensões interiores que o levassem tanto para dentro como para fora do mundo físico que conhecia. Existem ainda muitos manuscritos não descobertos, de antigos mosteiros — particularmente em Espanha — que falam de grupos secretos dentro das ordens religiosas que mantiveram vivos esses segredos quando outros monges copiavam antigos manuscritos em latim.

Houve tribos, em África e na Austrália, que nunca aprenderam a escrever e que também conheciam esses segredos, e homens chamados "Oradores" que os memorizavam e os transmitiam para norte, mesmo por toda a Europa, antes da época de Cristo. A tarefa, por si só, podia levar cinco anos, pois havia várias versões, e um grupo de líderes, cada um seguindo uma direção diferente, que ensinavam os seus povos. O mundo estava muito mais preparado para o Cristianismo do que se pensa, devido a esses grupos. As ideias já estavam "enterradas" por toda a Europa.

Muitos conceitos importantes, no entanto, perderam-se. A ênfase estava nos métodos práticos de viver — de forma bastante simples — regras que pudessem ser compreendidas, mas cujas razões foram esquecidas.

Os Druidas obtiveram alguns dos seus conceitos através dos Oradores. O mesmo aconteceu com os Egípcios. Os Oradores existiram antes do surgimento de qualquer religião que conheças, e as religiões dos Oradores surgiram espontaneamente em várias zonas dispersas, alastrando depois como fogo a partir do coração de África e da Austrália. Existiu também um grupo separado numa região onde, mais tarde, viveriam os Astecas — embora a massa terrestre fosse algo diferente na altura, e algumas das grutas mais baixas ficassem, por vezes, submersas.

Vários grupos de Oradores continuaram ao longo dos séculos. Por terem sido treinados com tanto rigor, as mensagens mantiveram a sua autenticidade. Contudo, acreditavam que era errado fixar palavras por escrito, e por isso não as registavam. Utilizavam também símbolos naturais da terra, mas compreendiam claramente o seu propósito. Os Oradores, individualmente, já existiam no período da Idade da Pedra e eram líderes. As suas capacidades ajudaram os homens das cavernas a sobreviver. No entanto, havia pouca comunicação física entre os diversos Oradores, e alguns desconheciam a existência dos outros.

A sua mensagem era o mais "pura" e sem distorções possível. No entanto, foi por essa razão que, ao longo dos séculos, muitos que a ouviram a traduziram em parábolas e contos. Fortes partes das escrituras judaicas transportam ainda vestígios da mensagem desses primeiros Oradores, embora mesmo aí as distorções a tenham encoberto.

Dado que a consciência forma a matéria — e não o contrário — então o pensamento existe antes e depois do cérebro. Uma criança consegue pensar de forma coerente antes de aprender vocabulário, mas não consegue expressar-se no universo físico nesses termos. Assim, esse conhecimento interior sempre esteve disponível, mas está destinado a manifestar-se fisicamente — literalmente a tornar-se carne. Os Oradores foram os primeiros a imprimir esse conhecimento interior no sistema físico, a torná-lo conhecido no mundo material. Por vezes, apenas um ou dois Oradores estavam vivos ao longo de vários séculos. Outras vezes, havia muitos. Eles olhavam à sua volta e sabiam que o mundo surgia da sua realidade interior. E contavam isso aos outros. Sabiam que os objetos naturais aparentemente sólidos à sua volta eram compostos por inúmeras consciências diminutas.

Compreendiam que, através da sua própria criatividade, davam forma à ideia transformando-a em matéria, e que a própria matéria era consciente e viva. Estavam profundamente familiarizados com a ligação natural que existia entre si e o ambiente, e sabiam que podiam alterar o ambiente através dos seus próprios atos.

De um modo geral, uma vez Orador, sempre Orador, nos teus termos. Em algumas encarnações, as suas capacidades poderiam ser usadas de forma tão intensa que todos os outros aspetos da personalidade ficavam em segundo plano. Noutras, essas capacidades podiam ser usadas com timidez. Os Oradores possuem uma extraordinária vivacidade emocional e uma projeção intensa do pensamento. Conseguem impressionar os outros com grande profundidade através das suas comunicações. Conseguem passar com facilidade da realidade interior para a exterior. Sabem instintivamente como utilizar o simbolismo. São altamente criativos a um nível inconsciente, formando constantemente estruturas psíquicas sob a consciência normal, que podem ser usadas tanto por eles próprios como por outros em estados de sonho e transe. Frequentemente, surgem aos outros em sonhos, ajudando os sonhadores a manipular a realidade interior. Criam imagens com as quais os sonhadores conseguem relacionar-se, imagens que podem ser usadas como pontes e depois como portais para tipos de consciência mais distantes da tua.

O simbolismo dos deuses, como a ideia dos deuses no Olimpo, por exemplo, ou o ponto de passagem no rio Estige — esse tipo de fenómeno foi originado pelos Oradores. Os simbolismos e estruturas da religião, portanto, tinham de existir não só no mundo físico, mas também no inconsciente. Fora do teu próprio enquadramento, casas ou habitações não são necessárias, mas em encontros durante o transe ou nos sonhos com outras realidades, tais estruturas surgem frequentemente. São transformações de dados em termos que façam sentido para ti.

Após a morte, por exemplo, um indivíduo pode continuar a criar essas estruturas — e massas de indivíduos também — até que percebam que essas estruturas já não são necessárias. Os Oradores não estavam, por isso, confinados à consciência desperta. Em todas as épocas, cumpriram os seus deveres tanto no estado de vigília como durante o sono. Na verdade, muita da informação mais pertinente era memorizada por aprendizes durante o estado de sonho e transmitida da mesma forma. Esses manuscritos não escritos eram, por assim dizer, ilustrados por viagens oníricas ou explorações a outros tipos de realidade. Essa formação ainda hoje continua. A estrutura psíquica ou narrativa pode variar. Por exemplo, imagens convencionais do Deus cristão e dos santos podem ser utilizadas pelos Oradores, tudo isto com grande intensidade. O sonhador pode encontrar-se então num harém magnífico, ou num campo ou céu intensamente iluminado. Alguns Oradores restringem as suas capacidades ao estado de sonho e, quando despertos, estão largamente inconscientes das suas próprias habilidades ou experiências.

Ora, é sem sentido chamar a esses sonhos ou lugares oníricos "alucinações", pois são representações de realidades "objetivas" definidas que ainda não consegues perceber na sua forma original. A religião egípcia foi, em grande parte, baseada no trabalho dos Oradores, e o seu treino era levado muito a sério. No entanto, as manifestações exteriores apresentadas às massas tornaram-se tão distorcidas que a unidade original da religião acabou por se degradar.

Contudo, tentavam então mapear a realidade interior de formas que não voltaram a ser tentadas desde então. É verdade que no estado de sonho, e em outros níveis de existência próximos do teu, há uma grande liberdade individual na criação de imagens e um uso magnífico do simbolismo — mas tudo isso ocorre, mais uma vez, num ambiente "objetivo" e definido, um campo de atividade com as suas próprias regras. Os Oradores conhecem essas regras e muitas vezes atuam como guias. Por vezes trabalharam dentro de organizações, como no Egipto, onde atuaram através dos templos e se envolveram com as estruturas de poder. Regra geral, no entanto, são muito mais solitários.

Dado o carácter simultâneo do tempo, os Oradores falam, naturalmente, a todas as tuas épocas em simultâneo através das suas diversas manifestações. Por vezes, também servem de mediadores, apresentando, por exemplo, duas encarnações de uma mesma personalidade uma à outra.

As regras da realidade física ditam que os objetos parecem ser estacionários e permanentes. As regras de outras realidades, contudo, são frequentemente muito diferentes. A natureza das atividades mentais segue linhas distintas, e a "continuidade" em termos temporais não existe. A organização percetiva ocorre através de diferentes agrupamentos psicológicos. Vistas de fora, essas realidades pareceriam sem sentido, mesmo que as conseguisses perceber. Não serias capaz de identificar os pontos de viragem à volta dos quais as ações ocorrem. As regras muito definidas desses sistemas seriam, assim, completamente obscuras para ti.

Ora, os Oradores conhecem as regras de muitos sistemas. Ainda assim, a maioria desses sistemas, em termos mais amplos, está de certo modo ligada ao teu tipo de realidade. Existem infinitos universos interiores. Apenas as consciências gestalt mais desenvolvidas e elevadas conseguem ter consciência da sua totalidade. Neste contexto mais alargado, os Oradores devem ser considerados "locais". Existe algo semelhante a um mapa que traça muitos dos sistemas de realidade mais próximos, e espero um dia, nos teus termos, poder torná-lo acessível. Para isso, no entanto, Ruburt terá de ser treinado de forma mais intensa. Existem pontos de coincidência onde, sob certas condições, se pode passar de um sistema para outro. Estes não precisam de existir separadamente no espaço, tal como o conheces.

Esses pontos chamam-se pontos de coordenação, onde um disfarce da realidade se funde com outro. Alguns deles são geográficos no teu sistema, mas, em todos os casos, uma sintonia da consciência é uma condição prévia necessária. Essas entradas só podem ocorrer num estado fora-do-corpo. Cada indivíduo, nos seus sonhos, tem acesso à informação detida pelos Oradores. Existem estados adjacentes de consciência que ocorrem dentro do padrão do sono, e que não podem ser detetados pelos teus EEGs — "corredores" adjacentes pelos quais a tua consciência viaja.

Os centros mais elevados da intuição são ativados enquanto as porções da consciência orientadas fisicamente permanecem com o corpo. A parte "ausente" do eu não pode ser rastreada através de padrões cerebrais, embora o ponto de partida e o ponto de regresso possam mostrar um padrão específico. No entanto, o "intervalo" em si não é detetável, surgindo nos registos apenas o padrão que estava presente imediatamente antes da partida.

Isto acontece todas as noites durante o sono. Estão envolvidas duas áreas de atividade: uma muito passiva e outra extremamente ativa. Num dos estados, essa parte da consciência é passiva e recebe informação. No estágio seguinte, torna-se ativa e participa — os conceitos que lhe foram dados são então vividamente percebidos através da ação e de exemplos. Esta é a área mais protegida do sono. É aqui que entram as características rejuvenescedoras, e é durante este período que os Oradores atuam como professores e guias.

Essas informações são frequentemente interpretadas, no regresso, por outras camadas do eu, como a consciência do corpo e o subconsciente, onde se transformam em sonhos com significado para essas partes do ser — por exemplo, ensinamentos gerais podem ser convertidos em conselhos práticos sobre um assunto específico.

Existem várias fases muito definidas do sono, e todas elas prestam diferentes serviços à personalidade. São também sinais para diferentes níveis de consciência, de realização e de atividade. São acompanhadas por algumas variações físicas, e há também alterações relacionadas com a idade.

No próximo capítulo falarei destas em maior detalhe. Por agora, basta compreender que há passos específicos, mudanças definidas, que ocorrem à medida que a consciência se desloca da realidade exterior para a interior, e que essas mudanças não são aleatórias; que a consciência segue uma rota bastante previsível até aos seus vários destinos. Ao longo dos tempos, os Oradores ensinaram os sonhadores a manipularem-se nesses outros ambientes. Ensinaram-nos a trazer de volta informação que pudesse ser usada para benefício da personalidade presente. Consoante a intenção, o propósito atual e o nível de desenvolvimento, um indivíduo pode estar mais ou menos consciente dessas viagens. Alguns têm uma excelente recordação, por exemplo, mas frequentemente interpretam mal a experiência devido às ideias da consciência desperta.

É perfeitamente possível que um sonhador que seja Orador vá em auxílio de outro indivíduo que esteja a passar por dificuldades numa realidade interior durante o estado de sonho. A ideia de anjos da guarda, claro, está profundamente relacionada com isto. Um bom Orador é tão eficaz numa realidade como noutra, criando estruturas psíquicas tanto na realidade física como nos ambientes interiores. Muitos artistas, poetas e músicos são Oradores, traduzindo um mundo nos termos de outro, formando estruturas psíquicas que existem em ambos com grande vitalidade — estruturas que podem ser percecionadas a partir de mais do que uma realidade em simultâneo.

Também existem vários estados de consciência durante a vida desperta nos quais não te focas e dos quais normalmente não tens consciência. Cada estado conhece as suas próprias condições e está familiarizado com um tipo diferente de realidade.

"Tu", neste momento, tens uma consciência centrada numa só perspetiva, no sentido em que excluis da tua experiência esses outros estágios de consciência nos quais outras porções da tua identidade total estão profundamente envolvidas. Esses outros estados criam as suas próprias realidades, tal como tu crias a tua. Essas realidades são, por isso, produtos da própria consciência. Se pudesses tomar consciência delas, poderiam parecer-te outros lugares, em vez de domínios ou campos de diferentes tipos de atividade. Se explorares esses domínios, serás forçado a percecioná-los com os pressupostos fundamentais do teu próprio sistema, traduzindo, por exemplo, sensações de calor e conforto em imagens de abrigos acolhedores, ou sentimentos de medo em imagens de demónios.

Por vezes, mesmo na vida desperta, uma personalidade pode "mudar de marcha" espontaneamente e encontrar-se, durante um segundo ou alguns momentos, dentro de outro desses domínios. Ocorre normalmente alguma desorientação. Há quem o faça deliberadamente, com treino, mas muitas vezes não se apercebem de que estão a interpretar essas experiências com os valores da sua consciência “de origem”.

Nada disto é tão esotérico quanto parece. Quase todos já tiveram experiências bizarras com a consciência e sabem, intuitivamente, que a sua experiência maior não se limita à realidade física. A maioria dos sonhos são como postais animados trazidos de uma viagem

da qual regressaste e da qual já esqueceste grande parte. A tua consciência já está novamente orientada para a realidade física; o sonho é uma tentativa de traduzir a experiência mais profunda em formas reconhecíveis. As imagens dentro do sonho são também altamente codificadas e são sinais de acontecimentos subjacentes que, na sua essência, não são decifráveis.

Os Oradores ajudam-te na formação de sonhos que são verdadeiras produções artísticas multidimensionais — sonhos que existem em mais do que uma realidade, com efeitos que atravessam diversos níveis de consciência que são reais, nos teus termos, tanto para os vivos como para os mortos, e nos quais ambos podem participar. É por essa razão que inspirações e revelações são frequentemente parte do estado de sonho.

Separado do foco físico, estás em melhor posição para ouvir os Oradores, traduzir os seus ensinamentos, praticar a criação de imagens e ser guiado em métodos para manter a saúde do corpo físico. Nas zonas mais protegidas do sono, as aparentes barreiras entre muitas camadas de realidade desaparecem. Tens consciência, por exemplo, de algumas realidades prováveis. Escolhes que ações prováveis desejas concretizar no teu sistema. Segues outras ações prováveis durante o estado de sonho. Fazes isso individualmente, mas também o fazes em massa, a nível nacional e global.

A consciência, em diferentes níveis ou fases, perceciona diferentes tipos de eventos. Para percecionar alguns deles, só tens de aprender a mudar o foco da tua atenção de um nível para outro. Há pequenas alterações químicas e eletromagnéticas que acompanham esses estágios de consciência, assim como certas mudanças físicas no próprio corpo, na produção hormonal e na atividade da glândula pineal.

Normalmente, passas do estado de vigília para o sono sem te dares conta das várias condições de consciência pelas quais passas, mas há várias. Primeiro, claro, com diferentes graus de espontaneidade, há o desvio da consciência para longe dos dados físicos, das preocupações e ansiedades do dia. Depois surge um nível indiferenciado entre a vigília e o sono, onde atuas como recetor — passivo mas aberto, e onde mensagens telepáticas e clarividentes te chegam com facilidade.

A tua consciência pode parecer flutuar. Há sensações físicas variadas, às vezes de crescimento, outras de queda. Ambas são características de momentos em que quase te apercebes de ti mesmo, quase ficas consciente dessa zona indiferenciada, e então traduzes algumas dessas experiências em termos físicos. A sensação de expansão, por exemplo, é uma interpretação física da expansão psíquica. A sensação de queda é uma tradução do retorno súbito da consciência ao corpo.

Esse período pode durar apenas alguns instantes, meia hora, ou pode ser retomado. É uma fase de consciência acolhedora, de suporte e de expansão. Sugestões dadas durante este tempo são altamente eficazes. A seguir a este período há um estado ativo que pode surgir — o pseudo sonhar — em que a mente se ocupa com preocupações físicas que se agarraram

às duas fases anteriores. Se forem demasiado intensas, o indivíduo pode despertar. É uma fase vívida, intensa, mas normalmente breve.

Segue-se outra camada indiferenciada, agora marcada de forma clara por vozes, conversas ou imagens, à medida que a consciência sintoniza mais firmemente outras comunicações. Vários desses estímulos podem competir pela atenção do indivíduo. Neste ponto, o corpo está bastante tranquilo. O indivíduo seguirá um ou outro desses estímulos internos para um nível mais profundo de consciência e formará, em sonhos leves, as comunicações que está a receber.

Em algum momento durante o sono, o indivíduo entra numa zona profundamente protegida, onde se encontra no limiar de outras camadas de realidade e de probabilidades. Nesse ponto, as experiências que tem escapam completamente ao contexto do tempo tal como o conheces. Pode viver anos em instantes. Depois regressa à realidade física numa fase identificada pelos teus cientistas como sono REM, onde são criadas produções oníricas orientadas fisicamente, aplicando o conhecimento adquirido. O ciclo repete-se então.

Contudo, quase os mesmos tipos de flutuações e estágios ocorrem mesmo quando estás acordado — embora estejas ainda menos consciente deles, pois o eu do ego age de forma deliberada para encobrir essas outras áreas da experiência. Os estágios específicos estão presentes sob a consciência desperta, com as mesmas variações químicas, eletromagnéticas e hormonais. Simplesmente, não estás consciente do que a tua própria consciência está a fazer. Nem sequer és capaz de acompanhar os seus movimentos durante cinco minutos seguidos. As dimensões da consciência só podem ser intuídas por quem está verdadeiramente disposto a dedicar o tempo e esforço necessários para explorar as suas realidades subjetivas. Ainda assim, intuitivamente, cada indivíduo sabe que parte da sua experiência escapa-lhe constantemente. Quando, por exemplo, não te recordas subitamente de um nome que sabes que conheces, tens, em essência, a mesma sensação — da qual estás sempre subconscientemente ciente.

O propósito dos Oradores é ajudar-te a correlacionar e a compreender esta existência multidimensional e a trazer o máximo possível dessa compreensão à tua atenção consciente. Só aprendendo a sentir, a intuir, ou a perceber intuitivamente a profundidade da tua própria experiência é que poderás vislumbrar a natureza de Tudo O Que É. Ao tomares maior consciência da forma como a tua consciência opera na vida física, podes aprender a observá-la enquanto atua nessas outras áreas menos familiares. As realidades prováveis só são "prováveis" para ti porque não tens consciência delas.

Esses estágios de consciência fazem todos parte da tua própria realidade. Um conhecimento sobre eles pode ser extremamente útil. Podes aprender a "mudar de velocidade", a distanciares-te da tua própria experiência e a examiná-la com uma perspetiva muito mais clara. Podes preparar questões ou problemas e sugerir que sejam resolvidos por ti durante o estado de sono. Podes sugerir que falarás com amigos distantes ou que transmitirás mensagens importantes que não consegues expressar verbalmente.

Podes promover reconciliações, por exemplo, noutra camada de realidade mesmo que não consigas fazê-lo nesta.

Podes direcionar a cura do teu corpo, dizendo a ti próprio que ela será realizada por ti noutro nível de consciência durante o sono. Podes pedir ajuda a um Orador, caso precises de orientação psicológica para manter a saúde. Se tens objetivos conscientes específicos e estás razoavelmente certo de que são benéficos, podes sugerir sonhos em que esses objetivos se realizam — pois os próprios sonhos acelerarão a sua manifestação física.

Agora, inconscientemente, já fazes muitas dessas coisas. Voltas atrás no tempo, por assim dizer, e "revives" um acontecimento para que tenha um desfecho diferente, ou dizes aquilo que gostarias de ter dito. O conhecimento de um estado de consciência pode ajudar-te em outros. Num leve transe, por exemplo, o significado dos símbolos de um sonho pode ser-te revelado se o pedires. Os símbolos podem então ser usados como métodos de sugestão ajustados especificamente para ti. Se descobrires, por exemplo, que uma fonte num sonho representa renovação, então, quando estiveres cansado ou deprimido, pensa numa fonte. Noutro nível de realidade, estarás a criá-la.

Nas áreas mais protegidas do sono, estás a lidar com experiências que são puro sentir ou puro saber — desligadas tanto das palavras como das imagens. Como já foi referido, essas experiências são posteriormente traduzidas em sonhos, exigindo um regresso a áreas da consciência mais familiares com os dados físicos. Aqui ocorre uma grande síntese criativa e uma enorme diversificação criativa, onde qualquer imagem onírica pode ter significado para várias camadas do eu — num nível representando uma verdade vivida, e noutros representando essa mesma verdade aplicada a diferentes áreas de experiência ou a problemas específicos. Há, portanto, uma metamorfose, onde um símbolo se transforma em muitos, e a mente consciente poderá apenas perceber um caos de imagens oníricas, já que a organização interna e a unidade permanecem parcialmente ocultas nas outras áreas de consciência onde a razão não consegue penetrar.

As áreas inconscientes e subconscientes, no entanto, estão cientes de muito mais dessa informação do que o ego, que geralmente só recebe um pequeno resíduo do material dos sonhos. Os Oradores, por isso, podem surgir nos sonhos como figuras históricas, como profetas, como velhos amigos de confiança, ou sob qualquer forma que impressione a personalidade em questão.

Na experiência original, porém, a verdadeira natureza do Orador é evidente. A produção de sonhos é uma atividade tão "sofisticada" quanto a produção da vida objetiva de um indivíduo. É apenas outra forma de viver.

Esses vários estágios de consciência e as flutuações da atividade psíquica podem também ser examinados diretamente a partir do estado de vigília. No capítulo seguinte, ser-te-á dada a oportunidade de te tornares mais consciente dessas porções sempre ativas da tua própria realidade.

VÁRIOS ESTÁGIOS DE CONSCIÊNCIA, SIMBOLISMO E ENFOQUES MÚLTIPLOS

Capítulo 18

Dentro da tua própria personalidade, todas as facetas da tua consciência convergem, quer estejas consciente disso ou não.

A consciência pode ser direcionada para muitos lados, obviamente, tanto para dentro como para fora. Estás ciente das flutuações na tua consciência normal, e uma atenção mais cuidadosa tornaria isso ainda mais claro. Expandes ou estreitas o teu foco de atenção constantemente. Podes concentrar-te num objeto quase ao ponto de excluíres tudo o resto — ao ponto de literalmente não estares consciente da sala em que te encontras.

Podes estar "consciente" e a reagir tão fortemente a um evento recordado que estás relativamente alheado dos acontecimentos presentes. Aceitas todas essas flutuações como naturais. Elas não te perturbam. Se estás absorvido num livro e momentaneamente alheado do teu ambiente imediato, não tens receio de que tudo desapareça quando voltares a focar-te. Nem durante um devaneio te preocupas com o regresso seguro ao momento presente.

Em certa medida, todos estes são pequenos exemplos da mobilidade da tua consciência e da facilidade com que pode ser usada. De certa forma, os símbolos podem ser vistos como amostras da forma como percebes em diferentes níveis de consciência. As suas formas mutáveis podem servir de sinalização. O fogo, por exemplo, é um símbolo tornado físico — um fogo real diz-te claramente que estás a perceber a realidade com a tua consciência sintonizada com o físico.

Uma imagem mental de um fogo indica automaticamente que está envolvido outro tipo de consciência. Um fogo visto mentalmente, que tem calor mas não queima destrutivamente, obviamente significa algo diferente. Todos os símbolos são tentativas de expressar sentimentos — sentimentos que nunca podem ser expressos adequadamente através da linguagem. Os símbolos representam as infinitas variações de sentimentos e, em diferentes estágios de consciência, aparecerão sob formas distintas — mas estarão sempre contigo.

Existem, contudo, algumas exceções, nas quais ocorre um puro saber ou sentir, sem necessidade de símbolos. Esses estágios de consciência são raros e dificilmente traduzíveis em termos conscientes normais.

Vamos pegar num sentimento específico e segui-lo através dos vários níveis de consciência. Tomemos a alegria como exemplo. Na consciência normal, o ambiente imediato será percebido de forma muito diferente do que seria, digamos, se o indivíduo estivesse em estado de depressão. O sentimento de alegria altera os próprios objetos, na medida em que o observador os vê sob uma luz mais brilhante. Ele cria os objetos com maior clareza e

intensidade. Em retorno, o ambiente parece reforçar essa alegria. O que vê, no entanto, ainda é físico — objetos do mundo material.

Agora imagina que ele começa a divagar e entra num devaneio. Na sua mente surgem imagens ou símbolos de objetos materiais, pessoas ou eventos — talvez do passado, do presente ou de imaginações futuras — a alegria agora a ser expressa com maior liberdade, mas através de símbolos.

A alegria estende-se, por assim dizer, para o futuro, lança a sua luz sobre o passado e pode abranger áreas muito mais vastas do que aquelas que seriam possíveis em termos físicos naquele momento. Imagina agora que este indivíduo, saindo do devaneio, entra num estado de transe ou num sono profundo. Poderá ver imagens que, para ele, simbolizam fortemente a alegria ou o entusiasmo. Logicamente, pode não haver ligação entre elas, mas intuitivamente as conexões são claras. Ele entra agora nas suas experiências mentais de forma mais profunda do que no devaneio, podendo viver episódios de sonho onde consegue expressar essa alegria e partilhá-la com outros.

Continua ainda a lidar com símbolos orientados fisicamente. Prosseguindo com este exemplo, ele pode formar imagens de cidades ou pessoas oníricas de natureza muito alegre, traduzindo a emoção em símbolos que para ele fazem sentido. A exuberância pode surgir como animais a brincar, pessoas a voar, ou paisagens de grande beleza. Mais uma vez, as ligações lógicas podem faltar, mas o episódio inteiro estará unificado por essa emoção.

Enquanto tudo isso ocorre, o corpo físico beneficia enormemente, pois os sentimentos benéficos renovam e restauram automaticamente as suas capacidades regenerativas. Essa alegria pode então conduzir a imagens de Cristo, de Buda ou dos profetas. Estes símbolos representam as mudanças de cenário típicas da consciência em vários estágios. As experiências devem ser vistas como criações — atos criativos nativos da consciência em todos os seus níveis.

Para além disso, há estados em que os próprios símbolos começam a desvanecer, tornam-se indistintos, distantes. Aqui começa-se a entrar em regiões da consciência onde os símbolos se tornam cada vez menos necessários — um território quase deserto. As representações aparecem e desaparecem até desaparecerem por completo. A consciência torna-se cada vez menos orientada para o físico. Neste estágio, a alma encontra-se a sós com os seus próprios sentimentos, despida de simbolismos e representações, e começa a percecionar a realidade gigantesca do seu próprio saber.

Sente a experiência direta. Se usarmos a alegria como exemplo, todos os símbolos e imagens mentais dela desapareceriam. Eles surgiram da alegria, mas não eram a experiência original — eram seus subprodutos. A alma começa então a explorar a realidade dessa alegria em termos praticamente indescritíveis, e com isso aprende formas de perceção, expressão e concretização que antes lhe seriam completamente incompreensíveis.

Os objetos físicos são os teus símbolos mais óbvios — e exatamente por isso não percebes que são símbolos. Em diferentes níveis, a consciência trabalha com diferentes tipos de símbolos. Os símbolos são um método de expressão da realidade interior. Trabalhando numa direção, a alma, usando a sua consciência, expressa a realidade interior através de tantos símbolos quanto possível — através de simbolismo vivo e em constante mudança. Cada símbolo, por sua vez, é, até certo ponto, consciente, individual e ciente.

Dessa forma, a alma cria continuamente novas variedades de realidade interior para explorar. Trabalhando na direção oposta, por assim dizer, a alma liberta-se de todos os símbolos e representações e, usando a consciência de forma diferente, aprende a explorar a sua própria experiência direta. Sem símbolos a interpor-se entre ela e a experiência, aperfeiçoa-se numa espécie de realização de valor que, de momento, só podes compreender simbolicamente.

Agora, esses esforços continuam tanto no estado de vigília como durante o sono. Uma vez que estejas consciente destas atividades, torna-se possível apanhares-te em vários estágios de consciência e até seguires o teu próprio progresso — especialmente através dos estados de sonho. O teu corpo é, neste momento, o teu símbolo mais íntimo — e, mais uma vez, o mais óbvio.

Usarás a ideia de um corpo na maioria dos estágios de consciência. Quando deixas o corpo físico em qualquer tipo de experiência fora-do-corpo, deixa-lo realmente num outro corpo que é apenas ligeiramente menos físico. Esse, por sua vez, será "mais tarde" descartado por um ainda menos físico — mas a ideia de forma é um símbolo tão importante que a levas contigo em toda a literatura religiosa e nas histórias do além.

A certa altura, essa forma também desaparecerá com os outros símbolos. Houve um tempo — falando nos teus termos — antes da criação dos símbolos; um tempo tão distante da tua ideia de realidade que só nas áreas mais protegidas do sono alguma memória disso pode regressar. Parece-te que sem símbolos não haveria existência — mas essa é uma conclusão natural, já que estás tão orientado para os símbolos.

Os estágios de consciência que ocorrem após a morte continuam a lidar com símbolos, embora com muito mais liberdade e uma maior compreensão do seu significado. Mas, em estágios superiores de consciência, os símbolos já não são necessários, e a criatividade ocorre completamente sem o seu uso.

Obviamente, não podes tornar-te consciente desse estágio agora, mas podes começar a acompanhar a forma como os símbolos te surgem tanto na vida desperta como nos sonhos, e aprender a ligá-los aos sentimentos que representam. Descobrirás que certos símbolos aparecem pessoalmente para ti em vários estágios de consciência, e estes podem servir como pontos de reconhecimento nas tuas explorações. Quando Ruburt está prestes a sair do corpo a partir do estado de sonho, por exemplo, encontra-se frequentemente numa casa ou apartamento estranho que oferece oportunidades de exploração.

As casas ou apartamentos que Ruburt vê nesses estados alterados de consciência são sempre diferentes, e ainda assim funcionam sempre como um sinal de que ele atingiu um determinado ponto da consciência — um ponto de transição para outro estado. Cada pessoa possui os seus próprios símbolos, únicos, que servem o mesmo propósito. No entanto, a menos que faças um esforço consciente de autoexploração, esses marcos simbólicos não terão qualquer significado claro para ti.

Alguns destes símbolos acompanham-te durante toda a vida. Outros, em períodos de grande mudança, podem alterar-se na sua natureza, provocando uma sensação de desorientação à medida que esses símbolos inconscientemente familiares se transformam. O mesmo acontece no quotidiano. Um cão, por exemplo, pode simbolizar alegria ou liberdade para ti. Mas se testemunhares um acidente em que um cão é atropelado, esse símbolo pode passar a representar algo completamente diferente.

Isto, claro, é óbvio. Mas alterações semelhantes de símbolos podem ocorrer também nos sonhos. O acidente com o cão pode ser uma experiência vivida apenas num sonho, que mesmo assim altera a tua relação simbólica com os cães na vigília. Uma pessoa pode simbolizar o medo como um demónio, um animal hostil, ou até como um objeto perfeitamente inofensivo — mas se conheceres o significado dos teus próprios símbolos, poderás usá-los não apenas para interpretar os teus sonhos, mas também como sinalizadores do estado de consciência em que esses sonhos ocorrem.

Estes símbolos mudam, portanto, em vários estágios da consciência. Novamente, a sequência lógica pode não estar presente, mas a criação intuitiva altera os símbolos tal como um artista troca as suas cores. Todos os símbolos representam realidades interiores, e ao manipulares símbolos, estás de facto a manipular essas realidades interiores. Qualquer ação externa que realizes é antes feita no teu ambiente interior — em todos os ambientes interiores nos quais estás envolvido.

Os símbolos são partículas psíquicas altamente carregadas — o que inclui objetos físicos com fortes características de atração e expansão — representando perceções interiores e realidades que ainda não foram diretamente compreendidas. (Por "conhecimento direto", entende-se aqui a compreensão e cognição imediata, sem necessidade de simbolização.)

Assim, os símbolos, nos vários estágios da consciência, aparecem de formas distintas. Alguns procuram estabilidade e permanência, como os objetos físicos, de acordo com os pressupostos fundamentais da realidade material. Outros, como os do estado de sonho, mudam rapidamente, sendo indicadores mais imediatos e sensíveis dos sentimentos. Cada estado de consciência parece ter o seu próprio ambiente, onde estes símbolos se manifestam — tal como os objetos aparecem no ambiente físico.

No universo dos sonhos, surgem objetos mentais aparentemente instáveis. Esses símbolos seguem regras, tal como no mundo físico. Já foi dito: o universo dos sonhos é tão "objetivo"

quanto o mundo físico. Os objetos e símbolos presentes nele são representações tão fiéis da vida onírica quanto os objetos físicos o são da vida de vigília.

A natureza do símbolo, portanto, pode indicar não apenas o ambiente em que te encontras, mas também o teu estado de consciência nesse momento. Em sonhos comuns, os objetos parecem suficientemente permanentes — tomas-nos como garantidos. Continuas orientado fisicamente, projetando sobre as imagens dos sonhos os significados e simbolismos da tua vida desperta.

Noutros estados de consciência onírica, porém, uma casa pode desaparecer subitamente. Um prédio moderno pode substituir uma cabana. Uma criança pode transformar-se numa tulipa. Aqui, os símbolos comportam-se de forma muito diferente. Neste ambiente, a permanência não é um pressuposto base. A lógica linear não se aplica.

Símbolos que se comportam assim podem indicar-te que estás noutro estágio de consciência, num ambiente interior completamente distinto. A expressão de sentimentos e experiências não está limitada à estrutura rígida de objetos inseridos em momentos sequenciais. Os sentimentos são automaticamente transmutados e expressos de forma nova, móvel e imediata. A "música" da consciência, por assim dizer, é mais rápida.

A concretização da experiência não precisa de horas ou dias. A experiência está liberta do contexto temporal. Neste nível de consciência, pode escrever-se um livro inteiro ou rever-se detalhadamente o plano de vida. O teu tempo presente é apenas uma das muitas dimensões que ajudam a formar este estágio específico da consciência. O passado, presente e futuro existem nele, mas apenas como partes desse ambiente interior. É necessário aprenderes a movimentar-te nesses espaços, pois os estados de consciência e os seus ambientes expandem-se à sua própria maneira, tal como o teu mundo se expande no espaço.

Contudo, não é difícil tomares consciência de ti mesmo nesse estado, se fizeres sugestões adequadas a ti próprio antes de dormir.

Esta transmutação de símbolos também pode ser observada, até certo ponto, em vários estados da consciência desperta. Quando estás em repouso, acordado mas de olhos fechados, imagens e figuras frequentemente aparecem no teu "olho interior". Algumas parecem materializações físicas — árvores, casas, pessoas. Outras são apenas formas que mudam rapidamente, fluindo umas nas outras. Regra geral, mesmo as imagens reconhecíveis são rapidamente substituídas num caleidoscópio de formas em constante mudança.

Estas imagens podem parecer-te ilógicas e desconectadas do que estavas a pensar momentos antes, ou mesmo uma hora antes. Às vezes parecem não ter relação contigo ou parecer "não vir de ti". Mas frequentemente representam as características da consciência quando esta se desvia um pouco dos estímulos físicos. A forma dos símbolos altera-se conforme mudam os estados de consciência.

As imagens que vês nestas condições representam pensamentos e sentimentos experimentados imediatamente antes de fechares os olhos — ou aqueles que estavam em destaque na tua mente pouco antes. No instante em que os olhos se fecham, esses pensamentos e sentimentos exprimem-se através do simbolismo. Como as imagens podem parecer não ter ligação lógica com os pensamentos e sentimentos originais, não os reconheces como teus nem consegues associá-los à sua origem.

Estou a simplificar, claro. Imaginativamente tens muito mais liberdade para expressar sentimentos do que tens praticamente. Um medo sentido durante o dia — por exemplo, o receio de perder o emprego — pode ser traduzido, quando fechas os olhos, numa sequência de símbolos aparentemente sem relação direta entre si, mas todos ligados a esse mesmo medo.

Podes ver uma cova profunda no chão. Pode ser substituída por uma criança de rua, claramente pobre, de outro século. Pode surgir um caixão ou uma carteira preta a voar. Podes ver uma paisagem escura e invernal. Uma personagem de um livro antigo e esquecido pode aparecer e desaparecer. No meio disso, surgem símbolos opostos — sinais de esperança — uma flor da primavera, uma mesa cheia de comida, um fato novo, qualquer sinal de abundância que tenha significado para ti. A ideia da possível perda do emprego nem surgiria conscientemente. Pareceria esquecida.

Contudo, através do uso de símbolos, os teus sentimentos seriam plenamente expressos — cada imagem surgindo e desaparecendo em sintonia com emoções tão profundas que permanecem fora da consciência. Mesmo assim, são essas emoções que geram automaticamente as imagens. Com reflexão, poderias ligar os símbolos à sua origem emocional, mas normalmente eles passam-te ao lado.

Se te permitires ficar deitado, olhos fechados, durante mais tempo, o simbolismo continuará a mudar de natureza, podendo perder características visuais e intensificar-se noutras direções. Podes, por exemplo, sentir um cheiro desagradável (seguindo o exemplo dado), ou traduzir o medo numa sensação física inquietante — como a sensação de queda, ou de teres sido tocado por algo desconfortável.

Qualquer uma dessas alterações na natureza dos símbolos deve servir como alerta de que estás num estado alterado de consciência. Se adormeceres nesse ponto, muito provavelmente gerarás dois ou três sonhos que simbolizam o medo — sonhos nos quais considerarás e testarás possíveis soluções dentro do próprio contexto onírico. O problema do emprego pode nunca surgir diretamente nos sonhos, claro.

Mesmo assim, para o inconsciente, o problema foi lançado e entregue. Nas fases profundas e protegidas do sono, os centros mais elevados do eu interior entram em funcionamento e vêm em auxílio da parte da personalidade orientada para a tridimensionalidade. Este eu mais liberto vê a situação com muito mais clareza, sugere uma linha de ação (mas não a impõe), e transmite-a ao eu que sonha. O eu onírico, por sua vez,

constrói uma sequência de sonhos em que a solução é expressa através de uma situação simbólica.

A interpretação final, mais específica, acontece em áreas de sonho mais próximas da consciência desperta, quando os símbolos se tornam cada vez mais específicos. Existe, portanto, uma dimensão de simbolismo mais estreita: quanto mais próximo estiveres da consciência desperta, mais limitado e restrito será o símbolo. Quanto mais prático ele for numa situação física concreta, menos valor terá como símbolo característico duradouro na vida de vigília.

Em certa medida, quanto mais preciso for um símbolo, menos significado ele pode conter. No trabalho de sonho mais importante, realizado nas fases de sono profundo e protegido, os símbolos são ao mesmo tempo poderosos e condensados o suficiente para serem decompostos, utilizados em séries de sonhos aparentemente não relacionados, servindo como ligações, mantendo a força original e ainda assim aparecendo sob diferentes formas — tornando-se, em cada camada de sonho subsequente, mais específicos.

Mesmo durante o dia, a tua consciência flutua, e podes observar-te a "simbolizar" de formas diferentes, se te habituares a observar o estado da tua mente sem o tentares interpretar de imediato. Cada evento físico que viveste está armazenado na tua psique sob a forma de um conjunto definido de símbolos. Estes não representam a experiência — eles **contêm** a experiência. São o teu banco simbólico pessoal no que toca à tua vida atual.

Existe uma grande unidade entre os símbolos do teu dia e os símbolos dos teus sonhos. De forma milagrosamente compacta, muitos símbolos transportam mais do que uma experiência, evocando não apenas um acontecimento específico, mas outros semelhantes. A associação pessoal está profundamente envolvida no teu banco simbólico e atua nos estados de sonho exatamente como na vida desperta — mas com maior liberdade, e com acesso ao futuro (nos teus termos) bem como ao passado.

Portanto, no estado de sonho tens um uso simbólico mais vasto, pois tens consciência de símbolos do passado e do futuro. Estes variam em intensidade e frequentemente aparecem em conjunto. Tais símbolos multidimensionais surgem de muitas formas — não apenas de forma visual. Eles afetam não só a tua realidade física, mas todas as realidades com que estás envolvido. Por assim dizer, os símbolos que conheces são apenas a extremidade de símbolos muito mais vastos.

Quando me referi ao teu banco simbólico pessoal, queria especificar que esse banco é teu desde o nascimento — e mesmo antes disso. Ele contém os símbolos das tuas existências passadas (nos teus termos), e a esta vida adicionas novos. No entanto, esse banco simbólico deve ser **ativado**. Por exemplo, tens imagens visuais internas ao nascer, símbolos que são ativados no momento em que abres os olhos pela primeira vez. Estes servem como mecanismos de aprendizagem. Continuas a tentar usar os olhos corretamente até que as

imagens exteriores coincidam com os padrões interiores. Isto é extremamente importante — e ainda não compreendido pelos teus cientistas.

Abrir os olhos ativa o mecanismo interior. Se existir um problema físico, como cegueira, esse mecanismo específico não é ativado nesse momento. A personalidade pode ter escolhido nascer cega por motivos próprios. Se esses motivos mudarem, ou se houver desenvolvimentos psíquicos internos, os olhos físicos podem ser curados e o mecanismo interior ativado. Existem infinitas variações de comportamento neste sentido. Os bancos simbólicos interiores funcionam como uma conta de levantamento — latente, a menos que escolhas utilizá-los. Pensas antes de aprender a linguagem, como mencionei antes, mas já tens à tua disposição, no plano psíquico, experiências de vidas passadas para te orientarem.

Quem nasce duas vezes seguidas na mesma nacionalidade aprende a falar mais rapidamente na segunda vez. Alguns bebés até pensam na língua da vida anterior antes de aprenderem a nova. Tudo isto tem a ver com o uso dos símbolos. O **som** é, em si, um símbolo. Percebes que, a partir de um ponto de silêncio, o som começa e se intensifica. O que não percebes é que, a partir desse mesmo ponto de silêncio — o teu ponto de não-perceção — também começam sons que se tornam mais profundos, mergulhando no silêncio, mas que ainda têm significado e variedade tanto quanto os sons que conheces. Esses também são símbolos.

O pensamento não pronunciado tem um "som" que não ouves, mas que é bastante audível noutro nível de realidade e perceção. As árvores, como estão, são um som — mais uma vez, que não percebes. Nos teus sonhos, especialmente para além dos que recordas, existem áreas de consciência onde esses sons são automaticamente percebidos e **traduzidos em imagens visuais**. Eles funcionam como uma espécie de taquigrafia. Diante de certos sons, serias capaz de recriar o universo tal como o conheces — inconscientemente — e qualquer símbolo multidimensional pode conter toda a realidade que conheces.

Fisicamente, o olfato, a visão e o som combinam-se para te fornecer os principais dados sensoriais e compor os teus sentidos físicos. Noutros níveis, porém, estes são **separados**. Os odores, portanto, têm uma realidade visual — e, como sabes, os dados visuais também podem ser percebidos em termos de outros sentidos.

Os símbolos podem juntar-se ou dispersar-se, ser percebidos separadamente ou como uma unidade. Tal como cada acontecimento tem o seu símbolo característico para ti, tu também tens a tua forma única de combinar esses símbolos. Eles podem ser traduzidos e percebidos de várias formas: como uma sequência de notas, uma combinação de sentidos, uma série de imagens. Em diferentes estágios de consciência, perceberás os símbolos de formas diferentes. O **símbolo multidimensional**, na sua totalidade, tem uma realidade em outros estados de consciência, mas também **noutros níveis de realidade** completamente distintos.

Atuas como se os teus pensamentos fossem secretos, embora já devesses saber que não são. Os teus pensamentos são não apenas evidentes através da comunicação telepática, por exemplo, mas sem o teu conhecimento consciente formam também o que se pode chamar de pseudoimagens, que surgem "abaixo" da gama da matéria física tal como normalmente a percebes — ou "acima" dessa mesma gama.

É como se os teus pensamentos aparecessem noutras realidades como objetos — vivos e vitais em si mesmos, crescendo em outros sistemas tal como flores ou árvores parecem crescer a partir do nada na realidade física. Esses pensamentos tornam-se, por assim dizer, matéria-prima em certos outros sistemas. São os "dados naturais" fornecidos, a base da criatividade nas realidades que tu ajudas a semear, mas que não percebes.

Neste sentido, os teus pensamentos seguem leis. O seu comportamento segue regras e padrões que não compreendes, mesmo quando os consideras como exclusivamente teus. São então manipulados, independentemente de ti, por outros tipos de consciência — tal como fenómenos naturais em constante transformação. A consciência nativa desses sistemas não tem consciência da origem desses fenómenos, nem da tua realidade. Eles tomam como real o que os seus sentidos lhes apresentam — tal como tu também fazes. Não lhes ocorre que tal fenómeno tenha origem fora do seu próprio sistema.

Se eu dissesse algo semelhante a qualquer dos meus leitores, seria acusado de afirmar que a realidade física é composta pelos restos descartados do universo. Não estou a dizer isso, nem a sugeri-lo no exemplo mencionado. No teu sistema, tens um papel direto na formação da realidade física. Os dados naturais com que lidas resultam de pensamentos, sentimentos e emoções — individuais, coletivos e em massa — materializados. O teu sistema é, nesse aspeto, mais criativo do que os sistemas anteriormente referidos.

Por outro lado, nesses outros sistemas, está a desenvolver-se uma consciência coletiva inovadora, na qual a identidade se mantém, mas é permitido um maior intercâmbio interior entre os indivíduos. Há uma grande troca criativa de "reservatórios de símbolos", e uma utilização mais fluida de símbolos mentais e psíquicos. Por isso, esses seres reconhecem mais claramente a ligação entre as imagens criativas e os dados sensoriais. Alteram e experimentam conscientemente esses dados.

Tudo isto envolve um trabalho com símbolos de forma profundamente íntima. Em certos níveis da tua personalidade estás consciente de todos os modos como os símbolos são utilizados — não apenas no teu sistema, mas também noutros. Como já foi dito, nenhum sistema de realidade é fechado. Os teus pensamentos, imagens e sentimentos alteram os dados sensoriais noutros sistemas.

Os padrões inovadores desenvolvidos nesses sistemas podem, até certo ponto, ser percebidos no teu. Há passagens constantes entre realidades. Nos vários estágios da consciência, passas por áreas que se correlacionam com muitos desses sistemas. Alguns

desses estágios pelos quais passas são estados nativos de outras consciências. Ao atravessá-los, usas os símbolos da forma típica daquele nível.

Os símbolos devem ser fluidos, sempre em mutação. Alguns podem ser usados como moldes para conter experiências originais, podendo tornar-se, portanto, meios de engano em vez de instrumentos de revelação. Quando isso acontece, o medo está sempre presente.

O medo, quando levado a diferentes estágios de consciência, age como uma lente distorcida. Esconde as dimensões naturais de todos os símbolos, funcionando como barreira e impedimento ao fluxo livre. Símbolos de natureza explosiva funcionam como agentes libertadores, libertando o que estava contido. Sem tempestades físicas, todos enlouqueceriam.

A natureza agressiva dos símbolos é pouco compreendida, assim como a relação entre agressividade e criatividade. Estão longe de ser características opostas. Sem um impulso agressivo, os símbolos não teriam mobilidade. Existiriam num ambiente estático e permanente.

São os aspetos criativos e agressivos da consciência que permitem o uso dos símbolos, o movimento através de vários níveis de experiência — e é a natureza agressiva do pensamento que o projeta, apesar do teu conhecimento limitado, para dentro de realidades que não compreendes.

A agressividade e a passividade estão ambas presentes nos símbolos de nascimento, porque ambas são necessárias. Também estão presentes nos símbolos de morte, embora isso não seja entendido. A inércia surge quando a agressividade e a criatividade não estão nas proporções certas — quando a consciência se inclina demasiado numa direção ou noutra, quando o fluxo simbólico é demasiado rápido ou demasiado lento para o ambiente psicológico em que estás inserido.

Nesses casos, ocorrem **pausas**. Simplificando, há um momento quase inconcebível em que ocorre uma **não-realidade** — um símbolo fica suspenso entre o movimento e a imobilidade, um momento de incerteza. Isto, naturalmente, é traduzido e refletido de várias formas. Nestes períodos, certos símbolos podem desaparecer, na prática, da experiência de um indivíduo, criando lacunas de inércia.

Essas lacunas existem literalmente em muitos sistemas. Encontras-te com elas em muitos níveis. Podes viver um estado de consciência onde nada parece acontecer, onde não há paisagem psicológica nem símbolos reconhecíveis. Essas lacunas existem não apenas de forma psicológica ou psíquica, mas como zonas "vazias" em termos espaciais. Esses espaços podem, eventualmente, ser preenchidos com novos símbolos.

Se fores suficientemente atento, podes apanhar-te a atravessar estados de realidade em que nada parece existir — onde nenhum sinal de outra consciência além da tua é aparente.

Estes espaços em branco podem ser semeados com novos símbolos e são frequentemente usados como canais através dos quais ideias criativas e invenções são inseridas. Esses espaços são reconhecidos por outros e vistos como zonas escuras. Representam também áreas de não-resistência para aqueles que viajam mentalmente por realidades interiores. São áreas desimpedidas, canais abertos — inativos em si mesmos, mas passivamente à espera.

Alguns símbolos também esperam de forma passiva para serem ativados. Representam experiências futuras, nos teus termos, que estão atualmente latentes. Estes pontos de inércia, portanto, são também criativos, na medida em que novos símbolos podem emergir dentro deles — como sementes num solo fértil, prontas a germinar no momento certo.

PRESENTES ALTERNATIVOS E ENFOQUES MÚLTIPLOS

Capítulo 19

Comecemos com o estado normal de consciência desperta que conheces. Mas a um passo deste existe outro nível de consciência no qual todos vocês entram sem se aperceberem. Chamaremos a este estado "A-1". Está adjacente à vossa consciência normal, separado por uma margem muito pequena; e, no entanto, nele podem surgir efeitos bastante distintos que não se manifestam no vosso estado habitual.

Neste nível, podem ser utilizadas várias capacidades, e o momento presente pode ser vivido de diversas formas, com base nos dados físicos que já conheces. No teu estado normal, vês o corpo. Em A-1, a tua consciência pode entrar no corpo de outra pessoa e curá-lo. Da mesma forma, podes perceber o estado da tua própria imagem física. Podes, de acordo com as tuas habilidades, manipular a matéria a partir do interior de forma consciente, com lucidez e atenção.

O estado A-1 pode ser usado como uma plataforma lateral, por assim dizer, a partir da qual se observam os eventos físicos com mais clareza. Ao usá-lo, libertas-te momentaneamente das pressões do corpo e, com essa liberdade, podes agir para as aliviar. Problemas que pareciam insolúveis podem, muitas vezes, ser resolvidos – ainda que não sempre. As sugestões têm um efeito muito mais eficaz. É mais fácil formar imagens mentais, e estas têm maior mobilidade. A-1 é, portanto, um pequeno desvio – mas um desvio importante.

Pode também ser usado como o primeiro de uma série de passos que conduzem a estados de consciência mais profundos. Ou pode servir de ponto de partida para outros níveis de consciência adjacentes. Cada camada mais profunda pode também ser usada como base para alcançar níveis paralelos. A entrada em A-1 é simples. Quando ouves música de que gostas, ou quando estás envolvido numa atividade calma e agradável, consegues sentir a

diferença. Pode até vir acompanhada de sinais físicos característicos teus – talvez um bater dos dedos, um gesto específico, ou um olhar perdido para o lado esquerdo ou direito.

Esses sinais físicos podem ajudar-te a distinguir este estado da consciência predominante do dia a dia. Basta reconhecê-lo, aprender a mantê-lo, e depois experimentar o seu uso. Regra geral, ainda está orientado fisicamente, no sentido em que as capacidades estão geralmente direcionadas para a perceção interna e manipulação da matéria ou do ambiente físico. Assim, consegues perceber o momento presente a partir de múltiplas perspetivas únicas, normalmente inacessíveis.

Podes experienciar o momento tal como ele existe para o teu intestino ou para a tua mão; e com prática, sentir simultaneamente a paz e o tumulto internos que coexistem no teu corpo físico. Isto desperta uma profunda apreciação e um sentido de unidade com o material corporal vivo que te compõe fisicamente. Com prática, poderás tornar-te tão intuitivamente consciente do teu ambiente físico interno como do externo.

Com maior prática ainda, o conteúdo da tua mente tornar-se-á igualmente acessível. Verás os teus pensamentos com tanta clareza como os teus órgãos internos. Podes percebê-los simbolicamente, como por exemplo pensamentos confusos representados por ervas daninhas, que podes simplesmente remover.

Podes pedir que o conteúdo dos teus pensamentos se traduza numa imagem intensa que simbolize cada pensamento individual e o panorama mental no seu todo. Depois, podes retirar o que não gostas e substituir por imagens mais positivas. Isto não significa que esse panorama interno tenha de ser sempre solarengo, mas sim equilibrado.

Um panorama interior sombrio e carregado deve servir de alerta para que comeces a transformá-lo de imediato. Nenhuma destas conquistas está fora do alcance dos leitores, embora cada pessoa possa achar uma ou outra mais difícil. É importante também perceber que falo de forma prática. Por exemplo, podes corrigir uma condição física da forma como foi descrita. No entanto, ao examinar o panorama interno dos pensamentos, encontrarás a origem que, em primeiro lugar, causou a doença física.

Os sentimentos podem ser examinados da mesma forma. Eles surgirão de maneira diferente, com muito mais mobilidade. Os pensamentos podem aparecer como estruturas fixas – flores, árvores, casas ou paisagens. Já os sentimentos manifestam-se mais frequentemente como água em movimento, vento, clima, céus e cores a mudar. Qualquer maleita física pode, portanto, ser percebida neste estado ao olhares para dentro do corpo e descobrires o problema. Depois, ao alterares o que vês, podes encontrar-te dentro do teu corpo ou do de outra pessoa como uma miniatura muito pequena, ou como um ponto de luz, ou ainda sem forma física, mas ciente do ambiente interior.

Transformas o que precisa de ser transformado da maneira que te ocorrer: dirigindo a energia do corpo nessa direção, entrando na carne e ajustando certas partes que o

necessitam, manipulando áreas da coluna vertebral. A partir desta plataforma adjacente da consciência A-1, percebes os padrões mentais teus ou da outra pessoa da forma que te for mais natural. Podes ver os pensamentos como frases rápidas a piscar, como letras negras a formar palavras, ou ouvi-los ser expressos. Podes também visualizar o tal "panorama" em que os pensamentos formam uma imagem simbólica.

Isso mostrar-te-á como os pensamentos originaram a doença física e quais estiveram envolvidos. Deves então fazer o mesmo com o padrão emocional. Este pode manifestar-se como rajadas de cores escuras ou claras em movimento, ou um sentimento em particular pode ser vivido com grande intensidade. Se for muito forte, um só sentimento pode surgir sob várias formas. Tanto no caso dos pensamentos como das emoções, com confiança, retiras aqueles que estão ligados à doença. Desta forma, fizeste ajustes em três níveis.

A-1 pode também servir como uma poderosa estrutura para criatividade, concentração, estudo, descanso, recuperação e meditação. Podes criar a tua própria imagem deste estado para te ajudar – imaginando-o como uma sala, uma paisagem agradável ou uma plataforma. Espontaneamente, encontrarás o teu símbolo para este estado.

Este estado pode também ser um passo para o próximo nível de consciência, conduzindo a uma condição de transe mais profunda – ainda assim relacionada com o sistema de realidade que conheces.

Ou pode ser usado como passo para um nível de consciência adjacente, dois passos afastado da realidade normal. Neste caso, não levará a uma análise mais profunda do momento presente, mas antes a uma consciência e reconhecimento daquilo a que chamarei momentos presentes alternativos.

Estarás a afastar-te lateralmente do presente que conheces. Isto conduz a explorações, mencionadas anteriormente neste livro, no campo das probabilidades. Este estado pode ser extremamente vantajoso quando estás a tentar resolver problemas ligados ao futuro, decisões que influenciarão o futuro, e quaisquer questões em que seja necessário tomar decisões importantes.

Neste estado, és capaz de experimentar várias decisões alternativas e alguns dos seus resultados prováveis – não de forma imaginária, mas de maneira bastante prática.

Essas probabilidades são realidades, independentemente da decisão que tomes. Por exemplo, imagina que tens três opções e precisas de escolher uma. Usando este estado, segues a primeira escolha. O presente alternativo é o momento em que fazes essa escolha. Uma vez feita, o presente altera-se, e consegues perceber com clareza como ele muda e que ações e eventos surgirão dessa alteração no futuro correspondente àquele presente alternativo.

Fazes o mesmo com cada uma das outras opções, tudo a partir da estrutura desse estado de consciência. O método é o mesmo em cada caso. Tomada a decisão, tomas consciência, da forma que escolheres, dos efeitos físicos dentro do teu corpo. Entras no corpo tal como descrevi antes, para fins de cura. Com grande sensibilidade, consegues ver que efeito físico a decisão terá – se o estado do corpo se mantém, se há uma grande sensação de saúde, ou o início de grandes dificuldades.

Do mesmo modo, exploras os aspetos mentais e emocionais, e depois voltas a tua atenção "para fora", em direção ao ambiente que resulta deste presente alternativo. Mentalmente, os acontecimentos apresentar-se-ão a ti. Podes vivê-los de forma intensa, ou simplesmente observá-los. Podem tornar-se tão vívidos que momentaneamente te esqueças de ti próprio, mas se mantiveres o contacto com este nível de consciência, isso acontecerá raramente. Regra geral, estás muito ciente do que estás a fazer.

Dependendo da situação, podes fazer o mesmo para perceber o efeito dessa decisão em outras pessoas, especificamente. Depois, regressas à consciência normal, passando novamente pelo estado A-1 que usaste como preparação. Após um período de descanso, regressas e fazes a segunda escolha, e depois a terceira, seguindo o mesmo processo. Então, no teu estado normal de consciência, tomas a decisão que desejares com base nas informações e experiências adquiridas.

Os nomes pouco importam. Para simplificar, chama a este nível de consciência A-1-a.

Existe um A-1-b, que ainda está adjacente a este, e parte igualmente de um presente alternativo, podendo ser usado para muitos outros propósitos.

Este não é tão acessível para a pessoa comum e lida com presentes coletivos, probabilidades em massa, questões raciais e movimentos da civilização. Seria extremamente benéfico para políticos e estadistas, podendo também ser usado para explorar passados prováveis. Seria útil, por exemplo, para estudar ruínas antigas e civilizações desaparecidas – mas apenas se fosse explorado o passado específico em que essas existiram.

O próximo nível adjacente seria o A-1-c, que é uma extensão do anterior, oferecendo maior liberdade de ação, mobilidade e experiência. Aqui, em certa medida, há participação nos eventos percebidos. Não é necessário aprofundar muito mais além deste ponto, pois normalmente não estarás envolvido com estes níveis, que conduzem a realidades com pouca ligação à tua. São estados de consciência demasiado distantes, e nas circunstâncias habituais, este é o limite até onde a tua consciência atual consegue ir nessa direção.

O primeiro estado, A-1-a, é o mais prático e acessível para ti, mas muitas vezes é necessário ter já uma boa familiaridade com o nível A-1 antes de estares disposto a dar esse passo seguinte. Contudo, oferece uma grande expansão dentro das suas limitações. Usando-o, podes descobrir, por exemplo, o que teria acontecido se "tivesse feito isto ou

aquilo". Lembra-te de que todos estes níveis são adjacentes, ou seja, expandem-se horizontalmente.

Diretamente abaixo de A-1 está A-2, que é um estado ligeiramente mais profundo, usando a analogia de cima e baixo. É menos orientado fisicamente do que o A-1. Continuas a ter excelente lucidez e consciência. Este estado pode ser usado para explorar o passado, dentro do sistema de probabilidades que conheces.

Passados reencarnacionais são acessíveis aqui, e se alguma maleita pessoal não puder ser resolvida a partir do A-1, poderás ter de recorrer ao A-2, descobrindo que teve origem noutra existência. Este estado distingue-se por um padrão de respiração mais lento e, salvo indicações em contrário, por uma temperatura corporal ligeiramente mais baixa e ondas alfa mais longas – uma frequência mais lenta.

Ainda existe relação com o ambiente, e consciência dele. Esta pode ser bloqueada intencionalmente para maior eficiência, mas não é obrigatório. Em muitos casos, os olhos podem estar abertos, embora seja mais fácil fechá-los. Aqui, a sensibilidade está intensificada. Sem necessidade de seguir os métodos do A-1, os aspetos mentais, físicos e emocionais de personalidades passadas surgirão.

Podem ser percebidos de diversas formas, dependendo das características do indivíduo que se encontra neste estado. Pode ser usado para descobrir a origem de uma ideia no passado, ou para encontrar algo que foi perdido, desde que esteja dentro do teu sistema de probabilidades.

Diretamente abaixo disto está o A-3. Aqui tens novamente uma extensão, lidando com questões de massas – movimentos de terra, a história do planeta como o conheces, o conhecimento das raças que o habitaram, a história dos animais, as camadas de gás e carvão, e das várias eras que varreram o planeta e o transformaram.

A-4 leva-te a um nível abaixo da formação da matéria, um nível em que ideias e conceitos podem ser percebidos, mesmo que as suas representações não apareçam na realidade física atual que conheces.

Deste nível vêm muitas das inspirações mais profundas. Estas ideias e conceitos, com identidade eletromagnética própria, surgem como uma "paisagem simbólica" neste estado de consciência. Isto é difícil de explicar. Os pensamentos não surgem como pseudoimagens, nem assumem qualquer materialização aparente, mas são sentidos de forma vívida, percebidos e captados por partes do cérebro – aquelas partes aparentemente "inativas" que a ciência ainda não conseguiu explicar.

Estas ideias e conceitos provêm claramente da consciência. Contudo, representam desenvolvimentos latentes que podem ou não manifestar-se na realidade física. Podem ou não ser percebidos por qualquer indivíduo. O interesse e as habilidades específicas da

personalidade envolvida terão grande influência no reconhecimento das realidades presentes neste nível de consciência.

O material disponível, no entanto, representa blocos de construção para muitos sistemas prováveis. É uma área aberta à qual muitas outras dimensões têm acesso. Frequentemente torna-se acessível em estados de sono. Inovações completas, invenções revolucionárias – tudo isso está, por assim dizer, à espera neste vasto reservatório. Conversões pessoais profundas ocorrem frequentemente a partir deste nível.

Qualquer indivíduo pode atravessar estes níveis sem se dar conta, passando por eles sem os perceber. As intenções e características gerais da personalidade determinam a qualidade da perceção e da compreensão. O material mencionado está disponível em cada um destes níveis de consciência, mas precisa de ser procurado, seja por desejo consciente ou inconsciente. Caso contrário, os dons e potenciais disponíveis permanecem inexplorados e por reclamar.

Os estados de consciência também se fundem uns nos outros, e é evidente que uso termos como "profundidade" apenas para facilitar a explicação. Começando pelo ego ou consciência desperta – o "eu exterior" focado na realidade externa – estes estados são amplos, mais parecidos com planícies a serem exploradas. Cada um, portanto, abre vastas áreas adjacentes, e existem muitos "caminhos" possíveis conforme os teus interesses e desejos.

Assim como o estado desperto habitual percebe um universo completo de dados físicos, cada um destes outros estados de consciência percebe realidades igualmente complexas, variadas e vívidas. É por isso que é tão difícil explicar as experiências possíveis dentro de qualquer um deles.

A-5 abre uma dimensão em que a consciência vital de qualquer personalidade pode, pelo menos teoricamente, ser contactada. Isto envolve comunicar não só com personalidades do passado, nos teus termos, mas também do futuro. É um nível de consciência raramente alcançado. Não é, por exemplo, o nível usado pela maioria dos médiuns. É um ponto de encontro onde personalidades de qualquer tempo, lugar ou sistema provável podem comunicar entre si de forma clara, compreendida por todos.

Como passado, presente e futuro não existem, este é um nível de comunicação cristalina entre consciências. Os envolvidos têm um conhecimento profundo das suas próprias histórias e origens, mas neste estado possuem também uma perspetiva muito mais ampla, onde os percursos individuais e históricos são vistos como partes de um todo maior e percetível.

Neste nível, mensagens literalmente atravessam os séculos, de um grande homem ou mulher para outro. O futuro fala com o passado. Os grandes artistas sempre foram capazes de comunicar neste nível e, enquanto vivos, operavam frequentemente a partir deste nível

de consciência. Apenas as partes mais exteriores das suas personalidades se submetiam às exigências do seu período histórico.

Para aqueles que alcançam este estado e o utilizam, a comunicação é mais clara. É importante compreender que esta comunicação funciona em ambas as direções. Leonardo da Vinci, por exemplo, tinha conhecimento de Picasso. Existem grandes homens e mulheres que permanecem desconhecidos. Os seus contemporâneos ignoram-nos. As suas conquistas podem ser mal compreendidas ou fisicamente perdidas, mas a este nível de consciência, eles partilham estas comunicações e, noutra dimensão da existência, os seus feitos são reconhecidos.

Não quero, no entanto, dar a entender que apenas os grandes participam nesta comunicação da consciência. É necessária uma grande simplicidade e, a partir dela, muitos dos mais humildes, nos termos dos homens, também partilham destas comunicações. Há uma conversa interminável a decorrer em todo o universo – e é profundamente significativa. Aqueles do vosso passado e do vosso futuro têm influência no vosso presente, e neste nível, os problemas já enfrentados e os que ainda virão estão a ser debatidos. Esta é a essência da comunicação. É normalmente acedida num nível profundo de sono protegido ou num estado espontâneo de transe. Uma grande energia é gerada.

A informação recebida em qualquer destes estados de consciência deve ser interpretada para a consciência desperta normal, se se quiser manter alguma memória física. Em muitos casos, a memória permanece inconsciente no que diz respeito ao eu acordado, mas as experiências podem transformar por completo a estrutura de uma vida. Caminhos desastrosos podem ser evitados através destas comunicações e iluminações interiores, quer o ego tenha consciência delas ou não.

As experiências nestes vários níveis podem ser interpretadas simbolicamente. Podem manifestar-se na forma de fantasia, ficção ou obra artística, sem que o eu consciente reconheça a sua origem. Em qualquer destes estágios de consciência, podem também ser percecionados outros fenómenos – formas-pensamento, manifestações de energia, projeções do subconsciente pessoal e do inconsciente coletivo. Qualquer um destes pode tomar forma simbólica, e parecer benéfico ou ameaçador, conforme a atitude da personalidade envolvida. Devem ser encarados como fenómenos naturais, muitas vezes neutros na sua intenção.

Frequentemente, são formas incipientes que ganham atividade por parte da personalidade que as encontra. A natureza dessa atividade será, portanto, projetada para o exterior pela personalidade sobre a materialização relativamente passiva. A pessoa que os encontra só precisa de desviar a atenção para "desativar" o fenómeno. Isto não significa que o fenómeno não seja real. A sua natureza é simplesmente de outro tipo e grau.

Possui alguma energia própria, mas precisa de energia adicional do observador para que qualquer inter-relação tenha lugar. Se tal materialização parecer ameaçadora, basta

desejares-lhe paz e retirar a tua atenção dela. Ela retira a sua principal energia ativadora do teu foco, e depende da intensidade e natureza do mesmo. Não deves levar contigo os pressupostos fundamentais da existência física quando exploras estes níveis de consciência. Livra-te de tantos quantos puderes, pois podem levar-te a interpretar mal as tuas experiências.

Existem outros níveis de consciência abaixo deste, mas aqui já há uma maior tendência para que um se funda com o outro. No próximo nível, por exemplo, é possível comunicar com vários tipos de consciência que nunca se manifestaram fisicamente, nos teus termos – personalidades que não têm realidade física no teu presente ou futuro, mas que estão ligadas ao teu sistema de realidade como guardiões e zeladores.

Quase todas as experiências deste nível serão simbolicamente representadas, pois de outra forma não teriam qualquer significado para ti. Essas experiências estarão sempre ligadas à vida não física, à consciência sem corpo e às formas, e à independência da consciência em relação à matéria. Serão sempre experiências de apoio. Experiências fora do corpo surgem frequentemente aqui, nas quais o projetor se encontra num ambiente de beleza ou grandiosidade inusitada.

A "substância" desse ambiente terá origem na mente do próprio projetor, sendo simbólica da sua ideia, por exemplo, da vida após a morte. Um Orador ou Oradores aparecerão sob a forma que for mais aceitável ao projetor – como um deus, um anjo ou um discípulo. Este é o tipo mais característico de experiência deste nível.

No entanto, consoante as capacidades e compreensão do projetor, podem ser transmitidas mensagens mais aprofundadas, podendo tornar-se evidente que os Oradores são apenas símbolos de identidades maiores. Alguns conseguirão entender as comunicações de forma mais clara. A verdadeira natureza dos Oradores não físicos poderá então ser revelada.

Projeções mais profundas nesse ambiente poderão ser então possíveis. Neste estado, vastos panoramas de passados e futuros históricos podem também ser vislumbrados. Todos estes níveis de consciência estão repletos da tapeçaria de comunicações diversas, que podem ser seguidas conforme o propósito da personalidade envolvida.

As estruturas moleculares emitem as suas próprias mensagens, e a menos que estejas sintonizado para as percecionar, poderás interpretá-las como ruído estático ou sem sentido. Qualquer um destes níveis de consciência pode ser atravessado num piscar de olhos, sem que dele se tenha consciência; ou, pelo contrário, podes passar uma vida inteira a explorá-lo.

Podes ter várias experiências válidas no nível quatro, por exemplo, sem qualquer consciência dos três primeiros. Os estágios existem para aqueles que sabem o que são e como os usar. Muitos encontram espontaneamente o seu próprio caminho. Os outros níveis

adjacentes na linha horizontal envolvem-te em várias realidades alternativas, cada uma mais distante da tua. Muitas destas envolvem sistemas em que vida e morte, tal como as conheces, não ocorrem, onde o tempo é sentido como peso; sistemas onde os pressupostos fundamentais são tão diferentes dos teus que só poderias aceitar as experiências como fantasia.

Por essa razão, é muito menos provável que viajes nessas direções. Em alguns casos, existem obstáculos naturais. Por exemplo, projetar-te do teu universo para um universo de antimatéria é extremamente difícil. A própria constituição eletromagnética dos teus pensamentos seria afetada negativamente – e, no entanto, teoricamente é possível a partir de um destes níveis de consciência adjacentes.

Frequentemente, visitas essas áreas da consciência durante o sono, caindo nelas espontaneamente, e acordando de manhã com um sonho "fantástico". A consciência deve utilizar todas as suas partes e atividades, tal como o corpo o faz. Assim, durante o sono, a tua consciência volta-se para muitas dessas direções, percecionando frequentemente, de forma involuntária, fragmentos de realidades que estão disponíveis em diferentes estágios. Isto também acontece, em certa medida, abaixo do teu foco físico habitual, mesmo enquanto realizas atividades diárias.

Os presentes alternativos de que falei não são apenas formas diferentes de perceber um único presente objetivo. Existem muitos presentes alternativos, e tu estás focado apenas num deles. Quando deixas a tua atenção divagar, podes muitas vezes cair momentaneamente num estado em que percebes vislumbres de outro presente alternativo. O Eu total, a alma, conhece a sua realidade em todos esses sistemas, e tu, como parte dela, estás a trabalhar para alcançar esse mesmo estado de autoconsciência e desenvolvimento.

Quando estiveres mais preparado, não serás arrastado inconscientemente para outros estados de consciência durante o sono, mas serás capaz de compreender e dirigir essas atividades. A consciência é um atributo da alma, uma ferramenta que pode ser orientada em muitas direções. Tu não és a tua consciência. Ela é algo que te pertence, a ti e à alma. Estás a aprender a usá-la. À medida que entendes e utilizas os vários aspetos da consciência, aprenderás a compreender a tua própria realidade, e o eu consciente tornar-se-á verdadeiramente consciente.

Serás capaz de perceber a realidade física porque queres, sabendo que é apenas uma entre muitas. Não serás forçado a percebê-la isoladamente, por ignorância.

Os vários níveis de consciência aqui discutidos podem parecer muito afastados dos estados normais de vigília. As divisões são bastante arbitrárias. Estes vários estágios representam diferentes atributos e direções inerentes à tua própria alma; pistas e indícios deles, sombras e reflexos, surgem mesmo na consciência que conheces. Mesmo a consciência desperta normal não está totalmente alheia a todas as outras formas de existência, nem está desprovida de outros tipos de perceção. Apenas porque normalmente

usas a tua consciência desperta de forma limitada, é que não encontras estas pistas com regularidade.

Elas estão sempre presentes. Segui-las pode dar-te alguma noção dessas outras direções e níveis de que temos falado. Muitas vezes, por exemplo, símbolos ou imagens aparentemente sem ligação podem surgir na tua mente. Normalmente, ignoras essas impressões. Mas, se em vez disso as reconheceres e lhes prestares atenção, poderás segui-las até vários outros níveis – pelo menos até A-1 e A-2 – com relativa facilidade.

Esses símbolos ou imagens podem mudar à medida que avanças, de tal forma que não percebes qualquer semelhança entre, por exemplo, a imagem inicial e a seguinte. A ligação, contudo, pode ser altamente intuitiva, associativa e criativa. Muitas vezes, bastam alguns momentos de reflexão posterior para compreenderes por que razão uma imagem se transformou noutra. Uma única imagem pode, de repente, abrir-se para revelar uma paisagem mental inteira – mas nada disso acontecerá se não reconheceres as primeiras pistas, que se encontram logo abaixo da tua perceção consciente, quase transparentes, se estiveres disposto a olhar.

O foco alternado é apenas um estado em que voltas a tua consciência noutra direção que não a habitual, de forma a percecionar realidades legítimas que existem simultaneamente com a tua. Para percecionar qualquer realidade que não esteja voltada praticamente para a forma material, tens de alterar a tua perceção. É algo semelhante a olhar com o canto do olho – ou da mente – em vez de olhar diretamente.

Usando o foco alternado, com prática é possível percecionar as diferentes formações físicas que ocuparam qualquer dado espaço, ou que virão a ocupá-lo no teu entendimento. Em alguns estados de sonho, podes visitar um local específico e depois vê-lo tal como era há três séculos ou como será daqui a cinco anos – e não compreender o significado do sonho. Parece-te que o espaço só pode ser ocupado por um objeto de cada vez, que um tem de sair para o outro entrar.

Mas isso é apenas uma limitação da tua forma habitual de perceção. No foco alternado, podes libertar-te dos pressupostos fundamentais que normalmente orientam e limitam a tua perceção. Podes afastar-te do momento como o conheces, e regressar a ele e encontrá-lo ainda lá. A consciência apenas finge sujeitar-se à ideia de tempo. Em outros níveis, ela diverte-se a brincar com esses conceitos e a percecionar uma grande unidade a partir de acontecimentos que ocorrem fora de um contexto temporal – misturando, por exemplo, eventos de vários séculos, encontrando harmonia e pontos de contacto ao examinar tanto ambientes históricos como privados, retirando-os da estrutura do tempo.

Mais uma vez, fazes isso até mesmo durante o sono. Se não o fazes no estado de vigília, é porque mantiveste a tua consciência demasiado controlada.

Como mencionado anteriormente neste livro, embora a tua consciência desperta normal te pareça contínua e raramente sintas "vazios", ela oscila muito. Em grande medida, tem memória apenas de si mesma e das suas próprias perceções. No estado de consciência normal, parece que não existem outros tipos de consciência, nem outras áreas ou níveis. Quando encontra "espaços em branco" e regressa, elimina qualquer consciência de que houve uma falha momentânea.

Esquece o tropeço. Não pode estar ciente de outros tipos de consciência enquanto é ela própria – a menos que se recorra a métodos que permitam recuperar dessa amnésia. Ela salta para dentro e fora da realidade como quem joga à macaca. Por vezes ausenta-se e tu nem te apercebes. Nessas ocasiões, a tua atenção está focada noutra coisa – em pequenos sonhos ou alucinações, ou em processos de pensamento intuitivos e associativos que vão muito além do foco normal.

Durante esses intervalos, estás a percecionar outros tipos de realidade – com outro tipo de consciência, diferente da de vigília. Quando regressas, perdes o fio à meada. A consciência desperta finge que nunca houve qualquer interrupção. Isso acontece com alguma regularidade, em graus variados, entre quinze a cinquenta vezes por hora, consoante as tuas atividades.

Muitas pessoas apercebem-se desses momentos, porque a experiência é tão vívida que "salta a ponte", por assim dizer, com uma perceção tão intensa que mesmo a consciência normal a reconhece. Esses intervalos são absolutamente necessários para a consciência física. Estão entrelaçados na tua perceção com tanta subtileza e intimidade que influenciam o teu ambiente psíquico e emocional.

A consciência de vigília move-se dentro e fora desta teia infinita de suporte. A tua experiência interior é tão complexa que, verbalmente, é quase impossível de descrever. A consciência desperta, embora possua memória de si mesma, claramente não retém toda a memória o tempo todo. Diz-se que as memórias do passado recuam para o subconsciente. No entanto, essas memórias continuam intensamente vivas – e com isto quero dizer vivas e ativas – embora não estejas focado nelas.

Partes interiores da tua personalidade também têm memória de todos os teus sonhos. Estes existem simultaneamente, suspensos, por assim dizer, como luzes sobre uma cidade escura, iluminando várias partes da psique. Todos esses sistemas de memória estão interligados. Da mesma forma, tens memória das tuas vidas passadas, todas completas e a operar no teu sistema de memória total.

Durante os períodos de "vazios conscientes" ou certas oscilações, esses sistemas de memória são frequentemente percecionados. Regra geral, a mente consciente, com o seu próprio sistema de memória, não os aceita. Quando uma personalidade se apercebe de que essas outras realidades existem e de que outras experiências com a consciência são possíveis, ativa certos potenciais dentro de si. Esses potenciais alteram as ligações

eletromagnéticas no cérebro, na mente e até nos mecanismos de perceção. Juntam reservatórios de energia e criam vias de atividade que permitem à mente consciente aumentar o seu grau de sensibilidade a esses dados.

A mente consciente liberta-se de si mesma. Em grande medida, sofre uma metamorfose, assumindo funções mais amplas. Torna-se capaz de percecionar, pouco a pouco, parte do conteúdo anteriormente inacessível. Já não precisa de encarar os "espaços em branco" momentâneos com receio, como se fossem sinais de inexistência.

As flutuações mencionadas anteriormente são muitas vezes bastante subtis, mas altamente significativas. A mente consciente conhece bem o seu próprio estado flutuante. Quando é levada a confrontar-se com isso, não encontra caos ou, pior ainda, a inexistência — mas sim a fonte das suas próprias capacidades e forças. A personalidade começa então a utilizar o seu verdadeiro potencial.

Períodos de devaneio e momentos criativos de consciência representam excelentes portas de entrada para essas outras áreas. No estado criativo comum, a consciência de vigília é subitamente sustentada por energia proveniente dessas outras regiões. A consciência de vigília por si só não te proporciona o estado criativo. Na verdade, a consciência normal pode recear tanto os estados criativos como os "vazios", pois pode sentir que o "eu" está a ser posto de lado, sentindo a subida de uma energia que não compreende.

É precisamente nos pontos mais baixos dessas flutuações que tais experiências têm origem, pois a consciência normal encontra-se momentaneamente num estado mais fraco e numa fase de repouso. Todo o organismo físico passa por essas flutuações normais, que, mais uma vez, passam geralmente despercebidas. Estes períodos seguem também ritmos próprios da personalidade. Em alguns casos, as ondas de movimento são relativamente longas e lentas, com vales suaves; noutros, o oposto é verdadeiro.

Com certas pessoas, os lapsos são mais percetíveis e fogem à norma. Se essa condição não for compreendida, a personalidade pode ter dificuldade em relacionar-se com os acontecimentos físicos. Se for capaz de perceber as outras áreas da consciência, pode encontrar ainda mais dificuldade — por não compreender que ambos os sistemas de realidade são válidos.

Estas flutuações seguem também mudanças sazonais. Os eventos de qualquer camada de consciência refletem-se em todas as outras áreas, sendo atualizados consoante as características da camada em questão. Tal como um sonho é como uma pedra atirada ao lago da consciência onírica, também qualquer ato se reflete nesse "lago" à sua própria maneira. O foco alternado permite-te percecionar as múltiplas manifestações de qualquer ato, a verdadeira realidade multidimensional de um pensamento. Enriquece a consciência normal.

Estás ativo nestas outras camadas, quer tenhas consciência disso ou não. Aprendes não só na vida física e no estado de sonho, mas também nessas existências interiores das quais não tens memória. Capacidades criativas específicas, ou habilidades de cura, são muitas vezes treinadas dessa forma, emergindo depois na realidade física.

Os teus pensamentos e ações futuras são tão reais nessas dimensões como se já tivessem ocorrido, e fazem parte do teu desenvolvimento. És moldado não só pelo teu passado, mas também pelo teu futuro, e pelas existências alternativas. Essas grandes interações fazem parte da estrutura da tua alma. Podes, portanto, alterar a realidade presente, tal como a entendes, a partir de qualquer uma dessas outras camadas de consciência.

Qualquer uma dessas camadas pode ser usada como a consciência principal de ação, vendo-se a realidade a partir desse ponto de vista específico.

A realidade física, portanto, é vislumbrada por outros tipos de personalidades noutros sistemas, a partir das suas perspetivas únicas. Vendo-a desse ângulo, por assim dizer, não a reconhecerias como sendo o teu sistema de origem. A partir de algumas dessas perspetivas, a tua matéria física tem pouca ou nenhuma permanência, enquanto para outras, os teus próprios pensamentos têm forma e estrutura, sendo percecionados por observadores — mas não por ti.

Ao viajarem pelos estados de consciência, essas outras personalidades tentariam alcançar um foco e percecionar o teu ambiente, tentando dar sentido a dados com os quais não estão familiarizadas. Como muitas delas desconhecem a tua ideia de tempo, achariam difícil compreender que percecionas os acontecimentos com intervalos entre si, e não perceberiam a organização interior que impões ao teu ambiente normal. O teu sistema é, obviamente, um sistema provável para outros campos que também são tocados pelo campo das probabilidades.

Tal como esses sistemas são adjacentes ao teu, também o teu é adjacente a eles. O foco alternado permite, portanto, a personalidades de outras realidades percecionarem a tua — assim como, pelo menos em teoria, te permite vislumbrar a existência delas.

PERGUNTAS E RESPOSTAS

Capítulo 20

Existem realizações internas que estão sempre presentes no ser total. Há compreensão do significado de toda a existência dentro de cada personalidade. O conhecimento da existência multidimensional não está apenas em pano de fundo da tua atividade consciente atual, mas cada homem sabe, no fundo de si mesmo, que a sua vida consciente depende de uma dimensão maior da realidade. Esta dimensão maior não pode ser materializada num

sistema tridimensional, mas o seu conhecimento irradia do âmago do ser, sendo projetado para fora e transformando tudo o que toca.

Essa irradiação confere a certos elementos do mundo físico um brilho e uma intensidade muito superiores ao habitual. Aqueles que são tocados por ela são transformados, nos teus termos, em algo mais do que eram. Este conhecimento interior procura encontrar o seu lugar no cenário físico, traduzir-se em termos materiais. Cada homem, então, possui este saber interior dentro de si, e, de alguma forma, também procura a sua confirmação no mundo exterior.

O mundo exterior é um reflexo do interior, embora esteja longe de ser perfeito. Esse conhecimento interior pode ser comparado a um livro sobre a terra natal que um viajante leva consigo para um país estranho. Cada homem nasce com o anseio de tornar estas verdades reais para si mesmo, embora veja uma grande diferença entre elas e o ambiente em que vive.

Cada indivíduo vive um drama interno, um drama psíquico que acaba por ser projetado com grande força sobre o campo da história. O nascimento de grandes acontecimentos religiosos emerge desse drama interior. O drama em si é, de certa forma, um fenómeno psicológico, pois cada eu fisicamente orientado sente-se lançado sozinho num ambiente estranho, sem saber a sua origem, destino, ou sequer a razão da sua existência.

Este é o dilema do ego, especialmente nas suas fases iniciais. Olha para fora em busca de respostas, porque essa é a sua natureza: manipular dentro da realidade física. No entanto, também sente uma ligação profunda e permanente com outras partes do eu que não estão sob o seu domínio. Tem consciência de que esse eu interior possui um conhecimento sobre o qual a sua própria existência assenta.

À medida que cresce, nos teus termos, o ego procura na exterior confirmação para esse saber interior. O eu interior sustenta o ego com o seu apoio. Transforma as suas verdades em dados orientados para o físico, com os quais o ego pode lidar. Depois, projeta esses dados para a realidade física. Ao ver estas verdades materializadas, o ego encontra maior facilidade em aceitá-las.

Assim, lidamos frequentemente com eventos em que indivíduos são tocados por uma grande iluminação, isolados da maioria da humanidade e dotados de grandes poderes — períodos da história que parecem quase sobrenaturalmente brilhantes em contraste com outros: profetas, génios e reis representados em proporções mais que humanas.

Esses indivíduos são escolhidos por outros para manifestar exteriormente as verdades interiores que todos conhecem intuitivamente. Há aqui muitos níveis de significado. Por um lado, tais indivíduos recebem as suas capacidades e poderes “sobrenaturais” dos seus semelhantes, contêm-nos, e exibem-nos no mundo físico para que todos vejam. Desempenham o papel do eu interior abençoado, que, na realidade, não pode operar na

realidade física sem estar encarnado. Essa energia, contudo, é uma projeção válida do eu interior.

A personalidade assim tocada por essa energia torna-se, em certos termos, aquilo que aparenta ser. Surgirá como um herói eterno no drama religioso externo, assim como o eu interior é o herói eterno do drama religioso interno.

Esta projeção mística é uma atividade contínua. Quando a força de uma grande religião começa a diminuir e os seus efeitos físicos se esbatem, o drama interior volta a ganhar vigor. As mais altas aspirações do ser humano são, assim, projetadas na história física. Os dramas em si diferem entre si. Lembra-te: são construídos primeiro internamente.

São moldados para impressionar as condições mundiais de cada época, e, portanto, expressos em símbolos e eventos que mais impacto causarão nas populações. Isto é feito com grande perícia, pois o eu interior sabe exatamente o que impressionará o ego, e que tipos de personalidades melhor personificarão a mensagem em cada momento. Quando uma dessas personalidades surge na história, é reconhecida intuitivamente, pois o caminho já foi preparado há muito, e em muitos casos as profecias anunciando essa chegada já tinham sido dadas.

Os indivíduos assim escolhidos não surgem entre vós por acaso. Não são escolhidos ao acaso. São almas que assumiram a responsabilidade por esse papel. Após o nascimento, estão conscientes, em graus variados, do seu destino, e certas experiências-chave podem, por vezes, despertar-lhes a memória por completo.

Servem claramente como representantes humanos de Tudo O Que É. E, como cada um de vós é uma parte de Tudo O Que É, cada um serve, de certa forma, esse mesmo papel. No entanto, num drama religioso deste tipo, a personagem principal está muito mais consciente do seu conhecimento interior, mais ciente das suas capacidades, mais apta a usá-las e profundamente familiarizada com a sua ligação a toda a vida.

Ideias como o bem e o mal, deuses e demónios, salvação e condenação, são meramente símbolos de valores religiosos mais profundos — valores cósmicos, se quiseres — que não podem ser traduzidos em termos físicos.

Essas ideias tornam-se os temas condutores dos dramas religiosos de que falei. Os atores podem "regressar" repetidamente, em papéis diferentes. Em qualquer drama religioso histórico, portanto, os atores podem já ter surgido antes na cena histórica — o profeta de hoje podendo ter sido o traidor do drama passado.

Estas entidades psíquicas são reais. É verdade dizer que a sua realidade consiste não só no núcleo da sua identidade, mas é também reforçada pelos pensamentos e sentimentos projetados pela audiência terrena para quem o drama é representado.

A identificação psíquica ou psicológica é de enorme importância aqui e está, na verdade, no coração de todos esses dramas. De certo modo, pode dizer-se que o homem se identifica com os deuses que ele próprio criou. O homem, porém, não compreende a grandiosidade da sua própria inventividade e poder criativo. Então diz: os deuses e os homens criam-se mutuamente — e estás ainda mais próximo da verdade; mas apenas se fores muito cuidadoso nas tuas definições — pois, afinal, em que é que diferem exatamente deuses e homens?

Os atributos dos deuses são aqueles inerentes ao próprio homem, ampliados, ativados com força. Os homens acreditam que os deuses vivem para sempre. Os homens vivem para sempre, mas tendo-se esquecido disso, apenas recordam essa característica ao atribuí-la aos seus deuses.

Portanto, por detrás destes dramas religiosos históricos — essas histórias recorrentes de deuses e homens — existem realidades espirituais. Por detrás dos atores do drama, há entidades ainda mais poderosas que estão muito além do papel que desempenham. As peças em si, as religiões que varrem os séculos — são apenas sombras, ainda que úteis. Por detrás do quadro de bem e mal existe um valor espiritual muito mais profundo. Todas as religiões, ao tentarem capturar a "verdade", acabam inevitavelmente por recear que esta lhes escape.

Somente o eu interior, em repouso, em meditação, pode por vezes vislumbrar fragmentos dessas realidades interiores que não podem ser expressas fisicamente. Esses valores, intuições ou perceções são concedidos a cada um conforme a sua capacidade de compreensão — e por isso, as histórias contadas sobre eles variam.

Por exemplo, a personagem principal de um drama religioso histórico pode ou não estar conscientemente ciente das formas como lhe é transmitida essa informação. E no entanto, pode parecer-lhe que sabe, pois a origem de um dogma é explicada em termos que ele consiga entender. O Jesus histórico sabia quem era, mas sabia também que era uma de três personalidades que compunham uma única entidade. Em grande medida, partilhava as memórias das outras duas.

A terceira personalidade, mencionada muitas vezes por mim, ainda não surgiu nos teus termos, embora a sua vinda tenha sido profetizada como a “Segunda Vinda”. Ora, essas profecias foram dadas segundo a cultura vigente na altura e, por isso, apesar de o palco já estar montado, as distorções são lamentáveis, pois esse Cristo não virá no fim do mundo, como as profecias têm vindo a afirmar.

Ele não virá para recompensar os justos e condenar os maus à perdição eterna. Virá, sim, para iniciar um novo drama religioso. Uma certa continuidade histórica será mantida. No entanto, como já aconteceu antes, ele não será amplamente reconhecido por quem realmente é. Não haverá proclamação gloriosa à qual o mundo inteiro se curvará. Ele regressará para corrigir o Cristianismo, que estará em ruínas no momento da sua chegada, e

para estabelecer um novo sistema de pensamento, numa altura em que o mundo estará profundamente carente de um.

Por essa altura, todas as religiões estarão em grave crise. Ele não irá unificar as organizações religiosas — irá abalar os seus alicerces. A sua mensagem será a do indivíduo em relação a Tudo O Que É. Explicará claramente métodos através dos quais cada pessoa poderá alcançar um estado de contacto íntimo com a sua própria entidade — sendo essa entidade, até certo ponto, o mediador do homem com Tudo O Que É.

Até 2075, tudo isto já terá acontecido. O nascimento ocorrerá até essa data. As restantes mudanças ocorrerão ao longo de um século, aproximadamente, mas os seus efeitos serão visíveis muito antes disso.

Devido à natureza plástica do futuro, nos teus termos, a data não pode ser considerada definitiva. No entanto, todas as probabilidades apontam nessa direção, pois o impulso interior já está a formar os eventos.

Podes anotar que Nostradamus viu a dissolução da Igreja Católica Romana como o fim do mundo. Ele não conseguia imaginar uma civilização sem ela — daí que muitas das suas últimas profecias devam ser lidas com isso em mente.

A terceira personalidade de Cristo será de facto conhecida como um grande psíquico, pois será ele a ensinar a humanidade a usar os sentidos interiores que tornam possível a verdadeira espiritualidade. Assassinos e vítimas trocarão de papéis, à medida que memórias reencarnacionais vierem à superfície da consciência. Através do desenvolvimento dessas capacidades, a sacralidade de toda a vida será reconhecida e apreciada de forma íntima.

Antes dessa altura, nascerão vários indivíduos que, de diversas formas, reacenderão as expectativas humanas. Um desses homens já nasceu na Índia, numa pequena província perto de Calcutá, embora o seu ministério pareça permanecer relativamente local ao longo da sua vida. Outro nascerá em África, um homem negro cuja principal obra será realizada na Indonésia. As expectativas foram estabelecidas há muito tempo, nos teus termos, e serão alimentadas por novos profetas até que a terceira personalidade de Cristo surja de facto.

Ele guiará a humanidade para além do simbolismo em que a religião se apoiou durante tantos séculos. Enfatizará a experiência espiritual individual, a expansão da alma, e ensinará o homem a reconhecer os múltiplos aspetos da sua própria realidade.

A terceira figura histórica, já nascida nos teus termos e parte da totalidade da personalidade do Cristo, assumiu para si o papel de zelota.

Essa pessoa possuía uma energia e poder superiores, e grandes capacidades de organização, mas foram os erros que cometeu, de forma involuntária, que perpetuaram

algumas distorções perigosas. Os registos desse período histórico são dispersos e contraditórios.

Historicamente, esse homem foi Paulo — ou Saulo. Coube-lhe estabelecer uma estrutura. Mas deveria ter sido uma estrutura de ideias, não de regulamentos; de homens, não de instituições. Foi aí que falhou, e por isso regressará como a terceira personalidade, já referida, no vosso futuro.

Neste sentido, contudo, não se trata de quatro personalidades.

Ora, Saulo fez grandes esforços para se afirmar como identidade separada. As suas características, por exemplo, eram aparentemente muito diferentes das do Cristo histórico. Foi "convertido" através de uma experiência pessoal intensa — um facto que visava sublinhar-lhe o aspeto pessoal e não organizacional da mensagem. No entanto, alguns feitos da sua vida anterior foram atribuídos a Cristo — não como jovem, mas ainda mais cedo.

Todas as personalidades têm livre arbítrio e enfrentam os seus próprios desafios. O mesmo se aplicou a Saulo. As "distorções" organizacionais, contudo, também foram necessárias dentro do contexto histórico. As tendências de Saulo eram conhecidas, a outro nível. Serviram um propósito. É por essa razão, no entanto, que ele surgirá novamente — desta vez para corrigir essas distorções.

Ele não as criou sozinho, nem as impôs à realidade histórica. Criou-as no sentido em que se viu forçado a aceitar certos factos: naquele mundo, naquela época, era necessário poder terreno para manter as ideias cristãs separadas de inúmeras outras teorias e religiões, para preservá-las em meio a fações em conflito. Coube-lhe criar uma estrutura física; e mesmo então receava que essa estrutura sufocasse as ideias, mas não via alternativa.

Quando a terceira personalidade surgir historicamente, no entanto, não será chamada de "Paulo", mas carregará dentro de si as características das três personalidades.

Paulo tentou negar saber quem era, até à sua experiência de conversão. Alegoricamente, representava uma fação em conflito do eu que luta contra o seu próprio conhecimento e está orientada de forma fortemente física. Pareceu passar de um extremo ao outro — primeiro contra Cristo, depois a favor. Mas o fervor interior sempre esteve presente, o fogo interior e o reconhecimento que tentou ocultar durante tanto tempo.

A sua era a parte que tinha de lidar com a realidade física e a manipulação, e por isso essas qualidades estavam fortemente presentes nele. Em certa medida, sobrepuseram-se à sua vontade. Quando o Cristo histórico "morreu", Paulo deveria implementar as ideias espirituais em termos físicos, continuar o trabalho. No entanto, ao fazê-lo, plantou as sementes de uma organização que acabaria por sufocar essas ideias. Ele sobreviveu a

Cristo, tal como João Batista veio antes. Juntos, os três abrangeram um certo período de tempo, compreendes?

João e o Cristo histórico desempenharam os seus papéis e sentiram-se satisfeitos com o que fizeram. Só Paulo ficou, no fim, insatisfeito — e é sobre a sua personalidade que o futuro Cristo se formará.

A entidade da qual essas personalidades fazem parte — que podes chamar de entidade do Cristo — estava ciente destas questões. As personalidades terrenas não estavam, embora, em estados de transe e exaltação, muito lhes tenha sido revelado.

Paulo também representava a natureza militante do homem, que tinha de ser considerada em linha com o desenvolvimento da humanidade na época. Essa qualidade militante no homem mudará completamente de natureza, e será deixada para trás, tal como a conheces, quando a próxima personalidade do Cristo surgir. Por isso, é apropriado que Paulo esteja presente.

No próximo século, a natureza interior do homem, com estes desenvolvimentos, libertar-se-á de muitas restrições que a aprisionaram. Uma nova era começará de facto — não um "céu na Terra", mas um mundo muito mais são e justo, em que o homem estará muito mais consciente da sua relação com o planeta e da sua liberdade dentro do tempo.

Gostaria de esclarecer alguns pontos. A "nova religião" após a Segunda Vinda não será cristã nos teus termos, embora a terceira personalidade do Cristo a venha a iniciar.

Essa personalidade referir-se-á ao Cristo histórico, reconhecerá a sua relação com essa personalidade; mas, dentro de si, os três agrupamentos de personalidade formarão uma nova entidade psíquica, um novo gestalt psicológico. À medida que essa metamorfose ocorrer, desencadeará também uma metamorfose ao nível humano, à medida que as capacidades interiores do homem forem reconhecidas e desenvolvidas.

Os resultados serão uma forma de existência diferente. Muitos dos problemas atuais resultam da ignorância espiritual. Nenhum homem desprezará um indivíduo de outra raça quando reconhecer que a sua própria existência também inclui essa pertença.

Nenhum sexo será considerado superior ao outro, nem qualquer papel na sociedade, quando cada indivíduo estiver consciente da sua própria experiência em muitos níveis sociais e em múltiplos papéis. Uma consciência aberta sentirá as suas ligações com todos os seres vivos. A continuidade da consciência tornar-se-á evidente. Como consequência de tudo isto, as estruturas sociais e governamentais mudarão, pois são baseadas nas crenças que hoje sustentam.

A personalidade humana colherá benefícios que hoje pareceriam inacreditáveis. Uma consciência aberta e sem limites implicará uma liberdade muito maior. Desde o nascimento,

as crianças serão ensinadas que a identidade básica não depende do corpo e que o tempo, tal como o conhecem, é uma ilusão. A criança terá consciência de muitas das suas existências passadas e será capaz de se identificar com o velho ou a velha que, nos vossos termos, se tornará.

Muitas das lições que "acompanham a idade" estarão então disponíveis para os jovens, mas os mais velhos não perderão a elasticidade espiritual da juventude. Isto, por si só, é importante. No entanto, durante algum tempo, as encarnações futuras continuarão ocultas por razões práticas.

À medida que estas mudanças acontecerem, novas áreas do cérebro serão ativadas para lidar com elas fisicamente. Assim, será possível mapear o cérebro de forma a evocar memórias de vidas passadas. Todas estas alterações são mudanças espirituais em que o sentido da religião escapará aos limites organizacionais, tornando-se parte viva da existência individual, onde estruturas psíquicas, em vez de físicas, formarão os alicerces da civilização.

A experiência do homem será tão alargada que, para ti, a espécie parecerá ter-se transformado noutra. Isto não significa que não haverá problemas. Significa, sim, que o homem terá recursos muito mais amplos ao seu dispor. Implica também uma estrutura social mais rica e diversa. Homens e mulheres encontrarão novas formas de se relacionar com os seus semelhantes — não apenas como são, mas também como foram.

As relações familiares talvez mostrem as mudanças mais marcantes. Haverá espaço para interações emocionais no seio da família que agora são impossíveis. A mente consciente estará mais ciente do material inconsciente.

Incluo esta informação neste capítulo sobre religião porque é importante perceber que a ignorância espiritual está na base de muitos dos vossos problemas, e que, na verdade, as vossas únicas limitações são de natureza espiritual.

A metamorfose mencionada anteriormente, por parte da terceira personalidade, terá tal força e poder que chamará à tona essas mesmas qualidades do interior da humanidade. As qualidades sempre estiveram presentes. Finalmente romperão os véus da perceção física, expandindo essa perceção de novas maneiras.

Atualmente, a humanidade carece de um foco desse tipo. A terceira personalidade representará esse foco. Não haverá, por acaso, qualquer crucificação nesse drama. Essa personalidade será verdadeiramente multidimensional, consciente de todas as suas encarnações. Não estará orientada em termos de um único sexo, cor ou raça.

Pela primeira vez, portanto, quebrará os conceitos terrestres de personalidade, libertando-a. Terá a capacidade de mostrar os seus diversos aspetos como quiser. Muitos

sentirão medo de aceitar a natureza da sua própria realidade ou de serem confrontados com as dimensões da verdadeira identidade.

Por várias razões, como mencionado por Ruburt, não desejo dar mais informações detalhadas sobre o nome que será usado ou o local de nascimento. Muitos poderiam ser tentados a projetar-se prematuramente nessa imagem.

Os eventos não estão predestinados. No entanto, o enquadramento para esta emergência já foi estabelecido dentro do vosso sistema de probabilidades. O surgimento desta terceira personalidade afetará diretamente o drama histórico original de Cristo, tal como é conhecido atualmente. Há, e deve haver, interações entre ambos.

Os dramas religiosos exteriores são, naturalmente, representações imperfeitas das realidades espirituais interiores sempre em desenvolvimento. As várias figuras, os deuses e profetas da história religiosa — absorvem as projeções interiores em massa daqueles que habitam uma determinada época.

Tais dramas religiosos focam, dirigem e, espera-se, clarificam aspetos da realidade interior que necessitam de representação física. Estes não surgem apenas no vosso sistema. Muitos são também projetados noutros sistemas de realidade. A religião, em si, é sempre a fachada externa da realidade interior. Só a existência espiritual primária dá verdadeiro significado à existência física. Em termos reais, a religião deveria incluir todas as buscas do homem pela natureza do significado e da verdade. A espiritualidade não pode ser uma atividade ou característica isolada e especializada.

Os dramas religiosos exteriores são importantes e valiosos apenas na medida em que refletem fielmente a natureza da existência espiritual interior e privada. Na medida em que um homem sente que a sua religião expressa tal experiência interior, considerá-la-á válida. No entanto, a maioria das religiões, por definição, estabelecem certos grupos de experiências como permitidas, enquanto negam outras. Limitam-se ao aplicar os princípios da sacralidade da vida apenas à vossa própria espécie — e frequentemente a grupos bastante restritos dentro dela.

Em nenhum momento qualquer igreja conseguirá expressar plenamente a experiência interior de todos os indivíduos. Em nenhum momento uma igreja estará em posição de restringir eficazmente essa experiência interior — apenas parecerá fazê-lo. As experiências "proibidas" serão simplesmente expressas inconscientemente, ganharão força e vitalidade e acabarão por emergir como uma projeção contrária, que dará origem a outro novo drama religioso exterior.

Os próprios dramas expressam certas realidades interiores, servindo como lembretes de superfície para aqueles que não confiam na experiência direta com o eu interior. Tomam os símbolos como realidade. Quando descobrem que não é assim, sentem-se traídos. Cristo falou em termos de pai e filho porque, nos vossos termos, naquela época, era essa a

linguagem usada — a história que contou para explicar a relação entre o eu interior e o indivíduo fisicamente vivo. Nenhuma nova religião surpreende verdadeiramente ninguém, pois o drama já foi vivido subjetivamente.

O que eu disse, claro, aplica-se tanto a Buda como a Cristo: ambos aceitaram as projeções interiores e depois tentaram representá-las fisicamente. Eram, no entanto, mais do que a soma dessas projeções. Isto também deve ser compreendido.

O islamismo ficou aquém. Nesse caso, as projeções predominantes foram de violência. O amor e a fraternidade foram secundarizados em favor de um batismo e comunhão realizados através da violência e do sangue.

Nestes contínuos dramas religiosos exteriores, os hebreus desempenharam um papel peculiar. A sua ideia de um deus único não era nova para eles. Muitas religiões antigas acreditavam num deus acima de todos os outros. Esse deus, porém, era geralmente muito mais tolerante do que aquele que os hebreus seguiram. Muitas tribos acreditavam, e com razão, no Espírito interior que perpassa cada ser vivo. Falavam, por exemplo, do deus na árvore ou do espírito na flor. Mas também aceitavam a existência de um Espírito maior, do qual esses pequenos espíritos eram apenas uma parte. Todos coexistiam em harmonia.

Os hebreus conceberam um deus supervisor, um deus irado, justo e por vezes cruel; e muitas seitas negaram, então, que outros seres vivos além do homem possuíssem espíritos interiores. As crenças anteriores representavam uma imagem muito mais fiel da realidade interior, em que o homem, ao observar a natureza, a deixava falar e revelar os seus segredos.

O deus hebreu, contudo, representava uma projeção de natureza bastante diferente. O homem estava a tornar-se cada vez mais consciente do ego, do seu poder sobre a natureza, e muitos dos milagres posteriores são apresentados como intervenções que forçam a natureza a comportar-se de forma diferente do seu modo habitual. Deus torna-se o aliado do homem contra a natureza.

O deus hebreu primitivo tornou-se um símbolo do ego humano libertado. Deus agia exatamente como agiria uma criança enfurecida, se tivesse tais poderes — enviando trovões, relâmpagos e fogo contra os seus inimigos, destruindo-os. O ego emergente do homem trouxe, assim, problemas e desafios emocionais e psicológicos. O sentimento de separação da natureza aumentou. A natureza passou a ser vista como uma ferramenta a usar contra os outros.

Algum tempo antes da emergência do deus hebreu, estas tendências já eram evidentes. Em muitas religiões tribais antigas — hoje esquecidas — também se recorria aos deuses para virar a natureza contra o inimigo. Antes disso, porém, o homem sentia-se parte da natureza, não separado dela. Considerava-a uma extensão de si mesmo, tal como se sentia

uma extensão da sua realidade. Nesses termos, não se pode usar a si mesmo como arma contra si próprio.

Nesses tempos, os homens falavam e confiavam aos espíritos das aves, das árvores e das aranhas, sabendo que, na realidade interior subjacente, a natureza dessas comunicações era conhecida e compreendida. Nesses tempos, a morte não era temida como agora é nos teus termos, pois o ciclo da consciência era compreendido.

O homem desejava, de certa forma, sair de si mesmo, sair da estrutura em que mantinha a sua existência psicológica, para experimentar novos desafios — para sair de um modo de consciência e entrar noutro. Queria estudar o processo da sua própria consciência. De certo modo, isso implicava uma grande separação da espontaneidade interior que lhe dava paz e segurança. Por outro lado, oferecia-lhe uma nova criatividade, nos seus próprios termos.

Nesse momento, o deus interior tornou-se o deus exterior.

O homem tentou formar um novo reino, alcançar um tipo diferente de foco e consciência. A sua consciência virou uma esquina fora de si mesma. Para o fazer, concentrou-se cada vez menos na realidade interior e, portanto, iniciou o processo de perceber a realidade interior apenas à medida que esta era projetada para o mundo físico.

Antes, o ambiente era criado e percecionado sem esforço pelo homem e por todos os outros seres vivos, conscientes da natureza da sua unidade interior. Para iniciar esta nova aventura, foi necessário fingir que essa unidade interior não existia. Caso contrário, o novo tipo de consciência voltaria sempre ao seu lar interior em busca de segurança e conforto. Assim, pareceu que todas as pontes tinham de ser cortadas — embora fosse apenas um jogo, pois a realidade interior sempre permaneceu. O novo tipo de consciência simplesmente precisava de olhar noutra direção para manter, inicialmente, um foco independente.

Estou a falar aqui em termos mais ou menos históricos para ti. No entanto, tens de perceber que este processo nada tem a ver com o tempo tal como o conheces. Este tipo particular de aventura da consciência já ocorreu antes e, nos teus termos, voltará a ocorrer.

A perceção do universo exterior mudou então, e passou a parecer estranha e separada do indivíduo que a percebia.

Deus, portanto, tornou-se uma ideia projetada para fora, independente do indivíduo, separada da natureza. Tornou-se o reflexo do ego emergente do homem — com todo o seu brilho, selvajaria, poder e desejo de domínio. A aventura foi altamente criativa, apesar das desvantagens óbvias, e representou uma "evolução" da consciência que enriqueceu a experiência subjetiva do homem e, de facto, acrescentou novas dimensões à própria realidade.

Para ser eficazmente organizada, no entanto, a experiência interior e exterior teve de parecer separada, como se fossem acontecimentos desconectados. Historicamente, as características de Deus mudaram à medida que o ego do homem mudou. Estas características do ego, porém, foram sustentadas por fortes alterações interiores.

A propulsão original das características interiores para fora, originando a formação do ego, pode ser comparada ao nascimento de incontáveis estrelas — um acontecimento de consequências imensuráveis que teve origem num nível subjetivo e dentro da realidade interior.

O ego, tendo nascido do interior, teve de proclamar sempre a sua independência, mesmo mantendo uma certeza persistente da sua origem interior.

O ego temia pela sua posição, receando dissolver-se de volta no eu interior de onde veio. No entanto, no seu surgimento, ofereceu ao eu interior um novo tipo de retorno, uma perspetiva diferente não só de si próprio, mas também das suas possibilidades — permitindo ao eu interior vislumbrar desenvolvimentos de que antes não estava consciente. Nos teus termos, por altura de Cristo, o ego já estava seguro o suficiente da sua posição para que a imagem projetada de Deus começasse a mudar.

O eu interior está em constante crescimento. A porção interior de cada homem, portanto, projetou esse conhecimento para fora. A necessidade — psicológica e espiritual — da espécie exigia alterações interiores e exteriores de grande importância. Qualidades de misericórdia e compreensão, antes soterradas, puderam então emergir. Não apenas de forma privada, mas em massa, essas qualidades ganharam força, oferecendo um novo impulso e uma direção natural "nova" — começando a reunir todas as partes do eu, tal como ele se conhecia.

Assim, o conceito de Deus começou a mudar à medida que o ego reconheceu a sua dependência da realidade interior — mas o drama teve de se desenrolar dentro da estrutura vigente.

O islamismo foi, na sua base, tão violento precisamente porque o cristianismo foi, na sua base, tão gentil. Não que o cristianismo não tenha sido também misturado com violência, ou que o islamismo fosse desprovido de amor. Mas à medida que a psique se desenvolvia e lutava consigo mesma — negando alguns sentimentos e características e enfatizando outros — os dramas religiosos exteriores representavam e seguiam essas aspirações, lutas e buscas interiores.

Todo este material que agora te dou deve ser considerado juntamente com o facto de que, por detrás desses desenvolvimentos, existem os aspetos eternos e as características criativas de uma força que é ao mesmo tempo incontornável e íntima. Tudo O Que É, noutras palavras, representa a realidade de onde todos nós provimos. Tudo O Que É

transcende, pela sua própria natureza, todas as dimensões de atividade, consciência ou realidade — embora faça parte de cada uma delas.

Por detrás de todos os rostos existe um só rosto — mas isso não significa que o rosto de cada homem não seja único. O drama religioso futuro de que falei, e que nos teus termos ainda está por vir, representa outra etapa nos dramas internos e externos em que o ego emergente se torna consciente de grande parte da sua herança. Mantendo o seu próprio estatuto, poderá ter um intercâmbio muito maior com outras porções do eu e oferecer também ao eu interior oportunidades de consciência que este, por si só, não poderia alcançar.

As jornadas dos deuses representam, portanto, as jornadas da própria consciência do homem projetadas para fora. Tudo O Que É, no entanto, está presente em cada uma dessas aventuras. A sua consciência e realidade estão dentro de cada homem — e também dentro dos deuses que ele criou.

Os deuses adquirem, evidentemente, uma realidade psíquica. Não estou a dizer que não sejam reais, mas estou, até certo ponto, a definir a natureza da sua realidade. Em parte, é verdade dizer: "Tem cuidado com os deuses que escolhes, pois reforçar-se-ão mutuamente."

Tal aliança estabelece certos campos de atração. Um homem que se liga a um deus está, necessariamente, a ligar-se em grande medida às suas próprias projeções. Alguns, nos teus termos, são criativos; outros, destrutivos — embora estes últimos raramente sejam reconhecidos como tal.

O conceito aberto de Tudo O Que É, no entanto, liberta-te em grande medida das tuas próprias projeções e permite um contacto mais válido com o espírito que está por detrás da realidade que conheces.

Neste capítulo, gostaria também de mencionar outros pontos relevantes.

Alguns contos antigos transmitidos ao longo dos séculos falam de vários deuses e demónios que guardam os "portais", por assim dizer, de outros níveis de realidade e estágios de consciência. Os níveis astrais são cuidadosamente ordenados, numerados e categorizados. Fala-se de testes a ultrapassar antes da entrada. Existem rituais a realizar.

Ora, tudo isto está profundamente distorcido. Qualquer tentativa de expressar de forma tão rígida e precisa a realidade interior está condenada ao fracasso, sendo altamente enganosa e, nos teus termos, por vezes perigosa — porque tu crias a tua própria realidade e vives segundo as tuas crenças interiores. Portanto, tem também cuidado com as crenças que aceitas.

Permite-me aproveitar este momento para afirmar novamente: não existem demónios ou diabos, exceto aqueles que tu próprio crias através das tuas crenças. Como já referi, os efeitos do bem e do mal são, na sua essência, ilusões. Nos teus termos, todos os atos, independentemente da sua natureza aparente, fazem parte de um bem maior. Não estou a dizer que um fim bom justifica uma ação que tu considerarias má. Enquanto ainda aceitares os efeitos do bem e do mal, então é melhor escolheres o bem.

Estou a dizer isto da forma mais simples possível. Contudo, existem complexidades profundas por detrás das minhas palavras. Os opostos só têm validade dentro do teu próprio sistema de realidade. Fazem parte dos pressupostos fundamentais da tua experiência, e por isso tens de lidar com eles como tal.

No entanto, representam uniões profundas que não compreendes. A tua conceção de bem e mal resulta em grande parte do tipo de consciência que atualmente adotaste. Não percecionas o todo, mas sim partes isoladas. A mente consciente foca-se com uma luz intensa, mas limitada e breve, percecionando apenas certos "estímulos" de um campo de realidade. Junta então esses estímulos, formando ligações de semelhança. Tudo aquilo que não reconhece como parte da realidade, simplesmente não percebe.

O efeito dos opostos resulta, portanto, de uma falta de perceção. Como tens de operar no mundo tal como o percecionas, os opostos parecerão condições da existência. No entanto, estes elementos foram isolados por uma razão específica. Estás a ser ensinado — e estás a ensinar-te — a lidar com a energia, a tornar-te cocriador consciente com Tudo O Que É, e um dos "estágios de desenvolvimento" ou processos de aprendizagem inclui lidar com os opostos como se fossem realidades.

Nos teus termos, as ideias de bem e mal ajudam-te a reconhecer a sacralidade da existência e a responsabilidade da consciência. A ideia dos opostos é também uma linha orientadora necessária para o ego em desenvolvimento. O eu interior sabe muito bem da unidade que existe.

Em qualquer período histórico, um drama religioso pode emergir como a representação exterior predominante, mas existirão também muitos pequenos dramas, "projeções", que não chegam a tomar forma completa. Estes representam, naturalmente, acontecimentos prováveis. Qualquer um deles poderia ter suplantado o drama exterior efetivo. No tempo de Cristo, houve muitas dessas representações, à medida que várias personalidades sentiam a força da realidade interior e reagiam a ela.

Houve, por outras palavras, Cristos prováveis a viver nos teus termos nessa época. Por várias razões que não abordarei aqui, essas projeções não refletiram os eventos interiores com fidelidade suficiente. No entanto, havia uma dúzia de homens na mesma área geográfica, fisicamente, que responderam ao clima psíquico interior e sentiram sobre si o peso e a responsabilidade do papel do herói religioso.

Alguns desses homens estavam demasiado tomados pelo fervor e tormento do período para se conseguirem elevar acima dele. Foram usados pelas culturas da época — em vez de utilizarem essas culturas como base de lançamento para novas ideias, perderam-se na história do seu tempo.

Alguns seguiram padrões semelhantes aos de Cristo: realizaram feitos psíquicos e curas, reuniram seguidores, mas não foram capazes de manter o poderoso foco de atenção psíquica que era tão necessário.

O chamado Senhor da Retidão foi um desses homens, mas a sua natureza excessivamente zelosa impediu-o. A sua rigidez inibiu a espontaneidade necessária para qualquer verdadeiro grande despertar religioso. Caiu, em vez disso, na armadilha do provincianismo. Se tivesse desempenhado o papel que lhe era possível, poderia ter beneficiado Paulo. Ele foi uma personalidade provável da porção de Paulo da entidade do Cristo.

Estes homens compreendiam, de forma inata, o seu papel nesse drama, bem como a sua posição dentro de Tudo O Que É. Eram todos altamente clarividentes e telepáticos, sujeitos a visões e audições de vozes.

Nos seus sonhos, estavam em contacto. Paulo, conscientemente, recordava muitos desses sonhos — até ao ponto de sentir que estava a ser perseguido por Cristo. Foi por causa de uma série de sonhos recorrentes que Paulo perseguiu os cristãos. Sentia que Cristo era uma espécie de demónio que o perseguia durante o sono.

A um nível inconsciente, no entanto, ele sabia o significado dos sonhos, e a sua "conversão", claro, foi apenas um evento físico que seguiu uma experiência interior.

João Batista, Cristo e Paulo estavam todos ligados no estado de sonho, e João tinha plena consciência da existência de Cristo antes deste nascer.

Paulo necessitava da mais forte força do ego por causa das suas funções específicas. Por essa razão, estava muito menos consciente do seu papel, ao nível consciente. O conhecimento interior, no entanto, explodiu na experiência física da conversão.

O SIGNIFICADO DA RELIGIÃO

Capítulo 21

"Existem perceções internas sempre presentes na Totalidade do Ser. Existe compreensão do significado da existência toda dentro de cada personalidade. O conhecimento da existência multidimensional não se acha somente em segundo plano em relação à vossa presente atividade consciente, mas o homem conhece dentro dele o facto de que a sua vida consciente depende de uma dimensão de atualidade maior. Essa dimensão maior não pode

ser materializada num sistema tridimensional, mas ainda assim o conhecimento dessa dimensão maior provoca inunda para fora a partir da parte mais interna do ser, e é projetado para fora, transformando tudo aquilo que toca.

Essa enchente infunde certos elementos do mundo físico com um brilho e intensidade que ultrapassa muito aqueles conhecidos. Aqueles que são tocados por elas são transformados, nos vossos termos, em algo mais do que eram. Esse conhecimento interior procura encontrar um sítio para si na paisagem física, a fim de se traduzir a si próprio em termos físicos. Cada homem, pois, possui esse conhecimento interior dentro de si mesmo, e em uma ou outra medida ele busca igualmente pela sua confirmação no mundo.

O mundo externo constitui um reflexo do interior, apesar de estar longe de ser perfeito. O conhecimento interior pode ser comparado a um livro relativo à terra-natal que um viajante leva consigo ao se deslocar para um território desconhecido. Todo o homem nasce com o anseio de tornar essas coisas numa verdade para si, apesar de ver uma grande diferença entre elas e o meio em que vive.

Um drama interior é continuado por cada indivíduo, um drama psíquico que é finalmente projetado no exterior com uma força brutal no campo histórico. O surgimento de grandes movimentos religiosos emerge do drama religioso interior. O drama em si mesmo constitui de certo modo um fenómeno psicológico, por cada ser orientado para o sentido do físico se sentir impelido sozinho para um ambiente estranho, sem lhe conhecer as origens nem destino ou sequer a razão da sua própria existência.

Esse é o dilema do ego, em particular nos primeiros estágios. Ele volta-se para o exterior em busca de respostas por isso corresponder à sua natureza: manipular a realidade física. Contudo, também sente uma ligação profunda e permanente com outras porções do Eu que não se encontram sob o seu domínio, que não compreende. Também tem consciência de que esse Eu interior possui um conhecimento em que a sua própria existência se baseia.

Ao crescer, nos vossos termos, volta-se para fora em busca de confirmação desse conhecimento interior. O Eu interior sustenta o ego com o seu apoio. Molda as suas verdades em dados orientados para o físico com que o ego pode lidar. A seguir projeta-os no exterior na área da realidade física. Ao ver essas verdades assim materializadas, o ego passa a achar fácil aceitá-las.

Assim, vocês lidam frequentemente com eventos em que os homens são tocados por uma grande iluminação, isolados das massas dos seres humanos, e são endossados de grandes poderes – períodos da história que parecerão quase anormalmente brilhantes em contraste com outros; profetas, génios e reis apresentados numa proporção mais que humana.

Agora, essa gente é escolhida por outros a fim de manifestar externamente as verdades interiores que todos conhecem intuitivamente. Isso comporta muitos níveis de significado. Por um lado, tais indivíduos recebem as suas capacidades e poder sobrenaturais da parte dos seus companheiros, controlam-nas, e exibem-nas no mundo físico para toda a gente as ver. Representam a parte do Eu interior que na realidade não consegue operar na realidade

física sem ser envolta na carne. Essa energia, todavia, constitui uma projeção bastante válida do Eu interior.

A personalidade assim tocada por ele torna-se de seguida, em certos termos, o que parece ser. Emergirá como um herói eterno no drama religioso externo, enquanto o ser interior representa o herói interno do drama religioso interior.

A projeção mística constitui uma atividade contínua. Quando a força de uma grande religião começa a diminuir e o efeito físico que exerce decresce, então o drama interno começa novamente a acelerar. A mais elevada das projeções humanas, é assim projetada na história física. Os dramas em si mesmos revelar-se-ão diferentes. Lembrai-vos que eles são edificados internamente, primeiro.

Serão formados para impressionar as condições do mundo numa dada altura, e, portanto expressar-se-ão pelos símbolos e eventos que impressionem mais as populações. Isso é habilmente conseguido, por o Eu interior saber exatamente o que impressionará o ego, e o tipo de personalidades que sejam mais capazes de personificar a mensagem num dado período. Quando uma personagem assim surge na história, pois, é intuitivamente reconhecida, pela forma como terá sido definida, e em muitos casos as profecias a anunciar um advento desses já terão sido estabelecidas.

Aqueles que são assim escolhidos por essa forma não surgem por acaso no meio de vós. Eles não são escolhidos ao acaso. São indivíduos que assumiram a responsabilidade por tal papel. Após o nascimento têm consciência em graus variados do seu destino, e certas experiências desencadeadas podem por vezes despertar-lhes uma lembrança completa.

Servem com clareza como representantes humanos do Tudo Quanto Existe. Agora, como cada um faz parte do Tudo Quanto Existe, em certa medida, cada um de vós se presta ao mesmo papel. Contudo, em um drama religiosos desses, a personalidade principal tem muito mais consciência desse conhecimento interior, mais consciência das próprias capacidades, é muito mais capaz de as utilizar, e acha-se de uma forma exultante familiarizado com a relação que tem com toda a vida.

Ideias de bem e mal, deuses e demónios, salvação e condenação, constituem meros símbolos de valores religiosos mais profundos; valores cósmicos, se preferirem, que não são passíveis de ser interpretados em termos físicos.

Essas ideias tornam-se nos temas condutores desses dramas religiosos de que falei. Os atores podem "retornar," uma e outra vez, em diferentes papéis. Em qualquer drama religioso histórico, pois, os atores (intervenientes) poderão já ter aparecido na cena histórica do vosso passado, sendo o profeta dos dias atuais o traidor do drama passado.

Todavia, as entidades psíquicas são reais. É bastante verdadeiro afirmar que a sua realidade consiste não somente no núcleo da sua identidade, mas que também é reforçado por aqueles pensamentos e sentimentos projetados por parte da audiência terrena para quem o drama é encenado.

A identificação física ou psicológica é da maior importância aqui e acha-se de facto no âmago de tais dramas. Num certo sentido, poderão dizer que o homem se identifica com os deuses que ele próprio criou. Contudo, o homem não compreende a qualidade magnífica da sua própria capacidade de invenção e poder criativo. Assim, digam que os deuses e os homens se criam uns aos outros, e chegarão ainda mais perto da verdade; mas apenas se usarem de cuidado nas definições que estabelecerem — porque, de que modo, exatamente, se diferenciarão os homens e os deuses?

Os atributos dos homens são aqueles que são implícitos ao próprio homem, ampliados, e levados a uma atividade poderosa. Os homens creem que os deuses vivam para sempre. Os homens vivem para sempre, mas tendo esquecido isso, lembram-se apenas de endossar essa característica aos deuses. Evidentemente, pois, e esses dramas religiosos históricos, os aparentemente recorrentes contos de homens e de deuses, comportam realidades espirituais.

Por detrás dos atores de tais dramas, existem entidades mais poderosas que se encontram muito além da representação de papéis. As próprias encenações, pois, as religiões que varrem as eras — são meras sombras, conquanto úteis. Por detrás do enquadramento do bem e do mal existe um valor muito mais profundo. Consequentemente, todas as religiões, enquanto procuram captar a "verdade", deve em determinado grau temer a possibilidade de ela lhes escapar constantemente.

Só o Eu interno, no repouso, na meditação, poderá por vezes vislumbrar porções dessas realidades internas que não podem ser fisicamente expressadas. Esses valores, intuições ou insights (perceções) são dadas a cada um conforme o entendimento que possua e assim as histórias que são contadas em relação a elas variarão muitas vezes.

Por exemplo, o personagem principal de um drama religioso histórico pode e pode não ter consciência dos modos através dos quais tal informação lhe é dada. Ainda assim, poderá parecer-lhe que saiba, por a natureza da origem do dogma venha a ser explicada em termos que esse personagem principal possa entender. O Jesus histórico sabia quem era, mas também tinha conhecimento de ser uma de três personalidades que compunham uma entidade. Em larga medida, ele partilhava da recordação das outras duas.

A terceira personalidade, mencionada muitas vezes por mim, ainda não surgiu, nos vossos termos, apesar de a sua existência ter sido profetizada em termos de um "Segundo Advento." Ora bem, essas profecias foram traçadas nos termos da cultura corrente da época, e consequentemente, conquanto o palco tenha sido montado, as distorções são deploráveis, por esse Cristo não vir no final do vosso mundo conforme as profecias têm mantido.

Ele não virá para recompensar os justos nem condenar os malfeitores à perdição eterna. Todavia, irá dar início a um novo drama religioso. Uma certa continuidade histórica será mantida. Conforme aconteceu uma vez antes, porém, ele não será reconhecido no geral pelo que é. Não será feita qualquer proclamação gloriosa em relação à qual todo o mundo se venha a curvar. Ele voltará para endireitar o Cristianismo, que se encontrará numa

desordem por altura do seu surgimento, e para estabelecer um novo sistema de ideias quando o mundo estiver urgentemente necessitado de um.

Por essa altura, todas as religiões se encontrarão numa severa crise. Ele irá minar as organizações religiosas — não unir. A sua mensagem será a do indivíduo na relação que tem com o Tudo o Que Existe. Ele enunciará claramente métodos por meio dos quais cada um poderá atingir um estado de contato íntimo com a sua própria entidade (alma); por a entidade em certa medida ser o mediador entre o homem e Tudo o Que Existe.

Por altura do ano 2075 isso já terá sido alcançado. O nascimento ocorrerá no devido tempo. As outras modificações dar-se-ão geralmente ao longo de um período de um século, mas os resultados evidenciar-se-ão de longe antes dessa altura.

Devido à natureza plástica do futuro, nos vossos termos, a data não pode ser considerada definitiva. Todas as probabilidades apontam nessa direção, contudo, por o impulso interior já estar a dar forma a tais ocorrências.

Podemos fazer aqui uma nota para referir que o Nostradamus viu a dissolução da Igreja Católica Romana como o fim do mundo. Ele não podia imaginar a civilização sem ela, daí que muitas das suas previsões posteriores devam ser lidas com isso em mente.

A terceira personalidade do Cristo virá efetivamente a ser conhecida como a de um grande psíquico, por ser ele quem ensinará à humanidade como usar os seus sentidos interiores que por si só tornam a verdadeira espiritualidade possível. Assassinos e vítimas trocarão de posição à medida que recordações do âmbito da reencarnação vierem à superfície da consciência. Por intermédio do desenvolvimento dessas capacidades, a sacralidade de toda a vida será intimamente reconhecida e valorizada.

Ora bem; por essa altura nascerão diversos que de vários modos despertarão as expectativas do homem. Um deles já nasceu na Índia, numa pequena província próximo de Calcutá, mas o seu ministério parecerá relativamente local durante a sua vida.

Outro nascerá na África, um negro cujo principal trabalho será levado a cabo na Indonésia. As expectativas foram estabelecidas há muito tempo, nos vossos termos, e serão supridas por novos profetas até a terceira personalidade do Cristo emergir efetivamente.

Ele conduzirá o homem ao que subjaz ao simbolismo de que a religião tem dependido há tantos séculos. Ele enfatizará a experiência espiritual individual, a expansão da alma, e ensinará o homem a reconhecer os inúmeros aspetos da sua própria realidade.

O terceiro personagem histórico, já nascido nos vossos termos, e uma porção da personalidade completa do Cristo, tomou para si o papel de um Zelote.

Esse indivíduo possuiu uma inteligência e um poder superiores e significativas capacidades de organização, mas foram os erros que cometeu que perpetuaram certas distorções perigosas. Os escritos desse período histórico são dispersos e contraditórios.

O homem, conhecido em termos históricos, foi Paulo, ou Saulo. Foi-lhe dada a criação de uma estrutura, mas tratava-se de uma estrutura de ideias e não de regulamentos; destinada aos homens, não aos grupos. Nisso ele sucumbiu, mas voltará como a terceira personalidade, tal como foi mencionado, no vosso futuro.

A esse respeito, contudo, não existem quatro personalidades.

Agora, Saulo fez um esforço considerável para se definir como uma identidade separada. As suas características, por exemplo, eram aparentemente muito diferentes das do Cristo histórico. Ele foi "convertido" numa experiência pessoal intensa — um facto que foi concebido para inculcar nele os aspetos pessoais e não organizacionais. No entanto, algumas das façanhas da sua vida anterior foram atribuídas ao Cristo — não enquanto jovem, mas antes.

Todas as personalidades gozam de livre-arbítrio e trabalham os próprios desafios que estabelecem para si próprias. O mesmo se aplicou a Saulo. As "distorções" organizativas, todavia, também se revelaram necessárias no enquadramento da história conforme os acontecimentos são entendidos. As tendências de Saulo eram conhecidas, pois, num outro nível. Elas serviram um propósito. É por essa razão, todavia, que ele emergirá de novo, desta vez para desfazer tais distorções.

Agora, ele não as concebeu por mote próprio, para as delegar à realidade histórica. Ele criou-as na medida em que se viu forçado a admitir certos factos. No mundo dessa época, fazia-se necessário o poder terreno para manter as ideias Cristãs aparte de inúmeras outras teorias e religiões, e para as manter em meio às fações beligerantes. Cabia-lhe formar uma estrutura física; e mesmo assim, ele temia que a estrutura estrangulasse as ideias, mas não viu outro caminho.

Quando a terceira personalidade reemergir em termos históricos, porém, ele não será chamado de velho Paulo, mas carregará dentro de si as características de todas as três personalidades.

Paulo tentou negar o conhecimento de quem era, até experimentar a conversão. Em termos alegóricos representou uma fação beligerante do Eu que luta contra o próprio conhecimento e se vê orientado de uma maneira altamente concreta. Pareceu ter ido de um extremo ao outro, ao adotar uma atitude contrária ao Cristo e a seguir a favor dele. Mas a veemência interior esteve sempre presente, o fogo interior, e o reconhecimento que por tanto tempo tentou ocultar.

A dele era a porção que devia lidar com a realidade e a manipulação física, pelo que essas qualidades eram fortes nele. Até certo ponto, elas sobrepuseram-se-lhe. Quando o Cristo histórico "morreu," cabia ao Paulo implementar as ideias espirituais em termos concretos, para lhes dar continuidade. Ao proceder assim, contudo, ele fez crescer as sementes de uma organização que viria a sufocar as ideias. Ele sucedeu ao Cristo, tal como João Baptista o antecedeu. Juntos, os três cobriram um período de tempo e tanto, entendem?

Tanto João como o Cristo histórico desempenharam os seus papéis e sentiram-se satisfeitos com o que fizeram. Só Paulo ficou, no final, insatisfeito, e assim será em torno da sua personalidade que o futuro Cristo se formará.

A entidade de que essas personalidades fazem parte, a entidade a que podeis chamar de Entidade do Cristo, estava ciente de todos esses problemas. As personalidades terrenas não tinham consciência deles, embora em períodos de transe e de exaltação muito lhes tenha sido dado a conhecer.

Paulo representou igualmente a natureza militante (combatente) do homem, que tinha que ser levada em consideração em linha com o desenvolvimento que o homem tinha atingido à época. Essa qualidade militante no homem será alterada por completa na sua natureza e será posta de lado conforme a conhecem quando a próxima personalidade do Cristo emergir. É, pois, apropriado que o Paulo esteja presente.

No próximo século, a natureza interior do homem, com estes desenvolvimentos, libertar-se-á de muitas restrições que a envolveram. Uma nova era começará de facto – bem, não será um céu na terra, mas um mundo muito mais são e justo, em que o homem terá uma maior consciência da relação que tem com o planeta e da liberdade de que dispõe no tempo.

Gostaria de clarificar alguns pontos. A "nova religião" que irá suceder à "Segunda Vinda" não será Cristã nos vossos termos, embora a terceira personalidade do Cristo lhe dê início.

Essa personalidade fará referência ao Cristo histórico, e reconhecerá a relação que tem com a sua personalidade; mas nele os agrupamentos das três personalidades formarão uma nova entidade psíquica, uma gestalt psicológica diferente. À medida que essa metamorfose ocorrer, irá igualmente dar início a uma metamorfose ao nível humano, à medida que as capacidades interiores do homem forem aceites e desenvolvidas.

Os resultados assentarão num tipo de existência diferente. Muitos dos vossos problemas atuais resultam da ignorância espiritual. Nenhum homem depreciará um indivíduo de uma outra raça quando ele próprio reconhecer que a sua própria existência inclui o saber que faz igualmente parte dela.

Nenhum sexo será considerado melhor nem pior, ou papel na sociedade, quando cada um tiver consciência da própria experiência que tem em muitos níveis e papéis da sociedade. Uma consciência aberta sentirá as ligações que tem com os outros seres vivos. A continuidade da consciência tornar-se-á evidente. Em resultado de tudo isso as estruturas governamentais e sociais mudarão, por estarem baseadas nas atuais crenças.

A personalidade humana colherá benefícios que agora parecerão inacreditáveis. Uma consciência aberta implicará uma liberdade muito maior. A partir do berço, as crianças serão ensinadas que a identidade básica não depende do corpo, e que o tempo conforme o concebeis é uma ilusão. A criança terá consciência de muitas das suas existências passadas, e será capaz de identificar-se com o velho ou velha em que nos vossos termos, se tornará.

Muitas das lições que "sobrevêm com a idade," estarão ao dispor do jovem, mas o velho não perderá a elasticidade espiritual da sua juventude. Isso por si só é importante. Mas por algum tempo, as encarnações deverão permanecer ocultas por razões práticas.

À medida que essas mudanças sucederem, novas áreas serão ativadas no cérebro para tomarem conta deles em termos físicos. Em termos físicos, pois, tornar-se-á possível um mapeamento do cérebro em que memórias de vidas passadas serão evocadas. Todas essas alterações constituem mudanças espirituais em que o sentido da religião irá além dos limites das organizações e se tornará uma parte viva da existência individual, e em que molduras psíquicas, em vez de físicas, formarão as fundações da civilização.

A experiência do homem será de tal modo ampla que para vós a humanidade parecerá ter-se tornado numa outra espécie. Isso não significa que não haja problemas. Significa que o homem disporá de muito mais vastos recursos ao seu comando. Também pressupõe uma estrutura social muito mais rica e diversificada. Homens e as mulheres relacionar-se-ão com os seus irmãos, não só como aqueles que são mas aqueles que eles foram.

Relacionamentos familiares apresentarão talvez as maiores alterações. Haverá lugar às interações emocionais na família que agora parecerão impossíveis. A mente consciente tornar-se-á mais ciente de material inconsciente.

Eu estou a incluir esta informação sobre a religião neste capítulo por ser importante que compreendam que a ignorância espiritual se acha na base de muitos dos vossos problemas, e que de facto as vossas únicas limitações que têm são de natureza espiritual.

A metamorfose mencionada antes da parte da terceira personalidade, terá uma tal força e poder que fará surgir na humanidade essas mesmas qualidades a partir do seu íntimo. As qualidades terão estado sempre presentes. Irão finalmente romper os véus da perceção, e ampliar essa perceção em novos sentidos.

Agora, à humanidade falta-lhe um enfoque desses. A terceira personalidade representará esse enfoque. Não irá verificar-se, a propósito, crucificação nenhuma nesse drama. Essa personalidade será efetivamente multidimensional e terá consciência de todas as suas encarnações. Não se orientará em termos de sexo, de uma cor nem de uma raça.

Pela primeira vez, pois, romperá com os conceitos terrenos da personalidade, e libertá-la-á. Terá a capacidade de revelar essa diversidade de efeitos à sua vontade. Haverá muitos que terão medo de aceitar a natureza da sua própria realidade, ou que lhes sejam reveladas as dimensões da verdadeira identidade.

Por diversas razões, conforme foi mencionado pela Jane, não pretendo fornecer informações mais detalhadas quanto ao nome que será assumido, nem ao país de nascença. Demasiados poderão ser tentados a saltar à procura dessa imagem de forma prematura.

Os acontecimentos não são predestinados. A estrutura para esse advento, contudo, já foi estabelecida, no vosso sistema de probabilidades. O surgimento dessa terceira personalidade irá afetar diretamente o drama original histórico do Cristo conforme é conhecido. Existem e deverão ocorrer interações entre eles.

Os dramas religiosos externos constituem, é claro, representações imperfeitas de realidades espirituais interiores que se desdobram constantemente. Os diversos personagens, os deuses e profetas das histórias religiosas — esses absorvem as projeções interiores das massas, que são emitidas por aqueles que habitam um determinado período.

Tais dramas religiosos focarão, diretamente, esperamos nós, aspetos inequívocos da realidade interior que precisam ser fisicamente representados. Eles não surgem somente no vosso próprio sistema. Muitos são igualmente projetados noutros sistemas da realidade. Contudo, a religião, por si só, representa sempre a fachada externa da realidade interior. Só a existência espiritual primordial dá significado à física. Nos termos mais reais, a religião deveria incluir todas as atividades do homem na busca que empreende pela natureza do significado e da verdade. A espiritualidade não pode representar uma atividade isolada especializada ou característica dela.

Os dramas religiosos externos são válidos apenas na medida em que fielmente refletem a natureza da existência espiritual privada e interior. Na medida em que um homem sentir que a sua religião dá expressão a tal experiência interior, considerá-la-á válida. Contudo, a maioria das religiões por si só, estabelecem uma permissividade para com certos grupos de experiências ao passo que nega outras. Elas restringem-se ao aplicarem os princípios da sacralidade da vida apenas à sua própria espécie, e muitas vezes a grupos altamente limitados dela.

Jamais uma igreja qualquer será capaz de expressar a experiência interior de todos os indivíduos. Jamais qualquer igreja em concreto se achará em posição de poder restringir as experiências interiores dos seus membros — – apenas parecerá faze-lo. As experiências proibidas serão simplesmente expressadas inconscientemente, para obterem força e vitalidade, e voltarão a erguer-se para formar uma projeção contrária que por sua vez dará forma a outro drama religioso novo.

Os próprios dramas expressam certas realidades interiores, e prestam-se como lembretes superficiais para aqueles que não confiam na experiência direta com o Eu interior. Eles aceitarão os símbolos com uma realidade. Quando descobrem que isso não corresponde à verdade, sentem-se traídos. Cristo falou em termos de pai e filho por, nos vossos termos da época, esse ser o método empregue — a história que utilizou para explicar a relação existente entre o Eu interior e o indivíduo físico vivo. Nenhuma nova religião surpreende realmente ninguém, por o drama já ter sido encenado ao nível subjetivo.

O que eu disse, é claro, aplica-se tanto ao Buda quanto se aplica ao Cristo: ambos aceitaram as projeções interiores e a seguir procuraram representá-las em termos físicos. Contudo, eram mais do que a soma dessas projeções. Isso também devia ser entendido. O Islamismo ficou muito aquém. Nesse caso, as projeções foram de uma violência predominante. O amor e o parentesco foram secundários em relação ao que de facto se converteu no batismo e na comunhão por meio da violência e do sangue.

Nesses dramas externos contínuos, os Hebreus desempenharam um estranho papel. A ideia de Um Deus não era nova para eles. Muitas religiões antigas sustentavam a crença

num Deus Uno acima de todos os demais. Contudo, esse Deus que estava acima de todos os outros, era um Deus muito mais tolerante, do que aquele seguido pelos Hebreus. Muitas tribos acreditavam, e com toda a justiça, no Espírito interior que permeia toda a coisa vivente, e frequentemente referiam-se, digamos, ao deus da árvore, ou ao espírito presente na flor. Mas também aceitavam a realidade de um espírito superior, de que esses espíritos menores faziam parte. Todos trabalhavam juntos em harmonia.

Os Hebreus concebiam um Deus supervisor, um Deus irado e justo, e por vezes cruel; e muitas seitas negavam, pois, a ideia de que outros seres vivos para além do homem possuíssem um espírito interior. As primeiras crenças representavam uma muito melhor representação da realidade interior, em que o homem, ao observar a natureza, deixava que ela falasse e revelasse os seus segredos.

O Deus Hebraico, todavia, representava uma projeção de um tipo muito distinto. O homem tornava-se cada vez mais consciente do ego, e de um sentido de poder sobre a natureza, e muitos dos milagres tardios são representados de um tal modo que a natureza é forçada a portar-se de modo diferente daquele que normalmente usa. Deus torna-se aliado do homem contra a natureza.

O Deus Hebraico inicial tornou-se num símbolo do ego desenfreado do homem. Deus comportou-se exatamente como uma criança enfurecida se portaria, caso dispusesse de tais poderes, dirigindo trovões e relâmpagos e fogo contra os seus inimigos a fim de os destruir. O ego emergente do homem trouxe-lhe, pois, problemas e desafios de ordem emocional e psicológica. O sentido de separação da natureza aumentou e a natureza tornou-se num instrumento a ser utilizada contra os outros.

Algum tempo antes da emergência do deus Hebraico essas tendências tornaram-se evidentes. Em muitas religiões tribais antigas, atualmente esquecidas, recorria-se aos deuses com oferendas para ele voltar a natureza contra o inimigo. Antes desse tempo, porém, o homem sentia ser parte da natureza, e não achar-se separado dela. Era encarada como uma extensão do seu ser, conforme ele sentia ser uma extensão da sua realidade. E sob esse ponto de vista, não podemos usar-nos a nós próprios contra nós próprios.

Nesses tempos o homem falava e confiava no espírito das aves, das árvores, das aranhas, sabendo que subjacente à realidade interior a natureza e tais comunicações eram conhecidas e compreendidas. Nesses tempos, a morte não era receada conforme o é nos vossos termos, agora, por compreenderem o ciclo da consciência.

De uma certa forma o homem desejava sair de si próprio, para fora da estrutura em que tinha a sua existência psicológica, para tentar novos desafios, passar de um modo de consciência para outro diferente. Ele pretendia estudar o processo da sua própria consciência. De certo modo isso significava uma separação descomunal da espontaneidade interior que lhe tinha fornecido tanto paz quanto segurança. Por outro lado, proporcionava-lhe uma nova criatividade, nos vossos termos.

Por essa altura, o Deus interior tornou-se no Deus exterior.

O homem tentou formar um novo reino, atingir um tipo diferente de foco e de consciência. A sua consciência voltou-se para fora de si. Para conseguir isso concentrou-se cada vez menos na realidade interna, e consequentemente começou o processo da realidade interior somente como projeção no mundo físico exterior.

Antes, o ambiente era criado sem esforço e percebido pelo homem e por todas as outras coisas vivas, com conhecimento da natureza da sua unidade interior. Para poder dar início a essa sua nova aventura, fazia-se necessário fingir que essa realidade interior não existia. De outro modo o novo tipo de consciência regressaria sempre de volta ao seu âmbito em busca de segurança e de conforto. Assim, parecia que todas as pontes precisavam ser cortadas, enquanto isso, é claro, não passava de um jogo, porque a realidade interior sempre se manteve. O novo tipo de consciência precisava simplesmente de desviar o olhar dela para poder inicialmente manter um foco independente.

Estou aqui a falar-lhes em termos mais ou menos históricos. Todavia, precisam entender que o processo nada tem que ver com o tempo conforme o concebem. Esse tipo particular de aventura na consciência tinha sucedido antes, e nos vossos termos voltará a suceder de novo.

Contudo, a perceção do universo exterior passou a ser alterada, e pareceu estranha a separada do indivíduo que o percebia.

Deus, pois, tornou-se numa ideia projetada no exterior, independente do indivíduo e divorciado da natureza. Tornou-se no reflexo do ego emergente do homem, em todo o seu brilho, selvageria, poder, e intenção de domínio. A aventura foi altamente criativa a despeito das desvantagens óbvias, e representou uma "evolução" da consciência que enriqueceu a experiência subjetiva do homem, e de facto contribuiu para as dimensões da própria realidade.

Para se tornar efetivamente organizado, porém, tanto a experiência interior como a exterior tinham que parecer acontecimentos desconexos e separados. Historicamente, as características de Deus mudaram à medida que o ego do homem mudava. Contudo, essas características do ego, eram apoiadas por poderosas alterações interiores.

O impulso original das características interiores para fora rumo à formação do ego podia ser comparada ao nascimento de inúmeras estrelas — um evento de inúmeras consequências que tinha tido origem num nível subjetivo e numa realidade interior.

Por consequência, tendo tido nascido dentro, o ego precisa sempre orgulhar-se da sua independência enquanto mantém a insistente certeza da sua origem interior.

O ego receou pela sua posição, assustado com a possibilidade de poder dissolver-se de novo no Eu interior de que tinha brotado. No entanto, ao emergir, forneceu ao Eu interior

um novo tipo de reação, uma diferente perspetiva não só de si somente, mas trouxe-lhe mais, facultou-lhe a capacidade de vislumbrar possibilidades de desenvolvimento de que não tivera noção antes. Nos vossos termos, lá pelo tempo de Cristo, o ego achava-se suficientemente seguro da posição que ocupava pelo que a imagem projetada de Deus podia começar a sofrer mudanças.

O Eu interior encontra-se num estado de crescimento permanente. A porção íntima de todo homem projetou, pois, esse conhecimento no exterior. A necessidade, a necessidade psicológica e espiritual da espécie, exigiu alterações tanto interiores como exteriores de enorme importância. Qualidades de misericórdia e de compreensão que tinham permanecido soterradas podiam agora vir à superfície. E elas surgiram não só a nível privado mas em massa, adicionando um novo ímpeto e conferindo uma "novo" rumo natural – ao começar a convocar todas as porções do Eu, conforme as concebia.

O conceito de Deus começou a mudar à medida que o ego reconhecia a dependência que tinha da realidade interior, mas o drama precisava ser trabalhado no enquadramento da altura. O Islamismo era basicamente tão violento justamente devido ao facto do Cristianismo ser brando. Não que o Cristianismo não tivesse violência à mistura, ou o Islamismo fosse destituído de amor. Mas à medida que a psique passou pelos seus desenvolvimentos e batalhou consigo própria, negando alguns sentimentos e características para realçar outras, também o drama histórico exterior representou e seguiu as aspirações e lutas e buscas interiores.

Todo este material agora fornecido precisa ser levado em linha de conta juntamente com o facto de que por detrás de tais desenvolvimentos existem aspetos eternos e características criativas de uma força que tem tanto de inegável quanto de íntima. Por outras palavras, Tudo Quanto Existe, representa a realidade a partir da qual todos nós brotamos. Tudo Quanto Existe, pela sua própria natureza, transcende todas as dimensões da atividade, da consciência, da realidade, ao mesmo tempo que faz parte de cada uma delas.

Por detrás de todos os rostos há uma face, mas isso não quer dizer que a face de cada um não seja sua. O drama religioso posterior de que falei, nos vossos termos ainda por suceder, representa uma outra fase nos dramas tanto interior como exterior em que o ego emergente toma consciência de grande parte da sua herança. Enquanto preserva a sua própria situação, será capaz de um maior intercâmbio com outras porções do Eu, assim como de proporcionar ao Eu interior oportunidades de consciência que o Eu interior por si só não conseguiria obter.

Por isso, as jornadas de desenvolvimento dos deuses, representam as jornadas da própria consciência do homem projetadas no exterior. No entanto, Tudo Quanto Existe, acha-se contido em cada uma dessas aventuras. A sua consciência, e a sua realidade acha-se em

cada homem e nos deuses que ele (homem) criou.

Os deuses, é claro, alcançam uma realidade psíquica. Não estou por isso a dizer que eles não sejam reais, mas em certa medida para definir a natureza da sua realidade. É, em certa medida, verdadeiro dizer: "Tenham cuidado com os deuses que escolhem, porquanto vós vos reforçais uns aos outros."

Uma aliança dessas estabelece certos campos de atração. Um homem que se apegue a um dos deuses está necessariamente a apegar-se em larga escala às suas próprias projeções. Algumas, nos vossos termos, são criativas, e outras destrutivas, apesar das últimas raramente serem reconhecidas como tal.

O conceito aberto do Tudo Quanto Existe, contudo, liberta-os em grande medida das próprias projeções que estabelecem, e permite-lhes um contato mais válido com o espírito que se acha por detrás da realidade que conhecem.

Neste capítulo gostaria igualmente de mencionar diversos outros aspetos pertinentes.

Algumas histórias antigas chegaram a estender-se ao longo dos séculos que fazem narrativas de diversos deuses e demónios que por assim dizer guardam os portões de outros níveis e estágios da consciência. E que definem, enumeram e classificam níveis astrais.

Há testes a passar antes de lhes terem acesso. Há rituais a ser encenados. Agora, tudo isso é altamente distorcido e qualquer tentativa para expressar a realidade interna com rigor e precisão está fadada a abortar, a revelar-se altamente enganador e, nos vossos termos, até mesmo por vezes perigoso; por criarem a vossa própria realidade e a viverem de acordo com as crenças íntimas que têm. Por isso, tenham igualmente cuidado com as crenças que aceitam.

Permitam que aproveite a oportunidade para declarar uma vez mais que não existem demónios nem diabos, exceto os que vocês criam com base nas crenças que têm. Conforme mencionado anteriormente, os bons e maus efeitos constituem basicamente ilusões. Nos vossos termos, todos os atos, independentemente da sua natureza aparente, são uma parte de um bem maior. Não estou a dizer que um fim bom justifique o que considerariam uma má ação. Enquanto aceitarem os efeitos do bem e do mal, então é preferível que optem pelo bem.

Estou a expor isto da forma mais simples possível. As palavras que emprego apresentam profundas implicações, todavia. Os contrários só têm validade no vosso sistema de realidade. Eles fazem parte do vosso sistema de pressupostos de raiz, e assim precisam lidar com eles enquanto tais.

No entanto, representam profundas unidades que não compreendem. A conceção que fazem de bem e de mal resulta em grande parte do tipo de consciência que presentemente adotam. Não percebem totalidades mas porções, somente. A mente consciente foca-se com uma luz rápida, limitada mas intensa, percebendo com base num campo limitado de realidade apenas certos "estímulos" que a seguir passa a reunir, de modo que forma o elo da similitude. Tudo o que não aceitar como uma porção da realidade, não percebe.

O efeito dos contrários resulta, pois, de uma falta de perceção. Dado que precisam operar no mundo conforme o percebem, então os contrários terão que parecer constituir condições da existência. Contudo, esses elementos foram isolados por uma certa razão. Vocês estão a ser ensinados e estão a ensinar a vós próprios o modo de manipular a energia, para se tornardes cocriadores conscientes com o Tudo o Que Existe, e um dos "estágios do desenvolvimento" dos processos de aprendizagem inclui o trato com os contrários como uma realidade.

Nos vossos termos, as ideias de bem e mal ajudam-nos a reconhecer o sagrado da existência, a responsabilidade da consciência. As ideias dos contrários também representam diretrizes necessárias para o ego em desenvolvimento. O Eu interior conhece muito bem a unidade que existe.

Em qualquer período histórico, um drama religioso pode finalmente emergir como a representação externa, mas deverão haver também muitos dramas menores, "projeções" que não assumem por completo. Esses representam, é claro, eventos prováveis. Qualquer deles podia suplantar o drama exterior real. No tempo de Cristo houveram muitos desempenhos que tais, já que muitas personalidades sentiram a força da realidade interior e reagiram-lhe.

Existiram Cristos prováveis, por outras palavras, vivos nos vossos termos, por essa altura. Por diversas razões em que não entrarei aqui, essas projeções não espelharam eventos interiores de modo suficientemente fiel. Existia, contudo, um grupo de homens na mesma área física generalizada, que responderam ao clima psíquico interior e que sentiram em si próprios a atração e a responsabilidade do herói religioso.

Alguns deles estavam demasiado imbuídos, demasiado presos no tormento e fervor do período para se erguerem o suficiente acima dele. As culturas serviram-se deles. Não foram capazes de utilizar as diversas culturas como ponto de partida para novas ideias. Em vez disso perderam-se na história dos tempos.

Alguns prosseguiram seguindo o mesmo padrão assumido pelo Cristo, desempenharam façanhas psíquicas e curas, tiveram grupos de seguidores, mas ainda assim não foram capazes de manter esse poderoso enfoque de atenção psíquica que se fazia tão necessário.

O Mestre da Retidão, conforme o chamavam, foi um indivíduo desses, mas a sua natureza excessivamente zelosa freou-lhe o progresso. A rigidez que manifestava impediu-lhe a espontaneidade necessária para a implementação de qualquer grande religião. Em vez disso, caiu na armadilha do provincianismo. Tivesse ele desempenhado o papel possível e poderia ter beneficiado Paulo. Ele era uma personalidade provável da porção do Paulo da entidade do Cristo.

Esses homens tinham uma compreensão inata da parte que lhes cabia nesse drama, assim como da posição que tinham em meio a Tudo Quanto Existe. Todos altamente dotados a nível clarividente e telepático, e dados a visões e a escutar vozes. Nos sonhos que tinham achavam-se em contato. Conscientemente, Paulo recordou muitos desses sonhos, até se sentir perseguido pelo Cristo. Foi devido a uma série de sonhos recorrentes que Paulo perseguiu os Cristãos. Ele sentiu que o Cristo era uma espécie de demónio que o perseguia durante o sono.

Ao nível inconsciente, porém, ele conhecia o significado dos sonhos, e a "conversão" que atravessou, claro está, constituiu simplesmente um evento físico que se seguiu a uma experiência interior.

João Baptista, Cristo e Paulo estavam todos em contato no estado onírico, e o João estava perfeitamente ciente da existência do Cristo antes de o Cristo nascer.

Paulo necessitava da força egoísta por causa dos deveres particulares que lhe cabiam. Ele estava muito menos consciente ao nível consciente do papel que lhe cabia por tal razão. O conhecimento interior, é claro, explodiu na experiência física de conversão por que passou.

UM ADEUS E UMA INTRODUÇÃO
ASPETOS DA PERSONALIDADE MULTIDIMENSIONAL
CONFORME VISTOS ATRAVÉS DE MINHA PRÓPRIA EXPERIÊNCIA

Capítulo 22

No tempo histórico de Cristo, eu fui um homem chamado Millenius, em Roma. Naquela vida, tive por ocupação principal a de mercador, mas eu era um homem muito curioso, e as viagens que fazia davam-me acesso a muitos grupos diferentes de gente. Fisicamente, eu era rechonchudo e baixo, nada aristocrata na aparência, e vestia-me mal. Nós tínhamos uma espécie de rapé feito de um certo tipo de palha. Eu usava-o constantemente, em geral derramava algum na minha roupa. Tinha a minha habitação na parte mais movimentada na parte noroeste da cidade, logo a seguir do que vocês chamariam de centro da cidade.

Entre as mercadorias que comercializava, eu vendia sinos para burros. Isso pode não parecer um produto muito especial, mas para as famílias das fazendas de fora de Roma, era considerado muito útil. Cada um tinha um som especial, e a família podia distinguir, pelo som do sino, o seu próprio jumento entre uma porção de outros. Os burricos também eram usados em muitos outros negócios dentro da própria cidade de Roma, para carregar carga, particularmente nas ocupações mais humildes. O número de sinos, o seu tom específico, até mesmo as cores, possuíam significado. No tumulto da cidade, os sinos particulares podiam ser reconhecidos, pois, pelos pobres e pelos escravos que esperavam para comprar mantimentos — em geral alimentos murchos de carroças sobrecarregadas.

Os sinos eram apenas uma pequena porção de meu negócio, que abrangia, em grande escala, fazendas e tinturas, mas eles fascinavam-me. Devido ao interesse que sentia por eles, eu viajava mais pelo campo e pela região do que era prudente. Os sinos tornaram-se no meu passatempo. A minha curiosidade levou-me a viajar em busca de diferentes tipos de sinos, e a entrar em contato com muita gente que, de outra forma, não teria conhecido. Embora eu não tivesse educação, era sagaz e tinha vivacidade. Conforme descobri, sinos especiais eram usados por várias seitas de judeus, tanto dentro quanto fora de Roma. Embora eu fosse cidadão Romano, a cidadania de que gozava era de pouca serventia, a não ser para me garantir um mínimo de segurança no meu dia-a-dia, e nos meus negócios conheci tantos Judeus quanto Romanos. Eu não estava socialmente muito acima deles. Os Romanos não tinham uma ideia clara do número de Judeus que havia em Roma na época. Tentavam apurá-lo por estimativa.

Os sinos usados nos burros pertencentes aos Zelotes traziam o símbolo de um olho. Eles entravam secretamente na cidade, escondiam-se tanto dos outros Judeus como dos Romanos. Eram bons na barganha e muitas vezes me levaram a melhor, mais do que eu merecia perder. Obtive conhecimento com respeito ao Senhor da Retidão da parte de um primo dele chamado Sheraba — que era, tanto quanto pude perceber, um assassino "sagrado." Ele encontrava-se bêbado na noite em que conversei com ele numa tenda mal-cheirosa fora de Jerusalém. Foi ele quem me falou sobre o símbolo do olho. Ele também me disse que o homem chamado Cristo fora sequestrado pelos Essénios. Eu não acreditei nele. Mas, quando ele me falou nisso, eu não sabia quem era Cristo. Na época em que Cristo viveu a sua existência, relativamente poucos eram os que o conheciam. Com toda a franqueza *(e humor)* eu sabia que alguém dava as cartas, mas não tinha certeza de quem fosse. Em sonhos, obtive finalmente conhecimento da situação, assim como muitos outros.

Os Cristãos, falando de modo geral, não desejavam conversos Romanos. Mais tarde tornei-me um deles, mas por causa da minha nacionalidade, nunca obtive a sua confiança. A parte que tive nesse drama foi simplesmente a de me familiarizar com suas fundações físicas; a de um participante, por menor que fosse, daquela era. Muito mais tarde (nos vossos termos), eu acabaria como um Papa menor no Século Terceiro, onde tornei a encontrar-me com alguns que conhecera — e, se me perdoarem a observação humorística - onde mais uma vez me familiarizei com o som de sinos.

(A primeira referência que Seth fez à sua encarnação como um Papa menor, foi na sessão da aula de ESP de Jane, a 15 de Maio de 1971 a que cerca de dezoito pessoas assistiram. A sessão foi gravada, pelo que as citações que seguem são textuais. Seth estava de bom humor, talvez um pouco vulgar:

("...pois fui um Papa em 300 d.C. Eu não fui um Papa muito bom. Tive dois filhos ilegítimos [riso da parte da aula], uma amante que se esgueirava para o meu estúdio particular, um mágico que eu mantinha no caso de não conseguir sair-me muito bem sozinho, uma empregada que ficou grávida todos os anos em que trabalhou para mim, e três filhas que foram para um convento por eu não as querer — – e fui mencionado apenas em três linhas insignificantes, pois o meu reinado não durou muito. Bem, eu tinha uma família grande — isto é, eu viera de uma família grande, e era ambicioso como todos os jovens inteligentes daquela época. Eu não me alistei no exército, portanto nada mais havia a fazer a não ser entrar para a Igreja. "Por um tempo eu não fiquei em Roma, mas respondi aos meus chamados religiosos noutro lugar. Eu redigi duas leis da Igreja. Isso deve mostrar-lhes que de tudo se pode tirar algum proveito.

Morri de problemas relacionados com o estômago, por ser um glutão. Não me chamei Clemente *[em resposta a uma pergunta da parte da aula],* embora Clemente seja um belo nome. Inicialmente eu chamei-me Protonius. Agora espere um pouco. O sobrenome não está tão claro, e este não foi meu nome papal, mas o meu — se me perdoarem o termo — nome comum: Meglemanius Terceiro. Era proveniente de um pequeno lugarejo. A menos que eu convoque o que eu era na época, as lembranças dos detalhes não são muito claras, mas é assim que me lembro delas agora, sem conferir diretamente com nosso amigo Papa que, vocês precisam compreender, seguiu o seu próprio caminho.

Estou a chegar tão perto quanto possível. Não tínhamos tantos guardas na época, mas tínhamos muitos quadros roubados e joias de grande valor. Ora, algumas dessas joias, assim como o dinheiro, serviram para patrocinar expedições das quais vocês não têm conhecimento, ligadas com o comércio e o envio de barcos para a África; e esse interesse teve que ver com a minha vida posterior, quando me envolvi com o orégão *[como mercador de especiarias na Dinamarca, nos anos de 1600].* Os meus espirros têm séculos. Havia dois irmãos fortemente unidos no controle da Itália, na época. Talvez eu deva dizer dois homens, um numa capacidade mais elevada e o outro, o seu chanceler, com quem eu me envolvi como Papa; mas também enviei exércitos para o Norte.

Nós ainda não havíamos começado a insistir nas indulgências, de modo que eu não tinha o dinheiro extra que as indulgências haveriam de trazer. Acreditava e não acreditava, como tu [para um membro da aula] antes acreditavas e não acreditavas, e fiz um bom trabalho, escondendo de mim próprio o que eu acreditava e aquilo em que não acreditava. Mas quanto mais longe no poder chega uma pessoa, mais difícil se torna esconder essas coisas de si própria. Eu gostava muito de minha primeira amante, cujo nome era Maria. Mas não havia as

mesmas regras saudáveis que vocês têm hoje, nem existiam governos tão seguros como os que vocês têm agora. Eu acreditava implicitamente no Deus em que fora criado, e naquela crença.

Foi só mais tarde que comecei a pensar como aquele Deus me escolhera para uma tal posição — e então comecei a duvidar. Eu tive quatro vidas, a seguir àquela, nas mais adversas circunstâncias, para que eu entendesse a diferença existente entre o luxo e a pobreza, o orgulho e a compaixão. E tive dias, em outros séculos, em que andei pelas ruas que trilhara como Papa. Como Papa, eu mal percorrera aquelas ruas; mas como camponês, trilhei-as de forma exaustiva, até aprender as lições que precisava aprender, assim como todos vocês terão que aprender as vossas.")

Não é meu propósito entrar em existências passadas de modo detalhado, mas usá-las para demonstrar alguns aspetos. Antes de mais, fui muitas vezes homem e mulher, e entreguei.me a diversas ocupações, mas sempre com a ideia de aprender a fim de poder ensinar. Tive, pois, fundações firmes na existência física, como pré-requisito para o meu "trabalho" atual. Eu não desempenhei o papel de nenhuma personalidade de grande relevância histórica, mas tornei-me experiente nos detalhes acolhedores e íntimos da vida do dia-a-dia, da luta normal pela realização, da necessidade de amor. Colhi experiência acerca do indescritível anseio do pai pelo filho, do filho pelo pai, do marido pela mulher, da mulher pelo marido, e lancei-me precipitadamente nas teias íntimas das relações humanas. Antes da ideia que vocês têm de história, eu fui um Lumaniano, e mais tarde nasci na Atlântida. Usando a vossa referência histórica, voltei no tempo até os homens das cavernas, onde operei como Orador.

Bem, eu sempre fui um Orador, independentemente de ocupação física que tivesse. Fui mercador de especiarias na Dinamarca, quando conheci a Jane e o Joseph. Em diversas vidas eu fui negro — uma vez no que agora é chamado de Etiópia, e uma vez na Turquia. As minhas vidas como monge seguiram-se à minha experiência como papa, e em numa delas, fui vítima da Inquisição Espanhola. A experiência que tive com vidas femininas variou entre uma solteirona Holandesa a uma cortesã no tempo do bíblico David, passando por várias existências como humilde mãe com filhos.

Bem, quando comecei a contatar a Jane e o Joseph, escondi deles o facto das inúmeras vidas que tive. (Sorriso.) A Jane, em particular, não aceitava a reencarnação, e a ideia de uma multiplicidade de experiências de vida ter-lhe-ia soado escandalosa. Os tempos, os nomes e as datas não são tão importantes quanto as experiências, e estas são numerosas demais para serem aqui mencionadas. Entretanto, providenciarei para que um dia sejam inteiramente disponibilizadas.

Algumas foram dadas nas sessões das aulas que a Jane dava, e algumas, embora poucas, apareceram no próprio 'O Material Seth.' Em um livro que versa sobre reencarnação, espero que cada uma de minhas personalidades prévias fale por si própria, pois elas

precisam contar a sua própria história. Vocês deviam entender, pois, que essas personalidades ainda existem e são independentes. Embora o que eu sou certa vez pareça ter estado contido nessas personalidades, eu fui apenas a semente em relação a elas. Nos vossos termos, consigo lembrar-me de quem eu fui; em termos mais amplos, entretanto, essas personalidades devem falar por si próprias. Talvez vocês vejam nisto uma analogia, quando compararem a situação com a regressão sob hipnose. Contudo, essas personalidades não se acham trancadas dentro do que eu sou, mas progrediram à sua própria maneira. Elas não foram anuladas. Nos meus termos, coexistem comigo, só que num outro nível de realidade.

Em diversas vidas tive plena consciência de minhas "existências passadas." Certa vez, como monge, encontrei-me a copiar um manuscrito que eu próprio escrevera numa outra vida. Muitas vezes fui dado a um excesso de peso. Duas vezes morri de inanição. Posteriormente, sempre achei as minhas mortes muito instrutivas — nos vossos termos. Foi sempre uma lição, no período entre vidas seguir os pensamentos e os eventos que "conduziram a um determinado fim." Nenhuma das minhas mortes me surpreendeu. Durante o processo, senti a inevitabilidade, o reconhecimento, até mesmo um sentido de familiaridade. "Naturalmente, este morrer particular é meu e de ninguém mais." E aceitei, pois, até mesmo as circunstâncias mais bizarras, percebendo nelas quase como que uma perfeição. A vida não poderia terminar adequadamente sem a morte.

Há um grande sentido de humildade, e, contudo, um grande senso de elevação, quando o eu interior percebe a liberdade decorrente da morte. Todas as minhas mortes foram complementos das minhas vidas, já que me parecia não poder ser de outra forma. Se eu decidir, (nos vossos termos) poderei reviver qualquer porção dessas existências, mas aquelas personalidades seguem o seu próprio caminho.

Num nível subjetivo, atuei como professor e Orador em cada uma das minhas vidas. Numas quantas existências muito intuitivas, tive consciência desse facto. Vocês ainda não entendem a importância extrema do lado oculto da consciência. Para além do papel objetivo que têm em cada vida, os vossos desafios associados à reencarnação também envolvem os vossos sonhos, os ritmos da criatividade do dia-a-dia que vocês conhecem, com os seus altos e baixos. Assim, tornei-me tão versado como Orador e professor em várias vidas que, em contraste, se revelaram externamente desinteressantes. A influência, o trabalho e as preocupações que tinha em tais casos foram muito mais vastos do que as minhas silenciosas buscas objetivas. Forneço-lhes estas informações na esperança de os ajudar a compreender a verdadeira natureza da vossa própria realidade. Entretanto, as minhas existências reencarnatórias não definem aquilo que eu sou, como as vossas também não os definem.

Bom; A alma conhece a si mesma, e não se deixa confundir por termos nem definições. Ao expor-lhes a natureza da minha própria realidade, espero ensinar-lhes acerca da natureza da vossa. Vocês não estão relegados a nenhuma categoria ou recanto da existência. A vossa

realidade não pode ser medida, assim como a minha. Ao escrever este livro espero ilustrar a função da consciência e da personalidade, e ampliar os vossos conceitos.

Bem: eu comecei por lhes dizer que estava a ditar este material através dos auspícios de uma mulher de quem eu gostava muito. Quero dizer-lhes agora que isso envolve outras realidades. Os parágrafos seguintes serão escritos por uma outra personalidade, que se encontra mais ou menos na mesma posição que eu, com respeito à mulher através de quem falo neste momento.

(Agora comecei a notar uma transformação na Jane, quando nosso Seth familiar se retirou e o outro aspeto do Seth começou a entrar em cena. Ao mesmo tempo, eu sabia que, subjetivamente, Jane estava a experimentar a sensação de um "cone" ou "pirâmide" que descia sobre o topo da sua cabeça. Jane dissera-me muitas vezes que sempre que percebia a aproximação de Seth de um modo muito caloroso, vivo e amigável, sentia que a sua consciência a deixava para encontrar-se com outro aspeto do Seth — "subindo a pirâmide invisível como a corrente de uma chaminé." Ela não sabe para onde vai nem como volta. Parece que o seu corpo é deixado para trás. A Jane sentou-se muito formalmente na sua cadeira de balanço, com os braços sobre os braços da poltrona, os pés no tapete. A noite estava quente e húmida; as janelas de nossa sala de visitas estavam abertas, e eu então tomei consciência do barulho do trânsito.

Ouvi alguém mover-se no apartamento de cima. Jane tinha os olhos fechados, mas de vez em quando abria-os ligeiramente. Ela sorria um pouco ao falar pelo outro aspeto do Seth. A voz que começou a sair dela era muito alta, muito distante e formal, com pouco volume ou ênfase. Cada palavra era pronunciada cuidadosa e deliberadamente, quase com delicadeza. Era como se o outro aspeto do Seth não estivesse familiarizado com as cordas vocais ou as palavras, e achasse difícil usar os mecanismos da maneira correta. O contraste entre os dois Seths não poderia ter sido mais perfeito. Esse outro aspeto do Seth é tratado pormenorizadamente no Capítulo Dezassete do livro de Jane intitulado 'The Seth Material'. Esta personalidade fala ocasionalmente nas aulas de ESP, mas muito raramente nas nossas sessões privadas. No esboço que Seth forneceu para este livro, antes do início dos ditados, ele disse que explicaria o outro aspeto dele Seth. Algumas das nossas perguntas para o Capítulo Vinte também tratavam desse aspeto do Seth. Eu havia esquecido ambos os aspetos de momento — por isso fiquei surpreendido.)

Nós somos as vozes que falam sem voz própria. Somos as fontes da energia da qual vocês procedem. Somos os criadores, mas também fomos criados. Nós disseminamos o vosso universo, tal como vocês disseminam outras realidades. Não existimos nos vossos termos históricos, nem conhecemos a existência física. O nosso júbilo criou a exaltação de onde brota o vosso mundo. A nossa existência é tal que a comunicação convosco precisa ser feita por intermédio de outros. Símbolos verbais não têm significado para nós. A nossa experiência não é passível de ser traduzida.

Esperamos que a nossa intenção o seja. No escopo infinito da consciência, tudo é possível. Existe significado em todo o pensamento. Percebemos os vossos pensamentos como luzes. Eles formam padrões.

(Cada sílaba era enunciada cuidadosa e separadamente.)

Por causa das dificuldades inerentes à comunicação, é-nos praticamente impossível explicar-lhes a nossa realidade. Saibam apenas que nós existimos. Enviamos-lhes imensurável vitalidade e apoiamos todas as estruturas de consciência com que se acham familiarizados. Vocês nunca estão sós. Sempre lhes enviamos emissários que entendem as vossas necessidades. Embora não nos conheçam, nós estimamo-los. O Seth constitui um ponto de referência meu — nosso. Ele é uma porção antiga de nós. Encontramo-nos separados, mas unidos. O espírito sempre é aquele que forma a carne.

(Este foi o fim da sessão. Como sempre, quando o Seth Dois fala, o fim não é anunciado e chega sem a saudação calorosa e emocional que em geral envolve o Seth, a Jane e eu. Jane tinha os olhos pesados. Por alguns minutos, ela teve dificuldade em mantê-los abertos. Ela não havia mudado de posição durante a transmissão, e experimentara os mesmos efeitos de cone. Eu precisei pedir que uma ou duas palavras fossem repetidas quando o barulho dos carros interferira.)

(Nós aprontamo-nos bem cedo para a sessão, para variar. Eu disse a Jane que esperava que Seth comentasse um sonho que ela tivera na noite passada, envolvendo nós dois, e que fora muito otimista. Eu tinha certeza de que em termos simbólicos, tratava do nosso trabalho. Seth analisou o sonho ao final da sessão, material esse que é descrito abaixo. Com a aproximação das 21h, Jane começou a adotar uma certa postura. Foi ficando quieta enquanto aguardava, sentada, e começou a olhar para os lados com os olhos baixos; ela parecia estar alerta, à espera de um certo sinal subjetivo. Então disse-me que Seth se encontrava "por perto" e que a sessão iria começar num minuto. Quando tirou os óculos e os colocou na mesa diante dela, estava em transe. O ritmo que inicialmente adotou foi bem lento.)

A Jane precisa que faças o melhor por ela, e o apoio que lhe dás. Ela confia em ti. No sonho ele segue-te por onde quer que vás, mas precisa que a tua confiança a oriente. O sonho tem diversos aspetos. Primeiro, os passos definidos ascendentes representam justamente passos comuns que têm que ser dados, que outros deram antes de vós. Forma claramente definidos como tal. Mas mesmo assim, a Jane interrogou-se quanto ao seu sentido. Tornaram-se menos definidos à medida que chegaram mais acima. Por fim foram levados a viajar até ao topo onde não existem passos definidos, mas uma subida suave e constante, sem passos desses a seguir. Chegaste lá primeiro e ajudaste a Jane. O que quer dizer que no teu eu interior possuis uma ideia clara dos objetivos que a Jane oculta, por diversos motivos, alguns dos quais legítimos, do seu eu prático.

Ela receou virar do avesso, e no sonho esteve antes de alcançar o topo. Isso representa a tendência que tem para se voltar a olhar para trás no caminho já percorrido. Num nível físico, o sonho teve um outro sentido — que após um tempo ele deixará de se preocupar com escadas e o caminhar. O método de subir as escadas deixará de a preocupar, simplesmente a ascensão, e então vós os dois ireis conquistar a situação física. O sonho mostra igualmente a disposição que tem para te seguir em ambos os casos, e enfatiza a confiança que tens nas capacidades dela. Mostra a vós os dois uma vez mais um trabalho conjunto com objetivos comuns. O homem representou a razão dos sintomas — o lado negro, que ambos vos decidistes a evitar. Vocês deixam-no no bosque, e a seguir começam a ascensão.

(Isso não significa que estejamos a evitar o problema, quer?)

Significa que não têm mais associação com ele, que o deixaram nos bosques de que ambos emergiram para a ascensão. A um outro nível o homem representa diversas distrações de tipo negativo; uma recusa a ficar retidos por qualquer outro comércio que tenham com ele. No começo a casa é pequena. A Jane quer construir uma janela de modo que a varanda possa ser acrescentada à sala de estar. Em vez disso tu condu-la para fora de casa. Isso representa as tentativas atuais tardias que fizeste por liderar a Jane fisicamente para o exterior, e a determinação para irem ambos para os bosques. Ela queria esconder-se dentro de casa. Tu conduziste-la pelos bosques a ultrapassar os sintomas representados pelo homem, na ascensão.

Bom: Continuemos. Há tipos de consciência que não podem ser decifrados em termos físicos. A "personalidade" que deu origem aos parágrafos que vocês acabam de ler, é um desses casos.

Conforme mencionado, existe entre essa personalidade e eu o mesmo tipo de ligação que existe entre a Jane e eu. Porém, nos vossos termos, o outro aspeto do Seth está muito mais afastado da minha realidade do que eu da Jane. Vocês podem imaginar o outro Seth como uma porção futura de mim próprio, se preferirem, contudo, embora envolva muito mais. Eu sou eu próprio, para empregar aqui termos simples numa tentativa de tornar mais claras estas ideias. Em estado de transe, a Jane pode contatar-me. Em estados de alguma forma semelhantes a um transe, eu também consigo contatar o meu outro aspeto Seth. Nós estamos ligados por modos muito difíceis de explicar, unidos por redes de consciência. A minha realidade inclui, pois, não só identidades reencarnatórias, como igualmente outras gestalts de seres que não possuem, necessariamente, quaisquer ligações físicas.

O mesmo se aplica a cada leitor deste livro. A alma acha-se, pois, em aberto. Ela não constitui qualquer sistema espiritual ou psíquico fechado. Eu tentei demonstrar-lhes que a alma não é uma coisa separada, uma coisa à parte de vós. Ela não se acha mais separada de vocês do que Deus. Não há necessidade de criar um deus à parte, que tenha existência fora do vosso universo e separado dele, como não há necessidade de pensar em uma alma como uma entidade distante. Deus, ou Tudo Quanto Existe, é uma parte íntima de vós. A energia "d'Ele" forma a vossa identidade e a vossa alma faz, da mesma forma, parte de vós.

As minhas próprias personalidades reencarnatórias, eus prováveis, e até o outro aspeto do Seth, existem dentro de mim neste momento, tal como eu existo dentro deles. Nos vossos termos, o outro aspeto do Seth é mais avançado. Nos vossos termos ele é mais estranho, uma vez que não consegue relacionar-se com a vossa existência física tão bem quanto eu, por causa dos antecedentes que tive nela. Ainda assim, a minha experiência enriquece o outro aspeto do Seth, e as suas experiências enriquecem-me a mim na proporção em que eu sou capaz de as perceber e traduzi-las para o meu próprio uso. Da mesma forma, a personalidade da Jane é expandida por meio da relação que tem comigo, assim como o melhor dos professores aprende com cada uma das dimensões da atividade. Em termos mais amplos, a minha alma inclui as minhas personalidades reencarnatórias, o outro Seth e os eus prováveis. Por falar nisso, acho-me tão consciente dos meus eus prováveis, quanto das reencarnações que vivi.

O vosso conceito que fazem da alma acha-se simplesmente limitado. Não me refiro realmente em termos de almas agrupadas, embora essa interpretação também possa ser feita. Cada "parte" da alma contém o todo — um conceito que, estou certo, irá surpreendê-los. Quando se tornarem mais percetivos quanto à vossa própria realidade subjetiva, irão familiarizar-se com porções maiores da vossa própria alma.

Quando pensam na alma como um sistema fechado, percebem-na como tal, e barram o conhecimento da sua criatividade e das suas características mais significativas. O outro Seth representa aquilo em que de certa forma me tornarei, para o referir nos vossos termos; contudo, quando eu me tornar no que ele é, ele já será algo diferente. Nos mesmos termos, somente agora o Jane consegue tornar-se no que eu sou, mas então eu serei algo muito diferente.

Cada um de vocês está envolvido no mesmo tipo de relações, estejam ou não cientes delas. Embora lhes pareça que as reencarnações envolvam eventos passados e futuros, elas representam existências paralelas ou adjacentes à vossa própria vida e consciência atuais. Falando em termos relativo, outros aspetos da vossa identidade superior existem perto e em torno delas.

As respostas à natureza da realidade, o conhecimento íntimo de Tudo Quanto Existe que todos vós buscais, encontra-se dentro da vossa presente experiência. Não serão encontradas fora de vós, mas numa penetração interna em vós próprios através de vós próprios e através do mundo que conhecem.

Certa vez eu fui uma mãe de doze filhos. Ignorante em termos de educação, longe de ser bonita, especialmente nos anos mais avançados, com um gênio difícil e uma voz rouca. Isso foi em Jerusalém, no século sexto. As crianças tinham muitos pais e eu fazia o melhor que podia para sustentá-las. O meu nome era Marshaba. Morávamos onde podíamos, acocorados nas soleiras das portas e, por fim todos a esmolar. Contudo, naquela existência, a vida física apresentava contraste, uma agudeza maior do que jamais conhecera. Uma crosta de boroa parecia-me muito mais deliciosa do que qualquer pedaço de bolo com cobertura, como jamais me parecera em vidas anteriores. Quando os meus filhos riam, eu ficava extasiada

de alegria, e apesar da nossa pobreza, todas as manhãs o facto de não termos morrido durante o sono, ou de não havermos sucumbido à fome era uma surpresa triunfante. Escolhi aquela vida deliberadamente, assim como cada um de vocês escolheu a vossa, e fiz isso por as minhas vidas prévias me terem deixado demasiadamente indiferente. Eu tivera demasiada proteção e já não me focava com clareza nas delícias e experiências físicas verdadeiramente espetaculares que a Terra pode proporcionar.

Embora eu gritasse com os meus filhos e às vezes berrasse furiosa contra os elementos, fiquei impressionada com a magnificência da vida, e aprendi mais sobre a verdadeira espiritualidade do que alguma vez o fizera como monge. Isso não significa que a pobreza conduza à verdade, ou que o sofrimento seja bom para a alma. Muitos que enfrentaram as mesmas condições comigo, colheram muito pouco benefício delas. Significa que cada um de vocês escolheu as suas condições de vida pelos seus próprios motivos, sabendo de antemão quais eram as vossas fraquezas e os vossos pontos fortes. Na gestalt de minha personalidade, conforme nos vossos termos vivi vidas posteriores mais ricas, aquela mulher ganhou de novo vida em mim — do mesmo modo que, por exemplo, a criança se acha viva no adulto, cheia de gratidão ao comparar circunstâncias posteriores com existências anteriores. Ela instigou-me a usar melhor as minhas vantagens.

Também convosco, as vossas diversas reencarnações em grande parte ocorrem simultaneamente. Para recorrer de novo à analogia da vida adulta, é como se a criança dentro de vós fizesse parte da vossa memória e experiência, contudo, num outro aspeto é como se os tivesse deixado, ou se tivesse separado de vós, como se vocês fossem apenas um adulto para quem a criança se tenha "voltado." Assim também, aqueles que eu fui seguiram o seu próprio caminho e, contudo, fazem parte de mim, e eu delas.

Eu estou vivo na memória do outro Seth, como um eu de que ele brotou. Entretanto, o *eu* que eu sou agora não é o *eu* do qual ele brotou. Somente as ideias rígidas que têm do tempo e da consciência fazem com que estas afirmações lhes pareçam estranhas, porquanto repito, num contexto mais amplo, eu consigo lembrar-me do outro Seth. Todas essas conexões, se acham pois, em aberto. Todos os eventos psicológicos afetam os demais.

Podem fazer um intervalo. Se houver alguma coisa que não entendam com clareza, avisa – porque se não o entenderem, o leitor também não o entenderá.

("Está bem." Jane não fazia a menor ideia da mulher de que Seth tinha falado. Ela lembrava-se de como, em sessões anteriores, Seth falara num mínimo de três existências para a maioria das entidades, e como ela se escandalizara quando Seth afirmou ter tido muitas vidas. Agora ela acha a ideia da simultaneidade das diversas "reencarnações" mais aceitável, porquanto está mais em harmonia com o seu temperamento emocional e intelectual. Quando as sessões começaram, Jane ficou especialmente aborrecida com o que ela chamou de ideias triviais e populares sobre a reencarnação, misturadas, como eram, as ideias de bem e mal, punição, etc. "Eu concordo com a ideia de Seth de que a reencarnação é tanto um mito quanto um facto," diz ela agora, referindo-se à sessão da aula de ESP.

(Naquela sessão, em 4 de maio de 1971, Seth disse em parte: "Assim, o que vocês entendem por reencarnação e os termos temporais que envolve, constitui na verdade um conto demasiado simplificado... A reencarnação, à sua própria maneira, também é uma parábola. Parece-lhes muito difícil compreender que vivem em muitas realidades – e muitos séculos – ao mesmo tempo...")

Todas as existências e toda a consciência se acham interligadas. Somente quando vocês pensam na alma como algo diferente, distinto e, portanto, fechado, são levados a considerar um deus separado – uma personalidade que pareça ser distinta da criação. Tudo Quanto Existe é uma parte da criação, só que é mais do que a criação. O ser possui gestalts piramidais impossíveis de descrever, cuja perceção inclui conhecimento e experiência do que lhes pareceria uma vasta quantidade de outras realidades. Nos termos do que estou a referir em vosso benefício, o seu presente pode, por exemplo, incluir a vida e a morte do vosso planeta num momento do "tempo" deles. A existência do outro Seth encontra-se nas orlas externas de uma galáxia de uma consciência desse tipo. Quando o outro Seth me mim fala, o Jane começa por perceber o seguinte: a consciência dela esforça-se por subir e por seguir um caminho interior psíquico, um funil carregado de energia, até que simplesmente, não consegue avançar mais. Parece-lhe então que a sua consciência saia do corpo por meio de uma pirâmide invisível, cuja cobertura aberta se estende muito acima no espaço.

Aí ele parece estabelecer contato com símbolos impessoais cuja mensagem é de algum modo traduzida automaticamente por palavras. Na verdade, este ponto representa uma distorção nas dimensões, um local entre sistemas que tem muito mais que ver com a energia e a realidade psicológica do que com o espaço, porquanto o espaço não tem significado.

Em tais ocasiões eu estou quase sempre presente como tradutor. O conhecimento que tenho de ambas as realidades é necessário para a comunicação. O outro Seth em mim acha-se familiarizado com um conjunto de símbolos e de significados completamente diferentes, de modo que, no seu caso, duas traduções estão a ser fornecidas — uma por mim e outra pela Jane. Esperamos que alguns conceitos sejam transmitidos desta forma, pois não poderiam ser transmitidos de outra. Essas fusões de realidade e experiência, essas mensagens de um sistema para outro, ocorrem continuamente por várias formas, surgindo no vosso mundo com um ou outro aspeto — como inspirações de variada ordem. Por outras palavras, vocês estão a ser ajudados.

Entretanto, vocês também estão a usar as capacidades que têm, porquanto as vossas próprias características determinam, em grande medida, a quantidade de ajuda que recebem. O simbolismo evidente ao Jane, quando o outro aspeto do Seth fala, funciona bem, mas fora também quer dizer dentro, e assim, a consciência desloca-se tanto para dentro quanto parece à Jane que se desloque para fora. Esses contatos e esse conhecimento estão à disposição de todas as pessoas. Tudo Quanto Existe fala a todas as suas partes, não através de sons, trompetes e fanfarras a partir do exterior, mas comunica as suas mensagens através do material vivo da alma existente em cada consciência.

(A sessão começou tarde esta noite porque Jane e eu fomos primeiro a uma festa-surpresa para comemorar as bodas de prata de um membro da aula de ESP. O evento foi um grande sucesso. Durante o jantar, falamos sobre os períodos que Seth mencionara em relação à sua vida como Papa, tanto na sessão da aula de ESP em 15 de Maio de 1971, quanto na sessão 588 deste capítulo. Quando pensei se estava certo ao achar provável que a encarnação papal de Seth ocorrera no século quatro, Jane disse que "captara" o ano 325 d.C. Isso pareceu-me uma confirmação. Para nossa surpresa, Seth acrescentou informações sobre a sua vida na sessão desta noite.)

Boa noite. Foi nos anos 300.

("Obrigado.")

Algumas observações extra para vosso esclarecimento. Os registos daquele tempo e de algum tempo subsequente, muitas vezes não são fiáveis. Eles foram adulterados. Por vezes, o nome de um homem era dado como o de um reinado que cobria um período de anos. O homem original podia ter sido assassinado, e outro tomado o seu lugar, e continuado como se não tivesse havido mudança no que concernia ao populacho. Veneno era o método comum, e até os que suspeitavam da verdade não ousavam falar. Os registos mostravam o reinado de um papa; mas um, dois ou até três homens diferentes podem ter ocupado aquela posição. Uma mudança de política é o indício nesses casos; vacilação.

Também havia homens chamados de "Pequenos Papas," de natureza ambiciosa, treinados e bem supridos. Se eles estivessem seriamente na corrida, haveria grandes recompensas para os seus seguidores. Curiosamente as ações desses indivíduos não eram particularmente piores que as do resto do populacho. A sua posição concedia-lhes simplesmente mais margem de manobra. As datas 325 e 375 vêm-me à mente em associação com a minha própria vida nessa altura. Repito que os nomes e datas pouco significado têm para mim agora. Nessa vida aprendi a compreender a interação dos homens e das suas ambições, o abismo que em geral existe entre os ideais e a ação prática. Vocês também precisam compreender que a política era um braço legítimo da igreja naqueles tempos, e que se esperava que um clérigo fosse um excelente político. Parece que eu passei algum tempo num lugar que soa como Caprina, igualmente durante essa existência.

Um primo ou irmão era importante para mim. Ele acabou tendo sérias dificuldades, ao ser apanhado em algum negócio de contrabando com os Espanhóis. Na época, havia um grupo secreto chamado "Seguidores da Maternidade de Deus." Eles eram considerados hereges, e muitas vezes recebi petições contra eles. Dizia respeito à posição da "Virgem" dentro dos dogmas da Igreja.

Vocês não estão fadados a dissolver-se no Todo. Os aspetos da vossa personalidade, como vocês a entendem atualmente, serão conservados. Tudo Que É, é criador da individualidade,

não o meio da sua destruição. As minhas próprias personalidades "anteriores" não foram dissolvidas em mim, mais do que as vossas personalidades "passadas." Todas estão vivas cheias de energia. Todas seguem o seu próprio caminho. As vossas personalidades "futuras" são tão reais quanto as passadas.

Passado um tempo, isto já não lhes dirá respeito. Fora da estrutura da reencarnação, não existe morte como vocês a concebem. Entretanto, a minha própria estrutura de referência, já não se acha focalizada nas minhas encarnações. Voltei minha atenção noutras direções. Uma vez que todas as vidas são simultâneas, e todas acontecem ao mesmo tempo, qualquer separação é uma separação psicológica. Eu existo como sou enquanto as minhas reencarnações — nos vossos termos — ainda existem. Contudo, agora não estou interessado nelas, mas concentro-me noutras áreas da atividade.

A personalidade muda, seja dentro ou fora de um corpo, portanto vocês mudarão após a morte, assim como mudam antes dela. Nesses termos, é ridículo insistir em permanecer conforme vocês são agora, após a morte. Seria o mesmo que uma criança que dissesse: "Vou crescer, mas nunca vou mudar as ideias que tenho agora." As qualidades multidimensionais da psique permitem que ela vivencie um domínio infinito de dimensões. A experiência em uma dimensão de modo algum impede a existência em outra. Vocês têm tentado espremer a alma dentro de conceitos limitados sobre a natureza da existência, fazendo-a seguir as crenças limitadas que têm. A porta que dá para a alma acha-se aberta, e dá para todas as dimensões da experiência.

Se vocês acham, entretanto, que o eu como vocês o conhecem é o fim ou a soma de vós próprios, então também imaginam a vossa alma como uma entidade limitada, presa por as vossas aventuras presentes em apenas uma vida, para ser julgada depois da morte pelo desempenho de alguns poucos anos triviais.

Em muitos aspetos, este é um conceito confortável, embora, para alguns, possa ser um tanto assustador, com as conotações de castigo eterno inerentes. É uma ideia muito mais arrumada, pois, sugerir os ricos adornos que têm assento no centro da criatividade divina. A alma tanto se encontra dentro como fora da estrutura da vida física que vocês conhecem. Vocês não estão separados dos animais e do resto da existência por possuírem uma consciência interior eterna. Tal consciência acha-se presente em todos os seres vivos e em todas as formas.

Eu intitulei este capítulo de "Um Adeus e uma Introdução." O adeus é meu, uma vez que estou agora a terminar este livro. A introdução aplica-se a cada leitor, pois espero que agora possam olhar-se cara a cara com uma compreensão maior de quem e do que vocês são. Eu gostaria, pois, de os apresentar a si próprios.

Vocês não se irão descobrir correndo de instrutor em instrutor, de livro em livro. Não se irão encontrar pela prática de um método especializado de meditação. Somente olhando

silenciosamente para dentro do eu que vocês conhecem, poderá a vossa própria realidade ser experimentada, com as ligações que existem entre o eu presente ou imediato e a identidade interior multidimensional. É preciso que haja disposição, uma aquiescência, um desejo. Se vocês não se derem ao trabalho de examinar os vossos próprios estados subjetivos, não poderão reclamar caso muitas respostas parecerem escapar-lhes. Não podem jogar a carga da prova sobre ninguém, nem esperar que um homem ou instrutor lhes prove a validade da vossa própria existência. Tal procedimento irá conduzi-los de uma armadilha subjetiva a outra. Enquanto se encontram a ler este livro, as portas interiores permanecem abertas. Vocês têm apenas que vivenciar o momento, tal como o conhecem, tão plenamente quanto possível — – tal como ele existe fisicamente dentro da sala, ou fora, nas ruas da cidade em que vivem. Imaginem a experiência presente num determinado momento do tempo no globo, depois tentem apreciar a vossa própria experiência subjetiva no momento, mas que ainda assim escapa a esse momento — e isto multiplicado por cada pessoa viva. Este exercício, por si só, abrir-lhes-á a perceção, aumentar-lhes-á a consciência e, automaticamente, lhes expandirá o apreço pela vossa própria natureza.

O "eu" que é capaz dessa expansão precisa ser uma personalidade muito mais criativa e multidimensional do que antes imaginavam. Muitos dos pequenos exercícios sugeridos, apresentados anteriormente neste livro, também os ajudarão a familiarizar-se com a vossa própria realidade, proporcionar-lhes-á uma experiência direta com a natureza da vossa própria alma ou entidade e colocá-los-á em contato com aquelas porções do vosso ser de que brota a vossa própria vitalidade. Vocês podem ou não ter os vossos próprios encontros com os vossos eus de encarnações passadas ou personalidades prováveis. Podem ou não dar por vós no ato de transpor níveis de consciência. Certamente, a maioria dos meus leitores obterá sucesso de alguns dos exercícios sugeridos. Eles não são difíceis, e estão ao alcance de todos.

Contudo, cada leitor deve, de um jeito ou de outro, perceber a própria vitalidade de um jeito novo para ele, e encontrar caminhos de expansão abertos dentro de si, de que não tinha conhecimento. A própria natureza deste livro, o próprio método da sua criação e transmissão deviam indicar com clareza o facto de que a personalidade humana possui muito mais capacidades do que geralmente lhe são atribuídas. Por ora já devem ter compreendido que nem todas as personalidades se encontram fisicamente materializadas. Como este livro foi concebido e escrito por uma personalidade não-física, e de seguida tornado físico, também cada um de vocês tem acesso a capacidades e a métodos de comunicação maiores do que os geralmente é aceite. Espero que, de uma forma ou de outra, este meu livro tenha servido para fazer a cada um de vocês uma introdução à identidade interior multidimensional que é vossa.

(O final do livro parecia ter sucedido de forma abrupta, embora estivéssemos preparados para ele. Uma vez fora do transe, Jane tornou a expressar pesar diante do final do livro de Seth, embora fosse para isso que estivéramos trabalhando. "O que irá ele fazer agora?" perguntou. "Eu não posso acreditar que tenha acabado, sabes." ("Nós temos que esperar

para ver," respondi eu. Fizemos diversos comentários jocosos sobre o que iria suceder nas sessões seguintes, mas percebi que, na verdade, Jane não estava a achar graça. O livro de Seth continha tantas ideias para futuras sessões, que o problema que iríamos ter seria o que explorar primeiro — mas iríamos ter a oportunidade invulgar de empreender esses estudos quando quiséssemos.

(Por fim, a Jane lá disse: "Estou apenas a tentar relaxar. . . Ele tem algo para ti, creio bem, sobre aqueles tempos bíblicos; a Crucificação. . . A questão está em que eu sei o que Seth vai começar a dizer-te, só que é confuso. Não soa bem."

("Bem, é bom saber que você não ficaste sem o que dizer," disse eu. O material seguinte foi incluído porque complementa as informações de Seth dadas no Capítulo Vinte Um. Depois do Seth ter iniciado aquele capítulo, a Jane e eu percebemos que poderíamos ter muito interesse na história bíblica, mas o tempo para ficarmos a saber fora breve.) . . .

Ora bem; para vossa edificação:

Cristo, o Cristo histórico, não foi crucificado. . . Ele não tinha qualquer intenção de morrer daquele modo; mas outros sentiram a necessidade de cumprir as profecias em todos os aspetos, e por isso a crucificação tornou-se uma necessidade. Cristo não tomou parte nela. Houve uma conspiração em que Judas desempenhou um papel, numa tentativa para fazer do Cristo um mártir. O homem escolhido encontrava-se drogado — consequentemente houve a necessidade de o ajudar a carregar a cruz e foi-lhe dito que ele era o Cristo. *(Veja-se Lucas 23)*

Ele acreditou sê-lo, pois era um daqueles alucinados, mas também acreditou que ele, e não o Cristo histórico, precisava cumprir as profecias. Maria veio por se sentir cheia de tristeza pelo homem que acreditava ser seu filho. Ela fez-se presente por uma questão de compaixão. O grupo responsável fez parecer que alguns Judeus tinham crucificado Cristo, mas nunca sonhou que todo o povo Judeu viria a ser considerado "culpado."

Isto é difícil de explicar, e até mesmo para mim difícil de desenvencilhar. . . A tumba encontrava-se vazia por esse mesmo grupo ter retirado o corpo. Porém, Maria Madalena teve uma visão do Cristo imediatamente a seguir. *(Veja-se Mateus 28)* Cristo era um grande psíquico. Ele fez com que as feridas aparecessem no seu próprio corpo e apareceu tanto física como psiquicamente *(em estados de projeção fora do corpo)* aos seus seguidores. Porém, ele tentou explicar o que tinha acontecido, assim como a condição atual em que se encontrava, mas aqueles que não estavam a par da conspiração não entenderam, e interpretaram mal as suas declarações.

Pedro por três vezes negou o Senhor, *(Mateus 26)* dizendo que não o conhecia, por ter reconhecido que aquele indivíduo não era o Cristo. O argumento, "Pedro, porque me abandonaste?" procedeu do homem que acreditava ser o Cristo — a versão drogada. Judas indicara esse homem. Ele era sabedor da conspiração, e temeu que o Cristo real fosse capturado. Por isso, ele entregou às autoridades um homem que se autointitulava de

messias, a fim de salvar, não destruir, a vida do Cristo histórico. Porém, simbolicamente a própria ideia da crucificação corporizou dilemas e significados profundos da psique humana, e assim a crucificação *em si mesma* tornou-se uma realidade muito mais significativa do que os eventos físicos reais que se deram por aquela ocasião.

Somente uma pessoa iludida seria capaz de incorrer, ou acharia necessário tal autossacrifício. Somente aqueles que se acham envoltos em ideias de crime e de punição se deixariam atrair para esse tipo de dramas religiosos, e encontrar neles, ecos profundos dos seus próprios sentimentos subjetivos. Cristo, porém, soube, por meio da clarividência, que esses eventos de uma maneira ou de outra se iriam dar, e os dramas prováveis que poderiam resultar. O homem envolvido não pode ser desviado da sua decisão subjetiva. Ele seria sacrificado para que as antigas profecias judaicas se tornassem realidade, e não poderia ser dissuadido disso.

Na Última Ceia quando o Cristo disse, "Isto é o meu corpo, e isto é o meu sangue," ele pretendia revelar que o espírito fazia parte de toda matéria; que se acha interligado, e ainda assim separado — que o seu próprio espírito era independente do seu corpo, e também para indicar, a seu modo, que ele já não deveria mais ser identificado com o seu corpo, por saber que o corpo morto não seria o seu. Isto foi tudo mal interpretado. Então, o Cristo mudou de comportamento, e passou a aparecer frequentemente em estados extracorporais como declararam os seus seguidores. *(Ver João 20, 21; Mateus 28; Lucas 24.).* Anteriormente não o fizera dessa forma. Contudo, tentou dizer-lhes que não estava morto, mas eles preferiram entender isso de maneira simbólica.

A sua presença física não se fazia mais necessária, e era até mesmo constrangedora diante das circunstâncias. Ele simplesmente desejou ficar de fora daquilo tudo.

("Isto é muito interessante.")

("Caramba!", disse Jane depois que saiu do transe, "ninguém irá apreciar isto. Mas eu tentei relaxar e deixar sair, por eu própria ter tido imensas dúvidas sobre aqueles tempos. . .

(Eu interroguei a Jane, mas ela não tinha retido qualquer imagem nem podia acrescentar nada ao material transmitido. A curta sessão seguinte responde algumas das questões que discutimos durante o intervalo.)

Bem, ele percebeu que sem as feridas, não acreditariam em quem ele era, porque todos ficaram convencidos de que ele tinha morrido vitimado por aquelas feridas. *(Ver João 20.)* Elas passariam a valer como um método de identificação a ser fornecido quando ele explicasse as verdadeiras circunstâncias. Ele comeu para provar que ainda estava vivo, por exemplo, *(João 21, Lucas 24, etc.)* mas eles interpretaram isso simplesmente como querendo dizer que o espírito poderia partilhar do alimento. Eles quiseram acreditar que ele tinha sido crucificado e que tinha ressuscitado.

(Nos últimos dois capítulos Seth respondeu a quase todas as perguntas que permaneciam na lista que tínhamos preparado originalmente para o Capítulo Vinte.

(Uma nota: há muitas diferenças nos detalhes apresentados pelos Evangelhos de Mateus, Marcos, Lucas, e João. Por exemplo, (João 19) diz que Cristo carregou a Sua própria cruz; em (Lucas 23) Simão de Cirene (por ser dessa localidade) ajudou Cristo a carregar a cruz em lugar dele. Muitas questões e argumentos complicados se desenvolveram referentes aos diversos aspetos dos Evangelhos - acerca da sua possível fundação na tradição verbal e em fontes literárias e documentais antigas; se algum deles dará corpo ao depoimento de alguma testemunha ocular da vida de Cristo; [foi afirmado recentemente que o Evangelho de Marcos foi escrito somente alguns anos depois da morte de Cristo, por exemplo] se os Evangelhos deveriam simplesmente ser considerados como a expressão de uma única tradição, do facto e do ambiente de Cristo, diferente de qualquer outra coisa, etc.)

(Não sem muita expectativa e com um pouco de nervosismo Jane começou a ler o livro de Seth a partir da página um. Estava fascinada.)

APÊNDICE

Seth dedicou três sessões completas e partes de duas outras a este Apêndice. Ele inclui informações adicionais sobre os vários tópicos já mencionados no próprio livro, como pontos de coordenação, épocas e registos bíblicos, símbolos, reencarnação e expansão da consciência. As sessões 592 e 594 são particularmente interessantes, no sentido de que os eventos que ocorreram durante a sessão salientaram e ilustraram o material ditado.

Nós também acrescentamos trechos de seis outras sessões. Cinco são sessões das aulas de ESP; uma foi incluída por ser relevante para o debate do material sobre a organização pós-vida no Capítulo Nove. Outra contém uma descrição excelente da verdadeira espiritualidade. Nos trechos de aula restantes, Seth responde a perguntas que os leitores também poderiam ter em mente. Estas sessões também mostram Seth na relação pessoal que tem com outras pessoas. A um engenheiro, ele explica as pulsões do átomo, com uma enfermeira discute saúde mental, e com um pastor evangélico fala da agressão — todos membros das aulas. A sexta apresentação é de uma sessão realizada para um aluno, quando Seth mencionou os Oradores pela primeira vez.

Ora bem, os Essénios tinham raízes profundas em algumas das Religiões de Mistérios dos Gregos. Alguns dos Essénios, recorrendo ao subterfúgio, fundaram escolas que não eram o que pareciam ser. Os iniciados precisavam passar por vários testes para poderem chegar às doutrinas internas. Entretanto existiam outros grupos de Essénios além daquele geralmente mencionado.

(O grupo de Essénios geralmente mencionado seria a seita Judaica na Terra Santa, durante a época de Cristo, no início do primeiro século. Historicamente, eles são considerados um grupo pacífico.)

Os Essénios, conforme são conhecidos, eram formados por um grupo sobrevivente de uma fraternidade maior e mais antiga. Havia alguns na Ásia Menor. Esforçavam-se por se infiltrar em culturas nacionais ou grupais. Certas ideias básicas uniam os Essénios, pois, embora muitas vezes eles usassem nomes diferentes. Existiam três grupos básicos: o que é geralmente conhecido, um ramo na África, e o grupo da Ásia Menor já mencionado. Contudo, pouco contato existia entre esses grupos, e pouco a pouco, as próprias doutrinas internas foram mostrando variações significativas. As escolas com frequência simulavam estar a ministrar uma educação noutras áreas. As pessoas de fora eram mantidas nesses grupos externos. Alguns frequentavam essas escolas sem jamais terem conhecimento dos iniciados internos e do trabalho mais importante realizado de uma forma dissimulada.

Alguns dos membros da seita dos Zelotes tinham sido originalmente Essénios. Os Essénios eram anteriores a eles. João Batista era Essénio em todos os aspetos significativos; mas um homem que avança daquela forma, automaticamente deixa o seu grupo, e foi isso que aconteceu com o vosso amigo, João.

Alguns Essénios sentiam ciúme do progresso de João. A certa altura, João tentara unir vários grupos divergentes numa fraternidade, mas fracassou. O fracasso pesou demais sobre ele. A paixão raramente é suave, e João Batista estava tão cheio de paixão quanto Paulo. Ele era um homem muito mais amável, mas ainda assim, à sua própria maneira, tão fanático como qualquer dos outros personagens principais daquela época. Era muito mais contra aquilo que era contra, do que a favor do que era a favor. Cristo devia transmitir a mensagem, e João devia preparar o caminho para ela. João tivera um compromisso com uma prima, na juventude, mas fugira dessa experiência durante toda a vida, acreditando que fosse pecaminosa.

Bem, esses eram homens cheios, quais velas, da energia dos seus papéis, contudo precisavam ter as características de personalidade da sua época. Precisavam aparecer como homens diante de homens, para que Cristo pudesse proclamar-se como alguma coisa além do homem natural. Aquela confusão era necessária no contexto daquele drama religioso. Elas foram criativas no sentido de que carregavam em si as únicas sementes que (nos vossos termos) podiam crescer naquele local e naquele tempo.

Bem, os registos muitas vezes eram falsificados; eram com frequência adulterados e plantavam registos falsos. A religião era política. Implicava influência e poder sobre as massas. Cabia aos dirigentes saber em que direção os ventos religiosos sopravam. Fizeram-se falsificações deliberadas de factos, tanto naquela época quanto mais tarde. Algumas seitas mantinham registos falsos propositadamente, como subterfúgios, de modo que, se fossem roubados, os ladrões pensariam ter levado aquilo que buscavam. Em certos casos, os

registos falsificados foram encontrados — os embustes — enquanto que os registos verdadeiros por trás deles ainda não foram descobertos. É melhor recordar a sessão em que esta informação foi transmitida.

("Não sei exatamente o que queres dizer.")

Logo você poderá comprovar o que eu disse, pois surgirão registos que parecerão contradizer os anteriores — como na verdade irão contradizer — e devido às razões que acabo de enunciar. Os Essénios mantinham um conjunto de registos destinados a confundir os Zelotes, um outro para confundir os Romanos, e guardavam cuidadosamente o conjunto interno, de que todos os factos tinham sido extraídos. Os Essénios não eram tão violentos quanto os outros grupos, mas eram igualmente astutos. Contudo, havia várias marcas que distinguiam os vários conjuntos de registos verdadeiros dos falsos. Agora, eu não sei se podemos ou não transmitir isto claramente. . . Dá um pedaço de papel à Jane, e juntos vamos ver o que podemos fazer.

(A sessão estava a ser realizada na nossa sala de estar. Jane estava sentada na sua cadeira de balanço, voltada de frente para a Sue, e para mim, que me encontrava no sofá. Separava-nos a nossa mesa comprida. Havia uma luz à esquerda de Jane e uma a meu lado. Sue estendeu à Jane um pedaço de papel e uma caneta, enquanto eu continuei a tomar notas.

(Esta foi a primeira vez que Jane escreveu alguma coisa durante um transe. Na verdade, ela estava a esboçar uns diagramas ou símbolos pequenos, enquanto movimentava a caneta de forma deliberada, e olhava para o papel.

(A Sue encontrava-se sentada de frente para a Jane, e eu fiz-lhe sinal para ela numerar os símbolos assim que a Jane largasse a caneta e o Seth começasse a descrevê-los. Passara-se cerca de um minuto. Mostramos a seguir os desenhos dos símbolos, numerados na sequência em que o Seth produziu.

(Duas tentativas foram feitas tanto no primeiro como no último)

Bem, o primeiro é uma tentativa de chegar ao segundo, que é simplesmente um símbolo de uma cópia feita, uma cópia distorcida ou adulterada. O do meio, era uma marca feita para uma cópia muito menos distorcida, e a última marca, assinalava uma cópia não adulterada. Estas são versões insatisfatórias. Eles pareciam-se mais com uma cobra, uma serpente.

(Falando energicamente por Seth, Jane apontou o último símbolo, segurando o papel para que a Sue e eu pudéssemos ver.

(Com respeito aos símbolos... Em 1947, estudiosos começaram a adquirir os sete atualmente famosos Pergaminhos do Mar Morto. Eles foram encontrados numa caverna

situada acima do geralmente árido Wadi Qumran, ou leito do rio que leva ao Mar Morto, mais ou menos a um quilómetro e meio de distância. Escavações no deserto da Judeia, perto dali, logo revelaram as ruínas de um mosteiro que fora ocupado por um grupo Judeu divergente, por diversos períodos entre 180 a.C. e 68 d.C. A colónia de Qumran ficava a apenas vinte e dois quilômetros de Jerusalém e de Belém. Tinha sido associada à seita pacífica dos Essénios por algumas autoridades, enquanto outras, associam-na com idêntica veemência aos mais agressivos Zelotes.

(Algumas semanas depois desta sessão, aguçou-se-nos o interesse, à Jane e a mim, ao lermos que o Pergaminho de Isaías de São Marcos, encontrado em Qumran, continha símbolos, nas margens, que ainda não haviam sido decifrados na década de 1960, segundo a última publicação da referência que consultamos. Alguns dos símbolos ilustrados apresentam uma imensa semelhança com os desenhados por Seth-Jane, especialmente o último.)

Teria sido praticamente impossível alguém, excepto do círculo mais íntimo, fazer uma distinção entre algumas das versões apresentadas. Esses sinais não apareciam isolados, mas de modo que só aqueles que soubessem como procurá-los poderiam encontrá-los. Eles não eram gravados a ouro no cabeçalho. (Bem-humorado.) Também havia outras pistas que apareciam nos textos, outros sinais que precisavam ser considerados juntamente com estes.

Bem, em alguns desses registos, a data, por exemplo, diferia apenas o suficiente para que apenas uma pessoa bem versada reconhecesse a discrepância. Alguns incluíam um erro óbvio. Os bem versados reconheceriam imediatamente a falsidade do registo. Alguns dos registos distorcidos foram considerados como fatuais, e é divertido saber que o Vaticano tem alguns deles em sua posse. À época, a igreja acreditava que esses registos poderiam prejudicá-la. No caso desses erros específicos, os registos poderiam, em vez disso, ter ajudado os eclesiásticos, mas eles não tinham noção de como distinguir os verdadeiros dos falsos.

(Sue está acostumada a ouvir Seth falar com mais rapidez nas aulas de ESP, onde são usados gravadores. Em geral eu não gravo o Seth, mas tomo notas textuais, usando uma estenografia particular; isso economiza muito tempo quando, mais tarde, datilografo o material. Ainda assim, Seth em geral fala com suficiente rapidez nas nossas sessões para me manter ocupado a escrever a um ritmo veloz.

(Sem dúvida, a diversão que o Seth manifestou com o facto do Vaticano possuir registos falsos vem do seu breve reinado enquanto Papa numa das suas vidas.

(Seth voltou enquanto a Sue e eu comentávamos os desenhos que Jane tinha feito em transe.)

Como eles não significam nada para a Jane, é difícil passar-lhe o simbolismo com clareza. Eles deviam ser desenhados de forma mais compacta, por exemplo, e não tão solta. Na verdade, os sinais deviam parecer símbolos concentrados, mais densos na linha.

(No intervalo, Jane disse-nos que não conseguia desenhar versões dos símbolos baseada nos que fizera em transe. "Eu vi-os mentalmente com toda a clareza, quando os estava a desenhar," ela disse. "Contudo, agora, não vejo nada." Olhando para o último desenho, Jane disse que a cauda da serpente devia ser representada pelo laço mais baixo.)

Em muitos casos, os registos foram fielmente reproduzidos, mas com os nomes alterados para proteger os inocentes. Pensem na linguagem usada atualmente por governos e diplomatas. Pensem nas diferenças entre o que vosso governo sabe e o que é dito ao povo. Em geral, quando vocês ouvem uma negação, saltam de imediato para a conclusão acertada: por num mês ou pouco mais, uma resposta afirmativa ser dada à mesma questão. Assim, são referidas muitas vezes palavras para encobrir, assim como para revelar. Envidam-se grandes esforços para preservar o conhecimento fora do alcance da maioria e dado apenas a alguns.

Nos tempos bíblicos, isso era ainda mais facto. Estratagemas literários serviam como métodos formalizados para saciar uma certa sede de informação, enquanto, na verdade, o que estava a ser transmitido eram dados falsos. Nesses dias, nenhuma questão era respondida diretamente — não por aqueles que eram letrados. Responder diretamente a uma questão denotava que se era simplório e falta de apreço pela inteligência; porque raramente faziam uma pergunta que realmente desejavam ver respondida. Era um comportamento altamente ritualizado, porém, compreendido nesses termos. Por outras palavras: vocês não entendem como traduzir o material de muitos desses registos adequadamente, mesmo quando as traduções em si mesmas se revelam corretas.

Vocês haveriam de encarar páginas inteiras dos Pergaminhos [do Mar Morto] como tremendas fraudes, uma vez que páginas inteiras, em termos literais, não são verdadeiras. Porém, esses, eram exageros e floreios com que se contava, que precediam a transmissão de informação.

Todas as profissões, de um modo ou de outro, apresentavam esses aspetos. Os registos significavam vida ou morte, caso fossem descobertos no momento errado. As falsificações em geral eram incluídas de forma simples para desorientar os leitores, caso os livros caíssem nas mãos erradas. Uma vez mais, aqueles que se encontravam a par dos factos não se preocupavam, nem se deixavam desencaminhar. Para eles as informações eram claras, e as distorções, óbvias.

Ora bem, os Pergaminhos estão cheios dessas distorções protetoras. Os sinais mencionados eram apenas algumas das indicações usadas. Eles apareciam de muitas maneiras, às vezes entrelaçados com assinaturas. Essa gente era muito dada a usar códigos;

até a disposição das letras na página (o que vocês entendem por página) tinha o seu significado. O peso ou espessura de vários traços indicava o realce. Havia até maneiras de tratar uma palavra anterior para que ela se tornasse uma pista de que a palavra seguinte era falsa.

Evidentemente, só os que estavam a par disso eram capazes de reconhecer esses códigos, e os outros meramente digeriam de bom grado a informação falsa. Descrições de indivíduos importantes eram alteradas para assegurar a sua segurança, e antecedentes eram em geral apresentados em termos ficcionais pela mesma razão. Essas eram questões de vida ou morte. Alguns dos registos falsificados traziam veneno nos manuscritos — com efeito tratava-se de um material de leitura mortal. Muitos dos homens envolvidos levavam uma vida dupla, sendo conhecidos na sua cidade por um nome, e na fraternidade por outro. Em certos casos, as suas identidades mais mundanas jamais eram divulgadas, a não ser a uns quantos. Mais tarde, quando os Cristãos estavam a ser perseguidos, muitos cuidados foram tomados — em especial por aqueles que acreditavam ter a responsabilidade de viver o suficiente para fazer com que o novo Credo fosse plantado em solo fértil. Por exemplo, muitas vezes Paulo, ou Saulo, parecia estar onde não estava. Enviavam notícia de que ele viajaria para tal ou tal parte, e espalhavam histórias sobre a sua chegada, quando na verdade, ele tinha viajado para um lugar completamente diferente.

(O ritmo de Jane fora acelerado ao longo de toda a transmissão. "Caramba, quanta energia ele não apresenta," disse ela ao sair do transe. "Senti-me como se estivesse a atravessar a parede. . .

Acredito que estejas a incluir isto na sessão para uso de futuros historiadores.

("Não, não estou." Embora, obviamente, eu continue a escrever por força do hábito.)

Devias estar a obter mais material sobre reencarnação, por ti próprio.

("Sinto que agora se encontra disponível.")

É facilmente acessível. Também abrirá a porta para uma maior atividade no campo das experiências fora do corpo.

("Isso deve ser interessante.")

Vou deixá-los ir.

(Para Sue):

Estou contente por teres comparecido à sessão.

(Sue: "Eu também.")

Deves estar pronta para mais experiências com probabilidades. Preciso economizar a minha voz, porque talvez venhamos a ter uma sessão na aula de amanhã à noite.

(Com humor, para mim):

Queres vir a ser capaz de me ouvir lá, não?

("Claro. Em geral quero.")

("O nosso apartamento é dividido por uma longa parede. Quando as aulas de PES são realizadas na sala de estar, em geral estou a datilografar material em um dos cômodos do outro lado do corredor. Às vezes, consigo ouvir o Seth através de duas portas fechadas.)

(Para a Sue): Repito que estou contente por teres vindo, e boa noite aos dois.

(Sue: Obrigada.")

("Boa noite, Seth. Muito obrigado.")

(A referência que Seth fez ao meu material sobre a reencarnação tratava dos 'dramas reincarnatórios' que a Jane, a Sue e eu, além de alguns outros, decidimos experimentar por conta própria, geralmente nas nossas reuniões de sexta-feira à noite. Essa é uma atividade relativamente nova para nós, que foi surpreendente e muito compensadora e é fruto de experiências que Seth iniciou na aula de PES.)

SESSÃO 593
30 DE AGOSTO DE 1971

Ora bem, para o nosso Apêndice. As grandes religiões do mundo nasceram todas perto dos principais pontos de coordenação. Nesses locais, as mudanças verificam-se rapidamente, pois ideias e emoções são impulsionadas para a realidade física com grande vigor. As ideias alastram como fogo entre o povo. A atmosfera psíquica é fértil.

A criatividade brota com facilidade, e assim esses locais não são necessariamente pacíficos, embora constituam o melhor solo para o desenvolvimento da paz. Contudo, qualquer ideia para o bem ou para o mal se materializa com tanta força que os sentimentos contraditórios da humanidade se tornam mais evidentes perto desses pontos de coordenação. Nessas áreas, aparecem efeitos que ainda não foram percebidos pelos vossos cientistas; efeitos que, no entanto, eram conhecidos na época da Atlântida e também utilizados pelos Lumanianos. De um certo modo estranho, o espaço encolhe de forma nunca vista, no que concerne aos vossos instrumentos, perto desses pontos de coordenação.

Alguns dos meus leitores talvez estejam familiarizados com a existência de "buracos" negros ou "buracos brancos" no espaço, descobertos recentemente pelos vossos cientistas.

(Alguns físicos teóricos postularam, recentemente, que quando os fogos nucleares de estrelas muito maciças finalmente se extinguem, a sua enorme gravidade faz com que sofram um colapso tão completo que elas literalmente se espremem para fora da existência. Um "buraco negro" é, assim, deixado no espaço, e a matéria que o cerca pode desaparecer dentro dele.

(Também foi sugerido que esta matéria desaparecida pode surgir noutro lugar qualquer, seja no nosso universo, seja em outros, através de "buracos brancos." Verificar-se-ia um fluxo de matéria no nosso universo assim como entre universos, mantendo o equilíbrio das coisas.)

Estes pontos têm mais ou menos as mesmas qualidades. Os aspetos eletromagnéticos de pensamentos e emoções, a animação, são extraídos através de pontos que podem ser comparados a buracos negros minúsculos. Aí, essa energia desaparece momentaneamente do vosso sistema, mas é imensuravelmente acelerada e devolvida através do que vocês poderiam chamar de buracos brancos minúsculos – agora concentrada e remetida de volta ao vosso sistema de realidade.

Isto é apenas uma analogia, mas para fins de trabalho, é bastante válida. Verifica-se, uma vez mais, um enrugamento nesses pontos, embora ainda não seja observável para vós, onde parece que o próprio espaço anseia por desaparecer dentro do primeiro ponto. Há outras distorções nas leis físicas. Algumas delas foram observadas, mas ignoradas como sinais pertinentes. A atividade dos átomos e moléculas sofre uma aceleração quando se aproxima desses pontos, mas a distância entre os átomos e moléculas permanece a mesma. Isto é importante.

Esses pontos de coordenação também servem para dar ao vosso sistema fontes adicionais de energia. A lei da entropia não se aplica, pois. Os pontos de coordenação são, pois, fontes de energia adicional. Entretanto, só se abrem quando concentrações de energia se formam dentro do vosso sistema. Gostaria de deixar esta ideia clara. Um veículo físico, uma nave espacial, por exemplo, jamais poderia sobreviver a este tipo de saída e reentrada no vosso sistema.

(Uma nota: A segunda lei da termodinâmica diz-nos que enquanto a energia total num sistema como o nosso universo permanece constante, a quantidade de energia disponível para o trabalho útil diminui constantemente. Um factor matemático que mede a energia não-disponível é chamado de entropia. Seth tem insistido desde o início das nossas sessões, que a lei da entropia não se aplica e que não existem sistemas fechados.)

Na Atlântida, havia quem utilizasse este conhecimento, acelerando certos pensamentos por meio de concentração, realçando certos sentimentos de modo a enviá-los através destes pontos de coordenação. Grande estabilidade era, pois, alcançada no que dizia respeito a estradas, edifícios, e ao que quer que abrangesse mais etc. Esses projetos eram executados levando muito em conta a sua posição entre os diversos pontos de coordenação. Esse efeito de embolsar o espaço pode ser percebido em certos estados de transe.

("A Jane conseguirá fazer isso?")

(Achei que Seth não me ouvira, por estar a entrar muito ruido do trânsito pela janela aberta no momento que fiz a pergunta. A resposta, entretanto, veio com facilidade.)

Isto quase pode ser comparado a um enchimento de ar. Agora, senta-te em silêncio, com os olhos fechados, e procura determinar a proximidade direcional de pontos de coordenação principais ou subordinados. Eis uma pequena ajuda para te ajudar. Com esta intenção em mente, irás perceber a tua visão interior a voltar-se para uma direção específica da sala, e até os teus pensamentos parecerão seguir na mesma direção. Uma linha imaginária ajudar-te-á a identificar adequadamente o lugar, em qualquer posição que se encontre bem próxima de um ponto de coordenação. Imagina uma linha que vá do ponto da tua visão interior, saindo do olho interior que pareças estar a usar, para fora. Deixa que ela se una a uma linha imaginária que saia do topo da tua cabeça e siga a mesma direção que o fluxo dos teus pensamentos parecerem seguir. Terás, pois, uma linha imaginária, que vai daqui e daqui. Elas formarão um ângulo, e depois ambas as linhas encontram-se numa formação única. Elas apontarão exatamente a direção mais próxima de um ponto de coordenação.

(Para ilustrar isto enquanto falava por Seth, Jane tocou os olhos com uma mão e o topo da cabeça com a outra. Estendeu as mãos, a partir desses pontos, até que elas se encontraram à distância de um braço, um pouco à sua direita. Eu estava sentado mais ou menos do lado sul de onde ela se encontrava, e ela estava de frente para mim, pelo que isso significa que ela indicava o canto oeste de nossa sala de estar.)

Os pontos subordinados ou secundários permeiam o espaço. A Jane será capaz de te dizer, por exemplo, qual o ponto mais próximo nesta sala. Por vezes, o ângulo será mais longo, mas as duas linhas apontarão para a direção certa. A energia será, pois, muito eficaz nessas áreas.

(Jane ficou em silêncio, depois de sair de um transe profundo. Eu perguntei, em voz alta, onde seria o ponto de coordenação mais próximo. Isso suscitou uma torrente de informações da parte dela — esquecidas até meu comentário lhe recordar o que havia acontecido.

(Jane disse que enquanto falava pelo Seth, sabia que as duas linhas que estava a indicar se encontravam no canto oeste-sul da nossa sala. Ela endereçou-se positivamente para o local. Ficava justamente dentro da parede, entre duas das nossas janelas e atrás de um antigo cano de vapor. Infelizmente, encontrava-se atravancada entre um aquecedor e uma estante de livros, e não era um lugar que pudéssemos pôr a uso com facilidade.

(Andando pela sala, Jane disse sentir os seus pensamentos "inclinar-se" naquela direção. Agora que ela sabia onde se situava o ponto de coordenação, parecia-lhe incrível que ela não tivesse tido conhecimento da sua localização. Ela disse que, mentalmente, não conseguia inclinar-se para nenhuma outra direção. Voltou as costas para o ponto indicado e anunciou, alegremente, que sentia as "linhas" dirigir-se para ele a partir da parte posterior da sua cabeça.)

Bem, usando esta analogia do buraco branco e do buraco negro: para tornar isso mais claro, o buraco branco encontra-se dentro do buraco negro. Propriedades eletromagnéticas são atraídas para o buraco negro e aceleradas além da imaginação. A aceleração e as atividades que se geram no buraco negro atraem energia em proporções inacreditáveis de outros sistemas. Essa intensidade de aceleração altera a própria natureza das unidades envolvidas. Entretanto, as características do próprio buraco negro são alteradas por essa atividade.

Por outras palavras: um buraco negro é um buraco branco virado do avesso. A "matéria" eletromagnética pode tornar a emergir através do mesmo "buraco" ou "ponto" que é agora um buraco branco. Contudo, a reemergência torna a alterar as suas características. Ele torna-se "faminto" uma vez mais e, de novo num buraco negro. O mesmo tipo de atividade sucede em todos os sistemas. Os buracos, pois, ou pontos de coordenação, na verdade são grandes aceleradores que revigoram a própria energia.

(Após a sessão, Jane tentou uma vez mais o método de Seth de localizar pontos de coordenação. De novo se viu a apontar para o canto oeste-sul da sala. "Consegui muita coisa da outra vez," ela disse, querendo dizer que recebera uma informação extra após o transe. "Essas linhas compõem formas triangulares tipo chaminé que comportam energia. É por isso que os sensitivos falam sobre formas piramidais — essas linhas mantêm a energia concentrada."

("Claro; é por isso que eu percebo o efeito do triângulo com o outro aspeto do Seth," exclamou ela. "Só que quando estou em transe com o outro Seth, o ponto de coordenação localiza-se num sentido diferente. Sobe a partir do topo da minha cabeça para fora da sala e da casa rumo a uma realidade diferente."

(A Jane então pensou em fazer com que os seus alunos de PES experimentassem o método de Seth. Queria ver se eles localizavam o mesmo ponto que ela.)

(Sue Watkins assistiu à sessão desta noite. Ela fazia intenção de ir embora antes da sessão, mas às 20h30 a Jane convidou-a a ficar. A presença inesperada da Sue é um ótimo exemplo de como os eventos espontâneos podem influenciar uma sessão de modo bastante criativo – conforme as notas da Sue, citadas mais tarde, mostrarão.

(Conforme de costume, a Jane não fazia ideia do que a sessão iria incluir. "Material para o Apêndice, espero eu," disse ela. Ela estava de excelente humor, um pouco hilariante até. Essa disposição também se fez presente na sessão, nas solicitações divertidas e altamente elaboradas que Seth fez para eu usar apenas a pontuação e os parágrafos corretos.

(Começamos tarde por causa de meu próprio trabalho no estúdio. A falar e a rir, a Jane e a Sue esperaram que eu me juntasse a elas com o meu caderno de apontamentos. A transmissão de Jane foi muito viva, e marcada por pequenas pausas ocasionais.)

Bem, boa noite para vós e para a nossa amiga (Sue). Eu teria alguns comentários interessantes para fazer a respeito do vosso relacionamento, mas precisamos tratar de nosso Apêndice pelo que vamos continuá-lo. As outras informações virão no devido tempo.

Os objetos são símbolos. Vocês geralmente pensam neles como realidades. Pensam que pensamentos, imagens e sonhos por vezes sejam simbólicos de outras coisas, mas a verdade é que os objetos físicos são, eles próprios, símbolos. São os símbolos exteriores que representam a experiência interior.

Por conseguinte, existem símbolos físicos coletivos sobre os quais todos concordam, assim como símbolos particulares, símbolos pessoais. A natureza toda e da estrutura da vida física (conforme vocês a concebem) constitui uma afirmação simbólica de grupos de entidades que optam por trabalhar com o simbolismo físico. Assim, o corpo é um símbolo do que vocês são, ou do que pensam que são — o que com efeito pode ser duas coisas diferentes.

(Seth fez uma solicitação elaborado humorístico de um travessão na última frase. A Jane, com os olhos muito negros, inclinou-se sobre a mesa e falou comigo numa voz branda.)

Toda doença física simboliza uma realidade ou manifesto interior. Toda a vossa vida constitui um manifesto em termos físicos, escrito sobre o tempo (como vocês o concebem).

Quando vocês compreenderem a natureza simbólica da realidade física, já não se sentirão aprisionados nela. Vocês formaram os símbolos e em razão disso podem mudá-los. Precisam aprender, é claro, o significado dos vários símbolos na vossa própria vida e a traduzir esse significado. Para isso, devem primeiro lembrar a si próprios com frequência, que a condição física é simbólica — e não uma condição permanente. Depois precisam procurar dentro de vós a realidade interior representada pelo símbolo. Esse mesmo processo pode ser seguido independentemente da natureza do problema, ou do vosso desafio.

O vosso ambiente físico íntimo é, por conseguinte, um manifesto simbólico de uma situação interior. Essa situação interior é fluída, pois vocês estão sempre num estado de vir a ser. Por si só, irão traduzir automaticamente para a realidade física os eventos interiores espontâneos e livres, e alterar assim o vosso ambiente e mudar os símbolos. Se, contudo, imaginarem que o ambiente ou a condição física seja a realidade, então poderão sentir estar presos nela como numa armadilha, e passar a lutar com um dragão de papel. O ambiente é sempre alterado a partir do interior. Há uma troca constante de informação entre as condições interiores e as exteriores, mas a mobilidade, a necessidade e o método de mudança do ambiente físico sempre acontecerão de dentro para fora.

Muitas das ideias apresentadas neste livro poderão ser melhor usadas para resolver problemas pessoais. Se estes conceitos forem entendidos, o indivíduo deverá perceber a liberdade que tem para agir deliberadamente no âmbito da vida física. Muitos de vocês estão tão acostumados a olhar para fora — e a aceitar o mundo físico como critério da realidade — que nunca lhes ocorreu olhar para dentro. Contudo, toda a estrutura da vossa existência está constantemente fluir de dentro para fora e a ser projetada nos símbolos físicos que vocês interpretam, erroneamente, como a realidade.

(Para a Sue, que se encontrava a meu lado no sofá):

Sou igualmente bom nos detalhes.

(Seth irrompeu num estrondoso e enfático bom humor, desta fez por causa do trabalho que Jane e eu fizemos nas últimas semanas ao revermos as provas deste livro, e verificarmos as anotações que foram incluídas, etc.)

O drama interior, por conseguinte, é sempre o que tem importância. A "história da vossa vida" é escrita por vós, por cada leitor deste livro. Vocês são os autores. Não há motivo, pois, para se sentirem aprisionados pela história, pois têm poder para mudar as vossas próprias condições. Só precisam pô-lo em prática.

Para alguns outros tipos de consciência, a vossa realidade física é claramente compreendida na sua forma simbólica. Os objetos, enquanto símbolos, ajudam a construir a própria estrutura da vossa existência. Os objetos podem então ser manipulados com toda a liberdade.

(O ritmo de Jane foi bom. Manteve os olhos fechados a maior parte do tempo, o que não é comum. A primeira coisa que ela quis saber quando saiu do transe foi se a sessão continha material novo. Eu tive que lhe dizer que não sabia. Estivera ocupado demais, a escrever. Também não podia ter todo o livro de Seth na memória, embora estivesse atualmente a trabalhar no manuscrito. Jane disse que ela também não, embora tivesse acabado de ler todo o material.

(Nota: A Jane encontrava-se a meio do rascunho para a Introdução do livro de Seth quando esta sessão foi realizada.

(A Sue disse que o material tinha muito significado para ela, e que agora compreendia que não fora por "acaso" que aparecera nessa noite.

(Ela tinha muito mais a dizer, especialmente a respeito das impressões que tinha sobre a Jane, Seth e a grande energia envolvida nas sessões. Sue havia começado a experimentar e a formular algumas impressões, tanto antes como depois como durante o decurso da sessão.

(Os comentários que a Sue fez foram tão bons que eu lhe pedi que os anotasse, o que ela fez durante o resto do intervalo; depois foi-lhes aduzindo acréscimos durante a sessão. Eles são apresentados a seguir, de uma forma um pouco resumida:

("Enquanto estava sentada aqui antes da sessão, "escreveu a Sue," tive uma impressão em relação a Seth como nunca tivera antes. Foi como se, enquanto conversávamos, a Jane, o Rob e eu estivéssemos a viajar a uma certa velocidade que nos era familiar, embora isso nada tivesse a ver com movimento. Quando Seth "surgiu" pouco antes do início da sessão, foi como se algo dentro da Jane começasse a ser acionado, a rodar ou a acelerar a um ritmo cada vez mais rápido, até que uma outra velocidade inacreditável foi alcançada – uma parte da consciência de Jane chamada de Seth.

("Nesta altura, a velocidade mostrou-se adequada e as coisas, de alguma forma, encaixaram. A Jane pôs os óculos de parte, como sempre faz. Eu quase consegui ouvir o ato. Então a personalidade de Seth começou a comunicar. A experiência com o outro aspeto do Seth seria uma aceleração ainda maior dessa velocidade, alcançada no ponto do efeito pirâmide que Jane descreve. Mesmo enquanto contava à Jane o sucedido durante o intervalo, senti o reinício da aceleração, à medida que a consciência dela se preparava para continuar a comunicação. A entrada em transe foi quase como um processo de dentro para fora, e enquanto observava o Seth, alguns minutos mais tarde, pareceu-me que a consciência de Jane estava a passar pelos seus olhos abertos, a uma velocidade além da minha compreensão. Agora preciso admirar-me com a forma como a comunicação consegue chegar à forma das palavras.

("Eu não quero dizer que ache que o Seth e a Jane sejam a mesma personalidade; pelo contrário, a sensação que tenho é que essa aceleração liga porções da mesma consciência que são normalmente tão diversas a ponto de formar duas personalidades distintas, para todos os efeitos. Percebo a mesma aceleração quando estou a escrever bem ou quando estou a falar de uma forma entusiástica; mas a sensação de enorme e incompreensível rapidez por trás dos olhos de Seth vai além disso. Pude perceber muito claramente a noção de velocidade com toda a clareza, tanto na Jane como no Seth, e senti-me parcialmente arrastada com eles.

("Quando a Jane saiu do transe, a experiência tornou-se-me de novo quase audível – uma sensação de desaceleração de um queixume etéreo para o nosso "som" ou velocidade normal. Houve uma grande sensação de mudança. Foi como se parte dessa aceleração estivesse ligada a uma dimensão onde o som fosse mais do que uma coisa audível. É uma sensação incrível, vital. Pude senti-la a começar à aproximação de cada intervalo.")

Bem, as observações que a nossa amiga Sue fez chegaram muito perto de uma excelente descrição dos sentimentos subjetivos da Jane, como ele relatou durante o intervalo. Os leitores devem ler a Introdução que a Jane fez, na qual ele compara as suas próprias experiências criativas de escritora, com as que sente nas sessões. Há diversas questões que ela não entendeu, e assim, gostaria de esclarecê-los agora. Nas nossas sessões ela não percebe, conscientemente, o trabalho criativo que está a ser feito, precisamente por sair da extensão que a mente consciente pode seguir. Ele projeta uma porção de si própria num tipo totalmente diferente de realidade subjetiva, uma dimensão da atividade inteiramente diferente.

Referindo de novo a Introdução que ela fez, ela comenta que perde a excitação da perseguição que encontra no seu próprio trabalho criativo. Aqui, a aceleração é tão rápida e intensa que ela não é conscientemente capaz de a seguir. O dito inconsciente tem pouco que ver com este fenómeno, que está, entretanto, fortemente ligado às qualidades próprias de toda a consciência. Essa capacidade quase raramente é usada por completo de forma benéfica. São estabelecidas ligações tão rápidas que o cérebro físico não as percebe.

Na verdade, a Jane sempre possuiu essa habilidade de forma acentuada. Por várias razões, para o referir nos termos do contexto da reencarnação, na porção inicial da sua vida ela permitiu-se permanecer ignorante quanto às formas por que a capacidade poderia ser usada. Durante as sessões, porém, todas as características do ser interior são aceleradas; as faculdades criativas e intuitivas do conhecimento, operam a um ritmo muito mais intenso do que aquele que vocês chamariam de normal.

Esta é uma dimensão da existência natural à consciência, porém, quando não é orientada fisicamente, a Jane pode, e vai, aprender a explorar ainda mais esta dimensão. Apenas a falta de confiança que tem no passado a detém. A aceleração impulsiona-a para um estado em que ela pode atuar muito bem, enquanto ultrapassa todas as realidades psicológicas normais que pessoalmente chamaria suas.

Neste estado, ela usa um poder literalmente inacreditável em termos de energia; e o volume da voz, em muitos casos, é uma tentativa de o ajudar a usar uma parte desse poder e a descarregá-lo, enquanto aprende a usá-lo e até chegar a conhecer outros propósitos a que o pode votar. O volume, naturalmente, também pode ser usado como uma demonstração excelente da vitalidade com que ela entra em contato.

(Apontando para a Sue):

Esta aqui está à espera que ela volte, pelo que poder sentir a diferença.

A Sue estava à beira do sofá, a observar muito atentamente a Jane a sair do transe. Mais uma vez, ela falou sobre a mudança nos diferentes "ritmos" da Jane. "Esses ritmos são acompanhados por um som, que não consigo descrever," disse a Sue. "É como estar numa dimensão onde a música é a realidade — onde o som é mais do que uma coisa audível. Então, quando a deixas, a Sue assobiou, a imitar o efeito do apito de um comboio a desaparecer à distância.

(Quando a Sue e a Jane me questionaram em relação a isso, precisei dizer-lhes que não sentira nada fora do normal, mas depois, eu raramente sinto durante as sessões. Concentrado na escrita, é fácil fechar-me para outros efeitos. Pareço estar sempre a escrever — tal como estive durante quase todo este intervalo.

(A Sue observava a Jane em estado de expectativa enquanto esperávamos a volta do Seth. "Caramba, a aceleração é incrível," exclamou a Sue; e pouco antes de entrar novamente em transe, a Jane disse-nos sentir a cadeira a vibrar por baixo dela. . .)

Bem, muitas das experiências por que a Jane passa durante as nossas sessões, não consegue recordar depois. Tal como os objetos físicos são símbolos, e existem como realidades dentro de certas frequências, também existem outras realidades, naturalmente, em diferentes frequências; mas aí, os objetos não são os símbolos principais. A experiência dentro de uma dimensão dessas é extremamente difícil de traduzir quando a Jane regressa ao sistema físico. Da minha parte, também há ajustes a serem feitos. Eu desço vários níveis, por exemplo, para que o contato possa ser estabelecido. Depois tento o que, na verdade, é um esforço criativo, em que a Jane participa: o ato de traduzir esses dados interiores para termos físicos, levando para a vossa realidade aquelas chaves que posso trazer-lhes dessas outras realidades de que vocês fazem parte.

Vistos ou observados da minha perspetiva natural, os vossos objetos não existem. A vossa realidade interior, sim. Bem, o sistema de Jane passa fisicamente por algumas mudanças, embora elas sejam muito naturais à sua constituição. Ela procurou estabelecer isso antes do início da sua vida.

Ela usa conexões nervosas de uma forma invulgar e para os seus próprios fins. A sua pulsação é normal. Contudo, a aceleração começa num nível físico, com o uso de hormonas e substâncias químicas, e procede daí. Ambas as duas metades do cérebro cintilam, e a partir dessas conexões, para o pôr aqui em termos físicos, a aceleração é iniciada, e os seus efeitos que tem sobre o corpo são eliminados. Muitos casos de desaparecimento de pessoas podem ser explicados, de certa forma, da mesma maneira: a aceleração foi suficientemente

forte, suficientemente inesperada para varrer toda a personalidade para fora do vosso sistema.

Agora, em benefício da nossa amiga, estou a aumentar a aceleração para ver se ela consegue percebê-la. Isso geralmente acontece durante os sonhos — e quando lhes parece terem entrado brevemente numa nova dimensão surpreendente, o próprio estado do sonho envolve esta aceleração.

(Enquanto escrevia, olhei rapidamente para a Sue, a meu lado. Ela observava a Jane muito quieta. Os olhos da Jane permaneciam agora abertos, o seu ritmo era mais rápido, a sua voz um pouco mais elevada.)

De uma forma ou de outra, cada criação artística, embora num grau menor, envolve o mesmo princípio. Bem, não posso manter a aceleração adicional, ou a voz ficará tão acelerada que o nosso amigo não conseguirá proceder às suas anotações.

(De repente a voz da Jane ficou mais alta na última frase — um efeito que Sue e eu observamos muitas vezes. Entretanto o volume estava longe do seu potencial quando fala pelo Seth. Em certas ocasiões, a voz dela foi tão alta que os meus ouvidos ficaram a zumbir. Ouvi a Jane manter os efeitos vocais muito fortes, com picos retumbantes durante diversas horas, sem qualquer sinal posterior de esforço.

(A sua voz alta e rápida em breve abrandou, e o Seth explicou-me que faria uma "boa demonstração de aceleração" numa sessão em que usássemos o nosso gravador. A Sue poderia estar presente, e com sorte tornar-se-me-ia possível experimentar a aceleração tão claramente quanto ela. (Quando a Jane saiu do transe, a Sue notou outra vez a drástica "queda" que o ritmo da Jane sofreu. Também percebeu alguns efeitos visuais difíceis de descrever; num esforço por o conseguir, continuou a fazer as suas próprias anotações, que são apresentadas ao final da sessão.

("Às vezes, nas aulas de PES, eu poderia levar todos os estudantes comigo numa real aventura de aceleração, se eles me conseguissem acompanhar," disse a Jane. Ela usou o exemplo contrastante das árvores numa floresta, comparando o estado passivo das árvores ao sentimento de aceleração, de "ser capaz de atravessar a parede" que às vezes ela sente.)

Bem, vou terminar logo a sessão. Não foi coincidência o facto de a nossa amiga vir aqui esta noite. Para além de lhes fornecer as informações necessárias para o Apêndice, algumas das informações dadas sobre objetos e simbolismo definitivamente aplicam-se ao caso da Sue.

Há um ponto que posso acrescentar, em relação ao drama religioso de Cristo e dos Discípulos. Conforme a Jane dissera depois de ler o corpo do livro, o drama interior é o

“real.” Cristo tornou-se o Crucificado, Judas tornou-se o traidor, embora o Cristo não tenha sido crucificado nem o Judas não O tenha traído. A realidade, pois, estava no mito. A realidade era o mito. Nesses casos, os eventos interiores sempre predominarão, independentemente dos factos físicos, que são apenas símbolos desses eventos.

(Para a Sue)

Vou deixar que a minha amiga, Jane, deslize de volta.

(Sue: “Está bem. Boa noite.”)

(Uma vez fora do transe, a Jane pouco teve a dizer. “Estou apenas sentada aqui, a observar a vossa atividade,” disse ela a sorrir, enquanto a Sue e eu fazíamos as nossas anotações separadamente.

SESSÃO 595

(“Antes do intervalo” escreveu a Sue, “quando o Seth me disse que estava a aumentar a aceleração para ver se eu conseguia percebê-lo, tive a sensação precisa de um ritmo maior e de uma mudança visual no corpo de Jane, que parecia estar a ficar menor, como se eu olhasse para ela pelo lado errado de um binóculo. Isso estava novamente ligado a um movimento, como se a frequência física também estivesse mudada, e o corpo de Jane passasse precipitadamente por mim, mesmo apesar de permanecer no mesmo lugar.

(“Então, no último intervalo quando a Jane saiu do transe, senti como se uma força tivesse sido solta diante de mim, de modo que se eu não tivesse cuidado, poderia ser levada a cair. E a mesma coisa sucedeu agora, depois da sessão.”

(A primeira parte da sessão foi dedicada a um amigo que estava necessitado de ajuda em relação a um problema pessoal. Ela gravou a informação do Seth, e depois foi-se embora assim que fizemos o intervalo.

(Eu tinha duas perguntas para a nossa parte da sessão, e esperávamos que as respostas que o Seth desse fossem incluídas no Apêndice do seu livro. A primeira pergunta era: De acordo com Seth, ele, a Jane e eu vivêramos na Dinamarca nos anos de 1600. Eu simplesmente desejava um esclarecimento sobre os dados que aparecem nas notas no final da sessão 541, no Capítulo Onze, a respeito desse período da minha vida.

(A segunda pergunta: Seth pretenderia dar um título à Primeira e à Segunda Parte do seu livro, como fizera com os capítulos?)

Bem, preciso falar mais devagar, estás a ver. A informação sobre a vida na Dinamarca, dada no Capítulo Onze, está correta, exceto uma interpretação errónea. Aquela foi uma

vida dividida em dois períodos diferentes — literalmente uma vida dividida em termos de interesses, concentração de habilidades e estilo de vida. Aparte da informação dada naquele capítulo, houve distorções em algum material mais antigo respeitante a essa vida. Essas distorções não foram causadas pelos sentimentos que a Jane tinha a respeito da reencarnação. Resultaram apenas da correlação de muitos detalhes dentro do padrão específico correto. Alguns dos nomes fornecidos, por exemplo, referiam-se a amigos, e não a vós. O quadro geral, a validade da existência, entretanto, carregaram essas distorções. Eu fui um comerciante de especiarias. Tu foste um artista que se transformou de uma forma dramática em latifundiário, contra as maneiras joviais que tinhas.

A Jane também era um jovem diletante em arte, e tu ressentias-te disso, engordando e tornando-te próspero. Desejavas que ele se dedicasse a um trabalho mais aceitável, e envergonhavas-te das tuas próprias andanças anteriores de artista itinerante. Aí se estabeleceu a divisão entre a ideia de possuir propriedades ao invés de te tornares artista. Nesta vida isso provocou-te um desconforto considerável.

(É verdade. E seja qual for a razão, nesta vida eu insisti em ser um artista a despeito de todos os obstáculos.

(Na sessão 223 de 16 de Janeiro de 1966, Seth disse que na vida da Dinamarca me chamara Larns Devonsdorf. A minha mulher, na altura, chamava-se Letti Cluse. O meu filho — que agora é a Jane — era Graton. Seth, um próspero mercador, viajante e amigo da família, chamava-se Brons Marizens.)

O itinerário geral das minhas viagens, conforme dado naquela sessão pela Jane, estava correto. Entretanto, resultaram algumas distorções em outras partes da sessão.

Os detalhes que tanto te preocupam agora são, naturalmente, importantes, mas, num nível mais amplo, é a experiência emocional profunda da tua vida que é "posteriormente" recordada. Basicamente, os nomes e as datas não são significativos para o eu interior. Portanto, nos dados do âmbito da reencarnação, os valores emocionais aparecem mais vividamente e com muito menos distorções. Tu dás aos nomes e datas uma importância que, atualmente te parece ter importância crítica. Insistes neles para contribuírem para a solidez das narrativas das vidas passadas, mas essas são as coisas que são esquecidas primeiro e que têm menor valor psicológico. Certos nomes irão, portanto, brotar na proximidade.

Insistes em que os nomes sejam colocados corretamente, e, contudo, o eu interior muitas vezes tem grande dificuldade com respeito a isso, pois os nomes simplesmente não têm importância. Pessoas e acontecimentos significativos, carregados de enorme carga emocional, surgirão com muito mais clareza. Datas associadas a eventos emocionais também serão recordadas. A vida passada é como um puzzle que precisa ser completo, mas no seu centro está a realidade emocional de onde o próprio puzzle brota.

(Seth sorriu por causa do recente interesse que a Jane teve por puzzles.
Eu também os aprecio. Temos especulado a respeito das razões simbólicas por trás de nosso envolvimento.)

Muitas narrativas sobre vidas passadas dessas são generosamente aspergidas de nomes e datas, simplesmente para satisfazer os que insistem em conhece-las, por a sua validade emocional e psicológica talvez não poder ser aceita de outra forma. Isto aplica-se a todo tipo de material ligado à reencarnação, seja como for que for obtido.

Ora, se a vida em questão for recente, nos vossos termos, os detalhes podem ser lembrados mais prontamente e com muito maior precisão. Até mesmo uma vida tida há séculos atrás pode apresentar-se perfeita nos detalhes, entretanto, se incluir, por exemplo, batalhas ou eventos de grande significado, onde as próprias datas tiverem sido impressas nas personalidades devido às ocorrências da época.

Qualquer experiência emocional altamente carregada traz consigo uma barragem de pormenores, mas datas e nomes comuns têm pouco significado. Eles têm pouco significado na vossa própria realidade. Basicamente, as relações são muito mais importantes, e essas vocês não esquecem. Contudo, essas vidas existem de uma maneira geral e em simultâneo. Não se esqueçam disso. Porém, a parafernália inútil não é importante para as várias personalidades "atuais" ou "de outra época."

A estrutura reencarnatória é construída ao longo das mesmas linhas de existência que vocês conhecem agora. Certos indivíduos sentem maior curiosidade sobre os detalhes do que outras; uma "personalidade prévia" específica pode ter tido um grande amor pelos pormenores, caso em que vocês descobririam a riqueza disso. As preferências e aversões de uma determinada personalidade também terão muito a ver com as descrições dadas de um determinado episódio reencarnatório.

De nada valerá suscitar profundas questões a respeito da história de uma certa personalidade que tenha sido pobre, ignorante e limitada. Ela simplesmente desconhecerá as respostas. O quadro de uma dada vida, pois, em geral aparece através da experiência da personalidade que a viveu. Uma vez mais, os detalhes que tiverem sido importantes para ela irão surgir. No meu caso particular, não estou tão focado nas personalidades que assumi no âmbito da reencarnação, e eles chegaram tão longe por si sós, por eu ter pouca sensação de proximidade. Uma vez que nós [Seth, Jane e eu] estivemos tão envolvidos, porém, esses relacionamentos continuam importantes, e nos vossos termos, o nosso relacionamento atual era latente na altura. A vida na Dinamarca existe, para vocês, tanto quanto esta. "Vocês" estão simplesmente focados neste quadro da realidade.

Bem, a estrutura reencarnatória é psicológica, e não pode ser entendida em nenhuns outros termos. As distorções e interpretações que foram construídas ao seu redor são

suficientemente naturais, se considerarmos o que parecerá ser a experiência prática que vocês têm com a natureza do tempo. A realidade, a validade, a proximidade dessas vidas existem em simultâneo com a vossa vida atual. A distância entre uma vida e outra existe em termos psicológicos, e não em termos de anos ou de séculos. Contudo, a distância psicológica pode ser muito mais vasta. Há certas vidas, conforme há certos eventos desta vida, que vocês talvez não desejem enfrentar nem tratar. Podem haver grandes diferenças temperamentais, em alguns casos, entre a vossa personalidade numa determinada vida e noutra – de modo que o vosso presente eu simplesmente não consiga relacionar-se com a experiência de um outro eu.

Vocês serão mais atraídos para aquelas "vidas passadas" que, de alguma forma, lhes reforçam a vossa própria neste momento. Vocês compreendem que as vossas primeiras recordações são escassas. A maioria de vocês pouco se lembra de quando era bebé ou criança. Fazem uso do conhecimento obtido então, e embora ele faça parte de vós, não têm consciência dele; da mesma forma, vocês não percebem conscientemente as outras existências.

Mencionei previamente os presentes alternados por diversas vezes neste livro; e as reencarnatórias na verdade representam presentes alternados. Existe uma interação constante entre vocês e os vossos eus reencarnatórios. Há, conforme afirmou a vossa amiga Sue Watkins, "uma ação constante em ambos os sentidos." Esses eus não estão mortos. A compreensão que têm disto deve ser limitada, por pensarem automaticamente em termos de uma experiência de vida de cada vez e por padrões lineares de desenvolvimento. Nos vossos termos, um eu reencarnatório pode ter consciência do seu ambiente e por vezes interagir através dos seus próprios relacionamentos. Certos "acontecimentos presentes" podem, na verdade, impulsionar essas interações. Já noutros termos, todavia, embora a personalidade reencarnada interaja com ou através de vós, ainda pode estar a ter outros tipos de experiências noutros níveis.

Por o tempo (conforme o concebem) estar em aberto ou não ter termo certo, vocês também podem afetar o que considerariam personalidades reencarnatórias passadas, e, por vezes, reagir no ambiente deles e ao ambiente delas. Geralmente fazem isso durante os sonhos, mas, com frequência, isso acontece logo abaixo do nível da consciência de vigília, sendo apagado por vocês na vivência do dia-a-dia.

Associações emocionais marcadas podem muitas vezes despoletar essas respostas. A reencarnação, conforme em geral é explicada, em termos de uma vida antes da outra, constitui um mito; mas um mito que permite que muitos compreendam parcialmente factos que de outra maneira descartariam — insistindo, como fazem, num conceito de uma continuidade do tempo.

SESSÃO 596

Ora bem, *o 'The Physical Universe as Idea Construction'*, mencionado pela Jane na sua Introdução, na verdade representa o primeiro contato formal que estabelecemos, embora a Jane não tivesse consciência disso na época. A experiência veio sem uma estrutura que ela pudesse aceitar — a de uma inspiração altamente acelerada. A sua consciência deixou o corpo apenas depois que ele iniciou o processo do que lhe parecia uma inspiração de uma intensidade quase insuportável. Caso os hábitos dela a tivessem levado, por exemplo, a orações regulares, essa estrutura também poderia ter sido usada. Em todos esses casos, várias qualidades são evidenciadas: a capacidade de se voltar para dentro, de se concentrar profundamente, de soltar os contornos contundentes do eu orientado fisicamente em contemplação, e um intenso desejo de aprender. Isto precisa vir aliado a uma confiança interior para que o conhecimento apropriado possa ser recebido diretamente. Para os que acreditam que todas as respostas são conhecidas, há pouca necessidade de buscar.

Tais informações, tais escritos inspirados, em geral aparecem inseridas nas estruturas da personalidade já estabelecidas e formadas. O contexto em que esse conhecimento surge varia com frequência. Em certos casos, a própria estrutura é usada por uma última vez, com o conhecimento inspirado inicial — o próprio conhecimento — a escapar da estrutura e a sair do contexto que lhe permitiu brotar.

Acima de tudo, as pessoas que recebem tais informações em estados de consciência expandida, são as que já sentem profundamente dentro de si não só as ligações com a própria terra, mas igualmente com realidades mais profundas. Conscientemente, muitas vezes podem não ter conhecimento dessa qualidade básica implícita. Não aceitam respostas dadas por outros, e insistem em descobrir as suas.

Essas buscas podem parecer erráticas. Existe uma forma de impaciência salutar, um descontentamento divino que os impele até que as fronteiras da própria personalidade se abrem. O conhecimento adquirido precisa então ser integrado pela personalidade física, no entanto, pela própria natureza, esse tipo de conhecimento derramará a sua luz e abrirá o seu próprio caminho.

A energia gerada por algumas dessas experiências é suficiente para mudar uma vida em questão de momentos e afetar a compreensão e a conduta de outros. São intromissões de conhecimento que são ativadas de uma dimensão da atividade para outra. São altamente carregadas e voláteis. Sem o saber, o indivíduo que recebe essa informação é, ele próprio, parte dela. Toda a experiência afetiva da sua personalidade atual é diretamente alterada pela informação que ele recebe. Na medida em que for fiel à própria visão que tiver, também se lhe apresentarão possibilidades de expansão que seriam difíceis conseguir de outra forma. Geralmente a informação recebida entra em conflito com ideias e crenças que tinha antes. De outra forma, não haveria necessidade das qualidades por vezes explosivas e intrusivas dessas experiências, pois não existiriam barreiras. Com frequência essas personalidades precisam aprender a correlacionar o conhecimento intuitivo que têm, para reformar estruturas intelectuais suficientemente robustas que o apoiem.

Essas personalidades geralmente também são dotadas da capacidade de utilizar quantidades invulgares de energia. Com frequência precisam aprender, numa idade tenra, a não dissipar a energia. Podem parecer, por exemplo, dispersar-se por muitas direções ao mesmo tempo antes que aprendam essa lição. O final dos trinta ou começo dos quarenta são com frequência envolvidos, simplesmente por a necessidade de saber dessas personalidades quase sempre atingir um pico nessa época. Os padrões de conduta requeridos acham-se suficientemente estabelecidos. A energia foi dirigida e a pessoa teve tempo para compreender que as estruturas e respostas em geral aceites pouco sentido fazem para ela.

No máximo, essas experiências podem animar um conhecimento intuitivo, a partir do domínio particular, para mudar a civilização. A carga incrível assenta sempre na experiência inicial. Contida nela está a energia condensada de onde partem todos os outros desenvolvimentos. A personalidade envolvida pode reagir de muitas formas. São necessários vários ajustes e, em geral, mudanças de conduta. O indivíduo agora compreende que ele é, na verdade, uma teia viva da realidade, e isso torna-se de imediato num conhecimento consciente.

(Foi isso, naturalmente, o que aconteceu a Jane.)

Tal conhecimento não requer apenas uma conduta mais suscetível e responsável, mas envolve uma afinidade pela vida que talvez estivesse em falta, antes.

A afinidade traz com ela uma sensibilidade forte, estimulante e intensa. Muitos indivíduos passaram pela invulgar experiência, porém válida, de intensa expansão de consciência, muito válidas e intensas, mas são incapazes de correlacionar o novo conhecimento com crenças passadas, ou proceder às mudanças necessárias para lidar com a sensibilidade. Na verdade, eles não foram suficientemente fortes para conter a experiência. Nesses casos, tentam terminá-la, negá-la, esquecê-la.

Outros nunca terão permitido que a experiência saísse da estrutura ou do contexto do qual brotara. Viram-se incapazes de escapar. Não conseguiram libertar-se. Se a informação terá parecido proceder inicialmente do seu Deus, por exemplo, continuaram a pensar sobre Deus a seu próprio modo, muito embora a experiência e a informação passada devessem tê-los levado muito além de tal aspeto.

A Jane, por exemplo, teria cometido o mesmo erro caso não tivesse sido conduzida, pela experiência por que passou, além da estrutura da inspiração que lhe deu origem. No seu caso, pois, ela foi impelida a novos conceitos, por ter tido o bom senso de rejeitar conceitos antigos, e a coragem para ir em frente. O facto de ir em frente envolveu-a com as minhas ideias sobre o conceito de Deus. Antes das nossas sessões, ela sentia-se tão dececionada que nem sequer considerava qualquer questão ligada a "questões religiosas."

Ora, tais experiências ou acessos ao conhecimento estão disponíveis para todos, e, até certo ponto, todas as pessoas participam deles. Eles surgem numa forma muito menos óbvia, geralmente em decisões intuitivas tomadas com aparente carácter súbito, mudanças benéficas, palpites intuitivos. Muitas vezes, lá por volta da meia-idade, um indivíduo de repente parece passar a ver as coisas com clareza de uma forma física, e acertar nos seus negócios. Uma vida que parecia fadada ao desastre, torna-se, por exemplo, subitamente vitoriosa. Isso são tudo variações da mesma experiência, embora numa forma menor.

Na vida normal e na experiência do dia-a-dia, todo o conhecimento de que vocês necessitam se encontra à vossa disposição. Contudo, precisam acreditar nisso, dispor-se a receber esse conhecimento, voltar-se para dentro e permanecendo abertos às intuições e, mais importante que tudo, desejar recebê-las. Referi, há parágrafos atrás, que as pessoas como a Jane são, elas próprias, uma porção do conhecimento que recebem. Isto aplica-se a cada pessoa, a cada leitor. Existe uma grande falácia em operação. As pessoas acreditam que exista uma grande verdade, que virá a surgir e que a virão a conhecer. Bem, uma flor constitui uma verdade. Mas também uma lâmpada. Mas também um idiota e um génio, um copo e uma formiga. Contudo, apresentam muito pouca similaridade externa. A verdade está em todas essas realidades aparentemente distintas, separadas e diferentes. Assim, a Jane é uma parte da verdade que percebe, e cada um de vocês é parte da verdade que percebem. A "verdade" refletida através da Jane torna-se, de certa forma, numa nova verdade, por ser percebida de uma forma única *(como seria para cada indivíduo que a tenha percebido)*. Não é nem menos nem mais verdadeira, nesses termos. Torna-se numa nova verdade.

Bem, essas "verdades novas" ainda podem ser muito antigas, mas a verdade não é uma coisa que precise ter sempre a mesma aparência, forma, feitio ou dimensão. Aqueles que insistem, pois, em proteger as suas verdades de um questionamento, ameaçam destruir a validade do seu conhecimento.

Uma vez mais, aqueles que estão muito certos das suas respostas perderão essa necessidade de saber, que os podem levar a dimensões de compreensão ainda maiores. Toda expansão de consciência válida é, naturalmente, uma parte da mensagem. A personalidade dá por si a deparar-se com a verdade viva, e sabe que a verdade só existe nesses termos.

Usei aqui o termo "expansão da consciência" em lugar do termo mais frequente, "consciência cósmica," por o último implicar em experiências de proporções não disponíveis para a humanidade nesta altura. Expansões intensas de consciência, em contraste com o vosso estado normal, podem parecer cósmicas por natureza, mas mal chegam a sugerir aquelas possibilidades de consciência que se encontram à vossa disposição agora, quanto mais chegar a uma verdadeira perceção cósmica. As ideias apresentadas neste livro deveriam permitir a muitos leitores expandir a perceção e a consciência que têm de um modo que nunca acreditaram ser possível. O próprio livro é escrito de uma forma que todos os que estiverem prontos para aprender serão beneficiados. Existe significado não apenas

nas palavras impressas, mas também nas ligações existentes entre elas, que não se evidenciam, mas que terão significado para vários níveis da personalidade.

A integridade de toda informação intuitiva depende da integridade interior da pessoa que a recebe. Por isso, a expansão de consciência requer uma auto-avaliação honesta, uma consciência das próprias crenças e preconceitos. Acarreta um dom e uma responsabilidade. Todos os que desejam voltar-se para dentro de si próprios a fim de encontrar suas próprias respostas, encontrar o seu próprio "encontro com o universo," precisam procurar conhecer bem os processos íntimos da própria personalidade.

Esse autoconhecimento é, em si mesmo, extremamente vantajoso, e, de certo modo, constitui a sua própria gratificação. Contudo, é impossível voltar-se para dentro com qualquer clareza se vocês não estiverem dispostos a alterar as vossas atitudes, crenças ou conduta, ou a examinar as características que consideram exclusivamente vossas.

Ou seja, não podem examinar a realidade sem se examinarem a vós próprios. Não podem ter encontros com Tudo Que É separado de si próprios, nem podem separar-se da vossa experiência. Vocês não podem usar a "verdade." Ela não pode ser manipulada. Quem pensar que está a manipular a verdade está a manipular a si próprio. Vocês são a verdade. Por isso, descubram-se a si próprios.

AULA DE PES
23 de Junho de 1970

Bem, se desejarem organização, vocês a terão — a todo instante. Vocês estruturam a vossa própria existência e escolhem as realidades que têm exatamente a organização de que necessitarem num dado momento.

Nesta realidade, vocês realçam muito bem todas as semelhanças que os unem; fazem delas um padrão e ignoram todas as dissemelhanças. A partir de um vasto campo de perceção, vocês decidem focar a vossa atenção em certas áreas específicas e ignorar todas as demais, pelo que passa a haver uma concordância perfeita entre vós no que diz respeito a essa pequena área. A imensidade do que vocês não percebem não os perturba e vocês não fazem perguntas. No entanto ela existe. Eu já referi isto antes: se vocês conseguissem focalizar a vossa atenção nas dissemelhanças, simplesmente aquelas que vocês podem perceber, mas não o fazem, ficariam admirados com o facto de a humanidade poder conceber qualquer ideia de uma realidade organizada.

(Seth voltou-se para o sofá onde a Mary e o Art se encontravam sentados)

Olho agora para o espaço entre vocês dois. Quando os outros olham para nossos amigos aqui, no sofá azul de bom gosto, veem um quadro da verdadeira organização. Há um indivíduo ali (aponta) e outro acolá, com espaço entre eles. O quadro está nivelado. Parece

perfeito e organizado. Porém, o espaço que separa os nossos dois amigos não está vazio. Vocês pensam que esteja vazio por não perceberem o que aí existe O quadro parece muito organizado, porém, assim que vocês percebem que o quadro não está completo, precisam começar a levantar novas questões, e a velha ideia da perfeita organização esvai-se.

Ora bem, conforme vocês sabem, não percebem os átomos e as moléculas que pairam pela sala, nem aquelas que preenchem o espaço entre os nossos dois amigos, nem as forças — - os campos de forças — que existem. O sofá serve para as unir, já que se encontram sentados nele. Mas, em que é que eles se encontram sentados? No vazio que vós percebeis como solidez.

Bem, sem os vossos sentidos físicos, vocês não perceberiam o sofá como sólido. A consciência, que possui mecanismos de perceção diferentes dos vossos, não percebe o nosso agora famoso sofá azul. Vocês estabelecem a organização. Os vossos pensamentos percebem uma organização. Vocês impõem a organização e, na verdade, criam-na.

(Pergunta de um aluno: "Todos nós criamos a mesma organização e vemos o mesmo sofá?")

(Para a Mary e o Art)

Estou certo de que no geral cada um de vós concordará que está sentado num sofá. Vocês não percebem o mesmo sofá. Percebem apenas a vossa própria construção da ideia. Não conseguem ver a do outro. Por telepatia, vocês transpõem as ideias que têm de acordo com o que conhecem do pensamento do outro. Concordam que o sofá se encontra aqui. Agora, é verdade que no vosso sistema físico — pois sei que isto será questionado a seguir — vocês podem sujeitar o vosso sofá a mensurações. Espero que, a todo instante, alguém pegue numa régua e meça o sofá, e me diga que tem x de comprimento; como poderei afirmar que não é um sofá?

Contudo, no vosso sistema físico, os próprios instrumentos sofrem uma distorção, e, naturalmente, estabelecerão concordância com aquilo que medem. Não há razão para que o deixassem de fazer. Telepaticamente, todos vocês concordam com a disposição dos objetos e as suas dimensões.

Ora bem, vocês usam átomos e moléculas de um modo estranho, transpondo as ideias que têm para eles. Percebem-nos de uma certa forma. Não os estou a culpar. No meu tempo fiz a mesma coisa, e há boas razões para isso. Mas o facto está em que a matéria física não é sólida, exceto quando vocês acreditam que ela é, e quando acreditam que a organização seja transposta do interior para o exterior. Ela não é transposta do exterior para vós. Vocês formam a realidade que conhecem, e embora a mesa lhes sustente os braços e possam debruçar-se sobre ela e escrever, ainda lhes digo que a mesa não é sólida.

Isso pouca diferença faz, conquanto consigam escrever sobre ela. Pouca diferença faz, desde que consigam sentar-se no sofá azul. Quando, porém, deixarem o vosso sistema físico e quando a perceção física já não prevalecer como regra, precisarão aprender outras suposições básicas. Suposições arraigadas são as leis com que vocês concordam em qualquer sistema da realidade. Vocês concordam, por exemplo, nos objetos que consideram físicos — pouca diferença faz se eles realmente o são ou não, desde que vocês estejam de acordo nisso. A vossa consciência faz parte de um corpo. Vocês nem MORTOS quereriam dar com a vossa consciência fora do corpo.

Porém, isso é tabu! Agora, o facto está em que a vossa consciência não se encontra aprisionada dentro do corpo; mas enquanto acreditarem que esteja, uma vez mais, nem mortos desejariam dar por vós fora dele. E quando derem por vós mortos fora dele, sentirão um certo assombro, deveras. Existem outras suposições arraigadas que vocês consideram basilares da realidade. E noutros níveis de realidade, existem outras suposições básicas. Essas são as leis aparentes pelas quais vocês governam as vossas experiências. Os nossos anotadores estão a sair-se muito bem, considerando que o papel não é sólido, nem as suas canetas. É impressionante o que vocês podem fazer com coisa nenhuma!

Vocês são verdadeiramente personalidades multidimensionais, conforme já referi antes. Em algum momento do vosso desenvolvimento, tornar-se-ão progressivamente conscientes da verdadeira natureza da vossa identidade.

Há, por exemplo, uma parte de vós que está muito consciente das pulsões que acabam de discutir, e que tem consciência da natureza pulsante da memória. Quando a pulsão tem lugar nesta dimensão, então vocês, conforme se conhecem, têm memórias desta existência. Quando a pulsão se foca noutra dimensão, têm memórias dessa existência. Agora, uma porção da vossa identidade inteira tem memórias de ambos. A estrutura total da personalidade habita em muitas dimensões, e em simultâneo.

Vocês estão justamente no começo de qualquer noção da psicologia. Simplesmente não percebem aquilo que são agora; mas conforme já afirmei antes, quando vocês me colocam perguntas sobre o pós-morte, automaticamente transpõem — se me perdoarem — a falta de conhecimento sobre a realidade seguinte. Por conseguinte, por vezes eu fico à deriva quanto a uma resposta às vossas questões. Vocês estão a aprender a conhecer-se. Mas ao ritmo que estão a ir, vai-lhes levar algum tempo!

Bem, quando vocês entenderem adequadamente como usar o tempo psicológico, então, até certo ponto, poderão aprender a alterar a natureza e o foco da vossa consciência. Podem voltá-la em diversas direções. Podem focá-la de outras formas, afastada da realidade física. O que não significa que vocês venham a ficar encalhados aqui. Significa que começarão a explorar a realidade de vós próprios, e das outras dimensões em que têm a vossa existência.

Precisa haver, pois, um desejo de admitir a existência de outras dimensões onde vocês têm existência. Também precisam ter fé no vosso eu físico — fé de que ele estará aqui quando voltarem, e asseguro-lhes que irá estar. Não existe outra forma – e repito-o — não existe outra forma de conseguir informações em primeira mão sobre outras realidades, a não ser pela exploração e manipulação da vossa própria consciência.

Ora bem, quando lhes falo, raramente uso termos como "amor." Não lhes digo que existe um Deus esperando por vocês do outro lado de uma porta dourada. Não lhes digo que quando morrerem, Deus esteja à vossa espera em toda a Sua majestosa misericórdia e que isso seja o fim da responsabilidade que lhes cabe. E assim, conforme disse na noite passada, no meu último capítulo, não ofereço qualquer esperança para os indolentes, pois eles não encontrarão o repouso eterno.

Entretanto, se se voltarem para si próprios, vocês descobrirão a unidade que a vossa consciência forma com as demais consciências. Descobrirão o amor e a energia multidimensionais que conferem consciência a todas as coisas. Isto não os levará a desejar repousar no proverbial seio abençoado. Antes pelo contrário — inspirá-los-á mais a mais a ter uma parte melhor na tarefa da criação; e com efeito hão de descobrir e sentir aquela sensação de presença divina, porquanto a hão de pressentir por trás da dança das moléculas, em vós próprios e nos outros. O que muitos almejam é um Deus que venha rua abaixo e diga: "Que Domingo encantador; sou Eu, sigam-me." Porém Deus acha-se habilmente oculto nas Suas criações, de modo que Ele é o que elas forem, e elas serão o que Ele é, e conhecendo-as, vocês O conhecerão a Ele. Bem, existem muitos termos para o 'tempo psicológico.' Não me refiro somente ao meu método de meditação. Refiro-me à atividade subjetiva da vossa parte e à exploração. Estás a entender? Ótimo.

Na verdade, vocês estão com Deus agora. São vocês quem não percebe. Acreditaram em muitas histórias e, simbolicamente elas foram muito importantes. Conforme mencionado anteriormente, elas têm lugar na vossa vida e no vosso desenvolvimento, mas há alturas em que precisam deixá-las para trás; e sem elas poderão sentir-se solitários durante um tempo.

Pergunta: "Nesse caso, precisamos dessas crenças para o nosso desenvolvimento, embora devamos abandoná-las mais tarde?"

É, embora surja alguém como eu para lhes retirar a proteção de segurança embora — porquanto passado um tempo ela impede-lhes o crescimento, ao passo que antes os ajudava a crescer. Porém, prevalece o facto de que vocês não precisam morrer para encontrar Deus. Tudo Que Existe, existe agora, e vocês fazem parte de Tudo Que Existe agora. Conforme lhes disse muitas vezes, vocês são espírito agora. As vias para o desenvolvimento acham-se abertas, agora. Vocês podem já, vocês podem, já, decidir-se a explorar ambientes que não são físicos caso o queiram, mas não vejo nenhuma pressa da parte dos alunos para essa porta invisível!

Agora vou terminar a nossa sessão, mas gostaria que todos vocês lessem atentamente uma cópia do que eu disse. E vez por outra, quando não tiverem mais nada que fazer — nada melhor a fazer — tentem, procurem perceber esse intervalo na pulsão da vossa consciência. Tentem saltar esse vazio. Desejo-lhes a todos uma boa noite.

AULA DE PES
23 DE JUNHO DE 1970

(Este resto da sessão, guardado por um dos alunos da Jane, é tudo que resta de uma das poucas sessões da aula que se perderam ou que não foram inteiramente gravadas.)

A verdadeira espiritualidade é coisa que tem que ver com a alegria e com a Terra, e nada tem que ver com a dignidade adulta dissimulada. Não tem nada que ver com palavras longas e rostos pesarosos. Tem que ver com a dança da consciência que tem lugar dentro de vós, e com o senso de aventura espiritual que existe no vosso íntimo.

Esse é o significado da espiritualidade; mas como já lhes disse antes, se eu pudesse, faria uma dança viva pela sala para mostrar-lhes que a vossa vitalidade não depende de uma imagem física. Não depende da vossa juventude, nem depende do vosso corpo. Ela soa e canta por todo o universo, e por toda a vossa personalidade. É um sentido de alegria que torna toda a criatividade provável.

Por isso, não pensem que estão a ser espirituais quando ficam de semblante carregado, e não pensem que estão a ser espirituais quando se repreendem severamente por causa dos vossos pecados. As estações do ano, no vosso sistema vêm sucedem-se. O sol racai-lhes sobre o rosto, considerem-se vocês pecadores ou santos. A vitalidade do universo reside na criatividade, na alegria e no amor, e <u>isso</u> é espiritualidade. E isso é o que eu direi aos leitores do meu livro.

SESSÃO 558

(Este trecho da sessão contém a primeira menção que Seth fez aos Oradores e às funções que lhes cabia no processo da reencarnação, e complementa as informações relativas aos Oradores do Capítulo Dezassete.

(Realizamos esta sessão por o Ron B. e a mulher, Grace, membros da classe de PES, terem solicitado ajuda para um problema familiar. Depois de aventar algum material muito interessante a respeito da situação, Seth lançou a informação sobre os Oradores. Todos nós ficamos surpreendidos. O termo "Orador," conforme usado pelo Seth, era tão desconhecido para Jane como de mim à altura, quanto era para o Ron e a sua família.)

Nós conhecemos diversas pessoas que foram monges numa existência anterior. Ora bem, *(Para o Ron):* numa vida no Oriente, antes da época de Cristo, 1200 a.C., fizeste parte de um corpo de indivíduos de origem esotérica. Vocês eram peregrinos e viajavam por toda a Ásia Menor. Levavam consigo, na vossa cabeça, mensagens e leis que haviam sido dadas a um dos vossos numa época já quase esquecida. Eram códigos de ética, originários do tempo da Atlântida. Antes disso, esses códigos haviam sido transmitidos por uma raça provenientes de outra estrela. Essa raça estivera associada às origens da Atlântida. As mensagens foram postas em palavras e na linguagem da época da Atlântida, mas depois disso passaram a ser transmitidas de boca em boca. O vosso povo aprendeu-as com os vossos anciãos, e eles eram chamados de Oradores. Tu foste um Orador. É por isso que achas tão fácil chamar os outros de irmãos.

Bem, três homens em particular, que estão às tuas ordens *(numa fábrica onde Ron é supervisor),* faziam parte desse grupo original. A tua mulher, a tua nora e o teu filho *(todos presentes nesta noite)* também faziam parte do grupo. A tua mulher e a tua nora, entretanto, eram irmãos. Agora, esperem um pouco. Viajaste pela Ásia Menor numa época de grande agitação, e aonde quer que fosses, falavas — o que quer dizer que transmitias os princípios da ética. Levou-te doze anos a memorizar aquele código de ética. Mais tarde, os Essénios envolveram-se... Não estou certo da palavra.

(Os Essénios foram uma das quatro seitas Judaicas conhecidas, ativas na Terra Santa na época de Cristo. Formavam um grupo pacífico e contemplativo. Eles não são mencionados na Bíblia. Se Seth quis dizer que os Essénios estavam a promulgar os códigos de ética dos Oradores, digamos, no primeiro século d.C., então, naturalmente, foi essa foi uma época muitos séculos mais tardia do que a vida do Ron, em 1200 a.C.

(Grace, a mulher de Ron: "Seth, nós cumprimos o nosso propósito naquele tempo?")

Naquela existência, sim. Precisam dar-me um tempo. Havia distúrbios entre o grupo, desentendimentos. Havia discordância com respeito ao significado das palavras que eram recordadas. O grupo dividiu-se. Uma parte do grupo viajou para a terra que agora chamamos de Palestina, e o outro emigrou no século seguinte, surgindo no sul da Europa. Houve uma distorção mais significativa com respeito a B-A-E-L (soletrado). Um grupo reuniu-se com Bael (Baal) como a ideia que tinha de Deus. Tu *(Ron)* estavas com o outro grupo.

Havia uma cidade em uma floresta – M-E-S-S-I-N-I *(soletrado)* o mais perto que consigo chegar, na tradução. Ficava na Ásia Menor, e à época encontrava-se fragmentos de uma civilização passada por lá. Uma nova cidade foi construída que por sua vez também desapareceu. Havia escrita em pedras, entretanto, e as velhas mensagens foram mais uma vez colocadas em símbolos escritos. Mas o teu povo tinha desaparecido, e só agora estás a tornar a encontrá-lo.

(Dez sessões após esta, Seth disse-nos, à Jane e a mim que nós também havíamos sido Oradores, embora nada tenha mencionado a respeito de datas ou séculos, ou se Jane, Ron ou eu poderíamos estar renovar o conhecimento criado noutros tempos muito remotos. Parece-me que, pelo menos nesta vida, Ron e eu nos encontramos de um modo muito estranho: nós crescemos na mesma pequena cidade perto de Elmira, muitos anos atrás; conhecíamos a família um do outro, mas só nos encontramos em 1970. . .

(Possivelmente refletindo nas suas antigas práticas de Orador — que pode estar a prosseguir a níveis subjetivos — Ron está ativo num trabalho leigo da igreja, e sabe muito sobre a Bíblia e assuntos relacionados. Ele comentou alguma da informação do Seth; mais tarde, eu verifiquei porções dele em várias obras de referência. A Jane, que não sabe praticamente nada a respeito do período histórico em questão, ficou contente por ver que a informação de Seth era tão evocativas.

(Seth-Jane soletrou o nome de deus, Bael. A maioria das fontes soletra-o como Baal, provavelmente pronunciando-se Bael. A forma acádica Bel era usada na antiga Mesopotâmia. Baal — senhor — era o nome ou título de várias divindades locais dos antigos povos semitas. A adoração de Baal surgiu na Síria e em Israel muitos séculos antes do nascimento de Cristo — já em 1400 a.C., de acordo com textos sírios cuneiformes. Esta data é muito interessante, à luz dos 1200 a.C. que Seth mencionou a Ron e o conflito que se verificou no seu grupo a respeito de Baal. Baal era, com frequência, o deus da fertilidade, e a sua imagem de pedra provavelmente era a imagem de um falo. Segundo a crença Israelita ortodoxa, a adoração de Baal ou da natureza era idolatria, a negação de quaisquer valores morais.

(Enquanto estávamos a falar sobre Messini, sobre o que ninguém sabia coisa alguma, Seth voltou brevemente):

Bem, escreve R-A-M-A *(soletrado)*. É uma outra cidade. Agora esperem um pouco e a seguir vamos dar-lhes as boas noites. . .

(Ramah é o nome de várias cidades Palestinianas e significa "altura" em Hebraico. Alusões Bíblicas associam o nome a alguns dos "lugares elevados" de culto. Esses lugares, rejeitados como imorais e ameaçadores à crença Israelita, continham objetos de adoração ilegítima — o pilar sagrado de Baal é um deles. Descobri toda esta informação ao fazer uma pesquisa após a sessão. Nenhum de nós tinha conhecimento delas.)

Nos vossos termos, e apenas nos vossos termos, o advento de Cristo foi a Segunda Vinda. Nesses termos — e, repito, isto é importante — nesses termos apenas, Ele apareceu na época da Atlântida, mas os registos foram destruídos e esquecidos, permanecendo apenas na memória de alguns sobreviventes. Ora bem, uma vez mais nesses termos, Ele é uma entidade que aparece repetidas vezes no vosso sistema físico, mas Ele foi reconhecido apenas em duas ocasiões. Uma vez na Atlântida, e outra na história de Cristo como chegou a

vocês com todas as suas distorções. Ele aparece e reaparece, pois, às vezes dando-se a conhecer e outras vezes, não. Ele não foi uma personalidade, como já lhes disse, mas uma entidade altamente desenvolvida, às vezes aparecendo como um fragmento Dele próprio. Nos vossos termos, Ele entrelaça-Se na estrutura do vosso tempo e espaço, nascendo repetidamente no mundo da carne, enquanto parte dele, embora seja igualmente independente dele, assim como vocês todos fazem parte dele, mas são independentes dele.

Bom, dado que a nossa amiguinha aqui (nora do Ron, Sherry) está preocupada, com medo que eu incomode os vizinhos (muito alto), vou sorrir no que espero seja um sorriso moderado, e desejar as moderadas boas noites com as bênçãos que tenho para dar.

(O transe de Jane fora de novo profundo e ela levou algum tempo a sair dele. "Caramba," disse ela, "sinto aquela energia tão intensa, a correr através de mim, e a carregar-me..."

(Após a sessão, Ron explicou a Segunda Vinda conforme aparece na Bíblia, em Mateus 24. Ele também nos falou a respeito de Jesus vaticinar a sua própria morte e ressurreição por diversas vezes em Mateus, Marcos e Lucas, e da incerteza e dos equívocos dos Discípulos. Mesmo depois da sua crucificação, o Jesus ressuscitado não foi reconhecido por diversas ocasiões.

AULA DE PES
5 DE JANEIRO DE 1971

(Esta sessão veio realizar-se após um debate numa aula sobre reencarnação e probabilidades. Os comentários do Seth e as perguntas dos alunos mostram a troca de ideias característica das aulas nas sessões e demonstram o seu objetivo.)

Bem, a Roma antiga existe, assim como o Egipto e a Atlântida. Vocês não formam apenas o futuro, conforme pensam nele, mas também formam o passado. Contaram-lhes contos da carochinha, e eles são encantadoras, não há dúvida, mas se vocês não estivessem prontos para ouvir mais, não estariam nesta sala.

Vocês e os vossos eus reencarnatórios ou personalidades não se encontram aprisionados no tempo. Verifica-se uma permuta constante entre o que vocês consideram o vosso eu presente, e os vossos eus passados e futuros. Se esse não fosse o caso, eu não estaria aqui a falar, pois não sou o eu passado da Jane. Cada personalidade é livre. O tempo não é limitado e dá para todas as direções; caso contrário, não existiriam probabilidades. Portanto, os atos que cometem agora podem ajudar uma personalidade "passada"; e uma personalidade "futura" pode surgir e ajudá-los no vosso caminho exaustivo.

Além disso, as ações que cometem agora podem afetar a personalidade futura, assim como a passada. Vocês precisam tentar estender a vossa imaginação e sentir estas

realidades, porque o intelecto sozinho não pode entendê-las. O tempo psicológico é o vosso melhor método para perceber essas realidades.

Vocês podem sentir aquilo que não conseguem descrever verbalmente, pois são mais do que o cérebro físico que possuem agora. Eu não sou poeta, mas como num poema da Jane, pensem no cérebro como uma teia que vocês formam ao redor do eu interno.

Esta teia ajuda-os a mexer-se num mundo de espaço e tempo, e é tão nebulosa, precária e delicada quanto qualquer teia de aranha — e possui um equilíbrio igualmente precário. Vocês formam-na e depois percebem o mundo, mas a vossa perspetiva é muito limitada e o jardim que distinguem, muito íntimo. Contudo, vocês possuem uma capacidade de perceção muito mais vasta. Quero que entendam a natureza do vosso eu interno, ou alma, pois ele é um ponto focal de realidade de onde brotam outras realidades. Não se encontra aprisionado em minúsculas caixas de dias, semanas ou meses, ou até de séculos. Agora vou deixar que vocês façam um intervalo, e retornarei num "não-instante."

(Durante o intervalo, Janice S. quis saber se o Seth fazia parte da personalidade da Jane.)

Bom, a Jane não te pode responder com a facilidade com que eu posso. Fomos originalmente uma porção da mesma entidade. Eu evoluí ao longo da minha linha e ela nas dela. Por isso, somos ambos independentes.

(Janice S.: "Por outras palavras, todas as partes da entidade estão a evoluir? Elas estão a desenvolver-se como uma só?")

Eu evoluí de modo a chegar a formar a minha própria entidade. A Jane também o fará, mas ela ainda não se encontra nessa fase, nos vossos termos. Num outro quadro de referência, ela está, naturalmente. Ela também contém as porções de si própria que se encontram menos desenvolvidas, pois elas existem todas como uma só. Todas as partes dela possuem consciência dessa correspondência. Nos vossos termos apenas, eu poderia ser considerado — e eu já disse isto à Jane — como um sexto eu dele no futuro, mas isto é apenas para fazer entender a ideia, pois ela não se tornará no que eu sou. Isso é impossível. Eu sou eu próprio.

Há certas respostas que não podem ser dadas em termos verbais, e que precisam ser compreendidas intuitivamente. Contudo, o facto de eu existir e de eu poder comunicar convosco, deveria mostrar-lhes, em termos simples, que outros "aspetos superiores" da vossa personalidade poderão ajudá-los ocasionalmente.

(Janice S.: "Sempre pregou a reencarnação?")

O ensino tem sido o meu principal objetivo, mas nem sempre fui professor. Certa vez, fui um mercador de especiarias. Um comerciante de especiarias robusto, gordo e forte.

(Janice S.: "Mas bonito.")

(A sorrir) Não sei o que fazer contigo. Nós chegamos a saber o que as especiarias podiam fazer muito antes da geração atual ficar "viciada" em ervas. Nós ficávamos pedrados, no mar aberto, a aspirar o orégão. *(Durante os anos de 1600.)* Nós levamos especiarias para a Dinamarca; fazíamos viagens maravilhosas. Exploramos a costa da África até ao cabo. Eu era um grande gastrónomo.

Bem, todos os vossos ditos passados existem dentro do vosso agora, e vocês podem recobrar as vossas memórias e descobrir o que elas são. Vocês não estão aprisionados no tempo, a menos que acreditem estar, e não existe nada mais importante que a crença. Se acreditarem que existem apenas no contexto desta vida, que nascem apenas para morrer e ser aniquilados, não irão usar a vossa liberdade nesta existência.

Vocês negam as capacidades dessa liberdade quando elas se evidenciam; contudo, ninguém lhes impõe essa prisão a não ser vós próprios. Compreender o vosso eu multidimensional é usá-lo.

(Janice S. comentou que Seth não fez muitas previsões.)

Não estou a ser cauteloso. Sou simplesmente realista. Quando compreenderem a natureza da realidade, compreenderão que as previsões de futuros acontecimentos não fazem sentido, basicamente. Vocês podem prever alguns eventos e eles podem ocorrer, mas vocês criam o futuro a cada instante. O tempo, nos vossos termos, é plástico. A maioria das previsões é feita de modo muito distorcido; são passíveis de desviar o público. Não apenas isso, mas quando os profetas "dão com a cara no chão," isso não ajuda "A Causa." A realidade não existe desse modo. Vocês podem sintonizar certas probabilidades e prever "que elas ocorrerão," mas o livre-arbítrio sempre opera. Nenhum deus numa torre gigantesca de marfim diz: "Isto sucederá a 15 de Fevereiro, às 8h05;" e se nenhum deus faz previsões, então não vejo razão opara as fazer.

(Annie G.: "O que nos diz dos sonhos précognitivos?")

Alguns são inteiramente legítimos. Em geral, porém, a sugestão envolvida num sonho provoca o evento, e então quando o sonho se torna real parece que vocês olharam para dentro de um futuro que já existia. Em vez disso vocês formaram o acontecimento, sem perceber que ele teve origem enquanto vocês dormiam. A pergunta não pode ser respondida em termos simples, porquanto existem muitas ramificações, mas a partir deste instante de realidade, vocês formam e mudam não apenas o futuro, mas o passado. Na operação das probabilidades, isto tem um enorme significado, pois quer dizer que vocês mudam e

influenciam todos os acontecimentos, e que os vossos livros são ficções encantadoras que lhes falam apenas das ideias atuais que têm acerca do passado.

(Sally W.: "Como poderei mudar a minha maneira de pensar para manter os meus familiares bem, em vez de os levar a adoecer?")

Ali atrás, temos uma pergunta da galeria. *(A sorrir.)*

Precisas compreender que não formas os acontecimentos sozinha. Estás envolvida numa aventura cooperativa. Em geral, portanto, vocês sozinhos não são responsáveis por um acontecimento, por os demais participarem na sua criação – pelas suas próprias razões. A pergunta não pode ser respondida simplesmente numa noite, mas cada consciência tem o seu próprio sistema de defesa e a sua própria vitalidade; tu precisas confiar na tua.

Vocês cooperam conjuntamente na formação da realidade física que conhecem, telepaticamente, por meios que lhes são desconhecidos. Tecem teias de realidade psíquica que, então, se coligam na realidade física. Vocês não as tecem necessariamente sozinhos, mas conjuntamente. Os vossos pensamentos entrelaçam-se com os de outros. Tu és responsável pelos teus próprios pensamentos. Precisas conhecer o poder do pensamento e da emoção, mas isso deveria encher-te com a alegria da criatividade. Quando perceberes que os teus pensamentos formam a realidade, já não ficarás escrava dos acontecimentos. Precisas unicamente aprender os métodos.

(Sally W.: "Mas eu não sei como fazê-lo.")

Vais aprendê-los aqui. Vais aprendê-los por intermédio da leitura, e dando ouvidos ao teu eu interno. Os métodos são conhecidos há séculos, não somente há séculos como vocês os concebem, mas por toda a existência desta Terra conforme a conhecem, e até antes – quando os polos estavam invertidos e quando havia outras estrelas no céu e quando os planetas não eram os planetas que vocês conhecem.

(Terry B.: "Onde é que obtinham o orégão e de que forma o aspiravam?")

Nas Índias, e era ressequido.

(Um dos assuntos discutidos durante o intervalo tratava dos graus de "permanência" da forma humana física.)

Nas nossas sessões, eu expliquei algo que não mencionei nas aulas, que é o seguinte: A cada instante do tempo em que vocês parecem existir neste universo, vocês não existem nele. Os átomos e as moléculas possuem uma natureza vibratória que vocês em geral não percebem, portanto o que lhes parece um átomo ou uma molécula contínua é, na verdade, uma série de pulsações que vocês não conseguem seguir. A matéria física não é permanente.

Só que vocês percebem-na como contínua; os vossos mecanismos de perceção não estão equipados para detetar essas pulsações. Agora, estou a falar ali para o nosso amigo *(Art O., um engenheiro)* por ele poder ter uma compreensão do que estou a tentar explicar, devido à formação que tem.

(Art O.: Serão essas pulsações extremamente rápidas nos nossos termos?")

Com efeito, são. Contudo, em certas condições, o eu interior, ao abandonar a dependência usual que tem nos sentidos físicos, tem consciência desses períodos que lhes pareceriam a vós ser uma ausência. A vossa consciência flutua da mesma maneira. Ela está aqui, e a seguir não está aqui, mas o eu físico foca-se naqueles momentos da realidade física. Mas por a vossa consciência sofrer flutuações, outras porções do vosso *eu* têm recordações daqueles períodos em que ele não estão focados na "realidade física," e isso constitui uma porção da vossa existência total.

Isto não é tão complicado quanto parece. Quer vocês recordem ou não os vossos sonhos, por exemplo, uma certa porção de vós, sob hipnose, poderia recordar todos os sonhos que alguma vez tenham tido na vida. Assim, uma determinada porção de vós recorda esses não-momentos em que vocês não estão focados na realidade física, quando a vossa existência se encontra inteiramente noutra dimensão de realidade e percebem o que chamarei de, nos vossos termos de referência, não-intervalos. Prefiro o termo não-intervalos a não-momentos.

(Art O.: Será esse não-intervalo um momento desta existência?)

Com efeito tem lugar nesta existência; além disso, esses não-intervalos são momentos noutras dimensões da realidade.

(Jim H.: "Isso não poderá ser comparado à luz rotativa de um farol?")

Pode, se preferires a analogia.

(Art O.: "A analogia que eu percebo é a de uma onda eletromagnética, uma onda de energia, e é rectificada. Os intervalos são as pulsações positivas, e os não-intervalos, as pulsações negativas.)

Foi por isso que me dirigi a ti.

(Art O.: "Haverá mais que duas pulsações?")

Há. E o eu integral tem consciência de todas essas realidades. Sem querer ser indelicado, todos vocês se conhecem e têm consciência das vossas fraquezas e defeitos; por isso, por que haveriam de supor que o eu que conhecem seja o único eu que vocês são? Decerto que

já lhes terá ocorrido que possuem capacidades que não estão a usar, que outras realidades ligadas à vossa existência íntima não estão a ser expressas na existência que vocês conhecem.

(Para Art O.) Quero que penses nas implicações do que eu disse a respeito dos não-intervalos.

(Jim H.: "Um não-intervalo será um intervalo positivo num outro aspeto de nossa existência?")

É, e eles não perceberiam a vossa existência aqui, pois para eles seria um não-intervalo.

(Jim H.: Isso poderia ser a chave para a existência simultânea de todas as nossas vidas, a chave para a não existência do tempo?")

É mesmo. E uma noite destas eu dir-lhes-ei que devem mudar o conceito que têm do termo "vidas." Este é o primeiro indício que apresento, seja nas nossas sessões privadas, seja nas aulas, de um material desta importância. Mas pensem no que querem dizer quando usam o termo 'vidas,' e vejam quão limitado é o termo. Vou terminar nossa sessão, mas desejo fazer um comentário. Eu já disse isto antes: vocês estão tão mortos agora quanto alguma vez virão a estar. Bem, se entenderem esta observação e pensarem nela, compreenderão muito do que está por trás do que eu disse esta noite.

(Art O.: "Então nós estamos tão vivos agora quanto alguma estivemos?")

Exatamente – à excepção de que, na vida em que se encontram envolvidos agora, não estão a focar o pleno potencial da vossa vitalidade.

(Janice S.: "Terá o continente Mu existido?")

Existiu. Bem, eu digo-lhes para recordarem os sonhos que têm. No vosso contexto, repetirei que não devem apenas recordar os vossos sonhos, mas aprender a despertar em meio a eles e a perceber que conseguem manipular o seu âmbito. Vocês formam os vossos sonhos. Eles são vossos, não algo que lhes é atirado, em que se vêm impotentes.

(Janice S.: "Estaremos a usar a nossa existência como o sonho?")

O que eu disse aplica-se ao que acabaste de dizer. Num certo contexto, o que vocês chamam de realidade física é um sonho, mas num contexto mais amplo, é um sonho que vocês criaram. Quando perceberem que o formam, chegarão à recordação do vosso eu total.

E quando perceberem que formam do mesmo modo os acontecimentos da vossa vida, aprenderão a apoderar-se de toda a vossa consciência, seja qual for o aspeto em que ela se

mostre nesta vida. Ao longo de tudo isto, devem compreender que não são impotentes. Lembrem-se também de que esta vida é uma dimensão da experiência e da realidade, mesmo que, por outro lado, seja um sonho num nível mais elevado de realidade, no qual vocês têm a vossa consciência mais vasta.

AULA DE PES
12 DE JANEIRO, 1971

(A primeira parte da sessão debruçou-se a relutância que um membro da aula tinha em olhar mais fundo dentro dela própria.)

Até certo ponto, ela nas aulas personaliza muito bem os sentimentos que cada um de vocês tem com respeito ao vosso eu interior. . . Ela demonstra os sentimentos de uma forma exagerada para que vocês os observem, e assim, quando ela fala, não é apenas por ela própria, mas por todos os que se encontram nesta sala, inclusive a Jane.

(Para a aluna) Com efeito tens vindo a prestar um serviço útil à aula, mas espero que isso mude. Pois quando começares a voltar-te para ti própria, fornecerás aos demais um ótimo exemplo, hás sim.

(Durante o intervalo, a Jane leu alguns trechos de um material relativo ao Gnosticismo. Seguiu-se um debate sobre a informação que Seth introduzira na aula da semana anterior a respeito da natureza pulsante dos átomos e moléculas — o que por seu turno levou a considerações sobre possíveis origens do fenómeno dos discos voadores.)

Uma pequena observação: Em certos aspetos, essas pulsações representam o que acontece em alguns dos incidentes que presenciam com respeito aos discos voadores, porquanto vocês não têm um veículo como aquele que vocês pensam perceber. Estou a referir-se somente a certos casos em que vocês tiveram visitantes de outras realidades.

O que sucede é que presenciaram uma tentativa de troca de realidades dissimuladas. Os seres que entram no vosso plano não podem surgir dentro dele como eles próprios. Uma vez que a sua estrutura atómica não é a mesma que a vossa, é preciso que operem distorções a fim de possibilitar qualquer contato. Dessa forma, vocês são saudados com um certo conjunto de dados informativos sensoriais. Vocês então a tentar entender o que está a acontecer, mas os dados da informação sensorial significam que o evento já sofreu uma distorção até certo ponto. Os veículos físicos que em geral são percebidos constituem a vossa interpretação do evento que está efetivamente a ocorrer.

Acolá o nosso amigo *(Paul W.)* poderia muito bem aparecer como um Disco Voador noutro aspeto da realidade, e deixar os habitantes apavorados. Vocês esquecem-se de que a consciência é o único veículo verdadeiro. Nenhuma parte da vossa consciência se encontra aprisionada dentro de vós. Ela materializa-se num ou noutro aspeto. Eu uso o termo

"materializa-se" por fazer sentido para vós, mas ela distorce, já que pressupõe uma aparição no seio da matéria. Contudo, nem todas as realidades, conforme sabem, são físicas.

É teoricamente possível, por exemplo, qualquer um de vós dissipar a vossa consciência e tornar-se parte de qualquer objeto presente na sala – ou sair a voar, dispersar-vos pelo espaço – sem abandonar o vosso sentido de identidade. Isto não é prático nos vossos termos, no entanto muitos de vocês fazem-no por uma questão de se restabelecerem enquanto dormem. A consciência, pelas suas próprias características, carrega o fardo da perceção. Esse é o tipo de consciência em que vocês estão acostumados a pensar. Não podem imaginá-la sem perceção, nos vossos termos; e, contudo, a consciência pode ser vital e achar-se viva sem a ideia de perceção que têm. A última parte da frase é importante.

(Para Art O.) Agora, acolá o meu querido amigo cientista: por mais diminutos que os átomos e as moléculas, possam parecer-te, também carregam a sua cota parte de consciência e responsabilidade. Contudo, existe uma porção da consciência que consegue jubilosamente perceber de uma forma que não é ditada pela sua natureza; pode jubilosamente perceber como um aspeto criativo do seu ser, isento de responsabilidade. De certo modo, o próprio ar que os envolve canta com a sua consciência jubilosa. Ele não conhece o mesmo tipo de fardo de consciência que frequentemente os oprime. (De forma generalizada) Vocês têm tanto medo da morte, nos vossos termos, que não ousam desligar a vossa consciência por um segundo que seja; porquanto, se o fizerem, quem será que a virá a ligar de novo?

(Art O.: "Estará toda a entidade envolvida nessa dispersão da consciência, ou apenas a parte dela que nós conhecemos atualmente?")

É desse modo que as galáxias se formam. É desse modo que o universo se expande, e é como as entidades se formam. Agora, procurem digerir lá essa.

Estou contente por esta noite estarem a pensar, todos vós é — isso é o que desejo que façam. As ideias não têm realidade a menos que vocês se apossem delas. Façam delas vossos aliados ou inimigos. Batam-se com elas ou tornem-nas vossos aliados. Lutem com elas ou amem-nas, mas usem-nas e experimentem-nas não apenas com o vosso intelecto, mas com os vossos sentimentos.

(Bert C. falou de nos relacionarmos connosco próprios e com os demais.)

Até que sejam sinceros convosco próprios e tomem consciência de vós próprios, não poderão relacionar-se com sinceridade com os demais; hão de projetar neles os vossos medos e preconceitos. Não se podem permitir-se ajudá-los por abrigarem demasiada insegurança. Bom, vocês formam a realidade física que conhecem, individualmente e *em massa*. Para transformarem o mundo precisam transformar o vosso pensamento. Precisam

ter conhecimento consciente daquilo que dizem a vós próprios é verdade a cada instante do dia, por essa ser a realidade que projetam no exterior.

(Bert C.: "Só metade disso já soa a coisa de toda uma vida, antes de podermos começar a relacionar-nos com os outros.")

Com efeito. Contudo, a telepatia existe. Os outros têm consciência, pois, em grande medida, daquilo que pensam e sentem.

(Bert C.: "Dos meus verdadeiros sentimentos, a despeito do que eu possa projetar conscientemente?")

Os verdadeiros sentimentos não implicam necessariamente sentimentos violentos e agressivos. Implicam igualmente sentimentos de afeto e de aceitação que se acham soterrados debaixo dos vossos próprios receios, e aqueles que vocês têm pavor de expressar na realidade física.

(Bert C.: "Nesse caso acho que estou a entender que todos estes diferentes níveis da minha consciência estão a ser comunicados – não apenas por mim, conscientemente, mas igualmente por telepatia.")

É verdade. Quando projetas as tuas ideias no exterior, em geral comportas-te como se elas não fossem tuas, mas pertencessem a outros. Portanto, cabe-te a ti compreender o que as ideias e sentimentos que tens são, e não ter medo deles.

(Jim H. falou de ter encontrado um homem a dormir no trabalho. Jim explicou o que pensara e sentira a respeito do incidente e queria saber como mudá-las.)

Podes com efeito mudá-las, mas não podes negar a parte de ti que desejou torcer o pescoço ao homem. Ficaste de tal modo apavorado com a ideia que imediatamente a inibiste. Vamos lá ver. Ficas apavorado diante da ideia de que o mal seja mais poderoso do que o bem, de que um pensamento peregrino de violência que tenhas seja mais importante e poderoso do que a vitalidade do bem. Pelo menos tiveste consciência do pensamento. Agora, digamos que acontecesse o seguinte, que nos teus termos tivesses chegado ao ponto em que já não tivesses mais consciência do sentimento...

(Jim H.: "Não pensamos automaticamente coisas boas a respeito deste indivíduo e reprimimos os pensamentos negativos sem tomarmos consciência daquilo que sentimos.")

Naturalmente. Pelo que ficaste com os músculos retesados, e a tua produção de adrenalina aumentou. Tiveste vontade de lhe torcer o pescoço, mas disseste: "Que Deus te abençoe, meu amigo. Possas tu ter uma vida longa e feliz." Telepaticamente, o nosso caro jovem soube exatamente o que estavas a sentir. Estavas fora de contato com o que estavas

a sentir. Nesta fase do teu progresso espiritual, imaginaste somente que lhe votavas votos de felicidade. Os músculos do teu corpo já estavam contraídos por não teres admitido os teus verdadeiros sentimentos.

Agora, três semanas mais tarde temos um novo encontro. O nosso pobre operário ignorante torna a cair no sono na hora do expediente. O nosso bom pastor passa por perto. Ele vê o indolente de novo a ressonar no chão, e pensa: "Gostava de te dar um chute sabes bem onde." Mas de imediato pensou: "Ah, não. Não posso ter pensamentos tão pouco Cristãos. A violência é uma coisa errada." Assim, antes mesmo de reconhecer o que sente, e escondendo todo sinal de agressividade, ele curva-se e diz: "Meu bom amigo, tenha uma vida longa e alegre. Que Deus lhe abençoe a sua vida." Dá uma palmadinha nas próprias costas e pensa: "Estou a ficar mais espiritual a cada dia que passa."

Entretanto, os músculos dele contraíram dez vezes mais por não poderem ser postos em atividade, por os pensamentos que tinham por trás estarem a ser rejeitados. Mais uma vez, o nosso pobre homem subconscientemente tem consciência da intenção, mas apenas até certo ponto.

Três meses mais tarde, tiveste um péssimo dia. Estavas zangado com a vida em geral, e voltas a encontrar nosso homem a dormir no chão de novo; talvez agora ele esteja a dormir durante uma tarefa muito importante que quisesses que ele fizesse. *(De modo bem-humorado)* Longe de mim acusar-te de tal atitude, nem mesmo por fantasia, mas desta vez ficas fora de ti. De novo, cabe a ti negares os próprios sentimentos a fim de seres espiritual — o que não é ser verdadeiramente espiritual — e voltas a dizer: "Deus te abençoe. Vai em paz."

Desta vez a válvula de segurança psíquica aguentou quanto bastasse. A melhor coisa que poderia acontecer seria tu de repente perderes as estribeiras e correr com ele. O pior que poderia acontecer seria tu uma vez mais ignorares a raiva contida, a agressão perfeitamente natural que está prestar a explodir — pelo que emites uma forma-pensamento desproporcionada a qualquer dos acontecimentos que ocorreram. A forma-pensamento vai prejudicar terrivelmente o teu amigo, e tudo isso por teres tido medo de que um dos teus pensamentos agressivos peregrinos fosse mais forte do que a vitalidade que existe em cada um de vós.

(Jim H.: "No início, antes de compormos a frustração e a carga emocional, teria recomendado uma ação tipo, como dizer 'Vamos lá, isso está errado. Provavelmente eu próprio já fiz esse tipo de coisa, mas ela deixa-me incomodado. Precisamos erguer-nos e voltar a trabalhar nisso.' Será que ser honestos com ele, a esse nível, evitaria essa carga?")

Sim. A coisa mais importante, entretanto, é reconhecer o sentimento como legítimo, com o seu próprio domínio de existência, admiti-lo como parte de vós próprios. Depois, escolher

como desejam lidar com ele. Não fazem dos outros o alvo da vossa raiva; a raiva é um mero método de comunicação.

(Jim H.: "Eu não desejo dirigir o choque da minha raiva para nenhum de nós. Primeiro, não desejo dar-lhe um chute. Segundo, não desejo prejudicar-me por alguma forma.")

Inicialmente, não te sentias suficientemente irritado para lhe dares um chuto. O pensamento teve existência, mas não foi suficientemente forte para provocar a reação física, mesmo que o tivesses admitido. Estás a entender-me?

(Jim H.: "Estou. Eu quero aprender a lidar com tais sentimentos, sem tentar reprimi-los.")

Precisas, antes de mais, admiti a existência dos sentimentos como parte de ti, ao nível do ego. Sempre que escondes os teus sentimentos de si próprio tu estás, nos vossos termos, menos vivo. Então, na medida do possível, comunica esses sentimentos verbalmente, por qualquer forma que desejares. Usa a raiva como método de comunicação. Com frequência ela conduzirá a resultados que não imaginas, a resultados benéficos.

Certamente que entendes que estou a fazer com o teu caso o mesmo que fiz com outros, por isso, por favor, não te sintas ofendido. Não quero que nenhum de vós use estas ideias como ligaduras superficiais para a psique que têm a sangrar. . . Portanto, tu não és tão mau quanto eu o pintei. Podes apresentar uma tendência no sentido que indiquei, mas o mesmo poderá acontecer com cada um na sala, incluindo a Jane.

(Jim H.: "Como definiria 'mau' neste contexto?")

Eu não defino mau. Quando uso o termo, é de acordo com a vossa própria definição. Vocês têm a ideia de que bom é ser delicado e mau é ser violento. Isso por terem a ideia de que violência e destruição sejam a mesma coisa. Com esta analogia, entendem, a voz branda é a voz divina, e a voz alta é malévola, e o desejo forte é um mau desejo, e o desejo débil é um bom desejo. Vocês ficam com medo de projetar ideias ou desejos no exterior, pois bem no fundo, pensam que o que é poderoso é perverso.

Em vez disso, estou a dizer-lhes que o universo é um bom universo. Ele conhece a própria vitalidade, e essa vitalidade está dentro de vós. Vocês podem incentivá-la livremente. A vossa própria natureza é uma boa natureza, e vocês podem confiar nela. Por algo ser difícil, não significa que seja bom.

(Jim H.: "Na primeira noite que vim aqui, você disse: "Ainda vamos ver mais da tua parte." Você foi muito positivo a respeito disso. Tenho frequentemente pensando na razão dessa certeza.")

Porque eu ter conhecimento do motivo de tua vinda aqui, e saber que a tua mulher também viria. Não estou a dizer que o livre-arbítrio não exista. Estou simplesmente a fazer uma afirmação sobre este reino das probabilidades.

(Jim H.: "Para mim isso implica num conhecimento prévio das nossas vidas.")

Implica mesmo, nos vossos termos, mas esse conhecimento também está à sua disposição. Bem, não podemos cobrir um tópico com clareza numa única noite, quanto mais uma centena deles. Contudo, com respeito a uma observação que fizeste anteriormente: Estiveste em quase todas as tuas vidas fortemente envolvido no que chamaria de empreendimentos religiosos. As tuas vidas restantes estiveram religiosamente envolvidas em empreendimentos contrários, nos vossos termos, mas trataremos disso mais tarde. A alma santificada virada do avesso é uma fonte de prazer, pode-se dizer assim.

Tu sempre estiveste envolvido com questões relativas ao bem e ao mal, e tiveste duas existências em duas civilizações no Egipto. Numa delas, o vosso amigo ali *(Bert C.)* também esteve. É muito tarde para entrar na questão dessa encarnação esta noite e além disso, nenhum de vocês está preparado ainda para beneficiar-se disso. Não é uma história fascinante a ser narrada para vossa recreação apenas, mas irá servir de ajuda quando vocês puderem entendê-la.

Estou muito mais preocupado com as reações de todos vós ao material que a Jane leu esta noite *(sobre o Gnosticismo)*. Agora, se lhes parece que um membro da classe está a monopolizar a sessão, lembrem-se do que eu disse antes: As perguntas feitas por alguém são as perguntas silenciosas de muitos.

Muitos de vocês pensam ter sido manchados pelo mal desde o nascimento. *(Para Jim H.):* Numa das tuas vidas passadas, tu não só acreditavas firmemente nisso, como era quem o ensinava. Conforme a Jane diria, aqui a tua parceira *(a mulher do Jim, Jean)* não concordava de jeito nenhum com as ideias que tinhas naquela vida. Contudo, naquela vida, entretanto, ela era homem, e tu eras mulher e sacerdotisa. O teu amigo *(Bert C.)* também era. Como homem naquela vida, ela teve um efeito crescente sobre a tua personalidade, mas tu eras muito dado a rituais e acreditavas em atos de magia, e dado a acalentar a ideia de que, em si mesma a existência era maligna e errada. Na verdade, tu pertencias a uma seita que agora é designada Gnóstica.

(O Gnosticismo foi um sistema de religião e filosofia de primeira qualidade, que unia aspetos do Platonismo, do Orientalismo, do Cristianismo e do Dualismo. Abrangeu épocas pré-Cristãs e posteriores, e adotou diversas formas. Em todas elas, a sua doutrina central afirmava que o conhecimento — Gnose — constituía um meio de salvação da tirania da matéria, mais do que a filosofia ou a fé.)

(Jim H.: "Será por isso que eu agora reajo tão fortemente contra o Gnosticismo, por ter ultrapassado esse ponto?")

Não apenas isso, mas é que tu ainda percebes em ti próprio uma certa simpatia pelas crenças. Conquanto te estejas a libertar, reconheces dentro da tua psique uma tendência nessa direção e, assim, ataca sempre que ouves essas ideias, sem perceberes que estás a atacar-te a ti próprio.

(Kathy B.: "será por isso que eu reajo de forma similar à literatura Gnóstica?")

Naquela época, tu eras homem e amigo dele. Mas quase todos os que frequentam estas aulas estiveram, num ou noutro momento, envolvidos nisso. Todos vocês fizeram parte de outras aulas, embora não necessariamente comigo. Devido ao longo interesse que têm, certos aspetos impressionam vários de vocês de forma contundente. A associação atua não apenas no âmbito de uma vida, mas entre vidas, nos vossos termos. Palavras e frases agora enunciadas irão despoletar as recordações, e essas recordações tornar-se-ão vivas se vocês o permitirem.

(Para o Art O.): Até ali o nosso deus Africano consegue recordar as suas vidas passadas, se ele se permitir tal coisa.

(Art O.: "Será essa vida a razão por que eu gosto de música Africana agora?")

É uma das razões. A outra razão tem que ver com uma vida em que tinhas inclinação para a música. Agora vou desejar a todos uma boa noite. *(Para a Mary M.)* Tenho uma mensagem acolá para a nossa amiga, muito simples. Quando não souberes o que fazer, descontrai e diz a ti própria que outras partes de ti sabem; elas assumirão o controlo. Conceda a ti própria algum descanso. Lembra-te de que, em muitos aspetos, és uma pessoa muito bem-sucedida. O sucesso não envolve necessariamente grandes dotes intelectuais nem grande posição ou grande riqueza. Ele tem a ver com integridade interior. Lembra-te disso. Agora desejo a todos uma boa noite.

SESSÃO PES

(Esta sessão também encerrou um material muito interessante que Seth deu a respeito das suas próprias perceções quando se dirige a um grupo de pessoas; essa informação é citada na sessão 575 do Capítulo Dezanove.)

Bem, tenho algo a dizer a esta aqui *(Sue W., e àquele acolá (Jim H.)*, e, de certa forma, a todos vós. Não há necessidade de justificar a vossa existência. Vocês não precisam escrever nem pregar para justificar a si próprios, por exemplo. a existência constitui a sua

própria justificação. Somente quando vocês entenderem isto é que poderão começar a utilizar a vossa liberdade. Caso contrário, vocês esforçam-se demais. Isto também se aplica à nossa amiga Jane. Se vocês se determinarem demais a justificar a vossa existência, começarão a cerrar algumas áreas da vossa vida. Apenas aquelas áreas que para vós significam uma justificação segura farão sentido, e as outras começarão a desaparecer. Vocês não precisam justificar-se de maneira nenhuma.

Agora, se cada um de vocês se abrisse à sua própria realidade durante dez minutos por dia, não teriam necessidade de se justificarem, pois vocês compreenderiam a natureza miraculosa da vossa própria identidade. Eu já afirmei antes nas aulas: vocês estão tão mortos e tão vivos quanto jamais virão a estar. Na vida, vocês podem estar tão mortos quanto acham que um cadáver esteja — e, por comparação, até mesmo muito mais.

Quando venho aqui falar, foco a minha energia, mas não tendo esta sala como destino, porquanto nos vossos termos esta sala não existe para mim. Nos vossos termos, esta sala não existe nem sequer para vós. Vocês fingem concordar que ela existe; nós reunimo-nos em lugar nenhum do espaço ou do tempo. As verdadeiras reuniões que aqui têm lugar nada têm que ver com a sala ou com as pessoas que vocês pensam que são. Vocês sabem que produzem uma alucinação da sala, que estão em transe aqui do mesmo jeito que quando se encontram no tempo psicológico. Eu simplesmente quero que entendam que, se esta vida é um transe, podem mudar a direção da vossa consciência de modo a perceberem realidades maiores que presentemente têm existência. Podem ter consciência da vossa identidade maior, assim como eu tenho. Vocês encontram-se dentro do milagre de vós próprios e pedem sinais. É a vossa visão interior que eu abriria.

Conforme se conhecem, vocês só aceitam aquelas sugestões, ideias e problemas que servirem os vossos propósitos neste momento. Por conseguinte, não se encontram à mercê de quaisquer neuroses de uma vida passada, nem existe qualquer receio das vossas vidas presentes que não possam vencer. Eu não disse que venham necessariamente a vencê-los, mas que possuem a capacidade de o fazer.

A decisão caberá a vós, de acordo com a compreensão que têm. Vocês não podem ser assediados, de um nível da realidade para outro, por um medo que não compreendem. Não podem ser ameaçados nesta vida por receios provenientes da infância, nem pelas assim chamadas existências passadas, a menos que acreditem tão piamente na natureza do medo que se permitam ser conquistados por ele. Cada uma das vossas personalidades é livre para aceitar e desenvolver, a partir dos bancos milagrosos da realidade, as experiências e emoções que vocês desejarem, e rejeitar as que não desejarem. Deixem que lhes dê um exemplo mais concreto que cada um de vocês poderá usar à sua própria maneira. Suponhamos o pior, que nesta vida vocês se deparem com a seguinte situação: são pobres, pertencem a uma minoria racial, não são intelectuais, são mulher, possuem um grave defeito físico e não são propriamente uma beldade.

Bom, vocês estabeleceram esses desafios para vós próprios numa assim chamada vida passada. O que não quer dizer que não possam usar toda a vossa coragem e determinação para resolver esses problemas. Vocês estabeleceram-nos na esperança de os virem a resolver. Não os definiram como pedras de moer penduradas ao redor do vosso pescoço, à espera, antecipadamente, que fossem afogar-se.

Tudo o que têm a fazer é compreender a vossa própria liberdade. Vocês formam a realidade que conhecem, não esotericamente, nem simbolicamente, nem filosoficamente. Nenhuma mente suprema e grandiosa a forma por vós — – tampouco podem atribuir o fardo a isso. No passado, coletiva e individualmente, vocês culparam um deus ou um destino pela natureza das vossas realidades pessoais — na verdade por aqueles aspetos de que não gostavam.

À personalidade é dado o maior dom de todos; vocês recebem exatamente aquilo que querem obter. Vocês criam a vossa própria experiência a partir do nada. Se não gostam da experiência, voltem-se para dentro de vós próprios e mudem-na. Mas compreendam também que são responsáveis pelas vossas alegrias e triunfos, e que a energia necessária para criar qualquer dessas realidades vem do vosso eu interior. Aquilo que fazem com ela fica ao critério da personalidade individual.

(Durante o intervalo, os alunos debateram o destino e a predestinação.)

Uma noite destas, gostaria que a senhora aqui me falasse a respeito da predestinação.

(Bernice M.: "Eu gostaria que fosse você afalar-me disso.")

Vocês não são "programados." Nada acontece porque precise acontecer. Cada pensamento que vocês têm agora altera a realidade. Não apenas a realidade como vocês a conhecem, mas <u>toda</u> a realidade. Nenhum ato vosso predispõe um futuro eu a agir de um modo particular. Existem bancos de atividade de que podem obtê-lo ou optar por não o fazer.

(Bernice M.: "Nós tomamos decisões instantâneas? Por exemplo: hoje estive a pensar no terremoto que atingiu Los Angeles. Um homem foi para a rua e foi morto por um tijolo que caiu. O que foi que fez com que esse indivíduo, entre tantos outros, saísse do edifício?")

Esse indivíduo particular estava bem ciente do que iria ocorrer, no que vocês chamariam de inconsciente. Ele não estava predestinado a morrer. Escolheu tanto o tempo (nos vossos termos) quanto o método, por razões próprias.

(Bernice M.: "Independentemente de quem escolhesse, ele estava destinado a morrer.")

Não estava predestinado. Ele escolheu. Ninguém escolheu por ele.

(Bernice M.: "Mas ele tomara a decisão antes.")

Antes do quê?

(Bernice M.: "Antes de ser atingido.")

Ele sabia que estava pronto para seguir rumo a outras esferas da atividade. Inconscientemente, buscou os meios que o cercavam e escolheu os imediatamente ao dispor. Esse indivíduo, três dias antes, traçara o plano. A predestinação não esteve envolvida. Se o galho de uma árvore cai, não significa que estivesse predestinado a cair, tanto no que diz respeito à forma particular da queda, como no que diz respeito ao momento da queda. Existe uma enorme diferença entre liberdade de escolha e predestinação.

(Jim H.: "Não disse antes, ao se referi à mulher que nasceu numa raça minoritária, que os desafios dela haviam sido estabelecidos por uma personalidade prévia, nos nossos termos?")

Pelo eu integral.

(Jim H.: "A decisão foi tomada quando essa personalidade anterior retornou ao eu total para um período de reavaliação?")

Repito que vocês precisam entender que estamos a falar de divisões por uma questão de conveniência, onde nenhuma realmente existe. Ao mesmo "tempo," por assim dizer, que essa personalidade nasce numa raça minoritária, numa era completamente diferente pode nascer rica, segura e aristocrática. Ela busca diferentes métodos de experimentar e expansão. Entendes?

(Jim H.: "Eu compreendo. Eu achei que você provavelmente quis dizer que os desafios haviam sido estabelecidos pelo eu total.")

É verdade. Lembrem-se de que estamos a falar da vossa identidade inteira. Somente vocês têm atualmente consciência de apenas uma porção dela; e vocês insistem em chamar essa porção, de vós próprios. Vocês são o eu que toma essas decisões.

(Bert C.: "Que recurso terá o pobre indivíduo que nasce com todas essas dificuldades aparentemente insuperáveis, caso disser conscientemente ao nível do ego 'Eu não quero nada disto. Preferiria ter nascido aristocrata'?")

Contudo, o eu interior compreende que estão presentes potenciais que não estariam necessariamente presentes noutras circunstâncias; capacidades que podem não apenas ajudar a personalidade presente, mas outros indivíduos, e até a sociedade em geral.

O teu ponto principal de discussão é provocado pelas barreiras emocionais causadas pela diferença empregue nos termos. É como se vocês escolhessem trabalhar nas favelas por um dia. Seria ridículo decidirem fazer isso e depois dizerem a vós próprios: "Por que terei eu decidido trabalhar nas favelas? Preferiria trabalhar na Quinta Avenida." Vocês conhecem a razão, e a vossa identidade inteira conhece a razão. Vocês a escondem do eu atual simplesmente por isso garantirem que a realidade presente não seja uma realidade simulada.

Um homem rico que procure ser pobre por um dia, a fim de aprender o que é a pobreza, pouco aprenderá, porque não pode esquecer a riqueza que tem à sua disposição. Embora coma a parca ração do pobre, e viva na mesma casa pobre por um dia — ou por um ano ou por cinco anos — ele sabe que tem uma mansão à qual retornar. Assim, vocês ocultam essas coisas de vós próprios para poderem relacionar-se. Vocês esquecem o vosso lar a fim de poderem retornar a ele enriquecidos.

A consciência não é tanto feita de igualdades, tanto quanto é feita de requintadas desigualdades; e o foco da perceção resulta até certo ponto deste estado de excitabilidade. Neste estado, os elementos todos nunca chegam a ser conhecidos, por estarem sempre a ser criados novos. Não estou a referir-me a elementos físicos, mas às características psicológicas da consciência, pois até mesmo essas estão continuamente a misturar-se e a sofrer alterações.

Vocês não são agora o que eram há dez minutos atrás. Vocês não são o mesmo ser física, psicológica, espiritual nem psiquicamente, e daqui a dez minutos também estarão diferentes. Negar isto é tentar forçar a consciência a entrar em alguma forma rígida da qual nunca poderá libertar-se; é aplicar-lhe regras que compõem um panorama psicológico muito arrumado.

(Agora a voz de Seth realmente começou a tornar-se estrondosa.)

Bem, gostaria uma vez mais que vocês compreendessem a energia que têm dispor. Se a Jane consegue usá-la, todos vocês podem usá-la à vossa própria maneira. Quero que desobstruam as barreiras que erigiram dentro de vós próprios; esta voz é usada apenas como símbolo da energia e da força que está à disposição de cada um de vós ao utilizarem as capacidades que constituem a vossa herança.

Vocês deviam dar ouvidos ao vosso próprio eco da minha voz como símbolo da vossa própria energia e regozijo. Esqueçam os eus servis que vocês por vezes são e lembrem-se da essência mágica do vosso próprio ser, que canta mesmo agora através das pontas dos vossos dedos. Essa é a realidade que vocês buscam. Experimentem-na em pleno. Precisarão de uma coisa velha e morta como eu para lhes dizer-lhes o que é a vida? Eu haveria de me sentir envergonhado.

Bem, desejo-lhes uma boa noite e concedo-lhes as bênçãos que me é dado conceder. Trilhem o vosso caminho em paz, na alegria e em segurança – nos vossos corpos e fora deles.